

atreve-se a seguir o seu coração?

DOROTHY
KOOMSON

o amor
está no ar

Da autora do *best-seller*
a filha da minha melhor amiga



Apaixonada desde sempre pela palavra escrita, Dorothy Koomson escreveu o seu primeiro romance aos 13 anos.

A Filha da Minha Melhor Amiga foi o seu primeiro livro editado em Portugal. A história comovente de duas amigas separadas pela mentira e unidas por uma criança encantou os leitores portugueses.

Pedaços de Ternura, Bons Sonhos, Meu Amor, O Amor Está no Ar, Um Erro Inocente e Amor e Chocolate foram igualmente bem-sucedidos, consagrando a autora como uma das grandes referências para os leitores.

Descubra mais sobre a autora em:

www.dorothykoomson.co.uk

DOROTHY KOOMSON

o amor está no ar

Atreve-se a seguir o seu coração?

Tradução de Vera Falcão Martins

O Amor Está no Ar
Dorothy Koomson

Publicado em Portugal por
Porto Editora, Lda.
Divisão Editorial Literária – Porto
E-mail: delporto@portoeditora.pt

Título original:
The Cupid Effect
© Dorothy Koomson 2008

Design da capa: XPTO Design
Imagem da capa: © Kim Porritt

1.ª edição em papel: fevereiro de 2010

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação, sistema de armazenamento e disponibilização de informação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.



Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Porto Editora
Rua da Restauração, 365
4099-025 Porto | Portugal
www.portoeditora.pt
ISBN 978-972-0-68234-5



A cópia **ilegal** viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

Para
os meus doze pequenos samurai
(sabem bem quem são)

a parte carinhosa

Um sincero agradecimento a:

Colette Harris; Sharon Wright e David Jacobson; Marian e Gordon Ndumbe; Graeme Delap; Ginny e Paul Baillie; Sharon Percival; Maria Owen; Stella Eleftheriades; Rhian Clugston; Mark Barrowcliffe; Martin e Sachiko O'Neill; Christian Lewis; Tracy Jurd; Selina Bromley; Tasha Harrison; os Cunniff; e, por fim, à encantadora Janet, que serviu de inspiração a esta história.

E ainda:

Obrigada aos meus pais, Agnes e Samuel; aos meus irmãos, Sameer, Kathleen e David; a Maryam, Dawood, Maraam, Muneerah, Yusuf, Ahmad e Ameerah; a Liah, Skye, Aysah e Joshua; a Luc; a Jonathan e Rachel; a Connor; a Habiba, David e Jade. O vosso amor e o vosso apoio deram-me alento para continuar.

Prólogo

boas intenções

1. Cuidarás do teu sistema cardiovascular.
2. NÃO interferirás na vida alheia.
3. Mesmo que te tratem com enorme simpatia, lembrar-te-ás do 2.º Mandamento.
4. Pensarás antes de falar.
5. Pensarás melhor antes de falar.
6. Verás menos vezes a série Angel.
7. Lembrar-te-ás de que Angel é um vampiro de 250 anos que namorou com a Buffy, a Caçadora de Vampiros, e não o homem com quem ficarás para todo o sempre.

Simples. Não? Fácil. Não? E violei dois deles em... ora vejamos... em quatro horas.

Capítulo 1

desejo do coração

Culpo a Oprah.

A culpa é toda dela.

Isto é, se não fosse ela, eu estaria a acordar, por volta desta hora, para «só» mais um fim de semana. O costume: televisão ao sábado de manhã, umas voltas pelo centro comercial de Bromley, luta por comida no Savacentre.

Em vez disso, estou especada na estação de comboios de Leeds, com todos os meus bens materiais aos pés.

Desta vez, fi-la bonita, não fiz? Já fiz algumas parvoíces na vida, a maioria das quais teve a ver com sexo, dinheiro ou sapatos, mas, desta vez, superei-me. E tudo se resume à Oprah Winfrey.

Tudo começou de maneira bastante inocente. Acordei um dia e não consegui.

Não consegui levantar-me, tomar um duche, vestir-me, ir para a estação, apanhar o comboio, ir para o trabalho. Não consegui, por isso, telefonei a dizer que estava doente e assisti ao programa da Oprah. A partir daí, a vida começou a correr-me mal.

Até então, as dúvidas que eu tinha em relação à minha vida eram algo abstratas. Limitavam-se a pairar no fundo da minha consciência. Contudo, depois daquele dia em que fiquei em casa sob o pretexto de estar doente, essas dúvidas e inseguranças passaram a ter voz. A voz da apresentadora de um programa de talk show americano.

Primeiro, comecei a gravar o programa da Oprah. Todos os dias. Seguidamente, expressões como «desejo do coração» e «não se muda aquilo que não se assume» nunca andavam longe dos meus lábios. Depois, foi a vez dos livros. Tornei-me o Noé dos manuais de autoajuda. Amontoava-os dois a dois, como se, em vez de um dilúvio, se avizinhasse uma profética seca de autoajuda, uma seca que, para mim, já estava, efetivamente, quase a abater-se sobre nós. Passados alguns instantes – ou talvez tenham sido meses –, rumava a Leeds, com um bilhete de ida na mão. Pois era para lá que pendia o desejo do meu coração. Supostamente. A trezentos quilómetros de distância de tudo o que eu conhecia e amava.

Olhei para a minha mala e para o meu saco de viagem.

QUE DIABO FIZ EU?

Deixei tudo para voltar à faculdade, foi isso que fiz.

A trezentos quilómetros de distância, em Londres, eu tinha uma vida. Tinha casa própria. Dois televisores, um sofá, um guarda-fatos, estantes com livros, prateleiras com vídeos, uma cama de madeira antiga restaurada. Não era uma peça baratucha de fácil montagem. Foi feita de propósito para mim, com madeira antiga. Quantas pessoas

podiam dizer o mesmo? Não muitas, essa é que é essa.

No sul, eu tinha amigos. Montes deles. Não conseguia chegar ao fundo da minha rua sem tropeçar neles. Aqui, tinha Jessica, a minha melhor amiga, e... e...

Faltou-me o ar no peito e o meu coração começou a palpitar na caixa torácica. Meu Deus. Estou louca. Estou realmente louca. (Tal revelação era comparável à descoberta de que nunca iria casar com o Arnold Schwarzenegger. Tirando o facto de ter chorado muito daquela vez.)

Foi o que todos me disseram. A minha família, os meus amigos, os meus colegas. Todos me lembraram o esforço que tinha feito para pagar as dívidas contraídas durante os estudos, comprar um apartamento, decorá-lo e tornar-me respeitada na minha profissão. «Vais abdicar de tudo para voltar a viver num quarto? Porquê, ao certo?»

A resposta breve seria: «Porque a Oprah me disse para o fazer».

Expliquei, porém, que estava de partida porque a vida é demasiado longa e não demasiado curta. E se eu chegasse aos noventa anos com a memória intacta? Não ficaria mais chateada se chegasse a uma idade tão avançada e percebesse que não tivera coragem para seguir o verdadeiro desejo do meu coração e fazer o que realmente queria da minha vida, em vez de continuar a viver o dia a dia, por ser mais fácil não abanar o barco? A vida é demasiado longa para que não o faça, para não ser fiel a mim mesma. A maioria das pessoas compreendeu quando o troquei por miúdos. Ou isso, ou perderam o interesse a meio e concordaram comigo para que eu me calasse.

Mas porque é que ninguém me impediu? Se eu realmente pensasse que alguém ia fazer o que eu tinha feito por causa de um programa de talk show americano e a uns quantos volumes de autoajuda, teria protagonizado um pequeno rapto e procurado neutralizar os efeitos das teorias de autoajuda. Mas isso era eu, como é evidente.

De qualquer maneira, já é tarde de mais, não é, Ceri D'Altroy? Agora, estás aqui, contam contigo na segunda-feira e já está outra pessoa a morar no teu apartamento. Mais vale despachares isto de uma vez. Começar a lidar com o presente. (Lidar com o presente? Lidar com o presente?! Até já pensava como um convidado da Oprah. A pessoa que eu era antes de estar sob a influência da Oprah teria dito: «Pronto, Ceri, toca a mexer».)

Pus o saco de viagem ao ombro, agarrei na asa da mala com renovada determinação e vigor e, depois, dirigi-me à fila de táxis no exterior.

Enquanto cambaleava em direcção à saída da estação, mantive o meu campo de visão reduzido, com a cabeça baixa e o cabelo preto pelo queixo a esconder-me o rosto. Andava muitas vezes assim, como se carregasse nos ombros o peso do mundo, bem como de metade do meu apartamento. Não era propriamente infeliz. Na verdade, tinha aprendido a não levantar a cabeça. A não olhar ninguém na cara, nem iniciar o contacto visual. Nesta altura dos acontecimentos, em que eu já estava frágil, a última coisa de que precisava era estabelecer contacto visual com um desconhecido. Chamar a atenção era meio caminho andado para darmos por nós a aderir a um cartão de crédito, a dar um

número de telefone falso a um anormal qualquer ou a ouvir a história da operação à vesícula biliar de uma velhota. Pelo menos, era isso que me acontecia. Com regularidade. Com maior regularidade do que devia ser estatisticamente possível. A maioria das pessoas não entrava num autocarro e saía, quinze minutos depois, a saber a vida toda da mulher que ia sentada ao seu lado. Não era o meu caso. Havia linhas de autocarro inteiras em que eu conhecia a maioria dos passageiros pelos seus padecimentos e não pelo nome.

Era o meu talento, o meu dom. Extrair inadvertidamente informações pessoais a perfeitos desconhecidos. Nunca tive coragem para mandar tais pessoas bugiar, nem sequer para as ignorar. O máximo que podia fazer era começar logo por não estabelecer contacto visual. Descobri que era perfeitamente possível realizar noventa e dois por cento das minhas atividades diárias sem olhar ninguém nos olhos.

Com esforço, voltei a pôr o saco de viagem, que estava a escorregar, no ombro esquerdo, ignorando o facto de a minha mochila estar a lacerar-me a zona macia e carnuda entre o pescoço e os ombros. Eu consigo fazer isto. Eu consigo fazer isto, repetia dentro da minha cabeça.

Ainda não tinha passado pela entrada de Menzies quando uma pessoa se atravessou no meu caminho. Bolas. Às vezes, acontecia. A estratégia de «ausência de contacto visual» não resultava. As pessoas abordavam-me na mesma. Ainda assim, podia escapar-me, se mantivesse a cabeça baixa e continuasse a andar.

– Desculpe – balbuciei e desviei-me para o meu lado esquerdo sem levantar a cabeça. A pessoa desviou-se também.

Desviei-me para a direita e a pessoa fez o mesmo.

Esquerda, e lá foi a pessoa para a esquerda. Continuámos assim a dançar – da direita para a esquerda e da esquerda para a direita – durante mais alguns segundos, até eu tentar enganá-la, dando um passo para a esquerda, mas indo, na verdade, para a direita.

O meu plano de fuga foi, porém, gorado por uma demoníaca obstrução corporal. A pessoa apanhou-me com a boca na botija. Eu ia tornar-me Testemunha de Jeová dentro de... ora vejamos... três minutos.

Com um suspiro silencioso, levantei a cabeça.

Não fui saudada por uma revista que prometia salvar-me a alma (mas deixar-me morrer, caso viesse a precisar de uma transfusão de sangue), mas, em vez disso, foi-me atirada à cara uma placa de cartão, na qual podia ler-se:

Kerry Dalboy

Os meus olhos precipitaram-se para o espaço acima da placa. Jess dirigiu-me um sorriso tão largo que eu mal lhe via o rosto.

– Bem-vinda a casa, querida – exclamou Jess e pôs os braços à volta do meu pescoço. Ao fazê-lo, o peso de nós duas juntas somou-se ao da minha mochila atafalhada, e, antes

que pudéssemos fazer alguma coisa, caímos no chão.

Capítulo 2

zona de estudantes

No parque de estacionamento em frente à estação, Jess pôs-se atrás de mim enquanto eu, com dificuldade, tentava tirar a minha mochila preta. As suas pernas cederam ao tentar suportar o peso. Depois, ficámos esbaforidas ao empurrar a mochila para o banco de trás do carro. Tínhamos concordado tacitamente em nunca mais voltar a falar no que acabara de acontecer na estação. Nunca mais.

– Pronto, um, dois, três... uuuh! – Colocámos a minha mala na bagageira do carro. Eu tinha, evidentemente, conseguido atravessar Londres e arredores, numa viagem de trezentos quilómetros, carregando sozinha aquela tralha, mas os grunhidos e os esforços faziam com que o meu feito parecesse ainda mais heroico.

– Pensei que trouxesses mais coisas – disse Jess ao comprimir o meu saco de viagem em cima da mala. Ela sabia que eu não era capaz de sair de casa com pouca bagagem nem em caso de incêndio. E eu nunca tinha guardado um apartamento de três assoalhadas em três malas. Foi por isso que passei metade da noite a fazer, refazer e tornar a fazer as malas. Adormeci, finalmente, por volta das três da manhã, ainda a pensar se deveria tirar tudo para fora e começar de novo. Nunca tinha precisado de fazer malas para doze meses. Nem mesmo quando frequentava a universidade – sempre tinha feito malas para alguns meses, até regressar a Londres.

Não trouxe muita coisa, pois não? Talvez tivesse sido demasiado implacável ao escolher os objetos sem os quais não podia passar. Roupas, sapatos, livros, vídeos, os meus álbuns de fotografias, o meu adorador iBook, a escova de dentes, uns quantos produtos de beleza. Não era, porém, suficiente para doze meses longe de casa.

– Devo ir buscar mais coisas no próximo fim de semana – retorqui.

– Ó Ceri – disse Jess, parando junto à porta aberta do condutor –, isso vai custar-te uma fortuna.

– Não há de custar assim tanto. Marco a viagem com antecedência – redargui.

– Mas vais ficar estourada.

– Sim, mãe.

– Eh, cuidadinho, londrina.

– É o que as mães costumam dizer aos filhos, não é? «Vais ficar estourado.»

– Não sei. Uma pessoa mostra um pouco de preocupação e ainda lhe atiram à cara. – Jess parecia estar magoada. – Pois bem, se não queres que me preocupe...

– Admira-me que não tenhas lágrimas falsas a acompanhar esse falso aborrecimento.

Ela riu e ligou o carro.

– Não tens sensibilidade nenhuma.

– Aprendi consigo, Professora.

O meu percurso de vida cruzou-se com o de Jessica Breakfield quando eu era estudante do primeiro ano de Psicologia e Comunicação Social na Universidade de Leeds e ela era professora de Psicologia. Logo, deveria referir-me a ela como Doutora Jessica Breakfield. Mas ela detestava que eu a chamasse assim. «Pronuncias o título como as mães pronunciam o segundo nome dos filhos», tinha dito certa vez. «Parece que é sempre vagamente ofensivo ou que estou em maus lençóis.»

Quando a conheci, infundiu-me pavor. Jessica foi a primeira mulher doutorada em Psicologia que conheci que aparentava e tinha mesmo menos de trinta e cinco anos. Era autora de várias teorias, era jovem e tornava as aulas interessantes.

Jess lembrava-se de mim como tendo tendência para me esconder atrás do cabelo pela cintura e não falar muito. Devia estar relacionado com o facto de eu a fitar com a abismada admiração de uma rapariga de dezanove anos.

Engasguei-me de modo cómico quando foi nomeada minha orientadora pessoal, mas, à medida que a fui conhecendo melhor e começando a ficar mais à vontade na sua presença, ela começou a ver-me o rosto, pois o meu cabelo, semelhante a um véu, foi ficando cada vez mais curto. (Culminando num corte rente, completamente rapado atrás, que levou os meus pais a deixarem de me falar até ele voltar a crescer.)

Foi, porém, no final do curso, quando decidi fazer o doutoramento, que Jess e eu nos tornámos verdadeiras amigas. Ela ajudou-me a elaborar a minha proposta de doutoramento e, quanto mais tempo passávamos juntas, mais descobríamos que tínhamos muito em comum: o gosto pela televisão, uma adoração por chocolate e uma obsessão quase fanática por não despir o pijama ao domingo, a menos que precisássemos mesmo de ir comprar comida. Mas estas eram apenas as pontas dos icebergues que flutuavam no nosso mar de similitude.

A nossa ligação era muito mais profunda do que podia parecer à primeira vista. Era como se Jess e eu tivéssemos sido separadas à nascença – com doze anos de diferença. Jess era casada – com Fred, de quem tinha duas gémeas adolescentes chamadas Sharon e Colette – e crescera em Harrogate. Eu não. Media 1,77 m, era magra, tinha ondas e mais ondas de cabelo acobreado e sotaque de Yorkshire. Eu media 1,62 m e mais qualquer coisa, na verdade quase 1,65 m, era curvilínea, tinha cabelos curtos, negros e reluzentes e falava num afetado tom arrastado, característico do Sul de Londres. [Sim, aquilo parecia um oxímoro, mas lá estava eu a dizer «scaunes» (scones) e «cheeky caaa» (cheeky cow, ou vaca descarada) na mesma frase. Enfim, tenho quase a certeza de que o disse na mesma frase.] Por fora, éramos, decididamente, uma estranha dupla. Quem tivesse de escolher duas cúmplices de um crime, nunca nos juntaria às duas. Idade, altura, aparência, historial, nada combinava. Mas, quando Jess e eu estávamos juntas, éramos uma só pessoa. Tínhamos a mesma forma de pensar, de argumentar, éramos contundentes quando era necessário. Por baixo disso, existia, porém, um profundo

entendimento. Jess foi a única pessoa que não me disse que estava louca quando lhe contei o que ia fazer. Deu-me imenso apoio. Na verdade, disse o seguinte: «Ah, querida, isso é fantástico! Eu sabia que eras capaz. Mas não podes vir viver comigo. Nem podes vir morar para perto de mim. Se o fizeres, nunca mais voltarei a dormir.»

Acabei por não conseguir ingressar no curso de doutoramento, mas ganhei a mais sincera, carinhosa e estranha melhor amiga que alguma vez existiu entre as mulheres.

Jessica estacionou o Mondeo azul metalizado de Fred em frente à casa cor de tijolo, mesmo no meio de Stanmore Vale, em Burley Park. Eu já tinha vivido ali perto, em Burley Park, da primeira vez que tinha ido estudar para Leeds. Tratava-se, oficiosamente, de uma Zona de Estudantes.

Havia que deixar a maturidade, o bom senso a nível de vestuário e a necessidade de cumprir um horário normal nos vários postos de controlo fronteiriços que existiam por ali. A Zona de Estudantes era constituída por Hyde Park, Headingley, Burley Park e Kirkstall; era aí que a maioria dos estudantes que frequentavam a Universidade de Leeds, a Universidade Metropolitana, a All Souls e as restantes instituições de ensino superior de Leeds vivia, amava e bebia. Tinha-me passado pela cabeça mais do que uma vez que era possível erradicar pelo menos 70% da população estudantil bombardeando com napalm aquela zona relativamente pequena de West Yorkshire.

A três ruas dali, situava-se a última casa de estudantes onde eu tinha morado. Aquela é que era uma casa de estudantes. Stanmore Avenue, n.º 98. Jamais esqueceria a morada. Aconteceram-me tantas coisas no ano em que vivi naquela casa que era difícil acreditar que tenha sido apenas num ano. Contraí uma pneumonia naquela casa. Conheci o amor da minha vida quando morava naquela casa. Fui abandonada pelo amor da minha vida naquela casa. Dei a que viria a ser a minha última queca em Leeds naquela casa (e só dei outra cerca de dois anos depois). Soube os resultados dos meus exames finais naquela casa. Era uma casa muito importante. Eu esperava que o n.º 17 de Stanmore Vale, a casa para a qual estava prestes a mudar-me, fosse muito menos dramática. Já me tinha deixado de dramatismos estudantis.

Levava na mão o meu Leeds de A a Z e um exemplar emprestado de The Itchy Guide to Leeds quando bati pela primeira vez à porta do n.º 17 de Stanmore Vale. Já não ia para aquelas bandas há bem mais de seis anos e por isso precisara de uma ajudinha para conseguir orientar-me.

Jess, que lecionava na Universidade Metropolitana de Leeds (conhecida por «Met» pela maioria das pessoas), tinha visto um anúncio a um quarto duplo e achado que era o ideal para mim: eu conhecia a zona (mais ou menos) e iria viver com dois estudantes de pós-graduação tão avessos como eu a estudantes de licenciatura deslocados para longe de casa pela primeira vez e tão inebriados pela liberdade que só pensavam em passar a

noite na farra e o dia na mandriice. Além disso, ficava a uns bons vinte minutos de carro da sua casa. Assim, ela tinha tomado nota dos pormenores e, depois, ido arrancar todos os prospetos que encontrava, para que eu pudesse ir dar uma vista de olhos antes que mais alguém o fizesse.

Cerca de dois segundos depois de eu ter batido, a porta da rua foi aberta por um rapaz de cabelo desalinhado cor de ferrugem e com um piercing na sobancelha. Estava vestido de modo informal, com umas calças de ganga largas e uma t-shirt branca lisa. Chamei-lhe «rapaz», mas era mais um homem. Podia, porém, passar por rapaz, pois era mais novo do que eu. (Não que eu fosse velha. Ele tinha vinte e cinco ou vinte e seis anos e eu estava quase a entrar na casa dos trinta. Mas ainda não tinha entrado.) Os seus olhos claros brilharam ao dizer:

– Olá, deves ser a Ceri. – Depois, sorriu. Todo o seu rosto se deixou descontrair por aquele sorriso e eu simpatizei imediatamente com ele. Sim, eu era assim tão simples. Gostava de quem era simpático comigo. Caramba, tinha saído com homens só pela simpatia com que me tratavam, por oposição a qualquer tipo de atração.

– Tu és o Jake? – retorqui, retribuindo-lhe o sorriso.

– Sim, sou eu mesmo. Foste pontualíssima. Entra. Chegaste agora de Londres?

Será assim tão óbvio?, interroguei-me. Olhei por mim abaixo. De facto, parecia que tinha acabado de fazer uma viagem de três horas de comboio. O meu casaco e as minhas calças de ganga estavam amarrotados da viagem e o meu walkman, pacotes de batatas fritas, camisola sobresselente, bloco de notas e coisas para ler atulhavam a minha mala.

– Cheguei. Também vou voltar já – disse eu, olhando para Jake. – Só consegui tirar a tarde. No trabalho, não estão muito satisfeitos com a minha demissão e querem aproveitar cada instante que me resta.

– Ah, pois, nesse caso, é melhor começarmos. Por aqui.

Os meus pés saltaram ligeiramente sobre a passadeira vermelho-rubi da entrada. Era uma passadeira de qualidade e, pelo efeito almofadado, devia ter uma base. A escolha da cor foi inteligente, pensei, enquanto seguia Jake. A nível do subconsciente, sentíamos importantes, como se fôssemos personalidades famosas, pois tínhamos entrado num lugar onde haviam estendido, literalmente, a passadeira vermelha. Também podia ser uma forma de tirar o corpo de uma pessoa assassinada de casa sem a preocupação das manchas de sangue na passadeira (mas esse era o tipo de pensamento que só servia para me atormentar o espírito).

Em frente às escadas, ficava a sala de estar. Entrei atrás de Jake e fiquei pasmada. Parecia ter sido tirada de uma revista de decoração: alcatifa cor de papas de aveia, paredes creme e dois sofás moles de pele castanha clara. De sentinela sobre a lareira, estava uma cópia emoldurada por profissionais de um quadro de Dali – A Metamorfose de Narciso. Do outro lado da sala, havia duas enormes janelas salientes, com cortinas transparentes e tudo. Era uma sala de estar como deve ser e não uma obra feita às três pancadas por estudantes. Ao bater à porta da rua, tinha-me preparado para tapetes

gastos, canos entupidos e histórias sobre um senhorio horroroso.

Jake explicou-me, enquanto me mostrava a casa, que, na verdade, o senhorio horroroso era ele próprio e que a casa era sua.

– Os meus pais emprestaram-me dinheiro para dar entrada para esta casa e foram os meus fiadores quando vim estudar para cá, há pouco mais de quatro anos. Eu era um estudante mais velho, isto é, nem tanto assim, mas não suportava a ideia de morar numa casa de estudantes normal, por isso, convenci-os. Também me emprestaram dinheiro para a arranjar como deve ser. É por isso que arrendo os outros dois quartos, dá para pagar a hipoteca e reembolsar os meus pais.

Eu não estava a ouvir tudo o que ele dizia; estava demasiado ocupada a apaixonar-me. Olhar para a passadeira vermelha e a sala de estar era como passar por uma pessoa atraente na rua e voltar a olhar para ela para vê-la melhor. Ver o resto da casa era como conhecer melhor uma pessoa, sair com ela, partilhar experiências e descobrir que tudo nela é maravilhoso. Não via nenhum motivo para não me apaixonar por ela.

Percorremos o corredor estreito até à cozinha e o meu coração palpitou. Era mais um espaço amplo, desta vez com soalho autêntico. Um sonho de cromados e de madeira de faia, armários brancos com balcões de madeira autêntica que, como Jake explicou, tinham de ser tratados com um óleo especial – «Fazemo-lo à vez». Um balcão de pequeno-almoço dividia a cozinha e, à sua volta, estavam quatro bancos altos e almofadados. A cozinha tinha eletrodomésticos em aço inoxidável, um liquidificador, uma máquina de café a sério, latas onde podia ler-se «chá», «açúcar», «café» e «biscoitos». (Eu tinha a nítida impressão de que cada recipiente continha o que estava escrito por fora.)

– Há uma pequena zona que é uma mistura de jardim com pátio para onde vamos às vezes, mas eu e o Ed não usufruímos muito dela – acrescentou Jake ao fazer sinal com a cabeça na direção da porta das traseiras. – Queres ir visitar o andar de cima?

– Se quero – sussurrei.

A vermelhidão de textura macia do corredor prolongava-se pelas escadas acima, ao longo de ambos os lanços. O quarto que estava para arrendar ficava mesmo no cimo da casa.

Fui atrás de Jake quando ele abriu a porta pintada de branco do quarto no sótão, com o coração a bater-me violentamente no peito e a respiração acelerada de ansiedade. Fiquei completamente rendida quando a porta revelou os mistérios do sótão.

Uma parte do teto era inclinada, com duas claraboias nele abertas. As paredes creme faziam com que o quarto parecesse ainda maior. Tinha uma cama de casal, uma secretária cinzenta de estrutura metálica, um guarda-fatos de carvalho e, de forma bastante pensada, tinha sido instalada uma janela numa das paredes, de modo que quem se deitava na cama via as copas das árvores e podia espreitar para dentro dos quartos das casas em frente.

Estava sem palavras de tanta cobiça ao voltar-me para Jake e dizer:

– E não queres mudar-te para aqui, agora que o quarto está vago?

Jake encolheu os ombros e abanou a cabeça.

– É um longo caminho a percorrer aos tropeções se chegar a casa embriagado, pedrado ou as duas coisas. O Bill, o rapaz que ocupou este quarto anteriormente, dormia muitas vezes num dos sofás lá de baixo, porque não conseguia chegar cá acima quando estava a cair de bêbedo. É muito longe.

– E o outro rapaz? – acrescentei, igualmente sem fôlego. – Não quer um quarto maior?

– Todos os quartos são bastante grandes. Mas o Ed? Não, ele não o quer. É rapaz e, para ele, quanto mais espaço houver, mais há que limpar.

– Entendo – disse eu, muito baixinho. Se não conseguir ficar neste quarto, se acabar num casebre em Hyde Park, com grades nas janelas e nas portas, é porque fui Átila, o Huno, noutra vida. – Então, precisas de referências ou algo assim, caso eu queira arrendá-lo?

– Hum, não. Quero dizer, há que assinar um contrato-tipo de seis meses e vou precisar de receber um mês de caução e o pagamento adiantado de um mês de renda, mas não são necessárias referências – respondeu Jake. – Mas estarias interessada em mudar-te para cá?

A cabeça quase me saltou de tanto acenar.

– Se estaria.

– Pois. Bem, não está mais ninguém à espera para o visitar. Por acaso, é estranho que mais ninguém tenha ligado a perguntar pelo quarto. Não sei porquê... – Jake ficou com o olhar fixo. – Afixei imensos prospectos e ninguém telefonou.

– A sério? – retorqui, de modo solidário. De certeza que não tem nada a ver com o facto de a Jess ter arrancado todos os anúncios espalhados pela cidade universitária, pois não? – É mesmo estranho.

Pus a mão dentro da mala, tirei o livro de cheques, procurei uma caneta.

– Então, são seiscentas libras, não é?

– O quê? – disse Jake. – Ah, é. Podes passar o cheque em nome de Jake Halder. Depois, podemos aderir ao débito direto.

Eu já estava a escrever à velocidade da luz, não fosse ele mudar de ideias e decidir investigar o caso dos prospectos desaparecidos mais a fundo.

– Não és louca, pois não? – perguntou ele ao descer novamente para o piso térreo à minha frente, com o meu cheque do HSBC a espreitar por cima do bolso de trás das suas calças de ganga. – O rapaz que aqui morava, o Bill, era um pouco chalado. Eu e o Ed ficámos muito satisfeitos quando ele foi obrigado a desistir do curso e teve de se mudar. Não és assim, pois não?

– Já me disseram que, às vezes, sou um pouco estranha, mas chalada não.

– Porreiro – retorqui Jake. E lá estava eu a pensar que me contentava com pouco. – Seja como for, avisa-me quanto à data em que pretendes mudar-te e ou eu ou o Ed estaremos cá. Depois, entrego-te as tuas chaves e poderás assinar o contrato. Queres

tomar uma chávena de chá antes de te ires embora?

E foi assim. Arranjei onde viver. O único senão que eu via era ter de descer para o segundo andar para ir à casa de banho. Mas aquela casa de banho tinha azulejos azuis e brancos em mosaico do chão até ao teto, um chuveiro de alta pressão e mosaicos de borracha que cediam sob os pés – era o tipo de sofrimento que eu era capaz de aguentar.

– Olá – disse ao rapaz magro que abriu a porta do n.º 17 de Stanmore Vale desta vez. Tinha cerca de vinte e dois anos, parecia ter sido esticado numa máquina de tortura, tinha cabelo louro comprido e não estava em casa aquando da minha outra visita. A lista de coisas que eu sabia sobre ele ficava por aí. Nem sequer me lembrava do seu nome. Era Eric ou algo assim.

Em troca, ele olhou para mim, para a minha bagagem, para a mulher que estava atrás de mim e que, teoricamente, tinha idade para ser sua mãe. Não fez questão de esconder a confusão: a sua testa franziu-se, os seus olhos verdes tentaram calcular o que se passava.

– Está tudo bem? – perguntou, com um vago tom sedutor misturado com um sotaque que não era de Yorkshire a cadenciarem-lhe a voz.

– Chamo-me Ceri d’Altroy. Vou ocupar o quarto. Lá em cima.

– Ah, é verdade – respondeu ele. – Eu chamo-me Ed.

Ed. Era isso.

– Olá, Ed. Esta – apontei para Jess com um ligeiro aceno de cabeça por cima do ombro – é a Jessica, a minha melhor amiga.

– Olá – proferiu Ed com cautela, ficando com o rosto completamente inexpressivo. Não fez menção de nos deixar entrar. Ficou a guardar a porta como um dos guardas à entrada do Palácio de Buckingham; pouco faltava para ele colocar o chapéu de pele de urso, pegar na espingarda e ignorar-nos por completo até terminar o turno.

– Então, Ed – disse Jess –, vais deixar-nos entrar ou temos de forçar a entrada pelas traseiras?

Ed, tirando a sua falta de expressividade, era educado e amável. Preparou uma chávena de chá para mim e para Jess, embora eu raramente bebesse chá decente. Tinha esperanças de que ele tivesse chá de ervas, mas, quando falei nisso, ficou com o olhar vidrado como tinha ficado quando lhe disse que Jess era a minha melhor amiga, pelo que me apressei a dizer:

– Pode ser normal.

Jess bebeu a sua chávena de chá de um trago, mal ele a pousou na mesa de centro. Enquanto bebia, enrolava nos dedos madeixas do seu cabelo acobreado. Ansiava por um cigarro. Tinha guardado abstinência desde a estação (Fred, o marido, não permitia que fumassem no seu carro) e não queria acender um cigarro num ambiente que era tão

flagrantemente livre de fumo. Era doloroso de ver; virei-me no meu assento para não ter de o fazer. De ver, quero eu dizer.

Depois de ter preparado o chá, Ed disse que ia levar as minhas coisas para o meu quarto.

– Não é preciso, eu levo-as depois – redargui.

– Não custa nada – retorquiu Ed. – Vou subir de qualquer maneira. Vou preparar-me para sair mais logo.

– Se tens a certeza...

Ed encolheu todo o corpo.

– Claro que sim.

– Obrigada – disse eu. – Faço-te o jantar um dia destes como forma de agradecimento.

– Pois é, ela faz uma fantástica massa instantânea – interpôs Jessica.

Dei-lhe uma cotovelada, com força.

Apesar do seu corpo magro, Ed agarrou na mochila, na mala e no saco de viagem sem esforço. Observei-o com admiração enquanto subia as escadas. Devia ser só músculo e osso e não pele e osso, como aparentava.

Mal ele saiu, Jess precipitou-se para o peitoril da janela saliente do lado esquerdo, afastou a cortina transparente e abriu a janela. Consumiu um cigarro num silêncio agitado – a cada passa, ela ficava visivelmente mais descontraída. Fumou o segundo cigarro mais devagar, conseguindo intercalar algumas frases.

– Ainda bem que encontraste uma boa casa – disse. – O Ed parece ser boa pessoa. Espero que sejas feliz aqui. – A maioria das melhores amigas à face da terra seria tranquilizadora, talvez até quisesse dar um abraço, mas Jessica não. Dizia o que pensava, mesmo que eu estivesse destroçada.

As suas palavras reacenderam as minhas ansiedades.

– Achas-me louca? – perguntei com urgência.

– No geral, acho. Por estares a fazer isto, não. – Jess examinou-me com o olhar, consumindo-se o seu cigarro enquanto ela o segurava do lado de fora da janela. – Bem, já é tarde de mais para ter dúvidas, não é? Abandonaste tudo lá no Sul e assumiste um compromisso aqui. – (A maioria das melhores amigas à face da terra seria tranquilizadora, talvez até quisesse dar um abraço, mas Jessica não. Dizia o que pensava, mesmo que eu estivesse destroçada.)

Acenei com a cabeça em sinal de compreensão. Era evidente que ela tinha razão. De facto, era tarde de mais. Um súbito e violento enjoo percorreu-me as veias. A cada bater do coração, sentia-me mais indisposta. Menos segura do que tinha feito. Claro que era tudo perfeitamente sensato, racional e uma «afirmação de vida, iupi!», em teoria. Até no papel. Na realidade, eu tinha abandonado uma vida. Já não tinha emprego. O meu apartamento estava arrendado. Os meus amigos tinham-me feito uma festa de despedida. A maioria das pessoas, quando passava por uma crise na vida, descolorava o cabelo ou ia para a cama com alguém pouco recomendável. Mas eu abandonei uma vida

e mudei-me.

Roí a parte de dentro da bochecha e olhei para lá de Jess. De facto, já era tarde de mais.

– Quando acabar isto – disse Jess, fazendo sinal com a cabeça na direção do cigarro –, vou levar-te a comer qualquer coisa no Morrison's, na cidade, e, depois, se te portares muito bem, compro-te um videogravador como prenda de boas-vindas.

Era este o espírito solidário de Jess. Banalidades e tranquilizações vazias não eram o seu forte; atos de verdadeiro amor – como comprar-me um vídeo – já o eram.

– Não rias antes de tempo, D'Altroy. Um vídeo não tem utilidade nenhuma sem uma televisão.

Capítulo 3

não...

Onde raios estou eu?

Sei que estou numa faculdade, mas, tirando isso, estou perdida.

Estava espedada ao fundo de uma escada de pedra em caracol com corrimões de madeira, a pensar se deveria subir ou ficar onde estava, aprisionada no pesadelo do primeiro dia de aulas em que não sei para onde vou e não conheço ninguém. Tinha tido este pesadelo muitas vezes no fim de semana, pois, de certo modo, era o meu primeiro dia de volta às aulas. Só que, além de aprender, ia também ensinar. Ainda assim, tinha tido o mesmo sonho uma e outra vez. Trazia vestido o meu horrível uniforme escolar azul e não conseguia descobrir para onde tinha de ir. Quando, por fim, lá cheguei, todos os estudantes eram mais velhos do que eu e riram-se de mim por estar de uniforme escolar. Não era preciso ser-se psicólogo para saber o que isto significava. Eu tinha medo. A todos os níveis da consciência, tinha medo. Agora, o pesadelo ia tornar-se realidade. Eu não conseguia descobrir para onde tinha de ir.

Olhei à minha volta, pensando em como pedir ajuda. Devia ter algo a ver com iniciar o contacto visual.

A Faculdade All Souls, a instituição que tinha aceitado contratar-me para dar aulas e fazer investigação durante um ano, era pequena. Tão pequena que, durante anos a fio, tinha sido apenas afeta à Universidade de Leeds e só nos últimos dois anos se tinha tornado uma das faculdades que a compunham. Existia uma diferença entre ser uma faculdade afeta à Universidade e ser uma das faculdades que efetivamente a compõem, e que devia estar relacionada com questões económicas. A All Souls era uma faculdade pequena e pitoresca à sua maneira, rodeada de campos de jogos verdes. Era quase toda cor de areia, pois tinha sido construída na década de 1960 e, nessa altura, era a cor que estava em voga. Era pequena. Deviam frequentá-la uns 3000 estudantes. Foi, em parte, por ser pequena e intimista que quis ir trabalhar para ali. Não havia tanta gente e não era tão grande o lago onde eu seria peixe miúdo.

Então, porque estava eu a ser inferiorizada e olhada de cima pela arquitetura?

Olhei para cima. Os tetos eram tão altos que quase tocavam o céu. Espreitei para baixo. O parqué era feito de blocos de tamanho gigante e as janelas nunca mais acabavam.

Todavia, o que era maior e mais assustador eram os estudantes. Eu não era tão grande quando andava a estudar, pensei ao desviar-me de um grupo de estudantes universitários faladores. A maioria deles tinha nascido em 1981, por amor de Deus. Como podiam ser tão enormes? Haveria alguma conspiração thatcherista para tornar os

eleitores do futuro grandes e influenciáveis ao ponto de afugentarem quem não pensava como ela? (Eu sempre soube que aquela mulher tencionava ficar eternamente no poder – comparado com ela, o Dr. Evil era ligeiramente malcomportado). Estariam as hormonas que eram injetadas nas vacas para as fazer crescer e produzir mais carne a ser finalmente aplicadas na juventude atual? Ou, horror dos horrores, estaria eu, na verdade, a encolher? Mediria agora menos do que os 1,62 m que media ao sair de casa, de manhã? Estaria finalmente a acontecer? O meu pesadelo. O único aspeto relacionado com a idade que realmente, mas REALMENTE, me assustava. Ficar mais bai...

– Parece estar perdida – disse uma voz masculina atrás de mim.

Virei-me para ele. Tinha um olhar gentil e um rosto afável. Trazia vestida uma camisola branca de mangas compridas e umas Levi's azuis. Acima de tudo, não era tão gigante como os outros. Era professor.

– Sim! Sim, sim, estou. – Será que consegues parecer ainda mais desesperada, Ceri? Afinal, ele é o Papa e acaba de te perguntar se queres que o sexo antes do casamento seja aprovado pela Igreja Católica. Aclarei a garganta. – Quero dizer, um pouco.

– Chamo-me Mel – disse ele. – Sou professor de Sociologia. Vai começar a trabalhar no departamento de Psicologia, não é? Lembro-me de andarem a mostrar-lhe a faculdade no mês passado.

Acenei com a cabeça.

– É isso mesmo.

– Como se chama? – perguntou e sorriu. Tinha uns belos dentes: brancos, direitos, escovados e limpos com fio dental duas vezes por dia. Devia tratar o dentista pelo primeiro nome.

– Ceri. Ceri D'Altroy.

– Muito bem, Ceri, para onde quer ir?

Para casa, em Londres, assistir ao programa Trisha e comer torradas com banana na cama.

– Para o local onde estão os funcionários administrativos.

– A secretaria do departamento? – disse ele.

Deve ser isso.

– Aah, sim. Só me esqueci do nome por instantes.

Mel riu, pensando que eu estava a brincar. Estava tão assustada, tão apavorada, que mal me lembrava do meu próprio nome.

– É por aqui. – Começou a subir as escadas.

A cantina, como tudo o resto naquela faculdade, era enorme. Era comprida, com parqué que obedecia às normas e mesas redondas com espaço para oito pessoas (talvez dez, se todas comessem de braços fechados). A parede do lado direito era de vidro do chão até ao teto, proporcionando uma vista desimpedida sobre as várias residências espalhadas pela cidade universitária. Todas as residências pareciam versões ligeiramente

mais estreitas e mais baixas dos arranha-céus da década de 1960, eram da mesma cor e, provavelmente, tinham sido projetadas pelo mesmo arquiteto. Quem entrasse na cantina pelas grandes portas de vaivém de madeira virava à esquerda para a zona de serviço: um balcão comprido com vidro que nos protegia da comida; atrás dele, estavam mulheres e homens com fatos-macacos de cozinha brancos e toucas de rede igualmente brancas, prontos para servir.

Pedi empadão à pescador com uma dose dupla de ervilhas e uma garrafa de água. Paguei, afastei-me da caixa e, depois, iniciei a queda livre da miúda nova. Estava completamente sozinha.

O tamanho da cantina duplicou imediatamente. Depois, triplicou e tornou a triplicar. Continuou a triplicar em comprimento e largura até a parede do fundo não passar de um ponto no horizonte bem distante. De repente, eu era a rapariga mais pequena do mundo na maior sala do mundo.

Tinha acabado de sair da reunião mais demorada e entediante na história das reuniões de trabalho. Não havia nada na descrição das minhas funções que eu não soubesse. O horror ficaria para sempre gravado na minha memória. Dispensava comer sozinha, ainda por cima.

A sala fervilhava com o ruído das conversas, do comer, do beber e dos talheres a baterem na louça. Assim como da criação de laços. Não via ninguém sozinho. Os meus passos iriam, provavelmente, ecoar, ecoar e ecoar quando me dirigisse a uma mesa solitária. Todos trocariam olhares entre si como quem diz «Olha só para a triste», referindo-se a mim, quando me sentasse sozinha e comesse sozinha. Gwen, a chefe do departamento, tinha-me mandado almoçar sozinha, dizendo: «Tenho imensas coisas importantes a fazer. Marquei as suas reuniões com os outros três professores com quem irá trabalhar para esta tarde. Adeus». Não lhe passou pela cabeça que, sendo eu nova na faculdade e sendo aquele o meu primeiro dia de trabalho, precisaria de companhia para almoçar. Ou, na falta dela, de indicações sobre como chegar à cantina.

Do outro lado da cantina, alguém acenou e a sala voltou ao seu tamanho normal. Não trazia os meus óculos, pelo que, pela cara, não percebi de quem se tratava. Era uma névoa branca e azul no meio das cores e formas gerais na cantina. Talvez o aceno nem me fosse dirigido. A sala cresceu novamente. Olhei por cima do ombro, não tendo senão a empregada da caixa atrás de mim e esta estava de costas voltadas para a pessoa que estava a acenar. Olhei com atenção para a frente, esticando o pescoço e semicerrando os olhos; pareceu-me conhecer a figura, assim como as roupas. Uma camisola de mangas compridas e calças de ganga azuis. Seria Mel? Ele levantou-se, fez-me sinal e apontou para a cadeira de plástico cor de laranja à sua frente. O meu corpo curvou-se de alívio. Obrigada, meu Deus! Tentarei ir à igreja muito em breve.

– Olá – disse ele quando me aproximei.

– Olá – sorri. Mel devia pensar que eu passava a vida num constante estado de alívio e desespero.

– Apresento-te a Claudine – declarou Mel, apontando para a mulher serena à sua direita. Era linda de fazer inveja. Cabelo negro como carvão e bem curto, pele mediterrânica, lábios carnudos. Aquela mulher, a tal Claudine, tinha uns olhos que efetivamente ardiam quando fitava uma pessoa. – Claudine, apresento-te a Ceri. É a nova professora de que te falei.

O rosto de Claudine esboçou um sorriso amável.

– Olá – disse ela –, que tal está a correr?

– Até agora, nada mal – respondi e ia para pegar no garfo quando descobri que não o tinha. Não tinha trazido talheres. Fantástico. Teria de dar o passeio da vergonha até junto à empregada da caixa novamente. Sentir-me-ia uma idiota de todo o tamanho, avançando até ela, sorrindo, agarrando num garfo e, depois, voltando a fugir. Era sobre momentos assim que tinha pesadelos. Já tinha revivido mil e uma vezes a ocasião em que me debati com outra mulher no meio da multidão da estação de Leeds. De cada vez que a revivia, apoderava-se de mim um novo e mais profundo horror. A sofisticação tinha precisamente a ver com não fazer aquelas coisas. Apostava que mulheres como Claudine não faziam coisas daquelas.

– Toma – disse Mel, dando-me o segundo garfo que tinha no tabuleiro. – Trouxe-o para a Clau, pois ela esquece-se sempre dos talheres, mas, pela primeira vez, lembrou-se.

Claudine revirou os olhos ardentes.

– Dá-lhe lá o raio do garfo, Melvin. A Ceri só precisa de saber que está limpo e que os teus lábios nem se aproximaram dele.

– Obrigada – disse eu, aceitando o garfo, mergulhando-o no molho cremoso e chegando aos filetes brancos do peixe com prazer. Tinha fome. Uma fome que se devia ao facto de ter estado tão nervosa que não tinha conseguido comer no domingo, nem sequer beber água de manhã.

– Qual é o tema do teu doutoramento? – perguntou Claudine depois de me terem visto devorar algumas garfadas. Tinha tanta fome que a comida nem chegava a tocar-me nas bochechas.

Engoli uma garfada inteira, não querendo falar com a boca cheia – era bem-educada a esse ponto. Na verdade, ficava constantemente escandalizada com as pessoas que continuavam a mastigar alegremente enquanto contavam uma história complexa.

– Não estou realmente a tirar o doutoramento – disse a Claudine. – Teoricamente, também não estou a estudar. Vou passar um ano a fazer investigação no departamento de Psicologia. Tinha esta ideia na cabeça há anos e vou realmente pô-la em prática. Vou também dar aulas de Psicologia ao primeiro e segundo anos e vou assistir a seminários. Se tudo correr bem, porém, talvez possa candidatar-me a um curso de doutoramento.

– Não sabia que, na All Souls, se fazia isso – retorquiu Claudine.

– E, normalmente, não faz. Por acaso, apresentei a proposta por escrito mais ou menos na mesma altura em que a mulher do departamento de Psicologia se foi embora.

Claudine virou-se para Mel.

– A Eva?

Mel acenou com a cabeça.

– Sim, creio que se chamava Eva. Ficaram desesperados por ela se ter ido embora quando o ano já ia tão adiantado – continuei. – Assumi quase todas as suas funções enquanto professora, ou melhor, assumi-las-ei a partir de amanhã.

– Pelo sotaque, suponho que venhas de Londres – alvitrou Claudine.

Acenei com a cabeça.

– Embora me tenha licenciado aqui, em Leeds. Ao todo, vivi cá cinco anos.

– Dás aulas em Londres? – interrogou Mel.

Abanei a cabeça. Preparei-me para lhes dizer o que fazia.

– Não. Sou... Era... Creio que sou jornalista.

Apavorava-me não parecer suficientemente habilitada ou experiente para o cargo de professora que agora ocupava. Passar de jornalista a professora universitária de Psicologia não parecia coisa de profissional experiente ou habilitado. Nem eu estava convencida em relação a tal transição e era eu que estava a fazê-la.

– Tenho um mestrado em Jornalismo que tirei em Londres e dei aulas de Psicologia no ensino secundário e superior – apressei-me a acrescentar. – Quero dizer, lecionei Psicologia de 12.º ano durante uns tempos, antes de voltar para Londres, e dei algumas aulas de Psicologia no ensino superior, em Londres, sobre o tema do meu trabalho de investigação. Também no ensino superior, dei algumas aulas de Jornalismo. Sabem...

– Alto lá, acalma-te – disse Mel.

– Isto não é uma entrevista – concluiu Claudine.

Descontraí-me, recostando-me na desconfortável cadeira cor de laranja. Era precisamente uma entrevista que aquilo parecia. Que tudo parecia. Um enorme teste. Pois não conseguia deixar de pensar que tinha havido algum erro. Tinha escrito para a faculdade para tentar a minha sorte, na eventualidade de existir uma vaga no departamento de Psicologia para alguém que não era muito experiente, mas podia frequentar seminários enquanto se dedicava à investigação. A All Souls levou-me a sério. De repente, convidaram-me para uma entrevista, seguida de outra, e, por fim, uma prova escrita. Após uma aula à experiência, à qual se seguiu mais uma entrevista, PIMBA! Consegui o cargo inventado. A minha irmã nem me confiava o seu peixinho dourado quando ia de férias e aquela faculdade ia deixar a meu cargo cerca de noventa mentes em formação. Como iria aquilo resultar?

– Vocês dois almoçam sempre juntos? – perguntei-lhes, para desviar firmemente as atenções de mim.

Claudine e Mel entreolharam-se e, depois, voltaram a fitar-me em simultâneo.

– Sim, praticamente – disseram em uníssono.

Ah, abençoados sejam. Dava-me gozo ver casais apaixonados. Dava-me esperança: se os outros encontravam aquele tipo de intimidade, também eu podia encontrá-lo. Era algo passível de ser feito, logo, eu podia fazê-lo. Além disso, o caminho perverso e amargo da

inveja tinha-me valido rugas e má fama.

– É ótimo poderem trabalhar e almoçar juntos todos os dias sem que isso prejudique a vossa relação. Há quanto tempo andam a sair juntos?

– Perdão? – replicou Claudine.

– Desculpa? – interrogou Mel.

– Vocês dois. Há quanto tempo andam a sair juntos? – repeti.

O silêncio cortou a boa disposição como uma catana corta contraplacado.

Oh, santo Deus. Voltei a fazer o mesmo.

Eu era conhecida por arranjar problemas, sobretudo por dizer o que não devia. Tentava não o fazer; simplesmente não conseguia evitá-lo. Formava-se uma interrogação na minha cabeça e, uma fração de segundo depois, saía-me da boca. Não havia tempo para o pensamento dar um pulinho à zona do meu cérebro em que este se interrogava qual a impressão que aquele causaria se fosse dito em voz alta. Na verdade, passava-lhe mesmo ao lado a toda a velocidade, usando um disfarce tão bom que ninguém o reconhecia.

Era a minha total ausência de medo de fazer as perguntas que os outros hesitavam em fazer que me tornava uma boa jornalista. E uma péssima convidada para jantar. Uma vez, tinha feito à pessoa sentada à minha frente ao jantar a seguinte pergunta: «Então, puseste finalmente termo ao período de quatro anos de celibato com o encontro às cegas do fim de semana passado?». Estava toda a gente a pensar o mesmo e eu tinha-o dito. Também nessa ocasião me tinham respondido com silêncio.

Parei de comer quando o silêncio se prolongou. De qualquer modo, já não conseguia comer mais nada, visto que tinha metido a pata na poça.

– Eu vivo com o meu namorado, o Kevin. – Apenas ténues laivos de gelo marcavam a voz anteriormente calorosa de Claudine. – Assim é há dois anos.

O tom de Mel tinha-se normalizado quando disse:

– Eu não estou com ninguém em especial.

Mas... Mas... Olhei ora para o rosto dela, ora para o dele, ora novamente para o dela... Bastavam dois segundos na companhia deles para se perceber intuitivamente que estavam juntos, que estavam emocionalmente ligados, UNIDOS, caramba. Era algo que irradiavam como uma chama irradia calor. Emoção, adoração, afeto, atração. Sentidos e correspondidos.

– Oh, desculpem, estava outra vez a fazer o mesmo – lancei-me num pedido de desculpas. – Sabem aquilo da perceção? – Fui recebida por rostos inexpressivos. – Em Psicologia, existe uma teoria sobre a perceção e o facto de as pessoas muitas vezes preencherem as lacunas existentes, por exemplo, em imagens e frases com o que esperam que lá esteja. Era isso que eu estava a fazer, estava a preencher as lacunas com algo, qualquer coisa, a primeira coisa que me veio à cabeça. Desculpem.

Ambos olharam para mim.

NÃÃÃÃÃÃO! O Olhar, não. O Silêncio, não. Para quem fez asneira e está a tentar

explicar-se, o pior – além de ouvir dizer que desiludiu alguém – é receber o Olhar. Hostilidade, aversão e mágoa condensadas numa só expressão. Aliado ao Silêncio, é insuportável.

Agora, podia calar-me e deixar o Silêncio seguir o seu curso ou continuar a falar até perder a voz/alguém mandar-me calar.

Não tenho jeito para silêncios.

– A questão é que, de certo modo, imagino que a maioria das pessoas da nossa idade é comprometida – expliquei. – Não quero dizer que todos devem ser comprometidos, simplesmente imagino que são. Embora eu não seja. Então, quando vejo duas pessoas que se dão tão bem, como que... Não quer dizer... que, só porque duas pessoas são simpáticas uma com a outra, têm automaticamente de andar a sair juntas. Suponho que falei sem pensar e só...

– Não faz mal – disse Mel ou talvez Claudine. Quem poderia distingui-los?

– Está sempre a acontecer-nos – declarou Claudine.

– Pois, só que maioria das pessoas limita-se a fazer insinuações – acrescentou Mel.

– Nunca ninguém chegou mesmo a dizê-lo – continuou Claudine.

– Diretamente, não – concluiu Mel.

Estão a ver? ESTÃO A VER? Não só terminavam as frases um do outro como também sabiam o que o outro estava a pensar; exprimiam, de facto, a linha de raciocínio um do outro. Não é normal. Não é «viver com o namorado há dois anos»; não é «não estar com ninguém em especial». É «estar envolvido com a pessoa sentada ao lado».

– Desculpem, sou demasiado direta. Costumam comparar-me à Cordelia, sabem, da série Buffy, a Caçadora de Vampiros? Penso uma coisa, falo e as pessoas olham-me como se quisessem arrancar-me a língua da boca. Desculpem.

Comecei a encher a minha enorme boca de comida e, depois, engoli. Não via necessidade de mastigar. Queria sair dali o mais depressa possível.

Em parte, tinha fugido de Londres para poder parar de propagar e minha doença da pata na poça. Poderia reinventar-me. Ser uma pessoa calada, reservada, sofisticada e – acima de tudo – não interferir.

Até me tinha sentado no comboio e formulado os meus próprios Mandamentos. (Sem querer ofender a Deus. Eu sabia que não era capaz de criar um conjunto de Mandamentos que iguallassem os d'Ele, mas precisava de uma meta a atingir.) Eram mais ou menos assim:

1. Cuidarás do teu sistema cardiovascular.
2. NÃO interferirás na vida alheia.
3. Mesmo que te tratem com enorme simpatia, lembrar-te-ás do 2.º Mandamento.
4. Pensarás antes de falar.
5. Pensarás melhor antes de falar.
6. Verás menos vezes a série Angel.

7. Lembrar-te-ás de que Angel é um vampiro de 250 anos que namorou Buffy, a Caçadora de Vampiros, e não o homem com quem ficarás para todo o sempre.

Simples. Não? Fácil. Não? E violei dois deles em... ora vejamos... em quatro horas. Um recorde pessoal.

Quando a capacidade da minha boca decididamente se esgotou, pousei o garfo e engoli com dificuldade para me livrar do monte de comida, de modo a poder falar.

– Enfim, é melhor ir andando. Tenho de me encontrar com outro professor para saber o que farei. – Dentro de uma hora e meia.

Pus uma mão de cada lado do tabuleiro e levantei-me.

– Vemo-nos por aí? – Sabia que parecia desesperada, mas não pude evitá-lo. Pensava, então, que tinha conseguido travar algumas amizades. Nada de mais, apenas duas pessoas ao lado das quais podia sentar-me na cantina, alargar o meu círculo social na faculdade a dois elementos.

– Sim, claro – disse Mel.

– Quando te atribuírem um gabinete, passarei por lá e poderemos tomar um café, se quiseres – declarou Claudine.

– Ótimo. Até breve.

Pois, pois. Já terei muita sorte se voltar a ver qualquer um dos dois.

segundo período

(E era mesmo «período», caramba. Ninguém me obrigará a chamar-lhe «semestre».)

Capítulo 4

ensaio geral

– Sinceramente, não sei porque me pediste para vir cá – disse Jess, do conforto da minha cama. Supostamente, ia ajudar-me a escolher a roupa para a minha primeira aula, na manhã do dia seguinte, mas, na realidade, estava debaixo dos cobertores, a assistir à telenovela Coronation Street, enquanto eu andava de um lado para o outro, no meu quarto bastante comprido, e me preocupava com o meu primeiro dia como professora universitária propriamente dita.

Eu. Ceri D’Altroy, professora universitária.

Só de pensar nisso o meu estômago revolvía-se e retorcia-se como um espanta-espíritos numa brisa forte.

Em teoria, era tudo fantástico. Sabem, como a questão do desejo do coração. Quis fazê-lo quando era uma ideia que tinha rabiscado num pedaço de papel sob o título de «Objetivos».

Sempre me tinha agradado bastante a ideia de ser uma académica. Era por isso que me tinha candidatado a um doutoramento tantos anos antes. Queria continuar a aprender enquanto contribuía para o processo de ensino. Gostava de dar aulas no ensino superior, agradava-me o poder que isso me conferia. Apresentamo-nos perante outras pessoas, dizemos-lhes o que sabemos, elas interpõem as suas teorias e, em conjunto, ajudamos a criar uma nova teoria, um novo conhecimento.

Essa ideia tinha-me seduzido; a ideia de deter permanentemente tal poder. Ainda que, ao longo dos anos, Jess me tivesse dito que os estudantes tinham mudado. «Já não têm sede de aprender como tinham nos teus tempos de estudante», afirmava. «Estão mais interessados no que precisam de saber para os exames do que em cultivar o espírito.» Suponho que foi também por isso que quis fazer isto. Queria ver se era capaz de ajudar a mudar as coisas. De impedir os estudantes de se concentrarem apenas no exame. Nos meus tempos de estudante, costumávamos ficar ansiosamente à espera de certas aulas – o que, para alguns, era bastante lamentável –, nas quais debatíamos os mais variados temas. Como, por exemplo, nas aulas de Jess, a filosofia da psicologia. Havia tanto sobre que pensar e falar que, muitas vezes, saíamos depois da hora. Ou, então, parávamos à hora a que a aula terminava, íamos buscar cafés, voltávamos e debatíamos mais um pouco. Eu queria ter isso com os meus alunos. Queria que eles se interessassem tanto pelas minhas aulas que não se importassem de sair depois da hora.

Evidentemente, nesta aventura na docência universitária, não fazia mal que eu também pudesse conversar. Adorava conversar. Não era de falar, em si, que gostava. Adorava, sim, exprimir os meus pensamentos em voz alta perante alguém, formular

teorias, ideias e autocríticas através da comunicação com as outras pessoas. Adorava ouvir e ver acender-se na minha cabeça a luz da compreensão ou a chama da indignação. Assim, além de continuar a investigação naquela que, ao longo dos anos, se tinha tornado a minha área de especialização, era isto que eu entendia por emprego de sonho.

Simplesmente, não sabia o que vestir.

– Pedi-te para vires cá porque precisava de uma segunda opinião sobre o que hei de vestir amanhã. Não posso propriamente pedi-la ao Jake ou ao Ed. Só vivo com eles há três dias. Ainda me achavam doida. Assim, contento-me contigo. – Jess tinha planeado passar o serão com o marido e as filhas e quase tinha conseguido levar o seu plano avante, o que significava que, quando apareceu em minha casa, estava embrulhada no seu impermeável, com galochas calçadas. Por baixo, trazia o pijama de lã cinzento que eu lhe tinha oferecido no Natal anterior – era igual ao meu. Enfiou-se logo na minha cama e mudou a televisão para a telenovela Emmerdale.

Jess arqueou a sobrancelha e virou a cabeça para mim.

– Ai contentas, D’Altroy?

– Contento. – As suas sobrancelhas expressivas não me assustavam. Muito.

– O que eu queria dizer era que não sabia porque me convidaste para vir cá a casa para isto. Ambas sabemos o que vais levar vestido.

Parei de andar de um lado para o outro.

– Ai sabemos?

Jess afastou os cobertores num movimento originado pela frustração, levantou-se da cama, dirigiu-se ao grande guarda-fatos de carvalho e abriu as respetivas portas.

– Muito bem, vejamos, então, o que há aqui dentro. – Mergulhou as mãos nas profundezas do guarda-fatos e tirou uma peça de roupa pendurada num cabide. – O que é isto? – disse ela, levantando o cabide para que eu pudesse ver.

– É a minha camisola branca de mangas compridas.

Jess atirou-a para o chão – a cama estava demasiado longe para que conseguisse acertar-lhe. Pôs novamente as mãos dentro do guarda-fatos.

– E o que é isto?

– É a minha camisola vermelha de mangas compridas.

– Hum hum.

Também foi para o chão.

– E isto?

– A minha camisola branca de decote em V – respondi, com irritação.

– Mas o que tem ela?

– Mangas compridas.

– Certo. – Para o chão.

– Então, e isto?

– É a minha camisola cinzenta.

– Terá, por acaso, mangas compridas? – interrogou Jessica, de modo sarcástico. – Ora

vejam só, tem, pois. Que grande admiração.

Pôs novamente as mãos dentro do guarda-fatos e tirou outra camisola.

– Diz-me lá, Ceri – declarou Jess, virando-se para mim –, notas um padrão a formar-se?

– Talvez – respondi, de modo mal-humorado.

– Longe de mim criticar, mas seria de pensar que uma pessoa que começa uma vida nova começa também por renovar o guarda-roupa.

– Ah, pois, fala a Sra. «Visto a Mesma Roupa Desde os Vinte Anos». Isso foi o quê, há quinze, vinte anos?

Jess, surpreendentemente, riu. Surpreendentemente, porque, em circunstâncias normais, ter-me-ia atirado alguma coisa.

– Ah, mas, sabes, eu não passei não sei quantos anos a trabalhar em revistas de moda. Seria de pensar que isso teria alguma influência.

– Tanto faz – disse eu, agitando os braços. – Ainda preciso de ajuda a decidir.

– Compreendo, não, a sério que compreendo. Hei de levar a camisola de mangas compridas de decote redondo ou a camisola de mangas compridas de decote em V? Estas decisões tiram o sono a uma rapariga.

– Queres cheesecake de chocolate ou não? – repliquei.

– Ceri, não interessa o que levas vestido – afirmou Jess. Sempre a mãe, começou a apanhar as camisolas que tinha deixado cair para o chão. – Quero dizer, quando fui tua professora, alguma vez reparaste no que levava vestido?

Refleti sobre o assunto. Já não me lembrava da roupa que ela vestia. Também não me lembrava de, em algum momento, ter pensado: Ena, ela não devia ter vestido aquilo.

– Creio que não.

– O meu princípio de base relativamente à roupa a levar para as aulas – voltou para a minha cama e enfiou-se debaixo dos cobertores, apoderando-se novamente dos comandos – foi sempre o de vestir aquilo que nos faz sentir confortáveis. Isto porque as pessoas reparam quando não paramos de mexer no cóis das calças ou na alça do sutiã.

– Mas achas que eles terão algum problema com o facto de nenhuma das minhas camisolas tapar o cóis das calças e de eu ficar sempre com uma parte da barriga à mostra?

– Não, querida, não me parece que eles fiquem sentados nos seus lugares, a dizer: «Que interessa o que Piaget preconizou? Olha só para a barriga dela».

Fui até ao meu guarda-fatos, abri a porta e tirei a minha camisola de mangas compridas predileta, a branca com um decote em V ligeiramente acentuado.

– Acho que vou levar esta, com as minhas calças de ganga azuis escuras – declarei, de modo decidido.

– Ótimo, fica-te lindamente – retorquiu Jess, sem tirar os olhos de Coronation Street.

– Sapatilhas ou sapatos?

– Sapatos.

- Porquê?
- Porque, seja como for, vais de sapatilhas.
- Engraçadinha.

Jess dignou-se desviar a sua atenção de Coronation Street e concentrá-la em mim.

- Digo-te, porém, o que devias levar.
- O que é? – Relanceei ansiosamente o olhar na direção do guarda-fatos.
- Os teus malditos óculos, senhora vaidosa. Não revelarás grande autoridade se piscares os olhos a toda a gente.
- Nós não falamos sobre eles – silvei. – Eles não existem e nós não falamos sobre eles.

Nunca.

- Está bem, Sra. Magoo.
- Grrr...

Num aspeto, Jess tinha razão: eu não precisava realmente de ajuda a decidir o que ia levar vestido. Tinha-a feito deslocar-se de Horsforth até minha casa porque precisava de companhia. De alguém a quem pudesse manifestar a minha preocupação. Não conhecia Jake e Ed suficientemente bem para me revelar perante eles. Pelo telefone, não resultava, o que excluía quase todos os meus amigos de Londres. A única pessoa que restava era Jess. Ela sabia isso e creio que foi esse o motivo da sua vinda. Era o meu namorado substituto nestas situações. Havia que dizer que eu, normalmente, não era dada a manifestar exteriormente a preocupação que sentia. Era mais dada a roer as unhas, olhar o vazio e, por vezes, rabiscar uma lista.

Mas também nunca tinha dado um salto tão grande no escuro.

Noutras situações, quando começava num novo emprego, havia sempre uma componente de puro pavor, pois constituía sempre uma progressão na carreira: primeiro, de subdiretora adjunta a subdiretora, sendo, depois, promovida a subdiretora superior, subdiretora principal e, por fim, diretora de colaborações externas. As minhas transições profissionais tinham-me sempre levado a ocupar cargos para os quais não sabia se tinha capacidade. Evidentemente, passava noites em claro, em pânico com a possibilidade de ser despedida, de ser «descoberta». Em comparação com isto, o que eu tinha sentido no passado não passava de uma pontinha de pavor. Uma pequena porção de medo que podia ser dominada ao pedir um organizador de secretária e enviar a primeira mensagem de correio eletrónico. Nesta aventura na docência universitária, um organizador de secretária não iria resolver o problema.

Mas que estava eu a fazer?

Era apenas uma ideia numa página. Tinha escrito o que queria fazer numa folha de papel, de acordo com as instruções dadas num dos meus livros de autoajuda/seguir os sonhos/Oprah. Ponha por escrito todos os seus sonhos. Se pudesse fazer qualquer coisa, o que escolheria? Vá, escreva. Mesmo que seja ridículo, escreva. Mais ninguém o lerá, logo, qual é o mal de o colocar no papel?

Qual é o mal? Eu digo qual é o mal. Depois de estar azul no branco, depois de estar

escrito, parece possível. Não parece tão ridículo, nem tão irrealista. E, quando algo parece possível, por mais vagamente que seja, começa a desenvolver-se. Como um bebé a desenvolver-se dentro de nós, a nossa ideia – o nosso sonho – desenvolve-se, recebe o que lhe oferecemos, alimenta-se de nós, ganhando forças, tornando-se, devagar, mas de modo seguro, parte de nós, até estar preparada para ver a luz do dia. Para se tornar algo palpável por direito próprio. Depois, sem que nos apercebamos, nada mais parece tão emocionante, tão importante ou tão meritório. Tudo o que fazemos nos remete para o nosso sonho. Faz-nos duvidar se a vida que levamos está ou não a ajudar a alimentar, a acalantar e a fortalecer o nosso sonho. Quando damos por nós, estamos no nosso quarto, a andar de um lado para o outro, preocupados com a primeira aula que vamos dar. Eu, a dar aulas na universidade. A sério. A tempo inteiro. Ou melhor, em três quartos do tempo, mas a tempo inteiro, em virtude do cargo que ocupava e do que me pagavam para fazer.

– Se não parares de torcer as mãos, vais ficar sem pele – comentou Jess.

Olhei para baixo; as minhas mãos torciam-se e retorciam-se enquanto andava de um lado para o outro. Nem tinha reparado.

Aproximei-me, fui para a cama, para junto de Jess, e fingi estar a assistir à Coronation Street.

– É melhor não nos mexermos muito – disse Jess. – O Ed e o Jake ainda vão pensar que estamos a ter um encontro amoroso.

– Era uma sorte – contrapus. Já não tinha sexo há algum tempo.

– E era mesmo, por me teres a mim.

– Ah-ah, ah-ah, ah-ah.

– Era uma sorte teres-me. Não sabes a dificuldade que o Fred teve em convencer-me a sair com ele?

– Sei. Disse-te «olá» e conquistou-te.

– És uma vaca descarada, D’Altroy – riu Jess.

Saí novamente de cima da cama. Não conseguia sossegar. As minhas entranhas revolviam-se, a minha cabeça não parava de pensar e o meu corpo também precisava de movimento constante. Comecei outra vez a andar de um lado para o outro, no quarto. Tinha sorte, aquele quarto parecia ter sido construído para passos inquietos.

– Sinto que cometi o maior erro da minha vida – confessei de repente.

– Maior do que teres ido viver com o Não-sei-quantos Toca-gaitas? – (Nunca pronunciávamos o nome do homem com quem vivi durante um ano, pois seria pedir que ele desse notícias. Seria como ficar em frente a um espelho e dizer três vezes a palavra «Candyman», quando se é protagonista de um filme intitulado Candyman. Por outras palavras, era pedir que a vida voltasse a ser destruída pelo maldito. Ou, ainda mais concisamente, era querer arranjar problemas.)

– Sim, ainda maior do que essa catástrofe.

Conheci o Não-sei-quantos Toca-gaitas quando andava a tirar o mestrado em

Jornalismo, em Londres. Estivemos juntos dois anos e passei a maior parte do tempo a perguntar-me porque estava com ele. Fui viver com ele quando terminei os estudos, depois de ambos termos andado à procura de um sítio onde morar e de ele ter sugerido que dividíssemos uma casa. Ainda estou convencida de que aplicou em mim uma espécie de Truque Mental Jedi, pois fiquei parada, a olhar para ele e a pensar: O quê?! Ir viver contigo? Não estamos nada na mesma onda, pois não? O que acabou, porém, por sair da minha boca foi: «Então, está bem».

Jess riu quando lhe contei que ele me tinha convidado para ir viver com ele. Quando lhe disse que tinha aceitado, desligou-me o telefone na cara. Afinal, tinha passado grande parte de um mês a dar-me instruções sobre como deixá-lo e era naquela noite que eu devia consumir o ato. Era naquela noite que eu devia fazê-lo desaparecer definitivamente da minha vida – e, conseqüentemente, da vida de Jess. Em vez disso, fui-me embora, tendo aceitado ir viver com ele. Tendo-o, no fundo, instalado ainda mais nas nossas vidas.

– Pelo menos, quando percebi que ele era o Príncipe dos Mortos-Vivos, pus fim à relação... – disse a Jess.

– A dada altura – interrompeu Jess. – Passado muito, muito tempo.

– Pronto, está bem, passado muito tempo. Mas a questão é que, naquela altura, eu não sabia que era um erro. Não propriamente. Pensava, de certo modo, que estava a tomar a atitude mais correta. Pelo menos, convenci-me de que estava a tomar a atitude mais correta. Em relação a isto... – A minha voz perdeu-se quando o pavor se apoderou novamente de mim.

– Em relação a isto, sentes-te perdida. É perfeitamente natural. Mas vê como era antes a tua vida. Lembras-te de como eras infeliz? Quase todas as pessoas que conhecias ou com quem falavas queriam que lhes resolvesse a vida; estavas envolvida em imensos dramas. Eu não conseguia acreditar em metade deles e, como sabes, vejo todas as telenovelas. Não conseguias desembaraçar-te de todas aquelas vidas. Mas, aqui, podes começar de novo, não podes?

Quanto a isto, Jess tinha razão. Eu tinha conseguido deixar-me arrastar para os dramas mais ridículos quando estava em Londres. Nenhum deles me dizia, porém, respeito. Nem um. Ao saber que eu ia partir, a maioria das pessoas tinha ficado em estado de choque. Não por ir sentir a minha falta, mas sim... enfim, digamos que, quando fui apresentar a demissão, a minha chefe ficou pálida, perdeu toda a cor natural e todo o seu rosto se transformou numa máscara de horror, digna de ser vista. Na verdade, fez-me lembrar aquele quadro horrendo intitulado O Grito, mas com mais cabelo. Fitou-me do outro lado da secretária, com o rosto magro, mas musculado, a contrair-se e a sofrer convulsões enquanto tentava falar. «Pensei que éramos amigas», conseguiu finalmente dizer, num sussurro abalado.

«Não posso continuar neste emprego», respondi, evitando habilmente a questão da «amizade». «Desculpa. Não é nada pessoal.»

«Não podias ter vindo ter comigo há mais tempo? Ter falado comigo? Pensei que éramos amigas.»

Lá porque eu sei que o teu marido tem de te chamar «Mamã» antes de poder ir para a cama contigo e que tiveste um caso com a irmã dele, isso não quer realmente dizer que sejamos amigas. Quer apenas dizer que sei muita coisa sobre ti. Sobre ti e sobre o resto deste escritório. Aliás, sobre o resto desta cidade, pensei sombriamente. Era assim. Não sei como, de alguma maneira, tinha-me tornado a pessoa a quem todos contavam os seus segredos. Era frequente as pessoas aproximarem-se despercebidamente da minha mesa, dizerem «Ceri, posso dar-te uma palavrinha?» de forma desesperada e o meu coração parar de bater por instantes. Inicialmente, pensava que tinha acontecido algo mau e muito importante. Quando percebi que raramente era esse o caso, o meu coração continuou a parar de bater por instantes, pois podia muito bem ser dessa vez que se passasse algo horrível. Levantava-me da minha cadeira, seguia-as até à zona dos fumadores, à entrada do edifício, com o coração acelerado no peito. «O que se passa?», perguntava.

Lançavam-se numa longa diatribe que não tinham tido coragem para dirigir àquele alguém que era causa da sua raiva. Eu ouvia, acenava com a cabeça, dizia «Ah, pois» nos momentos certos e, depois, quando acabavam, seguia-as de volta ao escritório, sabendo que elas se sentiam melhor por terem desabafado, mas não tendo ficado mais esclarecida quanto ao motivo de tudo aquilo. Era a Mulher-Caixa de Ressonância/ Alvo de Descargas de Mau Humor/Confidente de Todas as Horas e pretendia livrar-me dessa imagem quando comecei a seguir o desejo do meu coração. Não queria continuar a fazer aquilo. Tinha de ter vida própria. Na verdade, tinha de ter uma vida. Daí os Mandamentos. Pronto, tinha violado alguns deles com Claudine e Mel, mas isso seria retificado. Bastava não interferir.

– Suponho que sim – balbuciei, respondendo ao comentário e pergunta de Jess sobre começar de novo ali.

– Ceri, és uma obcecada nata pelo controlo, logo, é perfeitamente natural que fazer algo que nunca fizeste te perturbe. Ou te assuste.

Comecei a produzir os sons de uma mulher com falta de ar.

– Mas... mas – acrescentou Jess rapidamente – tantas pessoas passam a vida a desejar e a pensar como seria viverem o seu sonho. Tu fizeste-o. Estás a fazê-lo. É preciso ter uma coragem especial. Não imaginas quantas pessoas gostariam de ter a tua força. Ou de poder sair da sua rotina e correr esse risco. Mas aquilo que tu tens e que a maioria das pessoas gostaria de ter é a capacidade de apreciar chocolate tanto como eu. Por falar nisso, não me atraíste até aqui com a promessa de comer cheesecake de chocolate?

Parei de repente. Ui.

– Ora aí está uma coisa engraçada. Vais rir-te. Vais rir-te às gargalhadas... Jess, larga esse comando...

– Vais ficar bem, sabes – disse Jess mais tarde. Estava outra vez de galochas e impermeável, com Fred à sua espera na rua, dentro do carro, com o motor a trabalhar. – Há só uma coisa de que tens mesmo de te lembrar amanhã e todos os dias daí em diante.

– O que é?

– Os alunos não sabem que tu não sabes tudo, por isso, se te fizerem uma pergunta à qual não saibas responder, limita-te a dar-lhes música. Foi assim que sobrevivi ao meu primeiro ano de ensino.

Abraçou-me e foi-se embora.

Capítulo 5

orgasmo de vida

Senti uma debandada de elefantes no estômago enquanto andava pela sala antes de a aula começar, deixando quatro fotocópias em cada carteira. Dizer que estava nervosa era como dizer que a Madonna é uma pequena estrela pop. Nada tinha melhorado no tempo decorrido entre o momento em que Jess se tinha ido embora, na noite anterior, e aquela manhã. Quando muito, estava ainda pior. Tinha começado a ter fantasias loucas que pareciam pesadelos e visões bem nítidas do que podia correr mal. Era um dos motivos pelos quais estava a pôr fotocópias nas carteiras antes da aula.

A maioria dos professores distribui fotocópias à medida que a aula vai avançando, mas eu já tinha visto as possíveis armadilhas. Literalmente.

Primeira Hipótese: pego no maço de fotocópias, preparando-me para entregá-las a um aluno para que as passe aos outros, tropeço, caio e dou por mim estendida no chão, no meio de um monte de papel.

Segunda Hipótese: peço aos alunos que vão buscá-las, instala-se o caos, alguém entorna a minha bebida – necessária para que eu não fique com a língua colada ao céu da boca – e todos os meus acetatos ficam estragados.

Terceira Hipótese... Enfim, havia um número considerável de hipóteses. Já me tinha esquecido de quão fértil era a minha imaginação. Começava a pensar que, com o tempo, tinha enfraquecido de tanto a usar para visualizar Cupido a arranjar maneira de eu e Angel acabarmos juntos. Mas não, quando eu precisava de cenários de verdadeiro pesadelo, havia uma rica veia de horror à espera de ser solta.

Estava a distribuir fotocópias numa sala situada no cimo de um edifício em plena cidade universitária da All Souls. Era um bloco octogonal com um pátio pavimentado no meio, onde os estudantes se escondiam e almoçavam. A sala onde eu ia dar aulas não era enorme, não tanto como esperava depois da incursão na terra dos gigantes no dia anterior. A claridade entrava pelas janelas em arco, espalhando poços de luz pela sala. O teto era bastante baixo, o que era de admirar, tendo em conta as janelas. O piso também era em parqué, ligeiramente gasto, um chão obviamente já muito pisado, com zonas mais gastas do que outras.

As quarenta cadeiras, aproximadamente, com pequenas mesas presas de lado, estavam dispostas numa espécie de arco. Atrás de mim, estava um quadro branco, para escrever, para o que tinha de trazer os meus próprios marcadores não permanentes. Por cima e por trás das cadeiras, havia um vidro espelhado que ia de uma parede à outra, pois aquela sala servia também como laboratório de psicologia e, ao lado, ficava uma sala de observação. Felizmente, havia uma pesada cortina azul que podia ser corrida

para tapar o vidro e eu não teria de recluir-me ao espelho durante duas horas, nem ser observada por alguém enquanto dava uma aula de duas horas.

Sentei-me à beira da minha mesa. Parei apenas. Por um instante, parei. Aproveitei para respirar. Para respirar e para pensar no que estava a fazer. No que estava para vir.

Aconteceu. Uma paz absoluta invadiu-me. Bem no fundo da minha alma, um ser celestial tocou-me e senti paz. Eu era paz. Pura paz. De repente, fui inundada de força, de alegria e de felicidade. Era por tudo aquilo que ansiava quando aceitara aquele emprego. Senti-me completa. Plena. O momento tinha chegado. Eu estava lá, mesmo à beirinha. À beira de um orgasmo de vida. Só tinha sido acometida daquela sensação de pureza aquando de um orgasmo. Em pleno orgasmo, quando não somos senão pura emoção. Nada mais existe, além daquele momento de felicidade pura e simples, quando o corpo e a mente se entregam ao prazer imaculado. Era isso que buscava quando renunciei à minha vida em Londres. Naquele momento, sentada na mesa, senti. Senti como a vida devia ser. Como podia ser, se eu levasse aquilo por diante.

O primeiro aluno chegou cinco minutos antes da hora a que a aula devia começar. Alto, de uma magreza subnutrida, com cabelo comprido e oleoso e uma camisola larga vestida. Era o tipo de rapaz que se esperava que fosse o último a chegar à aula, mas não; entrou calmamente, cumprimentou-me com um aceno de cabeça e, depois, sentou-se ao fundo da sala.

A seguir, chegou uma rapariga com ar de endinheirada. Vinha a falar ao telemóvel cromado, com o cabelo castanho escuro cortado por tesouras bem caras e roupas como as que eu costumava ver constantemente nas páginas das revistas mais caras para as quais trabalhava. Sorriu-me, mas não ia acabar a conversa enquanto a aula não começasse. Seguiu-se um rapaz atarracado, com pronúncia de Liverpool, também de cabelo comprido, rodeado por um grupo de mulheres bonitas e faladoras que riam de algo que ele acabava, obviamente, de dizer. Sorriu-me ao dirigir-se ao canto mais distante da sala, sentou-se debaixo da grande janela e as mulheres ocuparam outros lugares dispersos na sala.

Continuou a entrar gente pela porta aberta: uma loura com uma permanente bem marcada; uma mulher mais velha com cabelo louro curto e um corpo delicado; um homem mais velho que tinha «tarado» rabiscado na barba pouco cuidada; outro homem mais velho, que tinha escrito nos olhos «simpatizante tacanho de Margaret Thatcher»; uma mulher com tranças negras que lhe desciam até ao traseiro; um homem que me fez lembrar George Michael na época dos Wham; foram sendo cada vez mais, até a sala ficar cheia com cerca de quarenta alunos.

Pus um sorriso encantador e acolhedor na cara para todos. Esperando ter um ar confiante, de quem possuía um talento inato, como se fizesse aquilo há milénios.

ORA BOLAS!, gritou o meu cérebro.

Já tinha dado aulas no ensino superior, mas com a consciência de que não voltaria a ver aquelas pessoas. Seria igual a centenas de professores convidados com quem elas se

cruzariam na vida: passageira, volúvel. Nadamais que a soma das notas na página, uma voz num gravador, um nome num manual. Era como uma aventura de uma noite. Tentávamos aproveitar enquanto a vivíamos, mas podíamos ser diferentes, extravagantes, atrevidos, até dominantes, pois nunca mais veríamos a outra pessoa. Era indiferente como nos comportávamos, pois seria apenas por umas horas. Com aquele grupo, pelo contrário, esperava-se que eu criasse laços. Tinha de lhes dar o meu número de telefone, de atender as suas chamadas, de revelar cada vez mais a pessoa que eu era. Tinha de criar uma espécie de relação duradoura com eles ao longo do ano que se seguiria.

Estava prestes a ser descoberta como a fraude que era. Não sabia nada de nada e era ainda menos capaz de transmitir conhecimentos, de garantir que entravam na cabeça dos outros e lá ficavam tempo suficiente para que escrevessem sobre eles nas dissertações e nos exames. Ia ser ridicularizada publicamente. Iam fazer troça de mim e apontar-me o dedo na rua. Iam cobrir-me de alcatrão e penas, rotular-me de mentirosa e impostora e, depois, atirar-me para as ruas de Leeds com a mochila às costas.

Muito bem, D'Altroy, afasta esse pânico. Acalma-te. Se não te acalmares, a tua linda camisola branca vai começar a encher-se de manchas de suor e, depois, ficará transparente. Todos poderão ver-te o su...

MEU DEUS, QUE DIABO FIZ EU?

Devia estar sentadinha em Londres, a ler qualquer coisa sobre maquilhagem, pensei. A este pensamento, seguiu-se rapidamente outro: Foge! Bem depressa. Deixa tudo como está e foge a sete pés.

Sorri a cada um deles, esperando até quase todos os lugares estarem ocupados. A maioria ficou a conversar entre si até que, por fim, uma quietude natural e, depois, o silêncio se instalaram na sala.

A Menina Endinheirada desligou o telemóvel.

SANTO DEUS!

Muito bem, sorri. Sorri, desgraçada. Agora, abre a boca e diz:

– Olá.

Rostos expectantes fitaram-me como se eu estivesse prestes a revelar o sentido da vida, do universo e de tudo. Como se eu fosse explicar que, na verdade, não eram quarenta e dois, mas sim noventa e oito, e tivesse provas. Ou talvez pensassem que eu ia dizer-lhes os números da lotaria da semana seguinte. Fosse o que fosse, cada rosto estava tão expectante que a voz me faltou quando disse roucamente:

– Chamo-me Ceri. Ceri D'Altroy. Está escrito nas...

A porta abriu-se violentamente e uma voz gritou do nada quando uma mulher entrou apressadamente:

– Peço imeeeensa desculpa. Peço imensa desculpa pelo meu atraso. O autocarro não apareceu. Tive de vir a correr desde a paragem de autocarros.

Foi rapidamente para o seu lugar, do outro lado da sala. Ninguém pestanejou. Era

óbvio que já era hábito nela. Eu, entretanto, tendo dado um pulo de susto, encostei-me à mesa com uma mão sobre a mesma e a outra agarrada ao peito e respirei como se tivesse estado a correr.

A turma não sabia se havia rir ou de ter medo.

Eu ri. Não consegui evitá-lo, depois de me ter esforçado tanto por ficar com o ar que uma professora devia ter e de tudo se ter desmoronado quando alguém me pregou um susto. Todos na sala desataram a rir também, de modo inquieto, até nos descontraírmos e rirmos normalmente.

Pronto, assim estava melhor. Com o riso, eu sabia lidar. Não diziam sempre que qualquer exposição ou discurso devia começar com uma piada? E era difícil haver algo mais engraçado do que a velha professora a ter um enfarte por alguém ter chegado atrasado.

– Muito bem – disse, sentindo o meu corpo relaxar-se um pouco –, como eu estava a dizer, chamo-me Ceri. Ceri D’Altroy. Vou substituir a Eva durante o resto do ano. Serei a vossa professora de História da Psicologia e irei também orientar sessões de estudo e fazer tudo o resto que a Eva fazia e de que ainda não tenho conhecimento. Nas folhas que têm à vossa frente, fiz um breve apanhado dos módulos, segundo o meu ponto de vista. Antes de entrarmos numa discussão mais pormenorizada sobre o que deviam ter feito, conforme fui informada pela Gwen, e o que efetivamente fizeram, gostaria de deixar algo bem claro.

Respirei fundo.

– Estou aqui para vos ajudar a aprender. Se não quiserem ler a bibliografia ou preparar material para as sessões de estudo, por mim, tudo bem. Não sou Deus nem vossa mãe, não posso obrigar-vos a fazê-lo. Mas o que fizerem ou deixarem de fazer refletir-se-á nas vossas notas. Para ser muito sincera, já tenho os meus cursos, por isso, sintam-se à vontade para se baldarem, inventarem desculpas e não fazerem o vosso trabalho. Não estou recetiva a subornos, por isso, no final, vocês serão os únicos prejudicados. Contudo, espero sinceramente que se interessem pela aprendizagem e que, ainda que não gostem, pelo menos compreendam a História da Psicologia.

Todas as minhas palavras pareceram muito calmas e descontraídas; julguei-me um cruzamento entre Robin Williams, no Clube dos Poetas Mortos, e Miss Jean Brodie na flor da idade. Experiente, mas «acessível»; amável, mas digna de respeito. Foi claramente por isso que proferi o meu discurso com o suor a escorrer-me pelas costas, fazendo com que a camisola branca de decote em V se colasse ao meu corpo.

Felizmente, não tinha chegado a escrevê-lo antes de o papaguear – sendo, provavelmente, a sílaba pa, comum a palerma, a parte essencial desta palavra –, pois seria triplamente triste se tivesse de ler a minha postura calma e descontraída perante a turma. Uma plateia de rostos fitou-me. Ainda estava para ver se o meu discurso tinha resultado, mas, por enquanto, ninguém parecia ter a intenção de sair. No fundo, isso era o mais importante.

Capítulo 6

o mundo de Ed

– Telefonaram para ti – disse Ed, o meu novo colega de apartamento, apenas com a cabeça a espreitar para dentro do meu quarto. Os longos cabelos louros caíam-lhe como batatas fritas ensopadas em óleo sobre o rosto magro e os olhos observavam-me como se eu fosse uma espécie alienígena.

Vivia ali há uma semana e ainda estava a ambientar-me à experiência de dividir uma casa, pelo que passava muito tempo no quarto, a ler, a trabalhar no material para os seminários ou a ver televisão. Não queria atrapalhá-los, sendo a rapariga nova da casa e tudo isso.

Ed e Jake, os meus dois colegas de apartamento, pareciam ser simpáticos. Contudo, pelo que me lembrava dos tempos em que dividia um apartamento, uma semana não chegava para saber. A maioria dos colegas de apartamento não era má, era amável e divertida – até pedirmos umas gotas de leite emprestadas e, de repente, levarmos uma pancada na cabeça e sermos enterrados antes de conseguirmos dizer «passadeira em que não se notam as manchas de sangue».

Já não dividia uma casa desde que tinha saído de Leeds, seis anos antes. Tinha vivido com o Não-sei-quantos Toca-gaitas durante um ano, quando estava em Londres, mas era diferente; aí, sentia-me em casa. Era «o nosso lar». Quando adquiri a minha própria casa e a nossa relação finalmente terminou, pude, durante mais de dois anos, andar nua pela casa, se assim desejasse, e, conforme veio a verificar-se, desejava mesmo, com bastante frequência. Não era nenhuma naturista excêntrica, simplesmente era mais fácil levantar-me da cama e responder ao chamamento da natureza ou pôr a chaleira ao lume sem ter de andar à procura de um roupão. Sobretudo porque vivia no primeiro andar e a maior parte das minhas janelas era tapada por árvores. Tudo mudou no dia em que fui encher a chaleira levando vestidas apenas umas cuecas pretas e, ao olhar de relance para a minha esquerda, pela janela de guilhotina com 1,80 m de altura, sofri um duplo choque.

Primeiro choque: o vizinho sinistro de baixo tinha cortado todas as árvores que tapavam a vista das minhas janelas.

Segundo choque: uma fila de pessoas na paragem de autocarros em baixo estava a olhar de boca aberta para as minhas mamas flácidas e para a minha tanga preta.

Desde então, passei a ter uma relação mais próxima com o meu roupão.

Apesar do exibicionismo perante a vizinhança, gostei de viver sozinha. Podia deixar a porta da casa de banho aberta para ouvir a aparelhagem de som ou a televisão quando estava no duche, podia falar sozinha a toda a hora e não dependia de ninguém para receber os recados que me deixavam.

Quando Ed apareceu para me dar o recado, estava enroscada na cama, a ver um episódio gravado de Angel. (Evidentemente, isto implicava correr as cortinas, acender as luzes de baixo, vestir o pijama e rodear-me de comida pouco saudável e cerveja. Assistir a Angel era como participar num ritual. Ed era um privilegiado; normalmente, quando começava, eu não estava para ninguém.)

– Ai sim? Quem? – disse a Ed, tendo carregado no botão para tirar o som do comando.

– Um homem. Dan? Hum... Derek? Drew? Sim, Drew. Disse que te ligava mais tarde ou para lhe ligares quando parasses, aah – surgiu um rubor nas faces de Ed – quando parasses, aah, de te babar, aah, para cima do Angel.

– Que imbecil! – retorqui. Estava demasiado indignada para me sentir constrangida por ter sido desmascarada pelo meu suposto amigo. Mais cedo ou mais tarde, Ed ia, obviamente, acabar por descobrir que havia um homem na minha vida; só não devia ter ficado a saber que o dito homem só existia no mundo de 48 cm da minha televisão, quando a nossa relação de pessoas que viviam na mesma casa ainda era tão incipiente. – Quando é que ele telefonou? – perguntei a Ed.

Ed corou mais um pouco e os seus olhos não paravam quietos.

– Hum, hoje à tarde. Queria, aah, deixar-te um bilhete, mas não achei nenhuma caneta. Depois, esqueci-me. Desculpa.

– Não te preocupes. Entra – cheguei-me para o lado para deixar espaço na cama para ele se sentar –, se quiseres.

Ed abriu a porta, entrou e empoleirou-se mesmo à beirinha da cama, pousando apenas alguns milímetros do rabo. Ed estava a fazer um doutoramento em Inglês na Met e gostava de heavy metal. A roupa condizia com o cabelo e a fama de apreciador de heavy metal: calças de ganga azuis escuras sujas e t-shirt preta com a fotografia de uma banda de heavy metal sinistra à frente. Por cima da t-shirt, trazia uma camisa de flanela aos quadrados vermelhos e pretos. Mas, por baixo da sujidade e da oleosidade, por baixo da roupa, era um rapaz giríssimo. Jovem e ainda sem marcas deixadas pela vida. Era visível nos olhos verdes claros, na pele suave e nos contornos do rosto. Só precisava de uma lavagem e secagem gerais.

Ed olhou de relance para o ecrã da minha televisão e sorriu quando viu aquilo a que eu estava assistir.

– É o teu namorado? O tal Drew? – perguntou Ed, voltando a concentrar-se em mim.

– Não – respondi. – É apenas um velho amigo. Isto é, um amigo de longa data e não um amigo velho.

Mereci um dos olhares inexpressivos de Ed. Eram um milagre da natureza: os olhos ficavam vidrados e o rosto tornava-se vazio quando fitava alguém. Talvez estivesse a calcular algo por trás daquele olhar ou a pensar se havia de fugir dali para fora.

– Tens namorado? – interrogou, cessando o olhar fixo.

– Não. Neste momento, estou numa pausa entre relações e entre namorados. E tu? Estás com alguém?

Acenou com a cabeça de modo soturno.

Inspirei profundamente.

Ed estava prestes a confessar-me algo profundamente pessoal. Ia fazer-me o que as pessoas me faziam no autocarro, no comboio, no café e no bar há anos: ia convidar-me a entrar no seu mundo. Ia arrastar-me para a sua vida, para os seus segredos mais íntimos.

Por um lado, era lisonjeador; eu era suficientemente digna de confiança para conhecer os segredos das pessoas. Por quase todos os outros lados, porém, era bizarro. Perfeitos desconhecidos abriam-me o seu coração. Contavam-me coisas que nem ao melhor amigo contavam. Era também cansativo, pois não podia limitar-me a ouvir e voltar as costas. Tinha de ouvir, depois tinha de dar a minha opinião, aconselhar, interferir. Daí os meus Mandamentos. Daí o facto de andar na rua sem estabelecer contacto visual com ninguém. Era mais fácil, a todos os níveis, parecer infeliz e sorumbática do que começar a interferir.

Àquela hora da noite, porém, estava demasiado cansada para resistir. Tinha de me deixar levar. Tinha de dar um passo gigante para dentro do mundo de Ed. Além disso, ele tinha feito por merecer a minha atenção, ao levar as minhas malas para cima no dia da minha mudança. Simplesmente não interferiria. Ouviria. Sem interferências. Eu era capaz.

– É complicado? – incitei.

– Não. Nem por isso. É bastante simples. Eu amo-a e ela nem sabe que eu existo.

Tratava-se, então, de um caso típico de amor não correspondido.

– Está a fazer um mestrado em Teatro, também na Met. Chama-se Robyn. Talvez já a tenhas visto. Já apareceu na televisão e isso, é lindíssima.

Tratava-se, então, decididamente, de um caso típico de perseguição.

– Mas é mais do que isso. É muito divertida. Já falei com ela, imensas vezes. É quase minha amiga. É muito simpática, inteligente, interessante e...

– Não precisas de justificar o que sentes por ela perante mim. Gostas dela e só isso interessa – interpus, antes que se lhe esgotassem os adjetivos. Para um estudante de Inglês, o seu vocabulário era claramente medíocre.

Toda a figura de Ed se relaxou.

– Quase todas as pessoas a quem eu conto acham que o meu interesse nela é puramente sexual, por ser tão bonita.

– Eu acredito que gostas dela. Mas permite-me que te diga que, mesmo que o teu interesse nela fosse puramente sexual, não fazia mal. Algumas das minhas melhores relações basearam-se unicamente na atração física. Às vezes, é assim que estas coisas acontecem. Não que seja esse o caso entre ti e a, aah – bolas, qual era o nome dela, qual era o nome dela? –, Robyn!

Ed, que, agora que tinha tirado um peso da alma, se sentia claramente mais à vontade na minha companhia e no meu quarto, inclinou-se para trás, apoiando-se nos ombros, virou a cabeça para cima e olhou melancolicamente para o teto.

– Ela é perfeita.

Apeteceu-me dizer-lhe que ninguém é perfeito; rotular alguém de perfeito era meio caminho andado para sofrer uma desilusão quando a falha de carácter fatal que prova a imperfeição se revela. Bastou-me olhar para o rosto de Ed para saber que não era o que ele queria ouvir. A maioria das pessoas não gostava de o ouvir. Preferiam ter grandes expectativas e, depois, vê-las goradas.

– Faz-me lembrar um verso de uma canção: «Sinto-me tão afortunado por amá-la, digam-me para que mais serve a magia».

Ele estava a citar Robert Palmer. Ed, o Ed do heavy metal, estava a citar Robert Palmer. Eu tinha menosprezado o que ele sentia por aquela mulher. Ninguém se socorria da letra das canções de Robert Palmer, a menos que tivesse sido apanhado nas teias do amor.

Sem qualquer aviso, o meu coração começou a ficar acelerado. Batia de forma deveras violenta, disparado na caixa torácica. O som invadiu-me os ouvidos e fez-me estremecer ligeiramente. Era isto que Ed sentia pela tal Robyn. As emoções que ele sentia eram profundas, isso era evidente. Robert Palmer tinha sido a primeira pista para eu perceber o que ele sentia. A cara com que ele estava agora, a expressão estampada no seu rosto, foi a que se seguiu.

Para lá do seu vocabulário limitado, estendiam-se insondáveis mares de emoção. Ela fazia-o sorrir, por dentro e por fora. Ele queria fazê-la rir, era frequente pensar em algo e querer telefonar-lhe para partilhá-lo com ela. Por vezes, deitava-se na cama, reproduzia mentalmente as conversas entre os dois, desfrutando o facto de ter estado com ela, sem saber que se passavam horas enquanto ficava ali deitado. Ela fazia o seu coração bater mais depressa só ao entrar na sala.

E o desejo. O seu interesse nela não era puramente sexual, mas...

Todas as células do meu corpo vibraram com a sua paixão. De repente, inexplicavelmente, fiquei excitada. Não me sentia assim há muito tempo. Nem da última vez que tinha tido relações sexuais tinha sido assim. Todo o meu corpo ardia de desejo. Um duche frio não ia curar isto. Não sabia como Ed conseguia chegar ao fim do dia com tudo aquilo acumulado dentro de si. Assistir a Angel agora seria má ideia – ainda saltava para cima da televisão.

Quando muito, Ed estava a ser contido na expressão dos seus sentimentos. Talvez lhe faltassem as palavras certas para explicar o que sentia. Pois, comigo, escusava de o fazer. Bastava estar sentada ao seu lado para perceber o que ele sentia.

– Então, ela não sabe que tu existes. O que vais fazer quanto a isso? – interroguei.

Ed ficou paralisado por instantes e, depois, virou a cabeça para mim.

– Fazer?! – Tinha contraído o rosto. – Fazer?!

– Vais convidá-la para sair?

– Não me parece – zombou.

– Porquê?

– Aah, talvez porque ela sai com atores e empresários. Até já saiu com um duque. É com esse tipo de homens que ela sai: homens famosos e importantes, não pessoas como eu.

As pernas doíam-me por estar sentada com elas cruzadas. Afastei os meus membros inferiores, levantei-me de modo algo vacilante por não estarem habituados a estar assim contorcidos e sacudi-os para restabelecer a circulação sanguínea.

– Como sabes que ela não sai com pessoas como tu, se nunca a convidaste para sair?
– perguntei a Ed.

– Simplesmente sei – disse ele com a convicção de um homem que sabia que alguém estava completamente fora do seu alcance.

– E se ela não sair com pessoas como tu, mas até sair contigo?

– Não seria esse o caso.

Visto que eu estava apaixonada por alguém que, por acaso, era um vampiro de 250 anos que existia apenas na minha televisão, não considerava que ninguém estivesse fora do meu alcance, logo, não percebia por que motivo Ed, conhecendo aquela pessoa, pensava assim. Quero dizer, se eu sabia que ia acabar com o dito vampiro, porque não haveria ele, então, de pelo menos convidar aquela mulher para sair?

– Há uma expressão que nós, os mais velhos, utilizamos – declarei, fitando Ed. – É algo parecido com «dos fracos não reza a história». Se agires como um cobarde nesta situação, irás sonhar com uma relação entre vocês dois até leres a notícia do casamento dela numa coluna social. Além disso, o pior que pode acontecer é ela recusar.

– Não, o pior que pode acontecer é ela rir na minha cara, mandar-me dar uma volta e, depois, mandar mensagens de correio eletrónico a todos os seus amigos e estes também troçarem de mim. Ou pode publicar a minha fotografia na Internet com uma transcrição da nossa conversa para que o mundo inteiro troce de mim – retorquiu Ed.

– Pode também aceitar e revelar-se uma grande vaca, o que quererá dizer que perdeste todo este tempo a amar à distância uma parva qualquer. Isso é que é o pior que pode acontecer.

– Não, a troça é, decididamente, o pior.

Ele tinha uma certa razão. Voltei a sentar-me na cama e a tapar-me com o edredão.

– Sei como te sentes.

Ed sorriu. Tenho a certeza de que pensou que eu não sabia o que era amar e não ser correspondido. Ficaria admirado. Os meus sentimentos não correspondidos não visavam unicamente personagens de ficção televisiva.

– Não, a sério que sei – tornei a assegurar a Ed. – Durante mais de nove anos, estive apaixonada por uma pessoa e é uma história muito, muuuuuiito, comprida, mas a versão resumida é que estou numa pausa entre relações. Por vezes, pontapeio-me a mim mesma mentalmente quando falo com ele. Ou quando ele deixa recados ao meu novo colega de apartamento.

– Ahhhh... O Drew! É o Drew?

– Sim. É o Drew.

Eu e Drew tínhamos frequentado as mesmas aulas de Psicologia e eu tinha começado a sentir uma enorme paixão por ele a partir do momento em que nos juntaram para fazer um trabalho, no primeiro ano. Depois desse trabalho, tínhamo-nos tornado amigos, mas, apesar de sermos muito próximos, nunca tinha percebido ao certo o que ele sentia por mim. Por um lado, passávamos horas ao telefone, a falar, muitas vezes, de sexo (algumas das nossas conversas eram tão pornográficas que raiavam o sexo pelo telefone), sentávamo-nos bem perto um do outro, dávamos longos abraços, olhávamo-nos fixamente demasiadas vezes. Ele aparecia frequentemente na casa que eu dividia com outras pessoas com uma embalagem de seis cervejas e um filme, que víamos no meu quarto, bem aninhados. Por outro, nada acontecia. Nunca. Nem enquanto estudávamos, nem depois. Por vezes, tinha a impressão de que ele estava a pensar em beijar-me, em dar o passo seguinte na nossa relação, sobretudo quando estávamos deitados na minha cama, a ver algo que ele tinha gravado, mas ele limitava-se a pensar. Nunca fazia nada. Cheguei, evidentemente, a ponderar beijá-lo, mas nunca sabia como seria recebida. É que, se eu tinha aprendido alguma coisa com os homens, era que, se gostassem o suficiente de uma mulher, nada, a não ser, talvez, um ato divino – e, mesmo assim, talvez fosse renhido –, os impedia de tomar uma atitude. Então, porque é que Drew nunca se aproximou e tocou os meus lábios com os seus, nem mesmo quando os seus braços me apertavam contra o peito? Porque não gostava de mim o suficiente. Era a resposta mais breve.

Ainda assim, embora eu o soubesse, embora tivesse aquela breve resposta, estava convicta de que, com o tempo, a situação mudaria. Ele saía com outras pessoas, eu também andava com outras pessoas, mas nenhuma das relações durava muito. Porque nós dois íamos acabar juntos, não íamos? Quando estávamos descomprometidos, namoriscávamos até mais não, pensando eu que era uma preparação para ficarmos juntos.

Há três anos, ele conheceu Tara, a namorada. Conheceu-a e, depois, ligou-me numa grande agitação, dizendo: «Ceri, aconteceu, conheci-a. Conheci a mulher com quem quero passar o resto da minha vida. Conheci a Tal».

Eu ouvia-o com interesse sempre que conhecia outras mulheres. Era o tipo de interesse que advinha do facto de saber que não duraria muito, porque, enfim, não era eu. Eu e ele estávamos destinados a ficar juntos. Estava escrito nas estrelas, no Domesday Book; praticamente em todos os lados para onde olhávamos, podia ler-se: «Drew & Ceri para sempre». Desta vez, era diferente. Notei-o na sua voz. O entusiasmo, a alegria e o espanto que sentia por ter conhecido a sua mulher ideal. Estava apaixonado. Ao fim de duas horas, estava apaixonado. Ela era, de facto, a Tal. Não era eu. Nem tinha qualquer semelhança comigo. (O Não-sei-quantos Toca-gaitas convidou-me para ir viver com ele cerca de seis horas depois de eu ter recebido aquele telefonema de Drew. A atitude mais acertada teria sido a de ir para a cama com uma garrafa de vinho e um pacote de lenços

de papel. Em vez disso, fui encontrar-me com o Não-sei-quantos Toca-gaitas. Talvez tivesse percebido, de repente, que o meu plano para a felicidade a longo prazo tinha partido em direção ao pôr do sol com outra pessoa e que eu precisava de um plano de recurso, do meu próprio companheiro de pôr do sol. O Não-sei-quantos Toca-gaitas tornou-se esse companheiro. Pode ter sido isso, mas eu, pessoalmente, prefiro o Truque Mental Jedi/Obra do Diabo como explicação.)

Jamais esquecerei o súbito horror que me assaltou ao ouvir as palavras de Drew. Apercebi-me, naquele preciso momento, de que, afinal, não íamos ficar juntos. De que, se lhe tivesse dito antes o que sentia, talvez o desfecho tivesse sido diferente. Não queria que o mesmo acontecesse a Ed. Nem a ele, nem a ninguém. Viver na incerteza não era vida. «Arrepende-te sempre do que fizeste e nunca do que deixaste de fazer», alguém disse um dia. Tinha razão.

– Ed, digo-te que nove anos de amor não correspondido que não dá em nada mais que uma amizade dói, dói bastante. Não gostaria nada de te ver desperdiçar a juventude como eu desperdicei, meu amigo. Convida-a para sair e, se ela recusar, pelo menos ficarás a saber. Poderás encontrar outra pessoa a quem desejar, isto é, a quem amar.

Ed ficou calado durante muito tempo, franziu ligeiramente os lábios e os seus olhos ensombraram-se; pela sua cara, estava a refletir profundamente. Os meus olhos voltaram ao ecrã da televisão e ao lindo, mas mudo, David Boreanaz. Assustei-me de modo comprometedor quando Ed voltou a juntar-se a mim no mundo dos falantes.

– Achas mesmo que devo convidá-la para sair?

– Acho – respondi. – Era o que eu faria. Mas só porque sei que mais doloroso do que a rejeição será olharmo-nos ao espelho dia após dia e perguntarmo-nos: «E se?». Há uma frase do filme Vem Dançar Comigo de que me lembro sempre que começo a acobardar-me perante algo. Reza assim: «Uma vida vivida a medo é uma vida vivida pela metade». E, sejamos sinceros, quem quer metade de uma vida quando pode ter uma vida inteira? É como comer metade de uma tablete de chocolate quando se tem fome para comer uma inteira e se tem uma inteira na mão.

– Está bem, está bem, está bem – balbuciou Ed, acenando lentamente com a cabeça.

– Enfim, Ed, agora tenho de ver o Angel, mas podes ficar à vontade.

Ed sorriu-me ironicamente.

– Não te importas?

– Claro que não. Mas nada de falar.

– Tens a certeza de que não queres desfrutá-lo, tu sabes, sozinha? – Ed agitou as sobancelhas de maneira sugestiva.

Agarrei numa almofada e bati-lhe com ela.

– Ouve lá, seu idiota atrevido, convidas a tal atriz para sair e, depois, já podes gozar comigo e com o que faço da minha vida, está bem?

Ed sorriu, aceitou a lata de cerveja que lhe ofereci e recostou-se na minha cama.

Abençoado sejas, mas continuas a precisar de uma transformação total.

E se?

Fazia-me esta pergunta muitas vezes. Muitas vezes. Ainda pensava, por exemplo: e se, para efeitos de acesso ao ensino superior, tivesse feito o exame de Literatura Inglesa em vez do exame de Ciência Política? Seria a jornalista com interesse pela política que me tinha tornado antes de fugir para Leeds? Ou seria outra pessoa? Ter-me-ia interessado pela Psicologia ou teria tirado um curso de Inglês? E se tivesse tirado um curso de Inglês, teria conhecido Jess? E se não tivesse conhecido Jess...?

Quando pensava nas possibilidades, ficava sempre com saudades de casa. Depois de falar com Ed, comecei a sentir saudades de casa. Não de Londres, não havia nada de que ter saudades em Londres. Os meus pais, a minha irmã, os meus irmãos, as respetivas famílias e alguns amigos estavam lá. Tinha-os deixado lá, mas, como não vivia com nenhum deles, não sentia a sua falta. Na verdade, talvez comesse a vê-los mais vezes, agora que não morava a uma hora de viagem. Talvez fosse exatamente de trezentos e vinte quilómetros de distância que eu precisava para ter vontade de visitar a minha família com maior frequência. Não, começava a sentir saudades dos meus tempos de faculdade. De todos os meus colegas de faculdade. Na verdade, tratava-se de saudades do passado.

Depois de Ed desistir de assistir a Angel e ir deitar-se (ou ouvir heavy metal baixinho), fui buscar os meus álbuns de fotografias e deitei-me na cama a vê-los. Fotografias dos meus quartos nas residências universitárias, fotografias da sala de estar da minha última casa de estudantes, a três ruas donde eu estava agora. Numa destas fotografias, eu estava de pé junto à lareira de pedra, com o meu longo vestido de baile de veludo azul e mangas compridas. Comprado especialmente – pela módica quantia de dez libras, na Oasis – para o meu baile de formatura.

Passei algumas páginas e surgiu uma fotografia minha e de Drew no baile de formatura, algumas horas depois. Ele estava com o seu elegante smoking preto, laço também preto, cabelo louro cortado rente e maçãs de rosto que lhe davam um ar um tanto efeminado. Eu estava tão apaixonada por ele quando aquela fotografia tinha sido tirada. Pelo menos, pensava que estava. Aquele amor intenso e ardente tinha-se mantido inalterado até há uns três anos. Como disse a Ed, passei a maior parte da minha juventude apaixonada por um homem que nem sabia que eu existia. Na fotografia, tínhamos as cabeças unidas, estando o meu cabelo curto, negro como azeviche, quase a tocar o que restava do dele, louro, e os nossos rostos a brilharem de suor, porque tínhamos passado metade da noite a dançar, e ambos dirigíamos largos sorrisos para a máquina fotográfica. Drew tinha o braço descontraidamente à volta dos meus ombros. Eu sabia exatamente como devia estar a sentir-me, diante de uma máquina fotográfica! É um sinal! Ele ama-me realmente. Talvez seja esta noite». Passei os dedos pelo plástico que envolvia a fotografia ao sentir mais uma ponta de saudade do passado. Ah, o jovem Drew e a jovem Ceri. Tão estúpidos. E nem a idade nos tinha feito ficar menos estúpidos. A mim, pelo menos, não.

Após o choque inicial provocado pelo facto de Drew ter conhecido a «Tal», que me levou a ir viver com o Não-sei-quantos Toca-gaitas, eu tinha entrado num processo de negação. Tinha desligado o telefone e ficado imenso tempo a olhar o vazio, até tomar uma decisão muito importante: Não vou pensar no assunto. De todo. Drew, o meu amor, o meu plano para a felicidade a longo prazo, tinha conhecido a mulher dos seus sonhos, logo, o melhor a fazer era entrar num processo de negação, discreta e calmamente, sem fazer alarido, e não pensar no assunto.

Como tinha decidido não pensar no assunto, não conseguia pensar em mais nada. Estava sempre presente, no fundo da minha consciência. A esperar, a dançar de um lado para o outro, a acenar com uma bandeira vermelha, exigindo atenção. Quando acordava de manhã, quando me preparava para ir trabalhar, quando estava a trabalhar, quando chegava a casa do trabalho. Quando fazia o jantar, quando jantava, quando via televisão, quando estava a ter relações sexuais, pensava no assunto. O meu estômago dava voltas; subia e descia, girava e retorcia-se. Tinha dificuldade em comer sem me sentir enjoada. Sentava-me à secretária, a rever textos, e dava por mim com a perna direita assente na ponta do pé, a abanar nervosamente. Tudo porque tinha decidido não pensar no assunto.

Três meses depois, esgotada pelo esforço e pelas náuseas que o ato de não pensar no assunto implicava, decidi pensar nele. Decidi libertar-me, deixar de ser uma martirzinha corajosa e mergulhar no sofrimento. Mergulhar nele, encará-lo, aceitá-lo. Podia, pelo menos, chorar por causa dele. Escolhi um fim de semana em que o Não-sei-quantos Toca-gaitas foi a casa dos pais (evidentemente, tinham uma casa enorme no campo, mas ele andava sempre a alegar pobreza). Quando ele se foi embora, a horas bem tardias, na noite de sexta-feira, provi-me de todos os utensílios necessários para chorar as mágoas que, anteriormente, me tinha negado – duas garrafas de vinho, um pacote gigante de lenços de papel e alguns CD adequados – e fui para a cama.

Só que a minha mente, retorcida como era, recusou ir-se abaixo. Não me deixou chorar, ficar deprimida e entregar-me ao sofrimento que a notícia de Drew me tinha causado.

Quando me deitei debaixo do meu edredão, com a repetição incessante do tema Can't Live If Living Is Without You como música de fundo, não houve descarga emocional. Nem desgosto físico. Nem lágrimas. Nem choro de boca aberta. Nem mesmo quando me esforcei. Só me lembrei dos defeitos dele. Daquele Drew, o homem com quem eu pensava que ia passar o resto da vida.

O meu cérebro continuou a desenterrar exemplos da sua canalhice sempre que o pensamento «mas eu amo-o» resolvia assomar à minha cabeça ridícula. Aninhava-se junto a mim, mas nunca tinha tentado nada comigo. Saía com outras pessoas e exibia-se perante mim (quantas vezes o tinha eu ouvido dizer que a sua última conquista era fantástica, sensual, boa na cama? Vezes de mais, ora aí está). Desaparecia da minha vida quando conhecia outra pessoa e só me telefonava para me pedir conselhos quando

estavam a atravessar uma crise. Tratava-me com indiferença durante dias a fio quando eu tinha uma relação mais íntima com alguém e recusava terminantemente ouvir-me falar dessa pessoa. (Quando confessei que andava com o Não-sei-quantos Toca-gaitas há três meses, Drew ignorou-me durante um mês inteiro. Não retribuía os meus telefonemas, não me mandava mensagens de telemóvel, nem de correio eletrónico, terminava as chamadas ao fim de um minuto quando o apanhava em casa. Nada, durante um mês inteiro.)

Não era, porém, só isso. Comecei a lembrar-me de que a maioria das suas namoradas me odiavam e eram ostensivamente mal-educadas comigo, talvez porque ele lhes dizia que eu tinha um fraquinho por ele. Não foi visitar-me quando passei uma semana no hospital devido a uma pneumonia – apesar de o hospital ficar a vinte minutos de autocarro. Uma vez, tinha-se esquecido do meu aniversário. Tinha-se esquecido de que eu, a sua melhor amiga, fazia anos. Certo Natal, depois de termos terminado os estudos, tinha reunido todos os nossos colegas numa festa e tinha-se esquecido de me convidar. A minha cabeça não parava. Quando o fim de semana acabou, eu até já odiava Drew. Sempre que pensava nele, rosnava mentalmente. Era um provocador emocional. Tinha-me dado esperanças, tinha-me levado a crer que, um dia, ficaríamos juntos. A culpa, porém, não era sua. Eu tinha sido enganada por todos aqueles filmes e livros que pregavam a paciência. Que nos diziam que, se esperássemos o suficiente, ele perceberia que éramos a pessoa certa para ele e desistiria de sair com ícones de beleza que lhe partiam o para-brisas por não lhes ter telefonado. (Sim, uma das suas namoradas já lhe tinha feito isso e eu tinha ido com ele substituir o vidro.) Não, ele haveria de descobrir que queria ficar com a mulher a quem recorria física e emocionalmente quando estava descomprometido.

De repente, apercebi-me de que ele tinha sido um sacana para mim, mas, como julgava amá-lo, não queria ver isso. No que me dizia respeito, a paixão pela «Tal» foi o derradeiro ato de traição. Não havia problema nenhum em conhecer a mulher ideal, em apaixonar-se, nem mesmo em perceber que queria passar o resto da vida com ela. Mas por que diabo fui eu a primeira pessoa a quem ele telefonou a contar? Porque não tinha qualquer respeito por mim, nem pelos sentimentos que tinha alimentado em mim. Era a resposta mais breve. (Eu tinha jeito para respostas breves, mas era a primeira vez que realmente prestava atenção a uma delas.)

Drew, o meu amado, era um sacana maldito que não merecia o meu amor, nem a minha atenção.

No sábado à tarde, por volta das quatro horas, afastei o edredão, saltei da cama e telefonei a duas amigas para irem ao meu encontro no Soho, para um almoço tardio. Sentámo-nos as três num café da Old Compton Street, em Londres, a beber vinho e a comer bolo. Depois, a saída evoluiu para uma ida a um bar, a uma discoteca e, depois, uma noite passada em casa de uma amiga, em Fulham. No dia seguinte, fomos almoçar a um bar e bebemos mais uns copos. Quando cheguei a casa, o Não-sei-quantos Toca-

gaitas estava de volta – nada impressionado com o meu estado de embriaguez às seis horas de uma tarde de domingo – e eu retomei o meu processo de negação.

Só que, desta vez, quando decidi NÃO PENSAR NO ASSUNTO, não pensei mesmo. Não fiquei enjoada, nem nervosa. Tinha atravessado o deserto, a ampla e árida paisagem que eram os sentimentos que nutria por Drew. Tinha conseguido ultrapassar os momentos mais difíceis, as miragens de copiosas reservas de água que eram os seus ciúmes por eu andar com outras pessoas; tinha conseguido transpor as dunas de mágoa que me faziam sentir que não valia nada quando ele conhecia outra pessoa; e tinha sobrevivido aos meses de anseio por uma ínfima gota de afeto que me humedecesse os lábios quando ele me ignorava. Agora, graças a um fim de semana de pensamentos negativos, apenas rodeada pelos catos do seu comportamento reprovável, eu avistava o outro lado daquele deserto e estava quase a chegar lá.

Dois meses depois, cheguei, finalmente, ao outro lado do deserto, quando, durante um telefonema, alguém me perguntou se tinha falado com Drew nos últimos tempos e me apercebi de que não tinha precisado de tentar esquecê-lo à força, porque ele nem tinha ficado gravado na minha memória.

Quando se está tão apaixonado por uma pessoa como eu estava por Drew, é muito difícil vê-la tal como ela é. Mas, depois de eu ter feito a travessia do deserto, Drew deixou de ser o homem incapaz de proceder mal. Deixou também de ser o homem que, um dia, acordaria e descobriria que me amava, porque isso nunca iria acontecer. Quando passei a vê-lo de forma clara, tornou-se um bom amigo. Um amigo propriamente dito, sem qualquer tipo de interrogações subjacentes. Tornou-se meu amigo, porque, enfim, aos meus amigos, perdoava quase tudo, mas não conseguia perdoar ao homem que supostamente amava o facto de nem sequer gostar de mim o suficiente para se atirar a mim. Não era extremamente embaraçoso? Podia acariciar-me, namoriscar-me, falar sobre sexo comigo, mas não podia sequer fechar os olhos, pensar em Leeds e beijar-me em cheio na boca.

Uma parte de mim agarrou-se à ideia de que Drew foi o homem que me escapou, de que não voltaria a sentir o mesmo por ninguém – volvidos três anos, percebi que, na verdade, não queria que tal acontecesse. Porque aquilo não era amor. O amor é algo bilateral, mas entre mim e Drew tinha sido completamente unilateral. Se ele me amasse, nem que fosse só um bocadinho, não me teria provocado emocionalmente.

*

Passei mais umas páginas do álbum de fotografias. Tínhamos todos um ar tão jovem.

Parei numa fotografia que Drew me tinha tirado alguns dias depois do nosso último exame. Estava deitada na relva, em Hyde Park, de óculos de sol, com um enorme sorriso no rosto e a apontar-lhe dois dedos. Naquela altura, estava com bastante boa aparência, modéstia à parte. Estava feliz. Tinha acabado os exames finais e só passadas algumas

semanas saberia os resultados. Tinha o mundo a meus pés. Tínhamos ido em grupo para o parque jogar uma partida de rounders e eu tinha feito uma pausa, deitando-me na relva sem me preocupar com as manchas no meu vestido vermelho curto (com calções de ciclista por baixo, por uma questão de decência).

Quando uma sombra pairou sobre mim, abri os olhos e vi Drew por cima de mim, com a máquina fotográfica a postos. No preciso instante em que carregou no botão, apontei-lhe os dedos.

Na verdade, naquela fotografia não estava assim tão diferente do que sou hoje, especialmente para quem visse outras fotografias minhas da mesma época. Mas quem visse a fotografia e, depois, olhasse para mim... Estava mais velha. Não estava particularmente enrugada (as rugas não eram, para mim, motivo de preocupação), só estava mais velha; suponho que a minha experiência de vida era visível no meu rosto. Tinha dirigido um departamento de uma revista feminina. Tinha ficado a saber que o amor tinha de ser bilateral para ter algum significado. Tinha descoberto que preferia ficar em casa a ver um filme a sair para o «engate». Depois, evidentemente, vivi com um homem que fiz desaparecer de todas as fotografias em que ele tinha conseguido infiltrar-se. Simplesmente porque contrariava tudo aquilo em que sempre tinha acreditado, como adorar tirar fotografias, registar em imagens cada momento da minha vida. Tê-las ao meu dispor para recordar o passado em caso de saudades. No que se referia ao Não-sei-quantos Toca-gaitas, simplesmente não suportava lembrar-me do maior erro da minha vida. Como se não bastasse ter dormido com ele durante dois anos, queria também vê-lo? Não. Mais uma resposta breve.

Fechei o álbum de fotografias. Não tinha acabado de dizer a Ed que viver na incerteza não era vida? Pois... talvez não o tivesse dito, mas era minha intenção fazê-lo. Estar constantemente a ver o meu álbum de fotografias também não era modo de viver em Leeds. Tens de olhar em frente, lembrei a mim mesma.

Assim farei, depois de ver mais uns episódios de Angel...

Capítulo 7

desabafos

Antes de chegar a Leeds desta vez, tinha decidido dar uma oportunidade à saúde e ao bem-estar. Dedicar algum do meu tempo e esforço ao que, provavelmente, devia surgir com naturalidade. Nada de cometer loucuras, nem de me tornar uma viciada em ginásio, nem sequer de tentar emagrecer ou de começar a ir atrás do mítico sonho de «refirmar o corpo». Apenas me agradava a ideia de poder subir mais de dois lanços de escadas sem produzir o som de burro asmático de alguém que fumava trinta cigarros por dia desde os dezasseis anos. Era francamente embaraçoso que Jess conseguisse subir escadas sem fazer lembrar minimamente um burro quando fumava trinta cigarros por dia desde os catorze anos.

O ginásio da cidade universitária, um anexo independente, adequava-se aos meus objetivos – éramos recebidos à entrada por uma fila de passadeiras, ladeada à esquerda por um grande punhado de bicicletas estáticas. À direita, era a zona de levantamento de pesos e das máquinas de remo; mais adiante, descendo um pequeno lanço de escadas, havia uma piscina e um ginásio para circuitos de treino.

No meu primeiro dia na faculdade, tinha lá ido logo após a última reunião com Sally, a única professora que faltava na minha lista de contactos desse dia. (Sally tinha sido adorável. A reunião com ela tinha ficado para o fim porque iríamos dividir um gabinete. De entre os quatro professores que eu tinha conhecido, era a única que parecia saber utilizar frases curtas.) Nessa noite, familiarizei o meu corpo com o equipamento e os hábitos do ginásio.

Não era uma informação que gostasse de divulgar – era, sim, um segredo vergonhoso que tinha enterrado e procurado esconder –, mas já tinha sido sócia de um ginásio.

Na altura, também estava na faculdade. Era jovem, impetuosa e facilmente influenciável. Como se isso não bastasse, tornei-me sócia e, depois, etc. e tal, passei a frequentá-lo com regularidade. Aliás, para cúmulo, frequentava-o dia sim, dia não. Em dias alternados, praticava aeróbica.

Fora, porém, uma inscrição motivada pela necessidade. Todas as pessoas que conhecia tinham ido viajar durante o verão, regressado à terra natal ou terminado os estudos. Todos tinham vida própria. Eu não tinha. Nesse verão, tornei-me deprimentemente magra e saudável. Deprimentemente, porque teria para sempre gravada algures na minha memória a imagem da minha aparência quando cuidava do meu corpo, praticava exercício, bebia menos e dormia mais. Por mais que gostasse de ter sempre os olhos brilhantes, a pele lúidia e um corpo de tamanho 36, preferia ter vida própria, estar com os meus amigos, beber álcool, comer o que me apetecia e ver televisão. No que me dizia

respeito, era uma troca justa.

Agora, estava novamente perdida. Enquanto Drew exercia a profissão de consultor administrativo em Leeds, vivia em York. Assim, nos dias em que saía a horas do trabalho, gostava de ir diretamente para casa para estar com a namorada. Além disso, quando, finalmente, percebi o provocador emocional que Drew era, deixei de lhe telefonar tantas vezes. Não precisava de lhe ligar para saber se estava tudo bem ou apenas para ouvir a sua voz. Não precisava de lhe ligar para me rir um bocado. Ele era apenas um bom amigo com quem eu não falava com muita frequência.

O meu único e verdadeiro apoio naquela cidade era Jess. E também ela gostava de estar com as filhas e com o marido com bastante frequência. Com apenas meia dúzia de pessoas conhecidas em Leeds e a consciência de que levaria algum tempo a conhecer mais – sobretudo se a questão de Mel/Claudine/almoço/pata na poça fosse um indicador a ter em conta –, fui obrigada a refugiar-me, uma vez mais, no abraço profundamente enérgico do ginásio.

Desta vez, porém, corria na passadeira e andava de bicicleta só para exercitar os pulmões. Para fazer com que o meu sistema cardiovascular funcionasse devidamente. Nada mais. As minhas mãos e o meu corpo não iam sequer aproximar-se de pesos ou máquinas complexas. Eu conhecia bem a minha maneira de pensar; bastaria um movimento em frente ao espelho no momento oportuno para me lançar numa tentativa de recuperar o corpo do último ano de faculdade.

Não fosse o meu corpo decidir ficar mais tempo do que o necessário no ginásio, levei uma roupa bem ridícula: calções de ciclista azuis escuros com margaridas estampadas e uma camisola larga que tinha escrito «Michigan State». As minhas meias pretas estavam enroladas até pouco acima dos tornozelos e as sapatilhas já tinham tido melhores dias. Para evitar que o meu cabelo negro e curto frisasse, tinha-o coberto com um lenço. Não se podia dizer que estivesse deslumbrante. Sinceramente.

Estava com um pé de cada lado da parte da passadeira que se movia quando a programei para 30 minutos.

Parei e olhei para o ecrã de LCD. Era ambicioso de mais para a primeira vez que ali ia desde há oito anos.

Premi o botão para apagar e, depois, digitei 10 minutos. Fracota. És uma grande medricas.

Pronto, ficaram, então, 20 minutos. Sou capaz de fazer vinte minutos. Sem problema algum.

Concentrei-me no ecrã de televisão que tinha à minha frente. Estava a dar Os Simpsons. Mas sem som. Como música de fundo, em todo o ginásio, vibrava o ritmo constante de algo animado e do estilo funk. Destinava-se a marcar o compasso dos movimentos. A motivar e a fazer mexer. A génese do movimento perpétuo. Optei pela marcha acelerada, mas não ao compasso da música. Se não tivesse cuidado, aprenderia a dirigir-me ao ginásio sempre que ouvisse aquela música. Tinha-me tornado um animal

de tipo pavloviano, não a salivar sempre que ouvia passos por pensar que a comida estava a chegar, mas a querer correr para toda a parte, só por ter ouvido uma música mexida num carro a passar. E o...

– Olá, Ceri? – Uma voz interrompeu os meus pensamentos.

Sem abrandar a marcha, virei-me para a pessoa que tinha falado.

AAAGGGH! Claudine. Maldição.

Devia ter calculado que ela frequentava aquele lugar. Eram raras as pessoas que ficavam com aquela aparência alongada e esbelta, com uma pele corada e lúida, sem ir habitualmente ao ginásio. Evidentemente, na primeira noite em que consegui ir ali, desde que tinha recebido o meu programa de exercício, ela apareceu. E logo na passadeira ao lado da minha. Eu tinha passado os últimos dias atenta à presença dela e de Mel para, depois, fugir. Bem depressa. Ainda estremecia fisicamente ao pensar em como tinha conseguido meter a pata em cheio na poça. Não queria voltar a fazer o mesmo. Eis o resultado.

– Olá – disse de modo animado. Demasiado animado. Soou a falso. Como se andasse a evitá-la e, agora, estivesse a tentar compensar esse facto de forma exagerada. Evidentemente, era mesmo isso que estava a fazer.

– Estás bem? – Ela estava com as pernas bem afastadas, com ambos os pés assentes na plataforma ao lado da parte da passadeira que se movia. Tinha parado de introduzir informação no visor da passadeira. – Parecias bastante fervorosa ainda agora. Estás incomodada com alguma coisa?

– Não. – Saltei como se estivesse a saltar ao eixo, de modo a sair da passadeira rolante e ficar com um pé de cada lado desta. Tinha o coração acelerado no peito e todo o meu corpo palpitava na minha tentativa de respirar mais oxigénio. – Estou bem. Sem fôlego, mas bem.

O rosto de Claudine tornou-se o retrato da preocupação ao dizer:

– Parecias estar a pensar em alguma coisa, só isso. Se quiseres, podes contar-me.

– Eu, aah, por acaso, estava a pensar nos cães de Pavlov, nas lavagens ao cérebro, na música e na possibilidade de submeter as pessoas à mesma lavagem ao cérebro a que Pavlov submeteu os cães, mas através da música.

A preocupação de Claudine transformou-se em medo. A cada momento que passava, ela tinha-me em menor consideração.

– A sério? – perguntou.

Acenei com a cabeça, ciente de que parecia uma louca rematada.

– Infelizmente, sim. Não tenho assuntos importantes que me ocupem o pensamento, como, por exemplo, um namorado.

– Pois. – Claudine carregou no botão vermelho no visor da sua passadeira para pô-la a funcionar, saltou para cima dela e, depois, começou a andar. – É melhor não arrefeceres muito, a menos que vás parar.

Saltei novamente para cima da passadeira e continuei a andar.

Linda como era, Claudine era, claramente, prova da minha teoria da relatividade da atividade desportiva. Tinha um equipamento de marca, moderno e atual, que era obviamente usado. Ao fim de cerca de dois segundos a aquecer, ou seja, a andar energicamente, o que eu ainda estava a fazer, começou a correr. A princípio, devagar, sendo cada passo cuidadosamente pensado e habilmente dado na máquina. Era óbvio que já tinha feito aquilo antes, várias vezes, com regularidade. Logo, não tinha vida própria. A pior parte de vê-la correr, à medida que foi aumentando o ritmo, com os braços magros a darem-lhe impulso e as pernas longas e elegantes a mexerem-se sem qualquer flacidez, era não haver humidade à vista. Eu? Ao fim de cinco minutos a andar energicamente, o meu corpo suava em bica. Cada onça (ainda não tinha conseguido aplicar o sistema métrico aos meus pensamentos) de humidade que havia em mim estava a aflorar à minha epiderme externa. Claudine nem teve a decência de «corar», apenas aumentou o ritmo, correndo. Ora, isto não passava de uma ideia. Correr numa máquina de correr.

Os meus pés começaram a acelerar. Não queria ser ultrapassada. Era o meu orgulho que estava em jogo. Os meus pulmões, claramente esquecidos durante a aula que tinha suscitado em mim um sentimento de orgulho, protestaram quase de imediato. Manifestaram o seu desagrado no meu peito. Desapareçam!, respondeu o meu cérebro. Ninguém nos ultrapassa.

Controlei Claudine pelo canto do olho – sempre que ela aumentava o ritmo, eu fazia o mesmo. Igualava-a passada por passada, passo por passo. Não tardámos a estar a correr de forma equiparada. Ambas avançávamos em direção à meta imaginária, lado a lado. Enquanto ela, por fim, tinha começado a corar, rios de transpiração corriam pelas minhas costas abaixo, fazendo com que a camisola se colasse ao meu corpo, e mares da mesma caíam em cascata do meu rosto.

– O que fazes após o exercício? – perguntou Claudine, por cima do barulho das passadeiras. A filha da mãe falou no seu tom de voz normal e até conseguia respirar.

– Hum hum hã? – retorqui.

– Pois. Hoje, só vou fazer uma hora. Estava a pensar se quererias ir beber um copo depois.

Tentei falar, mas os meus pulmões negaram-se (tinham entrado em greve desde que o meu cérebro os tinha mandado passear). Acenei antes com a cabeça.

– Há quanto tempo estás a fazer exercício? – interrogou ela.

Desisti e abrandei. Nunca a venceria naquela corrida. Olhei para o ecrã de LCD. Mostrei três dedos.

– Há três minutos.

– Não estás a fazer mais nada? – inquiriu.

Abanei a cabeça.

– É melhor fazeres também levantamento de pesos...

De repente, a situação ficou feia. Claudine começou a proferir declarações sobre mais

atividade física. Exercício, levantamento de pesos, natação, tónus muscular, resistência...
Porque não me insultas de uma vez e acabas com isto?

A cerveja soube-me divinalmente na língua, na boca, descendo-me pela garganta. Bebi-a rapidamente assim que o copo gelado me tocou no lábio inferior. Claudine fez praticamente o mesmo com o seu copo de vinho.

Quase disse: «Vês, não é melhor?». Tinha-a demovido da tolice do «exercício físico» e recusado terminantemente sentar-me à mesma mesa que ela se pedisse uma bebida não alcoólica.

- Felicidade servida num copo – arquejei, dando, finalmente, descanso à minha bebida.
- Até tens uma certa razão – disse Claudine.

Ambas suspirámos profundamente perante o prazer que o álcool podia proporcionar e, depois, ficámos em silêncio enquanto pensávamos na facilidade com que nos serenávamos. Claudine deixou que o silêncio entre nós perdurasse mais alguns instantes antes de perguntar:

- Há pouco, no ginásio, estavas mesmo a pensar em Pavlov?
- Hum... estava.

– Entendo – retorquiu, fitando-me com desconfiança. Sorveu mais um pouco da sua bebida. – Suponho que, sendo psicóloga, tenhas esses pensamentos constantemente. Uma espécie de ossos do ofício?

Era isso... e também o facto de existir, dentro da minha cabeça, um mundo louco e assustador. Uma vez, passei quase uma noite inteira a refletir sobre os pormenores e possibilidades de uma agressão mortal com uma colher de chá. Tinha visto uma notícia sobre uma agressão mortal com um martelo e daí decorreu o processo de reflexão sobre a colher de chá. Naturalmente.

- Sou professora de Estudos Culturais e Contemporâneos – declarou Claudine.
- Ah. Então, há quanto tempo dás essa cadeira? – perguntei.

– Desde que terminei os estudos na Met. O meu orientador aconselhou-me a pensar em fazer o doutoramento, devido aos excelentes resultados que obtive ao longo dos três anos. Assim, inscrevi-me num doutoramento na All Souls e, por fim, quando perceberam que não se livravam de mim, deram-me emprego. Já exerço convenientemente tais funções há dois anos.

- E gostas?

– Gosto e não gosto, como na maioria dos empregos que consigo imaginar. Há bons e maus momentos.

– Percebo o que queres dizer. Foi por isso que acabei por deixar o meu emprego em Londres. Descobri que os maus momentos estavam a tornar-se cada vez mais duradouros e os bons eram tão raros que praticamente tinham deixado de existir.

- O que te levou a tomar essa decisão no momento em que a tomaste?

– Não houve uma única razão. Creio que as razões se foram acumulando. Depois,

alguém disse alguma coisa e eu, de certo modo, percebi o que tinha de fazer.

– Céus, deve ser uma pessoa maravilhosa. Quem foi e o que disse?

Claudine já me achava estranha e eu não ia tentar impressioná-la, mas, como a maioria das pessoas, ela não iria compreender toda a questão de ter sido «a Oprah a dizer-me para o fazer». E será que eu queria mesmo continuar a repetir esta frase quando já estava bem próxima dos trinta?

– Ah, não foi ninguém importante – respondi. – Mas foi divertido poder recomeçar. – Divertido e assustador.

– E este é um lugar agradável para trabalhar. Pequeno, intimista. É como que uma faculdade familiar. Gosto de dar aulas aqui.

– Parece ser agradável – concordei.

Claudine sorveu a sua bebida.

– O que se passa entre mim e o Mel é complicado. O caso não é tão simples quanto sermos amigos e estares enganada a nosso respeito. É... é tão complexo.

Não fiquei espantada com esta mudança de assunto – nada espantada. Quem estava prestes a convidar-me para entrar na sua vida, quando não tinha pequenas atitudes estranhas como a de Ed, algumas noites antes, simplesmente desabafava comigo. Parava a meio da conversa e desabafava.

Eu tinha demorado a perceber o que estava por trás de tais confissões e desabafos sinceros. Quando os homens me confessavam espontaneamente que eram descomprometidos e queriam assentar/conhecer a mulher certa/apaixonar-se, pensava que estavam a atirar-se a mim de forma dissimulada. Cheia de entusiasmo, contava às minhas amigas e, por vezes, chegava mesmo a convidá-los para sair. Só percebi o que se passava depois de vários homens terem fugido ao serem confrontados com a ideia de sair comigo e ainda mais terem passado a «saída romântica» a partilhar comigo os seus sentimentos, pensamentos e problemas, em vez de me namoriscarem. Eu tinha marcado uma simples saída à noite com a possibilidade de uma troca de carícias no fim; eles queriam uma confidente, alguém que não hesitasse em dar conselhos. Ou, na falta disso, o número de telefone da mulher lindíssima com quem sonhavam há séculos.

Eu não era parva, apenas sonhadora. Ainda não tinha aceitado completamente que Cupido, Vénus, Eros ou quem quer que ditava as regras do amor tinha algo contra mim. Vivia na constante esperança de que um homem quisesse sair comigo por eu ser quem era. Não uma psicóloga a quem não tinha de pagar.

Em relação às mulheres, não tardei a descobrir que os seus desabafos profundamente íntimos não implicavam uma contrapartida; não eram precursores de uma amizade duradoura e/ou significativa. Elas não queriam conhecer as minhas histórias e preocupações, não estariam ao meu lado nos momentos de transtorno ou quando eu precisasse; o que queriam era que alguém que não fosse sua amiga as ouvisse. Alguém que não pudesse condená-las como uma amiga talvez fizesse. Não largavam Ceri, a ouvinte, a pessoa que não esperaria que lhe retribuíssem o favor da mesma maneira.

Por vezes, irritava-me, normalmente quando tinha um ataque de pânico às quatro horas da manhã e sabia que, se Jess não estivesse por perto para me ouvir no dia seguinte, andaria com o peso daquele pânico em cima dos ombros durante dias e semanas, porque, no fundo, mais de metade das pessoas que constavam da minha agenda telefónica não queriam conhecer os meus problemas.

Tal descontentamento era, porém, meramente ocasional. Na maior parte das vezes, limitava-me a tolerar aquela realidade. Que mais havia eu de fazer? Dizer-lhes que não estava interessada?

– O que queres dizer? – perguntei a Claudine, a última pessoa a desabafar comigo.

– Nós... bem, somos muitos próximos – disse Claudine.

– Entendo – retorqui.

Claudine fez incidir os seus olhos escuros e ardentes sobre mim, avaliando se eu aguentava ouvir a verdade. Como se fosse possível adivinhar, pela minha aparência, a minha força de espírito. Queixo fraco, espírito fraco.

– Sabes guardar um segredo? – perguntou Claudine.

Mesmo que não soubesse, dificilmente daria uma resposta negativa, não era? Muito provavelmente, não teria noção de que não sabia guardar um segredo. Por acaso, eu até sabia guardar um segredo. Sabia guardar vários milhões de segredos. A minha cabeça parecia o Fort Knox dos segredos, tirando, evidentemente, o facto de ninguém tentar abrir-me a cabeça à força para roubar os objetos de vinte e quatro quilates que ela encerrava. Pelo menos, por enquanto.

– Sei – respondi.

Claudine bebeu um pouco de coragem francesa.

– A questão é que... – mais coragem pela garganta abaixo – no ano passado, isto é, há uns meses, na altura do Natal... – um grande gole – eu e o Mel, enfim, nós...

Fizeram amor? Levaram a roupa interior um do outro para o trabalho? Atingiram o limite dos cartões de crédito a comprar gelado?

– Beijámo-nos.

Pois. E isso é mau, é?

– Foi a primeira vez que aconteceu?

– Foi um pouco mais do que um beijo.

O erro foi meu, não volto a interromper.

– Aliás, foi bastante mais.

Sorvi um gole da minha bebida.

– Ficámos praticamente nus.

Sorvi mais um gole da minha bebida.

– Na cama dele.

Outro gole.

– E ficámos completamente nus.

Foi um beijo e tanto, pensei, enquanto a observava por cima do rebordo do meu copo.

Claudine olhou-me nos olhos ao fazer a revelação bombástica que se seguiu.

– Mas não tivemos relações. Eu não quis fazer isso ao meu namorado e o Mel não quis fazer isso, aah, à mulher.

– O Mel é casado? – perguntei. Parece que me lembro de ele ter dito: «Não estou com ninguém em especial».

Claudine girou o pé do seu copo de vinho entre o dedo indicador e o polegar; com a outra mão, puxou madeixas do seu cabelo rente em torno do rosto.

– Eles separaram-se pouco tempo depois, sabes.

Não tiveram relações?

– Ah. Pois.

– Como já disse, é complicado.

– Parece que sim. Que tal eu trazer a próxima rodada e tu pensares na forma menos complicada de me contares?

– Traz-me um copo grande de vinho – gritou-me Claudine. – Deixo o carro na faculdade e vou de táxi para casa.

No bar do restaurante Fox & Hound, junto à estação de comboios de Horsforth, ressoava uma sombria melancolia, que se devia sobretudo ao interior em madeira escura e aos vitrais em calha de chumbo das janelas. Estávamos sentadas no maior dos dois recantos, donde se podia ver o balcão. Tínhamos repousado as nossas carcaças exercitadas em bancos bem almofadados junto à lareira vazia.

Pus-me em cima da barra para apoiar os pés e inclinei-me sobre o balcão, esperando que o empregado me atendesse. Enquanto esperava, examinei a única pessoa que estava ao balcão, além de mim. Também estava inclinado sobre o balcão, à espera que o atendessem, mas a sua altura permitia-lhe dispensar a travessa cromada. O seu corpo, inclinado como estava sobre o balcão, transformava-o numa linha lisa, como fáceis e suaves traços de pincel numa página. Se eu deixasse a minha vista ficar turva, ele ficaria tingido de cores e manchas sobre a tela escura do bar. Mais agradável esteticamente do que se o fizesse com outras pessoas presentes no bar. Parei de o observar antes que ele me apanhasse e eu desse por mim numa daquelas situações de contacto visual. Concentrei-me antes em chamar a atenção do empregado de balcão. Este estava a preparar atarefadamente uma grande rodada. Talvez eu levasse duas rodadas de uma só vez; assim, evitaria interromper a história de Claudine com algo tão injustificado e irrefletido como ir buscar mais bebida.

Senti um súbito arrepio na nuca, como se alguém me tivesse acariciado a base do crânio com os dedos gelados. Virei a cabeça de repente e os meus olhos entraram em contacto com o homem que se assemelhava a traços de pincel numa página. De forma pouco normal em mim, não desviei imediatamente o olhar; ainda estava espantada. Estava espantada com a maneira como ele estava a penetrar-me a cabeça com o olhar. Tinha a sua cabeça ligeiramente inclinada, analisando-me como se fosse algo que tinha acabado de descobrir ao microscópio.

O pior foi que nem parou quando me voltei para ele. Continuou a fixar-me, como se observar uma mulher que o tinha apanhado a observá-la fosse a coisa mais natural do mundo. Esbocei um sorriso muito tímido, muito nervoso; ele não. Continuou a olhar durante mais alguns instantes e, depois, virou a cara, deixando no ar uma vaga reprovação ao fazê-lo.

Que diabo foi aquilo?, pensei, enquanto todo o meu corpo ardia de indignação perante tão minucioso exame. Ele devia ter até analisado a enorme picada de pulga que estava desenvolver-se no meu pescoço.

Mas não pensei muito mais sobre o assunto. Tinha de ouvir a história de Claudine...

– Depois daquela noite, tu sabes, a noite em que nos despimos e a nossa relação se tornou mais física, tudo nas nossas vidas mudou. O Mel... – Ela parou, deu um grande gole na bebida e sorveu o que restou no fundo do grande copo de vinho. – O Mel diz que me ama. E que está apaixonado por mim. – Suspirou, olhou-me de relance e, provavelmente, ficou admirada ao ver a minha cara interessada, mas impassível. Geralmente, nada me espantava. Nem o programa Jerry Springer me tinha desconcertado; talvez me tivesse enojado, mas não espantado. Já tinha ouvido de tudo, literalmente.

– Não sei o que fazer. Já se passaram uns quatro meses desde que aquilo aconteceu, mas não sei o que fazer. Estou sempre a pensar nisso, mas nada se torna mais claro.

Eu sabia que pergunta tinha agora de fazer. Estava no meu guião. Era capaz de desempenhar este papel de ouvinte e confessor em qualquer estado de consciência. Existia um método definido para persuadir as pessoas a contar estas histórias, ainda que, nesta fase, não precisassem de muita persuasão. Precisavam apenas de que eu seguisse o meu guião para levá-las a contar-me tudo. E a pergunta que se seguia na minha lista não era: «O que sentes por ele?». Era:

– Como é o teu namorado?

– O Kevin? Ah. Hum. É uma das melhores pessoas que se pode conhecer. É fantástico. É realmente fantástico. – Claudine girou novamente o copo entre os dedos. Depois, suspirou. Por fim, suspirou ainda mais profundamente. – Mas não é o Mel.

– Entendo – disse eu.

Era chegado momento de fazer uma pequena avaliação da situação. Ora bem. Kevin não era Mel. Mel dizia que estava apaixonado por ela. Já não estava com a mulher. Não estava com ninguém em especial. Um bom resumo do que ela me contou, não? A pergunta que agora me aflorava aos lábios era, evidentemente: «Então, porque não o deixas?». Não iria, porém, fazer-lha diretamente.

– Não o deixo porque não é assim tão simples. – Não precisei de perguntar. – Ninguém volta simplesmente as costas a uma vida. Não após uma relação de quatro anos. Quero dizer, a maioria das mulheres esforça-se para que os namorados assumam algum tipo de compromisso. Eu não me esforcei. Foi ideia do Kevin que fôssemos viver juntos ao fim de dois anos. Comprámos a nossa casa, construímos uma vida em conjunto a partir do nada

e somos felizes juntos há séculos. Ninguém volta simplesmente as costas a isso.

– Entendo – disse eu. Não serias a primeira, nem a última, pensei.

O mundo está cheio de pessoas – homens e mulheres – que voltaram as costas ao casamento, à família, aos filhos, aos amigos e ao emprego por capricho. Por um olhar. Quanto mais por um ato sexual quase consumado e uma confissão de amor feita e sentida por ambas as partes. Eu não defendia o abandono (jamais defenderia algo que não fiz e, mesmo que o fizesse, só porque tinha resultado comigo, não queria dizer que resultasse com os outros), mas apenas parecia... Claudine dava a ideia de que, para todos os efeitos, estava à espera de alguma coisa.

– O Mel não está a exercer pressão sobre mim. Tenho a impressão de que ele esperaria o tempo que fosse preciso.

– E tu? Quanto tempo estás disposta a esperar?

– O quê? – retorquiu Claudine. – A esperar por quê?

– Desculpa, enganei-me – disse e comecei a tragar a minha bebida a uma velocidade vertiginosa. Esta era uma pergunta que eu só devia ter pensado e não tê-la feito.

– Não, não, fala. Diz-me o que querias dizer.

– Devo estar enganada, por isso, interpreta o que vou dizer a seguir como sendo apenas a minha opinião. – Suspirei silenciosamente. Sou uma completa linguaruda. – Quando estavas a falar ainda agora, fiquei com a impressão de que estavas à espera que a solução surgisse. Todos fazemos isso quando temos de tomar decisões importantes, mas é como se, neste caso, tivesses carregado na tecla PAUSA e estivesses, de certo modo, à espera que outra pessoa carregue na tecla PLAY e resolva o problema. A menos que o Mel se reconcilie com a mulher ou o Kevin acabe tudo contigo sem mais nem menos, isso não vai acontecer. O comando está firmemente na tua mão. Mas, como já disse, é apenas a minha opinião. A minha última relação que durou mais de três semanas foi há dois anos. Sei muito pouco sobre muita coisa.

Claudine fez girar o vinho um pouco mais devagar e olhou para dentro do copo, como se estivesse a hipnotizar-se a si mesma.

Era frequente causar este impacto nas pessoas, após uma sessão de desabafos. Fazia-as pensar em algo tão profundamente que punham fim à conversa e ficavam tristes. Aborrecidas por haver algo que podiam fazer, mas que não faziam. Uma opção que saltava à vista e que elas não viam. Para mim, estava tudo bem, podia sair-me com estas teorias, pois não se tratava da minha vida. Sabia perfeitamente o que havia a fazer quando não se tratava da minha vida. Não era assim com toda a gente? Com algum distanciamento, tudo se tornava claro como água.

No entanto, o resultado da minha clarividência estava sentado à minha frente, a fazer girar um vinho claro no copo manchado, com um ar tão desamparado que, provavelmente, reunia os requisitos necessários para ver a sua fotografia colocada ao lado da definição do termo «desamparado» num qualquer dicionário ilustrado.

Se havia uma coisa que eu não devia fazer, era dar a minha opinião. Estava, porém, a

melhorar. Já não dizia tudo o que pensava, mesmo que os outros me provocassem ao fazerem demasiadas confidências em muito pouco tempo. Noutros tempos, teria presenteado Claudine com o discurso sobre as pessoas que abandonavam tudo por capricho, afastando-a, assim, por completo. Agora, porém, o afastamento resumia-se a cerca de 75% – se se tivesse em conta o incidente do almoço.

– O que farias? – perguntou-me ela.

– Eu? – retorqui.

Claudine acenou vigorosamente com a cabeça.

– Na minha situação, o que farias para «carregar na tecla PLAY»?

– Para ser totalmente sincera, não sei, Claudine. Não conheço todos os factos, pois não estava presente. Não sei qual foi o comportamento do Mel depois e desde então. Não sei se o Kevin notou alguma mudança em ti, se tens estado distante em relação a ele ou a esforçar-te demasiado. Como já disse, não conheço todos os factos, logo, não sei o que faria.

Já me tinha realmente esquecido da terrorista psicológica que eu era. Entrava devagarinho, lançando granadas de confusão em todas as direcções, e, depois, quando me pediam que as desarmasse, encolhia os ombros e dizia: «Não sei, amigo». Devia ser presa.

– Obrigada, Ceri – disse Claudine quando saí do táxi aos tropeções, cerca de uma hora depois. – Obrigada por me teres ouvido. Foste uma grande ajuda.

– Sempre às ordens – gaguejei.

Agarrou-me no punho antes de me afastar da porta aberta a cambalear e cair para dentro de casa.

– Não digas a ninguém o que te contei – pediu, procurando compreensão no meu rosto, de modo agitado.

– Sobre o quê? – retorqui.

– Sobre mim e o Mel – respondeu.

– Eu sei. Estava a ser engraçada.

– Ah. Ha ha. Não teve muita graça.

– Pois, parece que não. Adeus. – Fechei a porta do carro antes que ela interpretasse mal também estas palavras.

Capítulo 8

cópias

Pelos vistos, tirar fotocópias era um suplício por aquelas bandas.

Ou passávamos horas acampados na sala das fotocópias, situada no canto mais distante e sombrio do departamento de ciências sociais, à espera que chegasse a nossa vez de ver luzes a piscarem de um lado para o outro, de um lado para o outro, de um lado para o outro, de nos debatermos com o toner, de conferir tudo e de conseguir que o livro se abrisse o suficiente para obtermos uma cópia de qualidade, ou levávamo-lo à secção de reprografia e delegávamos a tarefa aos seus funcionários. Pois era para isso que eles lá estavam. Preocupavam-se com a obtenção de cópias de qualidade, com o agrafar das mesmas e outras coisas do género. O nosso departamento pagava para isso.

Toda a secção de reprografia se situava mesmo em frente à biblioteca, tinha portas de vaivém e um letreiro impresso e plastificado na porta, onde estava escrito REPROGRAFIA em letras maiúsculas. Todo o aspeto do lugar dizia: «Não venha aqui. Se vier, conte com insultos». Sally tinha-me avisado em relação a eles. Aconselhou-me a não ir lá, se fosse sensível. Mas eu não era sensível. Aguentava quase tudo, era do Sudeste de Londres. Ninguém sensível sobrevivia no Sul.

Fui lá no dia a seguir à minha saída com Claudine, quando não me sentia bem. Cada passo que dava fazia-me lembrar que não me sentia bem. Na verdade, era um mistério que ainda estivesse de pé. Nunca hei de saber como me levantei da cama a horas, fui para a paragem de autocarros e consegui manter-me de pé tempo suficiente para que o 731 chegasse. A dada altura, na noite anterior, parecia que não ia conseguir chegar à cama...

Tinha aberto a porta depois de o táxi de Claudine ter arrancado, tentando não fazer barulho e agir com normalidade, não fossem os rapazes estar a dormir. Pretendendo ainda não fazer barulho, fiz um movimento para fechar a porta, mas esta saltou-me da mão e bateu com força.

– Chiiiiu! – silvei-lhe, batendo com o dedo nos lábios. – Chiiiiiu!

– Estás bem, Ceri? – interrogou uma voz.

Dei meia-volta para olhar para ele. Era Jake. Ai, ai. O senhorio. Age normalmente. Não queres que ele te despeje.

– Estou ótima – respondi, tentando pôr-me direita. Pouco importava que cheirasse a uma base para copos e oscilasse como uma folha de erva no meio de um vendaval.

– Queres uma chávena de chá ou outra coisa qualquer? – perguntou.

Abanei a cabeça violentamente.

– Não. Obrigada. Não. Não, obrigada.

Parece que me lembro de ele ter ficado com um ar confuso.

– Está bem – retorquiu Jake. – Divertiste-te?

– Fui ao ginásio – disse eu. Os meus braços começaram a fazer movimentos de corrida.

– Corri na passadeira.

– É meia-noite. Deve ter sido uma longa corrida.

Acenei com a cabeça com entusiasmo.

– Vinte minutos.

Jake franziu o sobrolho.

– Pois.

Apontei para as escadas.

– Agora, vou deitar-me.

– Está bem. Boa noite.

– Boa noite. Ah, Jake, Jake – exclamei com urgência, embora ele não tivesse saído do mesmo sítio.

– Sim?

– Obrigada. Gosto muito de viver aqui.

– Ainda bem.

– Não, não, a sério. É um belo quarto, muito barato, tu e o Ed parecem ser boas pessoas e nem sequer penso que vão dar-me uma pancada na cabeça e arrastar-me por cima da passadeira onde não se notam as manchas de sangue por ter usado o vosso leite. Não que o tenha feito. Na verdade, não bebo leite, mas não me parece que nenhum de vocês o fizesse. Obrigada. Boa noite.

Comecei a subir as escadas e, depois, apercebi-me de que devia ter parecido louca. Assim, no último degrau do primeiro lanço de escadas, dei meia-volta e precipitei-me por elas abaixo, entrando praticamente a correr na cozinha, onde Jake estava a encher a chaleira.

– Não sou realmente louca – disse alto.

Jake assustou-se tanto que quase deixou cair a chaleira.

– Desculpa? – perguntou.

– Não sou louca. Quando visitei a casa pela primeira vez, perguntaste-me se era alguma anormal e não sou. Estou apaixonada pelo Angel, o ex-namorado da Buffy, a Caçadora de Vampiros, e sou viciada no Caminho das Estrelas, mas não sou nenhuma anormal.

– Está bem, acredito em ti.

– Boa noite.

Depois disto, fui alegremente para a cama.

Acordei com os olhos vermelhos, trémula e com uma sede que a água não conseguia

acalmar. De manhã, tinha passado pela cantina, para ir comprar água, e quase tinha desmaiado com o cheiro da comida. O óleo de uma semana que tinha sido usado para fritar as batatas naquela manhã pairava no ar. Até os cereais tinham um cheiro forte o suficiente para me dar vontade de vomitar. Ainda por cima, tinha três sessões de estudo para orientar e um encontro marcado com Jake para mais tarde.

Primeiro, o mais importante: tirar fotocópias para a aula da manhã seguinte.

As janelas de rede metálica das portas de vaivém da reprografia estavam tapadas com papel, pelo que não era possível ver o interior quando estendíamos a mão e abríamos a porta da direita. A sala era bem iluminada, com um balcão de madeira à altura da cintura a separar o mundo da secção. As estantes altas pareciam nunca mais acabar, cheias de maços de fotocópias e de resmas de papel das mais variadas cores. Era como entrar numa biblioteca de papel.

– Olá, queria quarenta cópias disto para amanhã – disse à mulher atrás do balcão. Até consegui esboçar um sorriso com a minha boca seca e com saburra.

A mulher do livro levantou os olhos do caderno onde estava a tirar notas e brindou-me com um sorriso escarninho que me deu a entender que não lhe tinha realmente pedido para me tirar fotocópias. Tinha-a, na verdade, informado de que a mãe e o pai biológicos eram parentes.

O tempo arrastou-se enquanto ela me olhava de cima a baixo, por trás dos óculos Deirdre Barlow de armação em plástico. Depois de me ter avaliado, abriu a boca, que estava tão cerrada que quase dava de si, e sorriu com desprezo.

– Todos os documentos para fotocopiar têm de ser entregues, pelo menos, com quinze dias de antecedência.

– Quinze dias? – disse eu.

– Quinze dias.

Está a ver esta cara? Está a sofrer. Dispensa que lhe digam que tem de esperar quinze dias por uma coisa de que precisa para amanhã.

Sally tinha-me avisado. «Não dê sinal de fraqueza», tinha dito. «Eles não compreendem a fraqueza. Não respeitam a simpatia. Mastigam as pessoas simpáticas até ficarem reduzidas a papa, depois deitam-nas fora e espezinham-nas. Eu sabia tudo isto, mas, mesmo assim, perguntei, com uma voz digna de dó que apelava à simpatia dela:

– Não é possível antecipar isso?

Ela suspirou com todo o corpo.

– Não tenho tempo para lhe explicar tudo. Se é professora, devia saber tudo isto.

– Como? Assinando o boletim paranormal da faculdade? Ou apenas encostando a cabeça ao letreiro da reprografia que está lá fora e assimilando a informação por osmose? – retorqui.

– É professora, não é?

– Sou, mas também sou uma professora nova e ainda estou a adaptar-me.

– Isso não é problema meu, pois não, querida? – A sua superioridade aumentou exponencialmente quando percebeu que eu estava numa posição de fraqueza; era uma novata. – Quinze dias.

– Mas eu não sei do que vou precisar com tanto tempo de antecedência – repliquei. – Por vezes, só encontro os livros e os artigos necessários alguns dias antes.

– Isso também não é problema meu, pois não? – redarguiu a mulher atrás do balcão, agarrando numa pilha de impressos e batendo-os no balcão para os endireitar enquanto agitava a cabeça de modo autoritário – Talvez deva planificar as aulas com maior cuidado.

Mesmo no estado em que me encontrava, mesmo de ressaca e indisposta como estava, não podia tolerar aquela má-criação. (Sobretudo vinda de alguém que eu era perfeitamente capaz de vencer numa luta.)

– Como? – retorqui.

– Eu tinha a ideia de que os professores deviam cumprir um calendário estabelecido. Sabe, planificar as coisas. – Enquanto falava, abanava o corpo da mesma maneira autoritária. – Estar preparados.

Agarrei na minha pilha de livros e artigos.

– Fazemos o seguinte: não me diz como hei de lecionar e eu não lhe digo como há de carregar no botãozinho da fotocopiadora.

– Não pode falar assim comigo – disse ela. – Farei queixa de si ao seu chefe de departamento.

– Certo. Pois faça isso. Não se esqueça de consultar o boletim paranormal da faculdade para saber o meu nome e, quando fizer queixa de mim ao chefe de departamento, porque não faz também a Deus? É que é só d’Ele que realmente tenho medo.

Se pudesse, teria batido com a porta de vaivém ao sair. Dei-lhe, porém, um pontapé, deixando a abrir-se e a fechar-se nas minhas costas.

CABRA!, exclamei mentalmente. Cabra velha. Quem julga ela que é? Ninguém fala assim comigo e fica a rir-se. Égua velha e estúpida.

Tinha-me dirigido, com passos pesados, à Sala de Professores quando a razão levou a melhor sobre a minha raiva: tinha sido insultada por uma égua autoritária numa secção. Ela não poderia fazê-lo se eu não fizesse parte da ordem superior das coisas.

Ei, agora, sou uma professora universitária a preceito.

Introduzi a chave na porta de casa e quase desfaleci de felicidade quando ela se abriu. Nunca na vida pensei ficar tão contente por ver o interior de uma casa. Também nunca pensei ser capaz de dormir com os olhos abertos, mas era. Tinha acabado de o fazer.

Os disparates que tinha ouvido de manhã, acerca da psicologia do desenvolvimento, quase me tinham feito adormecer a sério. Tinha, porém, mantido os olhos abertos por pura força de vontade, acenado com a cabeça e feito perguntas quando alguém lia o seu trabalho em voz alta.

O pior foi que estar ali sentada, a ouvir os alunos despejar o que, no fundo, era algo que tinham preparado no autocarro... fez-me lembrar todas as vezes em que tinha feito o mesmo e pensado que me tinha escapado. Não me passava pela cabeça que os professores não se deixavam enganar. Que ficavam a pensar: Estás a gozar comigo? Queres mesmo que eu acredite que o que estavas para aí dizer foi fruto de uma semana de leitura extracurricular?

Entrei a cambalear na sala de estar, larguei os meus papéis e os meus livros em cima do sofá, afundei-me ao lado deles e deitei a cabeça na almofada. Era capaz de ficar assim para sempre. Para todo o sempre.

– Olá, Ceri – disse uma voz masculina. Ainda não estava ali há tempo suficiente para perceber de quem se tratava. Virei um pouco a cabeça para olhar para ele. Era Ed.

– Olá, Ed – retorqui.

Ed atirou-se para cima do outro sofá, pegou no comando e ligou a televisão.

– Sofrimento? – interrogou.

– Sim. Tive de lidar com malucos das fotocópias. E esta brincadeira de dar aulas é muito mais difícil do que parece – balbuciei.

– Então, nada tem a ver com a bebedeira de ontem à noite?

– O Jake contou-te? – disse eu.

– O Jake contou-me. Disse que não paravas de falar.

– Oh, céus. Parecia assustado, quando te contou?

– Bem, ficou bastante satisfeito por teres tido o cuidado de o tranquilizar com a garantia de que não és nenhuma anormal. E de que não consideras nenhum de nós capaz de te dar uma pancada na cabeça, caso te sirvas do nosso leite. Ainda que não bebas leite.

– Ohhhhhhhhhh.

– Ele até achou muita graça.

– Pois, todos acham graça, até nos pedirem para mudarmos de casa – retorqui, com a cara na almofada.

– Olá, Ceri – exclamou Jake.

Pus-me direita como um fuso. Passei as mãos pelo cabelo para o alisar.

– Jake, em relação à noite de ontem... – principiei.

– Esquece isso – disse Jake, dispensando o meu pedido de desculpas antes de eu ter sequer começado a apresentar-lho. Sentou-se ao lado de Ed, tirou-lhe o comando à força e mudou de canal.

Ed recuperou-o, também à força, e voltou a mudar para o canal que estava a ver.

Jake empurrou Ed, prendeu-o com o cotovelo, apoderou-se novamente do comando e mudou de canal.

– O jantar é guisado de salsicha – comunicou Jake; tinha imobilizado Ed pela cabeça e estava a segurar o comando fora do alcance deste.

– Pois, e eu fiz leite-creme para a sobremesa – declarou Ed, a sufocar.

– Comes carne, não comes? – perguntou Jake.

– Como – respondi, assistindo à evolução da luta.

– Ótimo. Mas não comas o leite-creme. O Ed é um péssimo cozinheiro, mesmo quando se trata apenas de misturar pó com leite.

Ed conseguiu agarrar numa almofada do sofá e começou a bater a Jake com ela. Deitei-me novamente de bruços no sofá. Tinha ido viver para o sítio certo. Sentia-o no fundo da minha alma.

Capítulo 9

a chefe

O tempo passa depressa e devagar.

Quanto mais tempo ficava em Leeds, melhor percebia a teoria da relatividade de Einstein. Não o teorema na íntegra, mas sim a parte relativa. A percepção que tínhamos das coisas.

O tempo passava a correr ao fim de semana e quase parava quando eu estava a dar uma aula; pela cara de alguns dos alunos e pelo desalento com que olhavam para o relógio, eles sentiam o mesmo. Por algum motivo, todos os dias pareciam ser véspera de quarta-feira ou quarta-feira. À quarta-feira, só havia meio dia de aulas na maioria das universidades e instituições de ensino superior, para que os estudantes pudessem dedicar-se às atividades físicas e praticar desporto. A maioria das provas e jogos universitários realizava-se à quarta-feira à tarde. Isto queria dizer que eu podia dedicar-me às minhas atividades preferidas: cozinhar, comer e ver televisão sem prejudicar o trabalho oficial ou o tempo de estudo.

A relatividade entre o dia de quarta-feira e todos os restantes devia, então, ter sido alegre. Não o foi.

À quarta-feira, antes do almoço e finda a manhã, era hábito Gwen, minha chefe assim como do departamento de Psicologia, chegar depois de ter dado uma aula de Psicologia Cognitiva, sentar-se ao meu lado, oferecer-me um cigarro (que eu recusava sempre, realçando o quanto o fumo do tabaco me incomodava ao responder que não fumava) e passar a fumar um atrás do outro ao longo de toda a aula de duas horas. Isto é, relatando-a entre longas passas nos seus cigarros com alto teor de alcatrão.

– Não sei porque me dou ao trabalho. Sinceramente, não sei – disse, procurando algo na mala. Presumi que quisesse cigarros. Era a minha terceira quarta-feira. Ela tinha assumido a posição ao meu lado e estava agora à procura dos seus adereços, antes de o drama que era dar aulas se desenrolar. Preparei-me para um rosto e um corpo repletos da substância castanha que só com decapante saía das paredes dos bares. – Sabes o que fizeram agora?

Tinha ido algumas vezes ao gabinete de Gwen desde a minha entrada em funções e descoberto que era como entrar no Templo do Cinzeiro. Havia cinzeiros a atulhar a secretária, as estantes, um par deles no peitoril da janela. Eram todos de cores e tamanhos diferentes, mas o gabinete dela era claramente um lugar sagrado para aqueles objetos. Tinham sido levados para ali para serem alvo de culto às mãos da grande fumadora branca. Todos os cinzeiros tinham algum resíduo de cigarro, como se ela apagasse o que estava a fumar no cinzeiro pelo qual estivesse a passar no momento.

Muito perturbadoramente, todos os cigarros tinham sido fumados até ao fim.

Da primeira vez que estive no seu gabinete, sentei-me à sua frente, junto à secretária, e examinei os cigarros. Primeiro, olhei para os que estavam no cinzeiro junto ao computador e, depois, para os que estavam nos cinzeiros à vista. Tinham sido todos fumados, até ao limite do filtro. Não havia cigarro que escapasse ao seu domínio por fumar ou fumado pela metade. Nem mesmo fumado a três quartos. Isto revelava uma dedicação especial. Ela não queria apenas o estímulo da nicotina, mas sim cada última gota, cada último micrograma. Pouco faltava para Gwen injetar nicotina.

– Sabes o que fizeram agora? – repetiu, ainda com a mão a remexer na mala.

De forma bastante contrária a todas as leis da física e da biologia, Gwen tinha uma voz de menina. O tipo de voz que eu costumava imitar quando queria dar a volta a alguém, fingindo ser digna de dó e incapaz de pensar devido à falta de neurónios. Falava com um guinchar educado que se tornava mais afetado e estridente quando se irritava. A voz combinava, porém, com a roupa: saias ou vestidos ao estilo de Laura Ashley, blusas cor-de-rosa ou azul-esmalte e, muito estranhamente, sempre, sempre, collants grossos pretos. Ultimamente, tinham-se sucedido os dias quentes e soalheiros, mas, mesmo assim, as meias de sessenta deniers de Gwen não lhe saíam das pernas, saindo, sim, das sandálias pretas abertas à frente, que também usava quer fizesse sol, frio ou chuva.

Gwen encontrou os cigarros e tirou-os de dentro da mala de tecido grande e florida. Abriu a tampa do maço.

– Não sei mesmo porque me dou ao trabalho – repetiu.

– Porquê? O que aconteceu? – disse eu, percebendo que, ao contrário das quartas-feiras anteriores, desta vez, tinha de me esforçar para obter a informação. Ela acendeu o cigarro com o isqueiro de ouro maciço que lhe tinha sido oferecido pelo marido (eu tinha lido a gravação) e tragou quase todo o cigarro de uma só vez. Era grave. Era muito grave. Eu só não sabia ainda até que ponto o era.

– Nenhum deles leu a bibliografia. Nem um – guinchou, um ou dois tons acima do normal. Estava muito agitada. – Depois, um deles teve a audácia de... – deu uma enorme passa – de dizer que eu não sabia do que estava a falar. Não sabia do que estava a falar. Acreditas?

Fui invadida pelo desânimo, senti um aperto na garganta e engoli com dificuldade. Infelizmente, sim, acreditava. Na verdade, podia tê-lo evitado.

Na segunda aula que dei ao primeiro grupo com o qual tinha trabalhado como professora propriamente dita, já me sentia muito mais à vontade no meu papel. Já não lia diretamente o guião que tinha à minha frente. Pude improvisar, proferir pequenos ditos espirituosos. Estava a chegar pouco a pouco aos grandes rodeios e peripécias. Nesta segunda aula, eles também já se sentiam mais à vontade comigo. Estávamos na sala há apenas alguns minutos quando a mulher da permanente alourada e bem marcada levantou ligeiramente o braço.

– Aah, sim? – interroguei. – Ah, importa-se de dizer o seu nome antes de falar? Ainda não sei os vossos nomes.

– Hum, chamo-me Roberta. Posso fazer-lhe uma pergunta?

– Sim, com certeza.

– Acha que a Gwen é louca?

– Como?

O Sr. George Michael na época dos Wham levantou o braço.

– Chamo-me Joel. Creio que o que a Roberta está a tentar dizer é que, em metade das vezes, não percebemos do que ela está a falar. E nenhum de nós está a aprender nada.

– Não, Joel – disse Roberta –, estava a perguntar se a Ceri acha que a Gwen é louca. É diferente, ainda que sejas demasiado educado para notar.

– Certo – retorqui. Bolas, pensei.

Depois disto, as comportas rebentaram quando uma onda gigantesca de descontentamento se abateu sobre a sala. Gwen era aborrecida. Gwen era confusa.

– Assusta-me com o seu modo de ensino – disse um deles.

Ouvi a primeira onda de descontentamento e, depois, declarei:

– Ela também vos tem em alta conta.

Outra onda gigantesca de descontentamento se abateu, então, sobre nós: afirmaram que a maioria faltava às aulas dela. Os que efetivamente iam às aulas tinham demasiado medo para lhe chamar a atenção para o pouco que estavam a aprender. Ou mesmo para responder às perguntas dela. Viviam todos com um medo tremendo de que ela lhes fizesse uma pergunta. Simplesmente não estavam a aprender nada, mas preocupavam-se demasiado com uma eventual reprovação para lhe dizerem alguma coisa.

Eu não era parva. Estava atónita, mas não era parva. A ideia essencial do que estavam a dizer era: «Importa-se de falar com ela por nós? Isto é, importa-se de a convencer a deixar de ser a Gwen e ser um pouco humana no que se refere ao seu método de ensino?».

Tentei incutir-lhes a ideia de que eram responsáveis pelo que aprendiam e ninguém podia meter-lhes nada na cabeça. Não estavam, porém, dispostos a ouvir-me. Limitaram-se a dar mais exemplos da mediocridade de Gwen enquanto professora e da obrigação que eu praticamente tinha, como professora nova e moderna que tinha sido simpática com eles desde o início, de lhe dizer alguma coisa. Era para eu aprender a não tentar ser porreira.

Com este peso na consciência, tinha a intenção de dizer alguma coisa a Gwen. A sério que tinha. Só que nunca chegava o momento certo, a altura certa, o... Pronto, pronto, tinha medo. Ela era a chefe do departamento. A minha Chefe. Podia suprimir o meu posto de trabalho com um traço de caneta. Como havia eu de lhe dizer, a ela, que tinha anos de experiência no ensino, comparados com as minhas cinquenta horas, que parasse? Além disso, ficaria aprisionada no seu gabinete cheio de fumo enquanto tentava explicar-lhe a oposição deles. Tinha a intenção de, pelo menos, abordar o assunto. Tinha

estado sempre a adiar e a adiar, até agora. Mulher, o teu nome é covarde.

Olhei para Gwen quando ela estava a terminar o seu cigarro.

– Eu, aah... – principiei, sem saber o que ia dizer antes de abrir a boca. Mas, também, raramente sabia o que ia dizer quando abria a boca, o que nunca tinha constituído qualquer impedimento.

Uma vez mais, fui salva por Mel. Entrou na sala de professores com um monte de papéis e de pastas. Com papéis a caírem-lhe das mãos e os olhos a perscrutarem a sala, parecia andar sempre como se estivesse a ser perseguido por alguém. «Era capaz de provocar um motim numa casa vazia.» Eis uma frase que a minha mãe dizia e que se aplicava na perfeição a Mel. Aproximou-se da mesa de centro à frente da qual eu e Gwen estávamos sentadas e na qual eu tinha apoiado os pés, fazendo-me um breve e silencioso aviso para que tirasse os pés, antes de serem inundados por dissertações e material para as suas aulas. Afastei os pés pouco antes de ele largar o seu fardo. Em seguida, levou a mão ao bolso de trás das calças e tirou um postal ilustrado.

– Adivinhem quem me enviou um postal – disse para a sala. Esta estava mais cheia, mas não muito. Pelo menos, não o suficiente para ele estar a fazer um comunicado tão espalhafatoso.

– Quem foi? – respondeu Gwen, em nome das pessoas presentes na sala. A turma demoníaca já estava esquecida.

– A Eva.

O nome suscitou algumas exclamações de surpresa e um certo interesse na sala. Algumas pessoas, de chávena ou caneca na mão, aproximaram-se, enquanto outras interromperam o que estavam a fazer para ouvir.

– Ouçam – disse Mel e aclarou a garganta.

Meus queridos... e Mel,

Saudações de Barcelona. Estou a divertir-me como nunca. É ainda melhor do que eu esperava ao partir. Está calor e ando com muito menos roupa do que andaria em Londres. Tenho muita coisa para contar, mas pouco espaço para escrever. Conheci umas pessoas simpáticas e vamos rumar à costa atlântica de Espanha, seguindo, depois, para Tânger. Já dá para ver que não me calarei com a viagem quando regressar. Sinto saudades de todos vocês, mas não da Faculdade. Nem um pouco.

Amor e Paz, Eva.

P.S.: Mel, seu inútil, é melhor que faças chegar a todos este postal.

– Idiota – murmurou Mel.

Ouviram-se suspiros de satisfação na sala. Eva era a mulher que tinha tido a gentileza de deixar vago o seu lugar cerca de três dias antes de eu escrever para a faculdade.

– Quem me dera poder viajar assim – balbuciou Gwen, com um tom mal-humorado na

VOZ.

– Já viajaste assim? – perguntei, grata por já não termos de falar da turma demoníaca.

Gwen acendeu outro cigarro com o isqueiro, puxou o fumo e abanou a cabeça.

– Não. Eu e o meu marido nunca tivemos tempo. – Virou a cabeça bruscamente para mim. – Queríamos fazê-lo. Mas, simplesmente, embrenhámo-nos nas nossas carreiras. É que, nos primeiros dez anos, dedicámo-nos a estabelecer-nos na carreira e, depois, já era tarde de mais. Mas queríamos fazê-lo.

Eu evitava fazer muitas perguntas a Gwen sobre a sua família, porque:

a) não me tinha esquecido de que ela me tinha abandonado ao almoço, no primeiro dia;

b) os Mandamentos não mo permitiam;

c) não queria entrar em nenhuma conversa em que acabasse por ter de aceitar um convite para jantar. (Se só por pouco tinha escapado a tornar-me Testemunha de Jeová, até que ponto seria capaz de recusar um convite para jantar? Não estava na minha natureza dizer que não a ninguém, quando me pediam com delicadeza.)

Havia riscos inerentes a qualquer convite para jantar que estivesse relacionado com Gwen: se a chita com que a sua casa estaria certamente decorada não me queimasse as retinas da córnea, seria, então, o fumo a afetar-me. E, se o marido fumasse metade do que ela fumava, eu acabaria a noite numa câmara de oxigénio. Evidentemente, havia também o fator da conversa de ocasião. A C.O. nunca tinha sido o meu forte. Era praticamente desnecessário, já que a maioria das pessoas partilhava comigo histórias profundamente íntimas sem grandes cerimónias. Mas não queria que o mesmo acontecesse com a minha chefe.

Era preciso haver um pouco de mistério a rodear as pessoas para quem trabalhávamos. Lembro-me das férias de verão, na universidade, em que trabalhei como secretária. Fiquei a saber demasiadas coisas sobre os meus patrões. Por exemplo, tive uma patroa, quando trabalhava a título temporário numa agência de comunicação, que me levava a tomar uns copos para se queixar do relacionamento que tinha. Contava-me muitas coisas que a minha mente frágil não queria ouvir. Creio que a base da minha incapacidade para me espantar se formou no verão que passei com ela. Mentia a seu pedido quando o companheiro telefonava, punha-lhe a vida em ordem e até lhe esvaziei o gabinete quando mudou de piso. O que aí desenterrei perturbou-me. Digamos que nunca tinha visto coisas como vibradores e cuecas abertas até trabalhar para ela. Cheguei até ela como uma inocente que não era virgem. Quando a deixei, já sabia muito mais sobre sexo – sabia, por exemplo, que fazer um ménage à trois com o melhor amigo do companheiro podia provocar um grande abalo emocional.

No fundo, não existia entre nós a aura de mistério que é necessária numa relação entre patrão e empregado. Como podemos levar a sério os gritos de alguém por termos chegado atrasados, se sabemos que essa pessoa já chorou na rua por se terem esgotado os sapatos de salto-agulha brancos na Shelley's?

Eu não queria pisar esse risco com Gwen. Dito isto, gerou-se um peso na minha consciência. Quis voltar atrás no tempo e avisá-la da iminente revolta estudantil. Eles não iam optar pela via do golpe de Estado – queriam sangue e decapitações. Eu não podia, porém, voltar atrás, apesar de tudo o que o Caminho das Estrelas me tinha levado a crer; logo, tinha de ser simpática com ela no presente.

– O que faz o teu marido? – perguntei, arriscando o convite para jantar.

– Fazer? Não faz nada. O que queres dizer?

– Falaste na vossa carreira... Simplesmente pensei... – Anormal, pensei.

– Carreira? Ele é banqueiro. Um dos executivos mais importantes da cidade.

– Certo. Parece ser interessante. – Ou seja, chato como placa bacteriana. Embora não devesse difamar a placa bacteriana; ao microscópio, era, provavelmente, mais interessante do que o emprego do marido dela.

– O Vernon parece dar-se bem.

– Mas tu preferias andar a viajar?

– Não, não, claro que não. É só um sonho irrealista que nós, ou melhor, que eu acalento. Às vezes. Só às vezes. Como é possível deixar de o fazer, perante postais daqueles? É claro que não preferia andar a viajar. Adoro a minha vida. Adoro a minha vida.

Calma, querida, não precisas de me convencer de nada. É-me indiferente que viajes ou que fiques em Leeds.

– Entendo – retorqui, distraidamente. Tinha desligado, deixado de prestar atenção a Gwen, concentrando-me, em vez disso, no outro lado da sala, onde estavam Mel e Claudine.

Claudine e Mel estavam sozinhos na mesa do lado esquerdo da S.P., enquanto ele lhe explicava algo na parte da frente do postal. Era óbvio que já tinha ido a Barcelona; indicava algo no postal com o dedo indicador da mão direita e olhava o rosto dela a cada instante, ansioso por envolvê-la na sua história. Ela, embora estivesse claramente interessada, mantinha os olhos escuros fixos no postal, acenando com a cabeça para mostrar que estava a perceber, mas evitando deliberadamente o contacto visual.

Passava-se ali alguma coisa. Sim, ela tinha-mo revelado na semana anterior, depois de termos estado no ginásio, mas algo mais se passava entre eles. Não era apenas a expressão corporal que entregava o jogo. Nem no caso deles, nem no de ninguém.

Era a forma como as pessoas se olhavam nos momentos de distração. Era forma como não se olhavam nos momentos de distração. Sem querer, tinha-me tornado especialista em comunicação não-verbal ao longo dos anos. Estudava as pessoas sub-repticiamente, ouvia as suas histórias e observava-as a seguir. Apesar das aparências e do que me diziam na cara, não conseguiam evitar que tais sinais reveladores transparecessem.

O caso de Mel e Claudine não era tão simples como ela me tinha dito na outra noite. De certeza que a relação de ambos se tinha «tornado física», mas restava saber até que ponto. Claudine não era mentirosa, queria acreditar no que me contou e foi por isso que

conseguiu olhar-me nos olhos enquanto falava; é possível mentir quando a vontade de acreditar na mentira é suficientemente forte. Talvez tivesse acontecido mais ou menos alguma coisa. A questão era que alguma coisa tinha acontecido. E ambos estavam com dificuldade em lidar com as consequências. Claudine, pelo seu comportamento e pelo seu discurso na outra noite, sentia-se claramente atormentada pela culpa em relação ao que quer que fosse. (Pessoalmente, eu ainda não tinha percebido como podia alguém ser infiel. Era demasiada culpa com que viver diariamente. Olharmo-nos ao espelho dia após dia, sabendo o que tínhamos feito... parecia exigir um grande esforço.) E, como eu lhe disse, ela estava à espera que a resposta para o seu dilema lhe caísse do céu para decidir o que fazer.

Depois, havia Mel. Sentado ao lado de Claudine. O bom Mel, que tinha traído a mulher com a melhor amiga. Não eram ações de uma pessoa boa. Mas, como eu tinha descoberto ao longo dos anos, nada era tão simples como esperávamos. Raramente podíamos apontar o dedo a uma pessoa qualquer, na rua, e dizer: «Intrinsecamente má». «Completamente maléfica.» Apenas quem não se poupava a esforços para causar destruição, morte, sofrimento, dor e ignorância podia ser classificado nestes termos. A maioria das pessoas, um qualquer Zé da Esquina, o vizinho do lado, o professor na sala de convívio, tinha níveis de comportamento, níveis de maldade, razões para fazer o que fazia. Mesmo que destruísse a vida dos outros. Mel era uma dessas pessoas.

Consideremos a maneira como ele estava agora com Claudine. Como a olhava, como falava com ela; gostava dela profundamente. Se só se tinha separado da mulher há alguns meses, após a sua indiscrição com Claudine, isso queria dizer que o que sentia por esta última não era amor motivado pela desilusão de uma relação falhada. Muito provavelmente, amava-a há anos. Se assim era, porquê esperar até estar casado para dar o primeiro passo e só depois acabar tudo com a mulher e revelar os seus sentimentos a Claudine? Algo mais se passava. Havia algo além do amor a complicar a situação. O amor era magnífico. No que dizia respeito a muita gente, o amor era tudo, mas, no caso de Claudine e de Mel, a situação era mais complicada. Tinham uma amizade profunda, relações de longa data com outras pessoas, um presente que implicava trabalharem juntos. Para eles, o amor era apenas um pequeno elemento, uma minúscula peça do quebra-cabeças de Mel e Claudine. Se, no seu caso, o amor fosse o mais importante, estariam juntos, não estariam?

Mel e Claudine. Claudine e Mel. Eu tinha mesmo de ouvir a versão dele para ter uma ideia mais clara do quebra-cabeças de ambos. No entanto, nada tinha a ver com o assunto. Absolutamente nada. Só que...

– Então, queres? – perguntou Gwen, com impaciência.

Virei-me para ela e sorri. Tentei lembrar-me do que estava a dizer enquanto eu observava Mel e Claude. Tinha ouvido, mas não o suficiente. O rosto de Gwen, enrugado, sardento e oculto pelo fumo do cigarro como estava, situava-se à beira de um precipício de satisfação ou aborrecimento. O peso que pouco antes se gerava na minha consciência

estava prestes a libertar-se, esperneando e gritando a verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade. Faltava muito pouco para lhe dizer que sabia que os alunos a odiavam ou para eu própria a convidar para jantar.

– Porque não? – respondi, tendo o cuidado de manter uma certa ambiguidade no meu tom, de modo a que ela não percebesse que eu estava completamente desatenta.

Surgiu um sorriso inesperado no rosto de Gwen. Eu nunca a tinha visto sorrir e ficava-lhe bem. Devia sorrir mais vezes. Provavelmente, também devia descontrair-se mais vezes.

– Fabuloso. Depois, digo-te qualquer coisa – guinchou. – Deve ser no próximo mês ou assim. Tenho de consultar o Vernon, mas de certeza que ele adorará a ideia de ires jantar a nossa casa.

Capítulo 10

círculos de chá

Mel era o género de homem que vestia Levi's novas. Era daqueles moços que tinham sempre o último modelo de Levi's, dois minutos depois de ter chegado às lojas. Podia apostar que tinha o leitor de DVD mais moderno e uma aparelhagem de som topo de gama. Mas, já tinha ouvido dizer que ele complementava o salário dando explicações de Sociologia de 12.º ano.

Naquele momento, enquanto estava à porta de minha casa, constava da sua lista de vestuário a ganga azul de aspeto envelhecido com costuras torcidas. Calças e blusão. Tinha-os combinado com uma camisola de gola alta preta. Não estava, porém, com ar de palerma. Teoricamente, eu era contra juntar peças de ganga da mesma cor; parecia uma tentativa de usar um fato informal. Mas o que percebia eu disso? Só vestia calças largas e de ganga e camisolas de mangas compridas.

Dei a Mel um sorriso de boas-vindas e ele também me sorriu. Talvez não tivesse ar de palerma porque mantinha as costas direitas, exibindo os seus 1,82 m de altura. Ou talvez fosse porque o seu cabelo castanho se encaracolava de modo caótico na sua cabeça. Ou, então, era por causa dos seus olhos claros, cor de avelã. Fosse o que fosse, Melvin parecia sentir-se bem com a forma como se apresentava. Sempre. Quando andava descontraidamente com a sua grande mochila azul ao ombro, parecia mais um estudante do que um professor e devia ser por isso que tantos estudantes ficavam sinceramente satisfeitos por vê-lo, que ele parava muitas vezes para uma conversa rápida e que era convidado para imensas festas dos estudantes. Era o Sr. Popularidade, não só na nossa faculdade mas também na Met.

Foi graças à sua popularidade na Met que fiquei a saber muitas coisas sobre ele. Falei a Ed e a Jake num jovem e simpático professor de Sociologia que me tinha ajudado no primeiro dia. Quando referi que se chamava Mel, disseram-me que o conheciam dos jogos de futebol na Met. Quando lhes contei que tínhamos almoçado juntos, fizeram-me sentar e forneceram-me todas as informações de que dispunham sobre ele. Tinham feito mais do que dar a entender a ideia de «vai-te a ele, rapariga», ao falarem-me dele. «Agora, está livre e desimpedido, sabes», tinham dito Jake e Ed várias vezes. Se vocês soubessem, respondi-lhes em pensamento.

Mel nunca tinha ido a casa de Ed e de Jake até então – mais de uma semana depois de eu ter ido beber uns copos com Claudine.

– Entra – disse eu, afastando-me para deixá-lo avançar para a entrada quente. Ainda havia um certo frio de inverno no ar de meados de março e eu tinha pedido encarecidamente a Jake que me deixasse ligar o aquecimento. Ele tinha cedido, mas

tanto ele como Ed começaram a andar de calções pela casa. Ed, porém, continuava com a sua camisa de flanela aos quadrados vermelhos e pretos. Era capaz de apostar que ele morreria com ela vestida.

– Esqueci-me de que moravas aqui – declarou Mel, despindo o blusão e tirando o cachecol.

Mentira. Mentira descarada. Afinal, se realmente se tinha esquecido, porquê a ausência de surpresa quando abri a porta? À luz de cem watts da entrada, vi os diversos tons rosados que compuseram o rubor de Mel. Ele sabia que eu sabia que estava a mentir, pelo que evitou olhar-me nos olhos ao entregar-me o blusão e, depois, reavê-lo para guardar o cachecol no bolso lateral. O cachecol azul ficou a cair do bolso, como se o blusão estivesse com as tripas de fora. Pendurei-o no cabide.

– Quem é? – gritou Ed do interior da sala de estar. Tínhamo-nos instalado todos para ver a sequela de Carrasco de Pedra. (Quando disse que, se assistisse ao filme, ia acabar por dormir no chão do quarto de um deles, porque odiava filmes de terror, ambos riram a bandeiras despregadas. «Aham que estou a brincar», disse eu. «Esperem só até acordarem e darem comigo deitada no chão do vosso quarto, com uma colher na mão para me defender.»)

– É o Mel – respondi.

– Tudo bem, companheiro? – gritou Jake.

– Tudo bem – replicou Mel, espreitando à porta da sala de estar. – Há lugar para mais um?

– Depende... Trouxeste produto? – respondeu Ed, unindo o dedo indicador e o polegar e levando-os aos lábios finos.

– Nem pensar, nada de drogas, nós combinámos – disse eu, voltando para o meu lugar no sofá, que era o que estava mais longe da televisão de ecrã panorâmico.

– É verdade, Ed – acrescentou Jake. – Não te esqueças de que a Ceri é velha. – Eu não faria caso, se o idiota atrevido não tivesse apenas menos dois anos do que eu. E Mel era da minha idade.

– Ah, é verdade – retorquiu Ed.

– Digam o que quiserem, mas esperem só até eu ir deitar-me.

– Com as tuas pantufas e uma chávena de cacau quente – interpôs Mel.

– Tem cuidado, eu também tenho o direito de decidir se podes ficar ou não, sabes.

– Cezza, já que estás levantada, põe a chaleira ao lume – disse Ed.

Eu já estava sentada... Suspirei e levantei-me.

– O Mel pode ajudar-te, para justificar o que come – ordenou Jake.

Teve graça ele dizer aquilo. Tive a impressão de que Mel já ia ajudar-me de qualquer maneira.

Sendo do Sul, tinha comprado um filtro de água – para divertimento e gozo constante dos rapazes. Abri a torneira sobre o filtro, enquanto Mel me ajudava, encostando-se ao

balcão mais próximo da porta das traseiras e olhando o vazio. A água pingou e gotejou pelo filtro, procurei chávenas lavadas, coloquei uma saqueta de chá normal em cada uma das três chávenas brancas e uma saqueta de chá de morango do Sul na quarta chávena, que era preta. O último contributo de Mel era ficar parado na cozinha.

– A Claudine é simpática, não é? – acabou Mel por dizer. Ao fim de muito tempo. Ao fim de tanto tempo que pensei que nunca mais desabafava. Que se iria embora, levando ainda na alma o peso daquilo que o tinha impelido tão irresistivelmente a deslocar-se até ali para falar comigo. Não era arrogância e a mentira de que se tinha esquecido de que eu morava ali era prova disso. Além disso, eu não queria induzi-lo a contar-me o que ele queria contar-me. Podia induzi-lo a revelar-me o que não devia.

– Sim, parece ser simpática. – Eu não sabia bem o que tinha Claudine contado a Mel acerca da nossa noite improvisada no bar ou se lhe tinha sequer falado de tal noite. Logo, era melhor fazer uso da minha recém-descoberta capacidade de ficar calada.

– Oh, é adorável. Já a conheço há uns dez anos. Conhecemo-nos na Met.

– Ah, pois.

– Vivíamos na mesma residência universitária.

– Pois.

Silêncio. Mais silêncio. Vá lá, Mel, desembucha. Talvez tenhas muito a dizer e, para ser sincera, estou a ficar assustada, aqui parada, em silêncio, junto ao lava-louça. Sabes, é daqui que vem a água e que o palhaço sai e apanha as pessoas.

– Teve graça o que disseste no outro dia – declarou.

– Sobre o quê? – Consegui evitar acrescentar: «Sou engraçada a esse ponto. Preciso que me relembrem constantemente das piadas que faço».

– Sobre mim, a Clau e a duração da nossa relação.

Fiz uma careta. Embora soubesse o que sabia, ainda estremecia fisicamente sempre que pensava no que tinha feito no meu primeiro dia ali.

– Pois, desculpa lá isso.

– Não faz mal. – Mel encolheu os ombros. – Teve graça, só isso.

– Em que sentido?

Mel voltou a encolher os ombros.

– É que, obviamente, adivinhaste o que sinto por ela. Embora, na verdade, agora sejamos apenas amigos.

– E, anteriormente, não eram?

– Sei que talvez não devesse contar-te isto, mas a Claudine é o amor da minha vida, sempre foi. Eu, aah, fui casado durante quatro anos. – Mel observou o lava-louça enquanto falava. Aclarou a garganta. – O meu casamento acabou no Natal. Posso garantir-te que não tive festas felizes. Acabaram por se tornar os piores dias da minha vida. Mas – Mel teve a elegância de ficar envergonhado – já antes de dar o nó era louco pela Clau. Gostei dela desde o primeiro ano. Quero dizer, já a viste. É linda. Pois bem, no ano passado, pouco antes do Natal, apanhámos uma grande bebedeira e... fizemos amor.

– Mel deteve-se, estando obviamente à espera que eu o condenasse ou ficasse escandalizada.

– Entendo – disse eu. Talvez não fosse o melhor momento para referir que Claudine recordava de forma diferente o sucedido.

– Foi a primeira e única vez que aconteceu. A Clau ficou tão envergonhada por ter traído o Ke... o namorado e pelo que fizemos à minha mulher que quis fingir que parámos no último instante. Ela e a minha mulher davam-se muito bem, eram até amigas. Saíam muitas vezes juntas por se darem tão bem. Nós quatro tínhamos, aliás, planeado passar o dia 26 de dezembro juntos. Eu e a minha mulher já não andávamos a entender-nos muito bem, mas o que aconteceu com a Claudine acabou por ser o golpe de misericórdia. A Clau ainda se sente envergonhada. Eu tento agir normalmente, mas ela parece não conseguir esquecer.

– É difícil agirmos normalmente quando pensamos que destruímos a vida de alguém. Sobretudo se a nossa permanece intacta – retorqui. Tratava-se, na verdade, de uma pergunta habilmente disfarçada. Estava a tentar levá-lo a revelar mais pormenores sobre o estado do seu casamento antes de a relação entre ele e Claudine se ter tornado física.

– Não sei o que a levaria a pensar isso. Ela, mais do que ninguém, sabia que o meu casamento estava longe de ser perfeito. De certeza que a Fran, a minha mulher, lhe contou; a dada altura, a Clau passava mais tempo com ela do que eu. Eu e a minha mulher conversávamos, mas parecia ser sempre sobre contas ou o que era o jantar. Foi assim que conheci o Jake e o Ed tão bem: comecei a passar quase todas as noites fora de casa, entrei para uma equipa de futebol. Depois, vinha para aqui, para estar com eles. Quando chegou a época do Natal, passei todo o meu tempo com a Clau... Não estou a dizer que o meio justifica o fim, mas, para mim, o fim seria sempre esse. A separação entre mim e a minha mulher.

– Então, podia ter sido qualquer pessoa e não apenas a Claudine? – interroguei.

O rosto de Mel contraiu-se num franzir de sobrolho feroz.

– O que estás a dizer? Eu adoro a Claudine.

– Foi o que disseste – retorqui.

Os seus olhos semicerraram-se até se tornarem meras ranhuras e o seu rosto deformou-se.

Mel era do género irascível. Bela altura para eu o descobrir. O Género Irascível assustava-me. Era o tipo de pessoas de quem os vizinhos diziam, meses depois, quando eram desenterrados cadáveres no seu quintal: «Sempre achei que tinha olhar de assassino». Eu não tencionava enveredar por tal caminho. Abri um armário, o mais próximo de mim, e comecei a remexer nele, procurando bolachas e açúcar, embora tanto uma coisa como outra estivessem em frascos claramente identificados em cima do balcão. Não conseguia enfrentar a sua expressão de raiva e traição sem temer pela minha vida.

– Porque casaste com a tua mulher? – perguntei, ainda com a cabeça dentro do

armário.

– Porque ela era linda. Simpática. Divertida. Inteligente e encantadora.

– Amava-la? – Em boca fechada, não entrava mosca. (O ditado era mais ou menos assim.)

Mel pousou a chávena com tanta força que esperei que se seguisse o ruído sonoro da mesma a partir-se. Tinha certamente entornado o chá para cima do balcão. Eu não conseguia ver, pois ainda tinha a cabeça no armário.

– O quê? – vociferou.

– Disseste que estavas louco pela Claudine – declarei, pondo a pimenta em cima do doce de laranja. – Adorava-la quando casaste. Assim sendo, sentias um pingo de amor que fosse pela tua mulher?

– Claro – disse Mel rapidamente. – Claro que sentia. Não era um caso simples de amar a Clau e não amar a Fran.

– Pois, entendo. Gostavas da Fran?

O silêncio foi a resposta de Mel. Não um silêncio irado. Nem sequer um silêncio com um ligeiro toque de indignação. Apenas silêncio, puro e simples. Já era seguro aparecer. Afastei a cabeça do armário. Mel estava a olhar fixamente para a sua chávena de chá, fazendo desenhos no balcão com o chá derramado. Jake iria adorar a ideia de Mel estar a manchar-lhe o balcão de madeira natural com os seus pensativos círculos de chá.

– Gostava, pois – balbuciou. – Claro que gostava.

– Ah, então, era também uma amiga? Isto é, estava à altura das tuas outras amigas? Por outras palavras, era tão tua amiga como a Claudine?

Mel começou a explorar a boca com a língua, procurando pedaços de comida renegados que pudesse remover e mastigar. Fitei-o de modo bastante flagrante enquanto esperava pela sua resposta. Vá lá, diz-me se a tua mulher estava à altura da Claudine no campo da amizade.

– Aah, os rapazes já devem estar fartos de esperar – disse Mel. Agarrou nas asas de duas chávenas com uma mão e pegou na sua com a outra. – Sabes o quanto adoram o seu chá.

A desgraçada nunca teve a mínima hipótese, pois não, Mel? Peguei na minha chávena, com o aroma a morango a invadir-me os sentidos. Pensou que estava a casar com a pessoa com quem iria ficar para o resto da vida; já tu, querias algo completamente diferente. Ela estava condenada à partida. Pobrezinha.

Durante a segunda parte de Carrasco de Pedra, Mel lançou-me olhares demorados e pensativos, voltando a desenhar os círculos de chá com os olhos sobre o espaço que eu ocupava na sala. Estava a repensar o seu casamento e a «amizade» que o unia a Claudine. Os rapazes deviam achar que estava a pôr em prática o Kama Sutra em pensamento, na minha companhia.

Ed pôs-se a fazer um charro assim que começou a passar o genérico do filme. A custo, levantei-me do sofá e preparei-me para ir deitar-me. Será que posso esperar até amanhã

para ir à casa de banho e lavar os dentes?, perguntei-me enquanto saía da sala, arrastando os passos. Não vou aproximar-me de água nenhuma, porque o palhaço pode sair do ralo. Pela manhã, os rapazes vão ouvir os meus gritos, se o palhaço, de facto, aparecer.

– Até à vista – exclamei. Afinal, só os santos lavam os dentes duas vezes por dia. E lembras-te daquela vez em que conseguiste aguentar seis horas sem ir à casa de banho, quando foste ao Egito? Se for já para a cama, vou acordar a meio da noite e só me vou lembrar do palhaço depois de ter ido à...

– Ceri, espera. – Mel deu o charro a Jake e saiu da sala atrás de mim. Parei no segundo degrau, com os olhos a arder por ter estado a ver televisão sem óculos. Pisquei-os algumas vezes para aliviar a sensação de desconforto e de cansaço.

– Sim? – perguntei a Mel.

Mais do que ver, senti os rapazes a esticarem-se para tentarem escutar a nossa conversa.

– Não contas a ninguém aquilo de que falámos, pois não? – interrogou Mel em voz baixa.

– Claro que não – respondi no mesmo tom.

Mel sorriu-me e colocou a mão sobre a minha. Senti os olhos dos rapazes a arregalarem-se. Afastei a mão, antes que eles lhe dessem um pacote de preservativos e lhe indicassem o meu quarto.

– Obrigado por me teres ouvido – disse ele.

– Foi um prazer – retorqui. – Boa noite, meninos.

– Boa noite, Cezza – responderam.

E boa sorte para tudo o que tens de pensar e repensar, Melvin. Sei que não vai ser fácil.

Capítulo 11

simplesmente só

Quem diria que ver aquele pequeno troço de estrada de terra batida, composto por pedras, lama e buracos enormes, me faria sentir tão feliz? Que sentiria o coração pular de alegria ao sair de St. Michael's Lane e entrar na rua que considerava agora a minha casa? Estava profundamente deprimida há cerca de cinco horas. Aliás, tinha estado assim durante quase todo o fim de semana.

Estava a regressar de um fim de semana em Londres.

Londres, a minha terra. Pois sim!

Tinha decidido voltar lá, visitar os meus pais e os meus irmãos, ir buscar mais alguns dos meus pertences e lembrar a mim mesma que Londres era uma cidade muito mais moderna do que Leeds. Que, embora estivesse a fixar-me no Norte, tinha deixado o coração lá bem no Sul. Ah, ah, ah. (Era uma gargalhada amarga e desprovida de humor.)

A maldita Oprah e o maldito desejo do coração.

Parecia que estava a chegar a uma terra estranha quando saí do comboio na estação de King's Cross, em Londres. Passado apenas um mês, tudo parecia estar diferente. Quando cheguei à zona sudeste de Londres, onde se situava o meu apartamento, tive a sensação de estar na lua.

Era realmente ridículo, visto que tinha crescido em Londres. Vinte e quatro dos meus vinte e nove anos de vida tinham sido passados em Londres. Senti, porém, que não conhecia nada. Tudo parecia mais pequeno, mais sujo, mais esquisito. Estranho. Senti-me como o E.T. ao entrar no meu apartamento (ele não teria passado tanto tempo a repetir que queria ir para casa se tivesse deparado com aquilo com que eu deparei ao transpor a soleira da porta da minha própria casa). A mulher que tinha arrendado o meu apartamento por um ano tinha deixado a sua marca no lugar. Não com a decoração; não tinha pintado, nem posto alcatifa nova, nem nada, o que seria simpático, pois eu também não o tinha feito durante os dois anos em que ali tinha vivido. Tinha, porém, tirado a enorme fotografia emoldurada de Angel/David Boreanaz que, anteriormente, estava pendurada por cima da minha lareira. As minhas cassetes de vídeo tinham sido guardadas em caixas e, no seu lugar, estavam livros. Os livros dela. Filas e mais filas de volumes grossos e romances «intelectuais» daqueles que se põem em exposição, mas que poucos realmente leem.

Os meus livros, que eram mais de seiscentos, tinham também sido encaixotados, na sua maioria. Entre eles, havia também daqueles volumes «intelectuais» e eu até os tinha lido. Tinha também lido todos os meus romances gráficos do Judge Dredd. A minha cultura literária era tão vasta quanto isso. Todos aqueles volumes, pertença da nova

habitante da casa, pareciam nunca ter sido tocados por mãos humanas. As minhas almofadas e outros objetos tinham sido levados para o quarto de hóspedes, que, agora, estava novamente transformado num escritório. Uma mistura de escritório e segundo quarto. O futon com estrutura metálica servia agora de sofá, e não de cama. As minhas roupas estavam todas dobradas e escondidas em malas, debaixo do futon. O meu adorador busto do Batman estava de volta à sua caixa.

Ela e o namorado tinham, evidentemente, ocupado o meu quarto. Corajosamente, evitei pensar na questão de haver duas pessoas que andavam a praticar sexo na minha cama e limitei-me a fixar na memória a necessidade de comprar uma cama nova mal voltasse para Londres. Senti-me como se tivesse vendido o meu apartamento há anos e estivesse a visitá-lo para ver o que tinham feito à casa. Ainda era a minha casa. Só que não era. O meu nome constava dos documentos da hipoteca e do arrendamento, a mobília era minha, mas era só isso. O esqueleto era meu, mas a alma da casa parecia, agora, pertencer-lhe a ela.

Pensei que seria para sempre a minha casa. O nosso lar é onde está o nosso coração, n'est-ce pas? Não estava preparada para o abalo e para o ressentimento que se apoderaram de mim quando andei pela casa. Podia ter feito aqueles ajustes, ter tido aquelas almofadas de camurça castanha e de algodão creme na coberta da mesma cor, na sala de estar. Podia ter colocado aqueles estores. Podia ter tido tapetes, caramba. Custava-me tanto ter de passar a noite em casa dos meus pais. Se dormisse ali, estaria a trair o meu próprio gosto. Para agravar o transtorno, nenhum dos meus amigos de Londres estava disponível naquela noite, porque tinham maridos, mulheres e filhos em quem pensar, e assim fiquei em casa com os meus pais. Sábado à noite com os pais. Por mais que os adorasse, por mais que fossem divertidos, passar uma noite de sábado a beber refresco de cereja em frente ao noticiário era algo muito parecido com o inferno.

Quando a mulher que se tinha apropriado do meu apartamento me preparou uma chávena de chá (imagine-se, alguém a preparar-me uma chávena de chá no meu próprio apartamento, tratando-me como uma visita), tive outra onda de dúvida quanto a estar ou não a agir corretamente. Sim, estava a gostar de estar em Leeds. Mas talvez o desejo do meu coração pudesse ser satisfeito em casa, em Londres. Inicialmente, quando comecei a «seguir o desejo do meu coração», lembrei-me de Leeds porque parecia a fuga ideal de todas as parvoíces em que me envolvia em Londres. Podia deixar de viver a vida dos outros. Ora, vendo bem, estava a fazer o mesmo em Leeds, não estava? Só que, agora, estava limitada a uma zona mais restrita e demorava menos tempo. Enquanto, em Londres, tinha levado anos a envolver-me verdadeiramente na vida de toda a gente, no Norte, tinha-o feito em menos de três semanas. Mel, Ed, Claudine, alguns dos alunos.

Além de me sentir uma fracassada por ter conseguido interferir na vida alheia em Leeds, tinha regressado a Londres e sentia-me deslocada, perdida na terra de nenhures, entre viver em casa de outra pessoa no Norte e não ter uma morada definitiva em Londres. Tinha feito da zona sudeste de Londres a minha casa quando, finalmente, voltei

de Leeds, há seis anos, e nunca pensei que me sentiria tão só. Era tão estranho. Porque me sentia assim? Podia reaver o meu apartamento quando quisesse, tinha imensos contactos em Londres para os quais podia trabalhar em regime independente, podia regressar, se quisesse. Podia voltar a ter casa própria e a ser jornalista num abrir e fechar de olhos. Não tinha propriamente vendido tudo para me tornar uma inquilina e uma funcionária subalterna. Tinha feito apenas um empréstimo. Mas sentia-me tão perdida. Quando era mais nova, sentia-me assim muitas vezes: emocionalmente deslocada e desabrigada. Sem saber bem qual era o meu lugar no mundo.

Talvez devesse simplesmente aceitar que não sabia lidar com as pessoas. Podia ouvi-las e aconselhá-las, mas, como já disse, muito poucas pessoas estariam ao meu lado se eu tivesse um ataque de pânico às quatro horas da manhã e precisasse de alguém com quem conversar. Jess só estava ao meu lado quando a vida familiar lho permitia e, a meu ver, nem Drew me apoiaria se eu precisasse dele. Era para mim um permanente mistério que muita gente se mantivesse em contacto com amigos da escola, da faculdade e por aí fora. Eu tinha amigos dos tempos de faculdade, mas, junto deles, sentia-me sempre uma intrusa. Sentia que não era uma das primeiras pessoas em quem pensavam no que dizia respeito a nascimentos, casamentos e reuniões.

Percorri Stanmore Vale, suspirando interiormente. Aquela era, de facto, a verdadeira ironia da minha vida. Era capaz de estabelecer rapidamente uma ligação com as pessoas. Elas arrastavam-me para os enclaves mais profundos da sua vida num piscar de olhos, mas eu não tinha quase ninguém com quem pudesse fazer o mesmo. Dava – o meu tempo, a minha atenção, os meus conselhos –, mas raramente recebia. Ceri D’Altroy, aquela cuja disponibilidade era sempre absoluta, não conseguia que alguém lhe dispensasse um pouco do seu tempo.

Da minha lista de aconselhamento já constavam Claudine, Mel e Ed. Embora o caso de Ed fosse ligeiramente diferente. Só tinha desabafado comigo uma vez e ido à sua vida, ignorando completamente o que eu lhe tinha dito. Quanto a Claudine e Mel, dava para ver que eram casos para durar. Continuariam a voltar e a voltar, sem que nenhum deles reparasse que, quando estavam a receber os seus conselhos e atenção, enquanto aliviavam a alma, eu também estava desejosa de falar. De falar do motivo pelo qual tinha muitíssimo poucos amigos chegados e não conseguia fazer com que um relacionamento durasse pelo menos uma estação.

O meu historial de relacionamentos parecia uma história de terror. Durante a faculdade, tive alguns namorados, mas nada sério. Conheci o Amor da Minha Vida no terceiro ano da faculdade – o que levou Drew a ter tamanho ataque de ciúmes que se zangou comigo, mandou-me para um sítio menos bonito e foi-se embora, para só voltar a aparecer realmente quando o Amor da Minha Vida me trocou por outra pessoa. Desde então, nunca mais desejei ter nada sério; por um lado, porque continuava à espera de Drew; por outro, porque a minha vida não se esgotava nos relacionamentos ou na falta deles. A televisão, a comida pouco saudável e a leitura eram muito mais importantes do

que lastimar a falta de um homem na minha vida. Depois, voltei para Londres e fiz o mestrado, onde conheci o Não-sei-quantos Toca-gaitas. Estive com ele um ano e, depois, fomos viver juntos. Passei o ano seguinte a tentar desfazer o Truque Mental Jedi/Obra do Diabo com que ele me tinha enfeitado. Não era um namorado, nem nada que se parecesse. Tínhamos relações sexuais, por vezes saíamos, eu não saía com mais ninguém, mas, ainda assim, não era um namorado, nem nada que se parecesse. Principalmente porque, da primeira vez que o beijei, estava a tentar fazê-lo sentir-se melhor. O tiro saiu-me pela culatra de forma estrondosa...

Conheci o N... o Não-sei-quantos Toca-gaitas na faculdade. Vivia na residência universitária ao lado da minha, tinha amigos na minha residência e eu tinha falado com ele algumas vezes. Parecia ser amável o bastante, nem excessivamente simpático, nem excessivamente antipático. Apenas amável o bastante. Cerca de dois meses após o início do curso, fui a uma festa com um grupo de pessoas da minha residência e ele, por acaso, estava lá. Eu estava a pensar até que ponto seria sensato deixar o meu casaco num dos quartos, a perguntar-me qual seria a probabilidade de alguém o usar para praticar sexo em cima dele, quando foi falar comigo. Durante a conversa, quis saber se eu estava com alguém e eu respondi-lhe que não. Mais por delicadeza do que por interesse genuíno, fiz-lhe a mesma pergunta (era o tipo de pergunta que levava as pessoas a abrirem-me o coração).

– Hum... – disse ele e, depois, pareceu ficar muito incomodado. – A minha última relação teve um fim abrupto, há seis meses.

– Certo – retorqui e bebi do ponche caseiro que estava a segurar. Tinha quase a certeza de que continha vodca e arando, mas havia mais alguns ingredientes que não conseguia identificar.

– Pois – continuou –, eu e a minha senhora íamos casar e ela deixou-me. Partiu-me o coração em cacos. Agora, vive maritalmente com outra pessoa. Fui apanhado completamente de surpresa. Como já disse, o meu coração ficou partido em cacos.

Tive a forte impressão de que a conversa ia transformar-se numa sessão de desabafos quando ele me perguntou se estava com alguém, mas, agora que estávamos a seguir nessa direção, eu estava decidida a levar-nos para outro caminho. Era sexta-feira à noite e eu estava numa festa. Desta vez, aquele homem que me tinha procurado para desabafar comigo não ia ter quem o ouvisse. Eu não estava para me incomodar. Era sexta-feira à noite, por amor de Deus!

Decidi evitar a sessão de desabafos com uma certa leviandade.

– Já me esqueci de como é beijar – gracejei.

– Terei todo o prazer em ajudar-te nessa matéria – retorquiu ele.

Dei um salto no meu íntimo. Aliás, dei efetivamente um salto e, depois, o meu corpo ficou paralisado. Nunca tinha acontecido. Ninguém que estivesse prestes a desabafar comigo tinha interpretado mal um comentário inconsequente. Também ninguém utilizava

a expressão «partir em cacos».

Virei a cabeça lentamente para olhar bem para ele. Evidentemente, já o tinha visto antes, mas não me tinha sido dada a oportunidade de o beijar ao observá-lo, logo, não o tinha olhado com olhos de ver. Não era de se deitar fora. Tinha cabelo louro e sujo com entradas, um nariz bastante grande e ligeiramente adunco e olhos pequenos. Abonava a seu favor o facto de não ter as sobrancelhas unidas. Não era de se deitar fora, mas também não era propriamente dotado de beleza em demasia. Nada nele pedia para o beijar. Eu já tinha beijado homens que não eram minimamente bem-parecidos, mas nos quais havia algo que me atraía.

– Não, deixa lá – repliquei. Ainda não tinha bebido o suficiente para beijar alguém cuja maior qualidade era o facto de não ter as sobrancelhas unidas. – Estou a ser parva. Eu, aah, preciso de ir à casa de banho. Até à vista.

Mais tarde, muito mais tarde, depois de o grupo de pessoas com quem eu tinha ido à festa ter começado a consumir tequilha e haxixe, fui preparar café. A sessão ia durar a noite toda e eu não estava bêbeda o suficiente para beber mais tequilha, nem sóbria o suficiente para ir dormir. O Não-sei-quantos Toca-gaitas foi ajudar-me na preparação do café. Embora só fosse fazer uma chávena para mim.

– Não era minha intenção ofender-te, há pouco – disse, enquanto andava a mexer no lava-louça e eu estava junto ao jarro elétrico, à espera que a água fervesse. – Apenas te acho encantadoramente interessante. E atraente.

Quem é que fala assim?, perguntei-me.

– Está tudo bem, não fiquei ofendida – respondi, ao mesmo tempo que desejava que a água fervesse mais depressa. Apercebi-me, de repente, de que ele simpatizava comigo. Tinha-me dito mais ou menos que eu não era má de todo, na sua estranha linguagem; tinha interpretado mal o comentário feito por mim pouco antes e ficado excessivamente ansioso por me beijar e, agora, estava a olhar-me. Percebi que estava a olhar-me, comportando-se de modo tímido e nervoso, como quem estava na presença de alguém com quem simpatizava. Sentia algo a emanar dele e, à primeira vista, parecia ser atração. Só que, observando com mais atenção, não era realmente um tipo de atração autêntica. A verdade da questão era que ele só pensava que simpatizava comigo. Como quem começa a simpatizar com o psicólogo ou com o padre, ele pensava que simpatizava comigo por eu ter ouvido a sua história, por muito breve que fosse. Provavelmente, sentia que eu voltaria a ouvi-la, caso viesse a sentir a necessidade de se abrir um pouco mais. O facto de ter alguém disponível para ouvi-lo, na sua cabeça, traduzia-se em simpatizar comigo.

O seu problema é tão óbvio, pensei, enquanto via o vapor a sair do jarro elétrico branco. Ele precisava de alguém que o fizesse sentir-se atraente. Tinha ficado magoado quando a sua senhora (hum!) o abandonou. Devia ser cauteloso junto das mulheres. Inseguro em relação aos seus sentimentos e à forma como estes seriam recebidos. O que queria, aquilo de que precisava, era ganhar. Só uma vez. Encher o ego de uma forma que

lhe permitisse enfrentar o mundo, sentindo-se um homem. Sentindo-se capaz de seduzir. Precisava era de uns beijos de compaixão. De um pequeno ato de caridade que lhe devolvesse a capacidade de namorar.

Além disso, se não o beijasse, corria o risco de ele começar a falar novamente e me estragar a noite por completo.

Em vez de deitar água a ferver sobre os grãos de café, atravessei a cozinha, coloquei-lhe os braços à volta do pescoço e beijei-o antes de poder pensar duas vezes. Ele foi apanhado um pouco de surpresa, mas os seus lábios não tardaram a corresponder ao meu beijo. E até nem beijava mal. Ficámos aos beijos na cozinha durante imenso tempo, mas tudo teve um fim abrupto quando ele murmurou:

– Vamos para o teu quarto.

Os meus atos de caridade não iam além dos beijos. Para mais, tinha menosprezado grandemente o papel fundamental dos Srs. Vodca e Arando naquele ato de compaixão e, como estava a recuperar a sobriedade, sentia-me muito menos caridosa.

– Não, não quero apressar as coisas – retorqui, não querendo desfazer todo o bom trabalho ao dizer-lhe que nem sequer simpatizava com ele.

No fim de contas, ele também não queria apressar as coisas; começou a ir visitar-me todos os dias. Queria que «namorássemos». Muitas das vezes, eu abria a porta e perguntava-me como haveria de lhe dizer que, na verdade, não estava interessada. Que queria que ele ganhasse confiança suficiente para arranjar uma namorada e não que pensasse que me namorava a mim. Isto porque namorar com o Não-sei-quantos Tocagaitas implicava duas coisas:

1. ir ao meu quarto e abrir o coração, falando da relação de longo prazo que tinha corrido mal;
2. ver televisão no meu quarto.

Eu gostava muito de ver televisão, como devia ser do conhecimento geral, mas vê-la com ele era um suplício. Nada era suficientemente bom: EastEnders (aborrecido); Coronation Street (gente com pronúncias esquisitas); Brookside (gente com pronúncias ainda mais esquisitas); Sliders (estranho absurdo); Caminho das Estrelas... Bem, mal abriu a boca, percebeu que a situação podia ter um fim violento. Tinha sobrevivido às críticas a Sliders, mas as críticas ao Caminho das Estrelas constituiriam circunstâncias atenuantes no consequente julgamento por homicídio. No entanto, devido ao seu pessimismo em relação aos meus hábitos televisivos, eu ficava invariavelmente sentada a ver televisão, com o corpo tenso, à espera de um comentário que ele achava extremamente original e incisivo.

Quanto mais estava com ele, mais me irritava. Irritava-me especialmente a sua história de infortúnio, que, numa escala de um a dez (correspondendo o dez a uma história digna de um drama à medida do Channel 4), merecia a classificação de cinco pontos negativos. Para ele, ter sido abandonado por uma mulher que pensava, um dia, vir talvez a pedir em casamento era o fim do mundo; para a maioria dos homens, era

uma feliz escapatória. Achava que tinha de abrir o seu coração, destroçado e ferido que estava, a cada oportunidade que se apresentava.

Eu ouvia-o, porque ouvia quase toda a gente e ele não tinha mais ninguém que o fizesse, mas nem mesmo eu, uma ouvinte por excelência, conseguia ouvi-lo a assassinar a língua inglesa durante mais de trinta minutos de cada vez. Ao fim de meia hora, inclinava-me e beijava-o só para o impedir de falar. Ele correspondia de bom grado ao meu beijo...

A nossa relação desenvolveu-se a partir daí. Comecei a habituar-me a ele e a sua linguagem simplificou-se. Ele arranjou outros temas de conversa e deixou de me irritar. Além disso, não tínhamos mais ninguém em vista, pelo que começámos a andar juntos – sem quaisquer compromissos. Por outras palavras: ninguém podia saber da nossa relação.

Para ser sincera, penso que ambos nos limitávamos a gostar um do outro. Ou melhor, limitávamo-nos a tolerar/gostar um do outro. Nada tínhamos em comum, não estávamos sempre desejosos de ter relações sexuais, nem mesmo nas primeiras semanas, e até o noticiário da noite me divertia mais. Éramos uma zona isenta de paixão.

Apesar de tudo isto, ele não desistia. Não queria aceitar que nada existia entre nós e deixar-me. Parecia ter um sexto sentido que adivinhava quando eu decidia tomar a atitude mais correta e terminar tudo. Digo isto porque, sempre que eu achava que o momento certo tinha chegado e sabia o que haveria de dizer, ele levava-me o pequeno-almoço à cama, reservava um quarto num belo hotel para irmos passar o fim de semana fora ou dizia-me o quanto gostava de mim (gostava), para me lembrar que não era mau de todo. Quando percebia, porém, que eu tinha decidido seguir em frente e que croissants e sumo de laranja não chegavam para me demover, recorria à pièce de résistance: lembrava-me o quanto o tinham magoado no passado e a gratidão que sentia por eu estar ajudá-lo a ultrapassar isso. (O meu instinto de ajudar levava sempre a melhor sobre o bom senso.)

No resto do tempo, tratava-me com o desprezo que a maioria das pessoas não toleraria, vindo de alguém que odiava. No que dizia respeito a dar a conhecer aos outros a nossa relação, adquiriu um bloqueio mental que o impedia efetivamente de proferir as palavras necessárias. Todos pensavam que éramos amigos – sobretudo a sua família (jamais diria à família que estávamos juntos, pois isso quereria dizer que tinha superado o desgosto, coisa que nunca admitiria). Quando procurámos casa juntos, tivemos de arranjar um apartamento com dois quartos e de ter quartos separados, para que todos soubessem que não estávamos a viver juntos. O sexo era racionado, pelo que só o praticávamos à sexta-feira e ao sábado à noite, ou seja, quando ele não tinha de trabalhar no dia seguinte. Se eu tentasse tomar a iniciativa noutro dia qualquer da semana, ele rejeitava-me sempre, lembrando-me que não estávamos realmente juntos, por isso, talvez não fosse boa ideia termos relações sexuais.

No entanto, a esse respeito, fui eu quem riu por último: quando comecei a afastar-me

dele, iniciei um período de abstinência sexual e rejeitei as suas tentativas de sedução. Em resposta, elas tornaram-se mais elaboradas e ardentes, começando até a surgir nos «dias de semana». Após alguns meses de «aah, não, não me parece», percebeu que teria de procurar favores sexuais noutro lado e, assim, começou a autogratificar-se. Contudo, ao contrário da maioria dos homens, autogratificava-se enquanto estava de pé junto à sanita, para não ter, depois, de limpar o que sujava. (E foi assim que nasceu o seu nome completo. Jess sempre o tinha tratado por «Não-sei-quantos», pois dizer o seu nome significaria que tinha aceitado que ele fazia parte da minha vida e ela jamais o faria. Quando entrei na casa de banho e o apanhei em flagrante delito, foi acrescentada a alcunha de «Toca-gaitas»).

– Ele suga-te a vida – dizia Jess constantemente. – Nunca hei de perceber por que motivo alguém tão vibrante como tu está com alguém tão pedante como ele. – Tinha, evidentemente, razão, mas eu parecia não conseguir abrir os olhos.

Muitas vezes, pensava naqueles tempos e perguntava-me o que me levava a aguentar aquilo. Depois, obtinha a minha resposta: um Truque Mental Jedi ou algum tipo de poder que lhe tinha sido concedido pelo diabo.

Teoricamente, depois de me ter afastado dele, a qualidade dos homens devia ter melhorado. Para descer mais baixo, seria preciso começar a escavar, pois o Não-sei-quantos Toca-gaitas era realmente o fundo do poço. Logo, não devia restar outra hipótese senão subir. Subir para rapazes que quisessem sexo nos dias de semana, que não pusessem a camisola para dentro das calças e que fossem capazes de ver televisão em silêncio por alguns instantes. Só que não era assim que funcionava. Os homens que conheci, ou procuravam uma psicóloga que não lhes cobrasse as consultas ou eram psicopatas. Ou era uma coisa ou era outra, sem meios-termos. Na verdade, quando conheci o último homem com quem andava a sair, estava convencida de que tinha escrito na testa: HOMENS NORMAIS ESCUSAM DE TENTAR.

Talvez devesse simplesmente aceitar que não tinha jeito para as relações humanas e ponto final. Era péssima a cultivar amizades mais próximas, era péssima a não me envolver nos dramas dos outros e era péssima no amor.

Introduzi a chave na fechadura da porta do n.º 17 de Stanmore Vale, sentindo-me muito só e com pena de mim própria. Era capaz de ter um ataque de autocomiseração mais depressa do que qualquer outra pessoa que conhecesse. Pobre de mim, estaria, provavelmente, a soluçar quando caísse dramaticamente na cama, com as costas da mão a taparem-me a testa. Pobre de mim, sem amigos.

Abri a porta, pus a mochila ao ombro e puxei o saco de viagem para dentro de casa. Como que por magia, Jake e Ed apareceram.

– Olá! – gritaram os dois – Olá!

Assustei-me com a efusividade do seu cumprimento e, depois, dei um passo atrás e fitei-os com uma desconfiança ainda maior.

– Viva – retorqui cautelosamente.

– Divertiste-te? – perguntou Jake. Estavam ambos a sorrir freneticamente.

– Correu tudo bem – disse eu, recordando tudo o que tinha sentido como se fosse um pontapé no estômago. Eles não precisavam, porém, de saber isso. Até consegui parecer feliz.

Jake e de Ed ficaram com uma cara ligeiramente desanimada, mas, depois, em uníssono, ambos tornaram a sorrir. Agora, estavam a assustar-me. Deveria fechar a porta e fugir? Deveria tentar subir antes que eles tentassem oferecer-me em sacrifício ao deus ao qual tinham começado a prestar culto durante o fim de semana?

– Eu levo as tuas malas – disse Ed, dirigindo-se a mim.

– Sim, e eu vou preparar-te um chá de ervas. Filtrei água há pouco. E, ontem, fui à cidade e comprei cheesecake de chocolate.

– Eu comprei biscoitos com recheio de laranja e cobertura de chocolate – informou Ed.

– Pois eu comprei as bolachas digestivas de caramelo – redarguiu Jake.

– E eu comprei azeitonas verdes e rodela de chouriço.

– Mas quem se lembrou da focaccia?

Iam engordar-me antes do sacrifício. Recuei ainda mais, pronta para fugir.

– Entra e senta-te – disse Jake.

Ed tirou-me a mochila e o saco de viagem das mãos à força.

Jake aproximou-se de mim e conduziu-me até à sala de estar. Sentei-me cautelosamente no sofá mais próximo da janela. Poderia fugir por ali, se chegasse a esse ponto. Um pé no peitoril da janela, um pequeno salto para o jardim pavimentado em frente à casa e já iria ao fundo da rua antes de qualquer um deles ter tido tempo para pestanejar.

Ed levou as minhas coisas para cima, a correr, enquanto Jake foi rapidamente à cozinha e voltou com um tabuleiro com biscoitos, uma chávena de chá de morango e uma tigela com grandes e apetitosas azeitonas verdes. Uma das muitas coisas que faziam parte da minha lista de alimentos preferidos.

Jake e Ed sentaram-se no outro sofá e olharam-me com ansiedade.

– Muito bem, o que é que vocês fizeram? – disse eu.

– O que é que fizemos? – perguntaram.

– O que é que se passa, porque estão a ser tão simpáticos comigo? O que é que fizeram?

Entreolharam-se e fitaram-me.

– Nada.

– Arrendaram o meu quarto e, agora, estão a tentar amolecer-me antes de me darem a notícia?

– Não.

– Queimaram os meus pertences sem querer?

– Não.

– Oh, não, não partiram nenhuma das minhas cassetes do Angel, pois não?

– Nãããã – exclamaram em coro.

– Não disseste que teríamos uma morte horrivelmente lenta se tocássemos nelas? – acrescentou Ed.

– Disse, mas ficariam surpreendidos com a ineficácia dessa ameaça hoje em dia – balbuciei.

– Juramos que não nos aproximámos delas – afirmou Jake, com a mão no peito.

– Então, o que se passa?

Jake e Ed entreolharam-se.

– Diz-lhe tu – proferiu Ed.

– Não, diz tu – contrapôs Jake.

Continuaram assim até Jake, por fim, ceder e declarar:

– Ceri, a questão é que sentimos muitas saudades tuas.

– Pois sentimos – acrescentou Ed. – Só quando te foste embora é que percebemos que já fazes parte da nossa família.

– O Ed começou, então, a dizer que, se te divertisses enquanto estivesses em Londres, talvez quisesses voltar para lá.

– Tu é que disseste que ela talvez percebesse que era muito desgastante viver com dois rapazes e decidisse não dar o aviso prévio e voltar logo para Londres, Jake.

Não sabia se havia de rir ou de chorar, mas vieram-me as lágrimas aos olhos.

– E tu é que quase choraste só de pensar em voltarmos a ter colheres de chá sujas e manchas de pasta de dentes nas torneiras, Edward.

– Tu começaste mesmo a chorar.

– Mentiroso!

– Foi por isso que compraram toda essa comida? – perguntei.

Acenaram com a cabeça em uníssonos.

– Também te comprámos vinho.

– E cerveja.

– Sim, cerveja também.

Comecei a rir, fazendo com que uma lágrima caísse e me escorresse pelo rosto. Limpei-a com a parte de trás do polegar.

– Não vou a lado nenhum.

– De certeza? – disse Jake.

– A sério? – interrogou Ed.

– De certeza absoluta. Ceri D’Altroy está nesta casa para ficar.

Ambos os rapazes sorriram como se lhes tivesse prometido a adesão aos seus canais de pornografia de eleição. Não pude deixar de rir. Logo quando me sentia tão em baixo que era capaz de ficar uma semana na cama, com uma braçada de cassetes de Angel e uma garrafa de vinho, Ed e Jake fizeram-me sentir amada. Desejada. Era disto que precisava quando os meus ataques de solidão ganhavam contornos de depressão.

Eu sabia que o estado em que, por vezes, ficava não correspondia a uma depressão.

Quando não conseguia sair da cama, não era por ter perdido a esperança. Era mais uma tristeza por estar só. Um sentimento de vazio por não ter alguém cujas funções a desempenhar incluíssem estar ao meu lado. Um sofrimento por nunca conseguir acertar em termos de relacionamentos. Conseguia travar amizades, ouvir confidências por tudo e por nada, dizer aos outros como recuperar as suas relações, mas, no que se referia à intimidade com os homens, ia tudo por água abaixo. Tinha de aceitar que a minha vida seria, provavelmente, uma zona isenta de amor para sempre.

Eram estes os pensamentos que me assaltavam à noite, que me faziam pesar e doer o coração. Era, suponho eu, uma parte do que tinha sentido durante a viagem de Londres para Leeds.

Ali, no meio de tudo aquilo, estavam Jake e Ed. Dois rapazes que realmente me queriam por perto. Que tinham entrado em pânico só de pensar em não me ter por perto.

– Obrigada pelo esforço, meninos – disse, levantando-me. – Também senti saudades vossas.

– Abraço de grupo! – gritou Jake e, depois, ambos investiram sobre mim, ficando todos ao molho, a rir, em cima da alcatifa felpuda da sala de estar.

Capítulo 12

foliões

– Oh, vá lá, Cezza, vão lá estar homens – disse Jake.

– Também estão homens na minha televisão – retorqui, enchendo a boca de puré de batata com alho.

Ed e Jake estavam de saída para uma festa que alguns dos seus amigos da Met iam dar e, visto que era o primeiro fim de semana que eu ali passava desde a minha ida a Londres, não iam deixar-me sozinha. Desde aquele domingo, tinham-me colocado sob uma espécie de vigilância antissuicídio, na qual um deles tinha de saber onde eu estava a cada hora do dia. Recebia telefonemas e mensagens de correio eletrónico constantes, na faculdade. Batiam-me à porta para me oferecer chá ou comida, se estivesse no quarto. Tinha duas sombras que não queriam senão a minha felicidade – a expressão «cuidado com o que desejas» repetia-se continuamente na minha cabeça, quando começava a queixar-me de que ninguém sentiria a minha falta se desaparecesse.

Eles não iam sair sem mim neste sábado à noite e Jake pensava realmente que bastava uma festa com homens para me fazer despir o pijama e largar a minha tigela de comida de consolação. As opções eram as seguintes: puré com alho, pijama e um filme campeão de bilheteira na televisão ou percorrer as ruas, indo a uma festa onde só conhecia duas pessoas e tendo de sair do meu sofá para me arranjar. Não havia competição possível. Eu não ia a lado nenhum.

– Pois, mas estes homens falam contigo – insistiu Jake.

– Os homens que estão na minha televisão também falam comigo. E, por vezes, até lhes respondo.

– Mas talvez consigas uns beijos de um deles – interpôs Ed.

Como dizer: «Hei de conseguir uns beijos de um dos homens que estão na minha televisão?» sem parecer anormal?

– Está bem. Mas, se não conseguir nenhum beijo, vocês dois vão passar um péssimo bocado.

Eles riram.

– Pelos vistos, nem um nem outro têm noção de como posso dificultar a vida a dois rapazes como vocês.

Ambos sorriram quando pousei a tigela de puré com alho, afastei o edredão e me dirigi às escadas com passos pesados.

– Veste as calças de cabedal – gritou Jake.

– Como sabes que tenho umas calças de cabedal? – repliquei.

– Parece fazer o teu género.

– Sim, e veste também o top de lantejoulas douradas – acrescentou Ed. Conselhos sobre moda do Sr. «Nunca Dispo a Camisa de Flanela» em pessoa.

Tomei um duche, vesti-me, escovei os dentes e maquilhei-me em tempo recorde. Os rapazes, muito sensatamente, assobiaram quando descí as escadas. Tinha, de facto, vestido as calças de cabedal e o top de lantejoulas douradas.

Na maioria das casas de estudantes que se prezavam, a entrada fazia-se pela porta das traseiras, pois, normalmente, a porta da frente dava para o quarto de alguém. Era uma maneira de transformar uma casa com quatro quartos numa casa com cinco quartos. A casa de estudantes onde estava a decorrer a festa não era exceção.

Ed e Jake foram à procura dos amigos – ou seja, de quem tinha as drogas – mal entrámos pela porta das traseiras. Deixaram-me na sala de estar com o resto dos foliões.

– Terás mais hipóteses de conseguir uns beijos – argumentaram – se não tiveres dois homens por perto.

– Pois, como se eu olhasse duas vezes para qualquer um de vocês – retorqui. – Sem ofensa.

Encostei-me à parede da sala de estar, ignorando o facto de o meu casaco se ter colado à mesma.

Era uma casa de estudantes que se prezava. A única lâmpada vermelha em nada contribuía para disfarçar os horrores que tinham sido regurgitados para a alcatifa. A mobília tinha sido afastada para o fundo da sala e evidenciava sinais de desgaste. Geração após geração de estudantes tinham feito charros nos braços daquele sofá acastanhado e da poltrona que não condizia. Só Deus sabia a que se deviam aquelas manchas entre as partes coçadas, mas eu tinha as minhas suspeitas.

Encostei-me à parede e deixei o meu pensamento recuar no tempo. Recuou, na verdade, cerca de vinte anos. Não podia deixar de pensar que os anos 80 podiam ter sido a década que a moda tinha esquecido – ou melhor, de que a moda escarnecia –, mas, pelo menos, naqueles tempos, havia quem soubesse compor uma música. Nos anos 80, era rara a canção que não dava vontade de dançar e de acompanhar a letra – mesmo que se usasse uma saia com feitio de cogumelo, uma camisola com asas de morcego, sombra azul vivo nos olhos e se tivesse penteado para trás e fixado com laca a permanente para que se aguentasse num ângulo de noventa graus. De qualquer modo, todas as pessoas para quem se dançava estavam igualmente mal vestidas; também elas se deleitavam com camisas brancas com folhos e batom de brilho.

Recordar outros tempos duplica-nos imediatamente a idade, pensei e comecei a beber cerveja. E estar sozinha numa festa enquanto recordava triplicava-me a idade... mas era verdade. A música era música naqueles tempos: Duran Duran, Spandau Ballet, Madonna, Luther Vandross, Haircut 100, Barry White, Howard Jones, Phill Collins, tudo muito melhor do que as modernices que se ouvem hoje em dia.

Por favor, ponham a tocar Howard Jones. A sério. Tudo, menos este disparate do

século xxi.

Aah, Ceri, que idade tens?, perguntei a mim mesma com severidade.

Já lá ia o tempo em que abria caminho às cotoveladas até ao centro da sala, para poder ser vista por todos enquanto dançava. Acreditava a esse ponto nas minhas capacidades motoras. Já lá ia também o tempo, porém, em que não apareceria numa festa com calças de cabedal e botas de salto alto. Nos meus tempos de estudante, qualquer pessoa que aparecesse numa festa com calças de cabedal era linchada por ser um sacana capitalista que fazia mal a animais fofinhos. Hoje em dia, era mais provável receber conselhos de investimento sobre qual o animal do qual se obtinha a melhor pele.

Eu não vivia inteiramente no passado, mas, enquanto estudante, as minhas preocupações iam além da proveniência do próximo charro, principalmente porque não consumia drogas. (Era completamente a favor de que as pessoas fizessem o que quisessem, dentro do razoável, mas as drogas não eram para mim. O álcool tinha um estranho efeito sobre mim; juntar drogas a tal equação era pedir que os meus pais fossem identificar o meu corpo depois de ter sofrido uma overdose.) Já na escola secundária, tinha uma ideologia política. Estive ao lado dos técnicos de ambulância nos piquetes de greve; organizei a ida de vários autocarros a Brighton para uma marcha de protesto contra os empréstimos a estudantes. Na escola, boicotava todas as empresas com interesses na África do Sul.

Na faculdade, fiz parte de grupos de pressão; aderi ao Sindicato Estudantil e cheguei mesmo a tentar levar os estudantes a interessarem-se pela política. Escusado será dizer que realmente me ajoelhei e agradei a Deus no dia em que Margaret Thatcher se demitiu. Olhei para a sala; seria uma sorte que a maioria daquela gente soubesse quem era o atual Primeiro-Ministro.

Muito bem, Ceri, anima-te. Estás numa festa. Voltei a olhar para a sala, desta vez de modo menos crítico. Desta vez, à procura de rapazes.

Ora ali estava um que não era mau. O de cabelo rapado, bela pele morena, olhos enormes, nariz achatado e lábios salientes. Hummmm, mesmo nada mau. Agora, fixa-o com um olhar que revele o teu interesse. O teu interesse, não o teu desespero. Não carregues tanto o sobrolho, sorri um pouco mais. Olha, também está a sorrir...

Afastei-me da parede, sorri um pouco mais, fixei-o com os meus olhos escuros e misteriosos...

O rapaz também sorriu. Fez sinal com a cabeça, como quem dizia: «Vem cá». Tinha acabado de me descolar da parede quando uma rapariguinha se aproximou dele, lhe colocou os braços à volta do pescoço e começou a beijá-lo desalmadamente.

Também não parecia ter mais de quinze anos.

Bebi cerveja e continuei a olhar para a sala. Desta vez, chamei a atenção de alguém. Ele estava decididamente a olhar para mim; os seus olhos praticamente me penetravam. Reconheceria aquele olhar em qualquer lado – era o homem que estava no bar, há duas semanas. Do outro lado do fumo, das luzes a piscar e da música, estava encostado à

parede, com uma lata de cerveja na mão, a fulminar-me com o olhar. Sabia que era para mim, porque olhei à minha volta e não havia mais ninguém que estivesse minimamente próximo e que pudesse ser o alvo daquele olhar fulminante. Talvez o conhecesse. Olhei com atenção através do fumo e das pessoas que se movimentavam, para conseguir vê-lo melhor. Mas não, a sua cara não me dizia nada. Tinha quase a certeza de que não o conhecia. Talvez fosse um escritor a quem eu tivesse encomendado um trabalho, em Londres, e que não estava satisfeito com a versão final do seu artigo, pelo que, agora, me olhava com má cara para se vingar.

Como da outra vez, no bar, não fez questão de disfarçar o olhar fulminante quando reparei nele: se fosse apanhada a olhar de lado para alguém – nem que fosse alguém que odiasse –, teria, pelo menos, a delicadeza de virar a cara e continuar a lançar o olhar fulminante passado um ou dois minutos. Era evidente que aquele homem não tinha delicadeza nenhuma. Fulminava-me, fixava-me e olhava-me de lado como se eu estivesse de costas voltadas para ele.

Pois bem, eu podia pagar-lhe na mesma moeda. Virei-me ligeiramente, esvaziei o rosto de qualquer expressão, de modo a que a minha boca se tornasse um traço apagado, assim como os olhos, e, depois, retribuí-lhe o olhar. O meu não era tão maligno; deixaria a malignidade para mais tarde. Apenas o fixei como ele me fixava. Fazendo de conta que não havia música, pessoas a dançar e név...

– Mas que surpresa encontrar-te aqui!

Assustei-me ligeiramente quando Mel se interpôs entre mim e o Homem do Olhar Fixo.

– Como tens passado? – gritou, sobrepondo-se à música.

– Bem. E tu, como tens passado? – respondi.

Mel encolheu os ombros de modo desleixado.

– Queres uma bebida?

Ergui a minha lata.

– Já tenho uma, obrigada.

– Ah – retorquiu Mel. Bebeu da sua lata de cerveja. Evidentemente, tinha vestido um conjunto da Levi's, mas, desta vez, trazia uma t-shirt branca em vez de uma camisola de gola alta. – Então, estás bem contigo? – perguntou. Todos os indícios levavam a crer que ia tornar-se uma conversa de ocasião. Ele sentia-se constrangido por me ter mostrado uma faceta sua que muito poucas pessoas conheciam e, embora uma parte de si ansiasse por voltar àquela intimidade, o resto estava apavorado com tal perspetiva. Porque haveria alguém no seu juízo perfeito de contar todas aquelas coisas a uma pessoa praticamente desconhecida, sobretudo quando se cruzava com ela no trabalho e fora dele? Era uma excelente pergunta, que eu, muitas vezes, fazia a mim mesma quando alguém me arrastava para a sua vida.

– Sim, estou ótima, Mel. E tu, como estás?

Mel encolheu novamente os ombros.

– Porque estás aqui? – perguntei. – Eu vim com o Jake e o Ed.

– O quê?

– Vim com o Jake e o Ed – disse alto. – Quem conheces aqui?

– Uma das minhas alunas da All Souls. Vive com gente da Met. Também conheço muita gente da Met. Mas foi a minha aluna que me convidou.

– Certo.

– Queres dançar? – perguntou Mel, apontando para o espaço destinado à dança, agora apinhado, na sala de estar esvaziada.

– A sério? – repliquei.

– A música é uma porcaria, não é? – riu Mel.

Acenei com a cabeça.

– Deem-me Wham quando quiserem. Só venho a estas festas porque é melhor do que ficar sentado em casa, sozinho.

Assim falou um homem solitário. Mel estava habituado a ter companhia. O seu casamento tinha acabado há pouco tempo. Era, suponho eu, compreensível que precisasse de alguém. Do barulho e da distração. Era a única forma de fazermos parar o ruído constante que tínhamos dentro da cabeça. De deixarmos de pensar no que tínhamos feito para destruir a nossa vida. Sair era muito mais fácil do que enfrentar a dor. Do que pensar os pensamentos e sentir os sentimentos.

– Percebo o que queres dizer – retorqui. A música transformou-se noutra «canção», que era uma versão adulterada de uma bela melodia caída no esquecimento.

– Tenho pensado muito – disse ele – desde que fui a tua casa.

Acenei com a cabeça. Já o esperava.

– É... Tenho pensado muito.

– Pensar não é tão bom como se diz, pois não? – redargui.

– Não. Não, não é. Eu, aah, quase telefonei à minha mulher.

Ai sim?!

– Ai sim?

– Mas, como não sabia o que dizer, não o fiz.

– Podias tentar fazer como eu: abro a boca e digo o que me vem à cabeça no momento. É quase tão bom como ter um plano.

– Se fizesse isso, provavelmente, contava-lhe que... tu sabes... e ela ficaria destroçada. Já não está?

– Porque se separaram? Isto é, se ela não sabe – agitei a mão de modo expressivo –, porque estão separados?

Mel olhou à sua volta, vendo se a costa estava livre, antes de gritar mais alguns pormenores da história da sua vida amorosa por cima da música.

– VEM DANÇAR! – esganiçou-se uma estudante à nossa frente. Jovem, morena, menos bonita e sofisticada do que Claudine.

– Não – riu Mel. Quase como um tio mais velho dizia à jovem sobrinha que não queria dançar no casamento da sua irmã mais velha. (Bem, ela não devia estar a falar comigo,

pois não?)

– Oh, vá lá! – insistiu ela e agarrou-lhe as mãos, fazendo beicinho. – Não sejas um velhadas! – Ela olhou-me de lado ao dizer «velhadas»? Idiota. Devia ir para o meio da sala e mostrar-lhe o que é dançar. Ou simplesmente dar-lhe uma bofetada.

Mel olhou-me como quem dizia: «Achas que devo? Bem, eu vou na mesma». Eu, obedientemente, segurei-lhe a cerveja e o saco cheio de latas.

A jovem arrastou Mel para o meio da sala de estar, afastando às cotoveladas quem tinha a audácia de se atravessar no seu caminho. Tinha o seu homem e ia certificar-se de que todos o sabiam. Não tardou a agarrar-se a Mel, colocando-lhe os braços à volta do pescoço, com o corpo colado ao dele. Estava a inclinar-se e a posicionar-se para um beijo, olhando constantemente para ele com a cabeça a pender para o lado, mesmo a jeito de ele se baixar e unir os seus lábios aos dela. Eu diria que era a aluna que o tinha convidado para a festa. E ela tinha entendido a vinda dele como uma tentativa de engate pessoal. Eu também entenderia assim, se estivesse no seu lugar – já tinha entendido como uma declaração de amor o facto de Drew me ter dado 10 pence por não ter dinheiro que chegasse para comprar um gelado; a vinda de um homem a uma festa para a qual eu o tivesse convidado significaria que estava a pedir-me em casamento e a oferecer-me um parto sem dor. Não lhe passaria pela cabeça – ou a mim, se estivesse no seu lugar – que ele tinha saído para fugir do silêncio daquele que teria sido o seu lar conjugal.

Mel não estava manifestamente interessado. Mexia o corpo ao compasso da música, mas o seu olhar vagueava por todo o lado, sem se fixar em nada. E nem se aproximava da mulher que estava a tentar tornar-se a sua segunda pele.

Numa fração de segundo de silêncio entre duas músicas, o ambiente ficou eletrizante; alguém introduziu toda a sala numa tomada e ligou o interruptor. Senti a eletricidade do momento percorrer todo o meu corpo. Mel parou em plena dança, como se alguém acabasse de lhe apontar um comando e carregar no botão da pausa. Mas foi só o seu corpo que parou; o rosto transformou-se numa imagem de horror e de pavor, com os olhos fixos na porta que dava para a das traseiras. Olhei para a porta. Claudine. Ela tinha estudado na Met. Ele tinha estudado na Met. A festa era de estudantes da Met. Era perfeitamente lógico que ela ali estivesse.

Agora, na perspetiva de Claudine, aquilo não parecia nada bem. Eu via claramente a impressão que podia dar: Mel, que andava a confessar-lhe o seu amor e tudo o mais, que andava a pedir-lhe que deixasse o namorado sem efetivamente lho pedir, estava a dançar de forma bastante próxima com uma aluna jovem e atraente. Este último substantivo («aluna») e dois adjetivos («jovem» e «atraente»), uma vez aplicados a alguém com quem Mel estava a dançar, também não iam ajudar nada. Do ponto de vista de Claudine, não eram atos de um homem que estava perdidamente apaixonado por ela. Não eram sequer atos de um homem apaixonado.

Claudine pôs um sorriso forçado no rosto e entrou na sala, seguida pelas amigas. Não

eram professoras da All Souls, mas a maioria era da sua idade, estava bem vestida e era muito sofisticada. (Era aquela aparência que eu gostava de ter sempre. Bem vestida e sofisticada, mesmo que andasse com um saco do lixo às costas. E, embora uma delas parecesse andar com um saco do lixo, não deixava de ter um ar sofisticado. E apostava que os seus gases também cheiravam a flores.)

Mel afastou-se da aluna e, a sorrir, foi ter com Claudine. A aluna seguiu-o e ficou ao seu lado enquanto ele e Claudine falavam. Na verdade, foi bastante cómico. A aluna punha-lhe o braço à volta da cintura a todo o instante e Mel estava sempre a repeli-lo, enquanto falava com Claudine. Por mais que afastasse o braço, no instante seguinte, ele tentava instalar-se novamente no seu corpo. Ela nem parecia importar-se com o facto de ele estar a ignorá-la por completo. Mel e Claudine conversaram um pouco e, depois, esta encolheu os ombros, como quem, muito incomodado, dizia que não estava incomodado, e atravessou a sala com as amigas. Depressa ficaram rodeadas de homens. Homens a sério. Pessoas que estavam mais próximas da minha idade do que da do resto dos estudantes. Onde é que eles apareceram?, pensei, enquanto os via salivar por Claudine e pelas suas amigas. Estou aqui há uma eternidade e não reparei num único homem desejável e, agora, apareceram todos do nada. É justo, não é?

Mel, seguido pela sua aluna, voltou para junto de mim e arrancou-me o saco das mãos. Passou a mão pelo cabelo algumas vezes, sempre a lançar um olhar furioso a Claudine.

– Vou para casa – declarou. – Queres vir comigo?

Era claramente a melhor proposta que iria receber durante toda a noite.

Capítulo 13

traidor

Mel fez chá zangado.

Não era o chá que se chamava «zangado». Ele é que fez chá de modo zangado, bufando de irritação ao bater com as chávenas no balcão de pequeno-almoço e, depois, arremessar saquetas de chá para dentro delas. Dito isto, a crer no romance Como Água para Chocolate, toda a sua raiva e frustração passariam para a bebida e eu não tardaria a engasgar-me com a sua fúria só por beber um gole de chá. Nestas circunstâncias, tive demasiado medo de lhe dizer que não bebia chá normal, a não ser em caso de emergência.

Ele vivia a cerca de três ruas da festa e o trajeto entre esta e a sua casa tinha sido marcado pela ira. Uma parte de mim tinha ficado assustada. Mel não era, em si, um homem assustador, mas, depois de ter deixado a festa, tinha ficado com um humor nefando. Claro que, na outra noite, eu tinha-o achado capaz de matar alguém e enterrá-lo num pátio. Mas, mesmo na escuridão da festa, percebi que ele precisava de uma amiga. E, sim, pronto, está bem, cérebro, já não devia fazer estas coisas, mas tenta tu voltar as costas a um suicida.

Mel não era manifestamente suicida. Não era daqueles suicidas que misturavam bebida com drogas em excesso ou apontavam uma espingarda ao queixo. Era, sim, daqueles que bebiam uma garrafa de uísque e iam provocar uma briga com um indivíduo bem corpulento. Era capaz de levar uma tarefa de criar bicho, para sofrer fisicamente e não ter de sofrer emocionalmente. Para não ter de sentir o que estava a sentir. É o que acontece nestas situações: primeiro, a única forma de afogar as mágoas é beber. Em seguida, bebe-se e bebe-se mais. Depois, a bebida torna-se ineficaz, assim como as saídas em que se fica rodeado de gente, estando completamente bêbedo, pelo que a fase que se segue é a da dor física. Dar murros às paredes ou sair para provocar uma briga com um rufião prestável, de modo a ficar com a cabeça metida para dentro a pontapés. Eu tinha sentido o desespero de Mel, a sua ansiedade por ser magoado na festa, e comecei também a sentir-me desesperada, pelo que, naturalmente, o acompanhei.

– A minha mulher é desenhadora e decoradora de interiores – explicou Mel quando fiquei deslumbrada com o seu frigorífico ao estilo americano, enormes cadeiras de pele dos anos 60, alcatifa creme, paredes brancas, bancos de pequeno-almoço almofadados, tapetes de pele artificial, madeira clara e acessórios cromados. Era aquele aspeto que o meu apartamento devia ter. Que sempre teria, até realmente me mudar para lá e descobrir que a decoração era algo muito dispendioso e demorado.

– Ah, pois.

– Foi assim que nos conhecemos – disse ele, enquanto atirava uma chávena de chá para cima da mesa de apoio com tampo de vidro e se deixava cair numa das cadeiras de pele dos anos 60. Afundou-se na cadeira, com a cabeça pendurada, não chegando bem com os pés ao chão e balançando as pernas para trás e para a frente. Mel fez-me lembrar o meu sobrinho de cinco anos e a forma como este se sentava quando se sentia injustamente acusado de alguma coisa.

– Tinha acabado de comprar esta casa. Era uma casa de estudantes cujo senhorio se fartou de a gerir, pelo que a comprei ao preço da chuva. Até me sobrou dinheiro para contratar uns decoradores. Encontrei o número de telefone dela na lista e marquei hora. Fui ao escritório dela e... – Mel olhou para o seu chá, subitamente menos zangado, mas mais perdido. – Era a mulher mais bonita que eu alguma vez tinha visto.

Parou.

– Namoriscámos escandalosamente durante a reunião e, como é evidente, convidei-a para sair. Ela não saía com clientes, mas abriu uma exceção comigo. Cerca de seis meses depois, veio viver para aqui. Entretanto, tinha criado a sua própria empresa e a nossa casa tornou-se, de certo modo, uma amostra do que ela sabia fazer. Cadeiras de Philippe Starck, colunas de som da Bang & Olufsen, tapetes da Habitat, cromados, madeira clara, frigoríficos da Smeg, etc., etc.... O seu escritório era lá em cima, assim como o meu. O resto da casa tinha de se manter imaculado, devido às visitas dos clientes. O meu quarto, ou melhor, o meu escritório, é uma pocilga. Sempre foi. Sempre há de ser.

Fiquei sentada no sofá, a brincar com a minha chávena de chá zangado.

– Casámos cerca de um ano depois. Nem sequer precisámos de uma lista de casamento, pois tínhamos tudo o que a maioria dos recém-casados querem.

– Sentiste que perdeste a oportunidade de criar um novo lar com alguém? – perguntei.

O rosto de Mel denotou surpresa; olhou-me como se, pela primeira vez, se apercebesse de que eu ainda ali estava. Encolheu os ombros.

– Talvez. Quem sabe?

– Ainda não me disseste qual foi o motivo da separação, dado que ela não sabe o que se passou entre ti e a Claudine.

Mel corrigiu, então, a postura e pareceu-se tanto com o meu sobrinho que me apeteceu abraçá-lo, dizendo: «Está tudo bem, sei que foi sem querer». Ele suspirou. Depois, sorriu amargamente.

– Aquilo com a Claudine aconteceu pouco antes do fim de semana em que a Fran foi a casa visitar os pais, em Sheffield. No fundo, tínhamos decidido que ia ser o primeiro Natal que passávamos juntos, em casa, sozinhos, sem pais, nem irmãos, nem amigos. Ela é muito chegada à família, por isso, foi a casa uma semana antes, para ter um Natal antecipado com eles. Foi no mesmo fim de semana em que houve a festa do pessoal, na faculdade. Eu e a Clau voltámos no mesmo táxi, uma coisa levou à outra...

A Fran regressou na terça-feira à noite. Eu tinha passado todo aquele tempo a tentar

perceber o que sentia. Afinal, não teria feito aquilo com a Clau se amasse verdadeiramente a Fran, pois não?

Quando chegou, entrou em casa e eu quis contar-lhe o que tinha acontecido. Nunca tinha feito nada assim. Isto é, nunca tinha sido infiel, não fazia parte da minha natureza. Não era assim que eu atuava. Só queria confessar-me, pôr tudo às claras. Não parava, porém, de pensar na reação dela ao facto de eu ter feito aquilo com uma pessoa que ela considerava sua amiga. O pior foi ela sentir-se mal por eu ter ficado sozinho durante todo aquele tempo – nunca tínhamos estado tanto tempo separados. Não parava de tentar desculpar-se. Até me tinha comprado um presente de Natal antecipado, para me compensar. Uma consola de jogos, imagina como me senti. Na primeira noite, não toquei no assunto. Assim como na segunda noite. Mas, na terceira noite...

Ela estava sentada onde tu estás, eu estava aqui e apenas a olhei, fixei-a durante imenso tempo. Estava enroscada a ler um livro de Jane Austen e eu disse:

– Já não te amo. – Ainda não acredito que o disse assim.

Ela apenas continuou a ler.

– Ouviste-me? – interroguei. – Já não te amo.

Ela levantou os olhos do livro e o seu rosto estava imóvel como pedra.

– Eu ouvi-te – respondeu. – Estava só a pensar no que querias que eu dissesse.

– Não sei. Só achei que devias saber.

– Queres dizer que não me desejas ou que não me amas? – perguntou.

Encolhi os ombros.

– Não te atrevas a encolher-me os ombros, Melvin Rivers. Não te atrevas a ficar aí sentado, dizer-me para me pôr a andar e, depois, encolher-me os ombros.

Fiquei imenso tempo a olhar para o chão e, depois, disse:

– Ainda te desejo. Ainda iria para a cama contigo, mas não te amo.

– Então, o problema não é o meu corpo. Sou eu.

– Suponho que sim – retorqui.

– Existe outra pessoa? – perguntou.

O que haveria eu de responder? Talvez fosse por causa de outra pessoa ou talvez não fosse. Só sabia que não teria estado com a Clau se amasse ou respeitasse a Fran.

– Não. Nem por isso.

– COMO ASSIM, «NEM POR ISSO»? – gritou-me. Até me atirou o livro. Por sorte, não me acertou, pois era de capa dura.

– Tenho uma ideia da pessoa que amo na minha cabeça e não és tu.

– ESPERASTE ATÉ ESTARMOS CASADOS HÁ QUATRO ANOS PARA CHEGARES À CONCLUSÃO DE QUE NÃO SOU A PESSOA QUE AMAS NA TUA CABEÇA?

– NÃO! SIM! NÃO SEI. SÓ SEI QUE JÁ NÃO TE AMO.

Pensei que fosse atirar-me outro objeto, mas deixou-se abater. Jamais esquecerei que ficou aí sentada, a soluçar, e o que senti ao ouvi-la chorar e soluçar. Queria ir ter com ela, mas não conseguia mexer-me.

– Então, o que estás a dizer? – perguntou. Nesta altura, tinha lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto.

– Não quero ficar mais contigo. – Sim, disse mesmo isto.

Ela foi para cima e eu fiquei aqui sentado, pois não conseguia mexer-me. Penso que, acima de tudo, estava em estado de choque. Nunca na minha vida tinha sido tamanho pulha. Afinal, ali estava eu, a despedaçar-lhe o coração, a destruir-lhe a vida, e fui tão frio. Tão frio. Fui simplesmente... frio. Acabei por ir ter com ela e estava deitada na cama. Não parava de repetir, por entre lágrimas:

– Porquê? Porquê? Onde é que eu errei?

Deves estar a pensar que eu não podia ser muito mais cruel, mas podia e fui. Comecei a consolá-la, a acariciá-la, depois beijei-a e, por fim... por fim... acabei por fazer amor com ela. A Fran chorou do princípio ao fim e, depois, disse:

– Onde é que eu errei?

Conversámos longamente e eu só sabia dizer:

– Não é a ti que eu quero.

Enfim, quando adormeci, algumas horas depois, ela levantou-se, fez uma mala e foi-se embora. Faltavam três dias para o Natal. No dia anterior à véspera de Natal, fui a um bar; não suportava o silêncio da casa. Era a única coisa para a qual não estava preparado. O silêncio. Era horrível. Quando voltei, ela tinha levado o que lhe pertencia. Tudo o que tinha no escritório, a roupa, a maquilhagem, os livros, os CD. Imaginei que tivesse tido ajuda. Deixou apenas um cheque para pagar as contas e metade de um mês de hipoteca, as chaves e um número de telefone para o qual reencaminhar todos os contactos profissionais. Desde então, nunca mais a vi, nem falei com ela.

O Natal foi um inferno. Não sabia como havia de dar a notícia nem à minha família, nem a ninguém. Como dizemos ao mundo que falhámos num casamento com a mulher mais maravilhosa à face da terra? Como diria a toda a gente que, no último ano, aproximadamente, mal tínhamos falado? Ou que a conversa mais longa que tivemos num período de doze meses foi na noite em que ela me deixou? A Clau telefonou-me, mas era com ela, mais do que ninguém, que eu não conseguia falar. Passei toda a véspera e dia de Ano Novo sob o efeito de drogas, cerveja e uísque. Pensei que ia morrer no dia 2 de janeiro. Uma parte de mim queria morrer no dia 2 de janeiro.

Se pudesse voltar atrás no tempo, não seria tão frio. Não seria... Oh, não sei, não posso voltar atrás no tempo, estou oficialmente separado da minha mulher e não falei com ela, porque não faço ideia do que hei de dizer-lhe. Nenhum de nós deu início ao processo de divórcio e tenho a certeza de que ela me telefonava se tivesse algo a dizer-me. Logo, o motivo oficial da nossa separação é o facto de eu ser um grande pulha e de ela ter sido apanhada de surpresa por esse facto, mesmo antes do Natal...

Fosse eu, Ceri D'Altroy, uma pessoa sem uma predisposição para dizer o que pensava, teria dito: «Não és um grande pulha». Era fiel à verdade e ele parecia um grande pulha.

Não era um pequeno, nem um assim-assim, mas sim um grande pulha. No entanto, eram precisas duas pessoas para destruir um casamento. No caso de Mel e de Fran, embora eu só tivesse ouvido uma versão da história, parecia, de facto, que ambos tinham descurado o casamento. Além disso, havia, evidentemente, aquele «deslize» de Mel com Claudine.

– Não te preocupes, não precisas de dizer que não sou um pulha. Eu sei que fui. Ainda fico parvo quando penso no que fiz.

– Não ia dizer que não eras.

Felizmente, ele riu, em vez de fazer de mim parte das fundações de um pátio.

– Enfim, passando à frente, a Clau odeia-me. Acha que eu estava a cobiçar aquela aluna.

– Ela disse isso?

– Não, nem precisava. Disse apenas: «Pareces estar a divertir-te, não quero interromper-te». Depois, ela e as quatro bruxas das suas amigas afastaram-se.

– Ela não te odeia.

– Está só com ciúmes, não é? É que faz toda a diferença.

– Ouve, Mel, todos nós proferimos a palavra «ódio» a torto e a direito, como se fosse tão caprichosa como o ar, mas trata-se de um sentimento muito forte. Não a imagino a ter esse sentimento num momento e a conservá-lo, depois, até morrer.

– Pensas tu – retorquiu Mel.

A argumentação sentimental não ia dar resultado. Mudei de estratégia.

– Sabes que aquela aluna gosta de ti, não sabes? – disse.

Mel suspirou.

– Ora, só serve para me encher o ego. – Reparou nas minhas sobrancelhas erguidas. – Sim, eu sei que sou um pulha. Mas a minha esposa deixou-me e a mulher que amo está com outra pessoa. Preciso de algo que me inflame o ego.

– Já pensaste em fazer carreira a escrever letras para músicas country e western?

Mel riu.

– Sabias o que estavas a fazer quando a deixaste colar-se toda a ti. Devias estar grato por ela não estar a esforçar-se mais por te beijar quando a Claudine entrou.

– Suponho que sim.

Aquele sentimento, a minha maldição, intensificou-se no meu coração. A necessidade de melhorar as coisas. Quanto mais aqueles grandes olhos cor de avelã me sorriam, mais forte se tornava tal sentimento. Cerrei os dentes, tentando evitar dizer algo, qualquer coisa que o fizesse sentir-se melhor, que remediasse aquela situação. Da última vez que o tinha feito, tinha acabado por ficar com o Não-sei-quantos Toca-gaitas. Mas, mesmo enquanto me debatia comigo mesma, sabia que estava a travar uma luta perdida. Mais valia tentar deixar de ver televisão durante um ano ou dois.

– A Claudine não te odeia. Está apenas com ciúmes, e – que Deus me perdoe pelo que estou prestes a fazer, mas ele está a precisar, dá para ver pela sua cara que está a precisar – os ciúmes são um bom sinal. Deve ter sido apanhada de surpresa pela

intensidade da sua reação – meu Deus, prometo que irei à igreja em breve, se não permitires que isto se volte contra mim – ao ver-te com outra mulher. Ainda que se trate de uma aluna.

Ele chegou-se para a frente, no seu assento.

– Achas mesmo?

Acenei com a cabeça, sendo incapaz de concordar com os disparates que tinha acabado de dizer. Devia ser verdade, mas também não devia ser assim tão simples, já que Claudine ainda estava com o seu companheiro e tudo isso.

– Achas que devo dizer-lhe que a aluna não significou nada para mim?

– Não, Mel, acho que deves fazer com que a aluna saiba que aquilo não significou nada para ti. Que, para começar, «aquilo» nem existiu, antes que o assunto seja empolado e chegue à faculdade o boato de que andas metido com uma aluna. Ignora o que diz respeito à Claudine. Tudo há de resolver-se. São amigos há anos, isso passa. – Além disso, já te esqueceste de que ela está com outra pessoa?

Mel escorregou do assento para o chão, mantendo, ainda assim, a chávena de chá direita.

– Eu amava a minha mulher, sabes – declarou. – Não deixei de a amar tão depressa como lhe dei a entender. Estava tão ocupado a levá-la a deixar-me que creio que nunca pensei bem no quanto estava a magoá-la. Pensei em livrar-me dela, em evitar ser-lhe infiel, mas nunca pensei no quanto estava a magoá-la. Acreditas?

Por acaso, sim, acreditava.

Capítulo 14

perdida

Jake não estava enganado quanto à distância entre o piso inferior e o piso superior, ou seja, o meu quarto. A aplicabilidade do contínuo espaço-temporal do Caminho das Estrelas não me passava despercebida em momentos como este. Tinha espaço, mas teria tempo (ou energia) para ir lá para cima? (Pensava constantemente que o motivo pelo qual continuava solteira estava relacionado com a minha capacidade para introduzir o Caminho das Estrelas em conversas normais.)

Mel tinha mandado chamar um táxi para me levar a casa às três horas e este tinha chegado às quatro e meia. A noite de sábado era de ronda pelas discotecas até altas horas e as empresas de táxis concentravam-se, naturalmente, em levar primeiro a casa os clientes daquelas. Pessoas como eu, que queriam andar um par de quilómetros até ao fundo da rua, tinham de esperar até as corridas maiores estarem despachadas.

Eu ia para dizer ao taxista que devia cobrar-lhe uma taxa de espera, tal como ele me cobraria se o tivesse deixado à espera durante uma hora e meia, mas, estranhamente, a minha boca não se abriu. Talvez fosse do cansaço. Ou, então, era porque o taxista era um velho branco e corpulento de cabelo rapado, com um dente de ouro e que cumprimentava os clientes com um grunhido.

Depois de lhe ter pagado e dado gorjeta (era uma verdadeira cobarde diante de algo tão assustador), dei por mim ao fundo das escadas, a olhar para elas, apercebendo-me de que eram intermináveis. Na verdade, fizeram-me lembrar a cena do filme *Poltergeist* em que o corredor parecia tornar-se mais comprido sempre que a mãe tentava percorrê-lo. Quando chegasse ao segundo lanço de escadas, estaria a subir uma escadaria para o paraíso. Ou por ali perto.

Por sorte, anteriormente, não tinha levado o meu edredão para cima. O Jake e o Ed não vão importar-se que eu durma no sofá, só desta vez, pois não?, perguntei a Narciso, que continuava a olhar para o seu reflexo, em silêncio, por cima da lareira. Previsivelmente, não me respondeu.

Despi as calças de cabedal – às 4h45, não eram tão boa ideia como tinham sido às 22h00 da noite anterior – e suspirei quando senti ar nas pernas e a minha carne cedeu à gravidade. Nunca me sentia tão grata como no momento em que despia as calças e a minha carne podia voltar a ocupar o seu lugar natural no meu corpo. Tirei o top dourado, mas fiquei com o sutiã e as cuecas vestidos. Se, por acaso, me destapasse, não queria que Jake ou Ed entrassem e me vissem nua, estendida no sofá. E, no meu universo, seria o fim de semana em que os pais decidiriam visitá-los.

Os pássaros tinham começado a piar, a chilrear e a fazer, de um modo geral, uma

grande algazarra no exterior, como quem dizia «Estamos acordados. E tu, porque não estás?», enquanto o sol devia, obviamente, estar prestes a nascer.

Embrulhei-me no edredão como se fosse um casulo, para que a minha pele não ficasse colada ao couro do sofá, aconcheguei-me e deitei-me de lado, de costas para a janela. Em tempos, teria chegado a casa àquela hora por ter estado a ter relações sexuais. Teria entrado num táxi às quatro e meia da manhã com ligeiras palpitações deixadas por outra pessoa a causarem-me arrepios na pele. Teria de tomar um duche antes de me deitar entre os lençóis, perguntando-me quanto tempo deveria esperar para lhe telefonar.

Não teria, com certeza, passado a noite na companhia de um homem atraente sem sequer pensar em saltar-lhe para cima. Isto porque, mesmo nas inúmeras (INÚMERAS) ocasiões em que descobri que um homem me queria pela minha atenção e não pelo meu corpo, havia um limite de tempo. Normalmente, tempo para o pôr a andar, num bar. Talvez à meia-noite, se ele tivesse muitíssima sorte. Nenhum homem tinha ultrapassado o limite das duas da manhã. Não se o sexo estivesse completamente fora de cogitação.

Mel, porém, com as suas tendências suicidas, tinha-me feito ficar. Nem me tinha passado pela cabeça ir-me embora. Na verdade, se ele não tivesse começado a adormecer às três horas e apagado completamente às 4h15, teria passado a noite com ele. A ouvi-lo. Apenas a ouvi-lo.

Tinha piorado. Ir viver para ali tinha-me feito piorar e não melhorar. Não tinha «começado de novo». Os Mandamentos eram tão pouco postos em prática que já me tinha esquecido de quais eram – à semelhança dos verdadeiros Mandamentos.

Não tinha, de modo nenhum, começado de novo. Tinha-me envolvido tanto na vida dos outros que nem me lembrava de que tinha vida própria. Aliás, será que tinha? O que estava eu a sentir antes da festa? Nem conseguia recordar-me. Não conseguia realmente recordar-me do que estava a sentir ou a pensar antes de Mel aparecer. Pus uma almofada em cima da cabeça. Tinha-me perdido na vida dos outros.

A porta da rua produziu um estalido quando alguém a fechou devagarinho. Espreitei por baixo da minha almofada quando um vulto passou sorrateiramente pela sala de estar e se dirigiu à cozinha. Parecia ser Jake.

Só que, ao mesmo tempo, não parecia. Parecia ser uma versão deprimida de Jake, com a cabeça baixa, movendo o corpo de modo apático. Podia estar a voltar ao estado normal após uma grande orgia de drogas ou... Detive-me um pouco. Sim, não restavam dúvidas. O ar atrás de si cintilava de sexo. De mim, não era, de certeza.

Destapei-me, levantei-me, agarrei no edredão e embrulhei-me nele como uma jovem aspirante a estrela de cinema depois de ter tido relações sexuais e ir para a cozinha. (Aqueles atrizes magricelas faziam com que parecesse muito fácil estar embrulhada em roupa de cama pesada e caminhar EM SIMULTÂNEO. Não era. Nem um pouco.)

Jake estava sentado num banco junto ao balcão de pequeno-almoço, a olhar para a janela das traseiras, apesar de os estores estarem fechados. Não tinha acendido a luz e a cozinha estava mergulhada na penumbra.

- Por onde andaste, seu vadio nojento? – sussurrei. Sussurrar parecia estar de acordo com o ambiente.
- Andei a ser comido de todas as formas possíveis e imaginárias – respondeu Jake.

as férias da Páscoa

Capítulo 15

apenas bons amigos

Primeiro dia das férias da Páscoa. Primeiro dia das minhas primeiras férias oficiais enquanto professora universitária. Sabe Deus o que vou fazer com elas.

Sábado foi oficialmente o meu primeiro dia de férias, mas, depois de todo o sucedido com Mel e Jake, na noite de sexta-feira e na manhã de sábado, tendo eu passado todo o dia em frente à televisão com Jake e Ed, a recuperar, e também grande parte do dia de domingo, ainda não tinha tido a sensação de estar de férias.

Esgueirei-me para debaixo dos cobertores. Além disso, era o primeiro dia de semana, desde há muito tempo, em que podia dormir até mais tarde. Seguir-se-ia uma sucessão de dias de semana em que ficaria na cama até tarde. A ver programas infantis e a comer chocolate. Não havia absolutamente nada de mal nisso.

Virei-me e escutei o silêncio da casa. Era puro silêncio. Tanto Jake como Ed tinham ido a casa visitar os pais, na noite anterior. Ambos tinham ficado preocupados com a possibilidade de eu ter medo de ficar sozinha em casa. «Eu, não», tinha respondido corajosamente. Só me lembrei do palhaço assustador de Carrasco de Pedra quando Jake entrou na M1. Foi o último a partir. Tinha levado Ed à estação de Leeds. Ed tinha de fazer uma viagem muito longa até à Cornualha e só lá chegaria hoje.

Jake tinha, depois, voltado e comido qualquer coisa, antes de se preparar para a viagem de automóvel até à Escócia. Involuntariamente, o meu corpo suspirou ao pensar em Jake...

Depois de eu ter entrado na cozinha, Jake pôs-me a par dos pormenores da sua vida amorosa.

Jake era um rapaz bem-parecido, com uma ótima personalidade, que sabia ser mau, mas só se o obrigassem mesmo a isso. Eu perguntava-me muitas vezes se não seria demasiado sensível. Preocupava-se muito com os outros e acreditava na sua palavra, apesar de não confiar em ninguém. Pensava demasiado nos outros. (Se calhar, era o roto a falar do esfarrapado, mas eu não tinha alternativa. As necessidades dos outros eram-me impostas, enquanto Jake era demasiado atencioso.) Se visse alguma coisa que achasse ser do gosto de alguém, era muito provável que a comprasse. A pessoa ficava surpreendida, satisfeita, mas raramente lhe retribuía a gentileza. Ou seja, pouquíssimas pessoas faziam o mesmo por ele. Poucas pessoas eram altruístas a esse ponto. Alguns diriam que a generosidade de Jake era algo de estranho, tendo em conta que era filho único. No entanto, era provável que isso fosse parte da sua motivação – ele queria dar muito para ser muito amado. Devia pensar que tinha de comprar presentes para os

amigos para que estes brincassem com ele. Na idade adulta, pensava que tinha de ser sempre extraordinariamente simpático para que os amigos gostassem dele.

Jake tinha noção de que a compra de presentes e a simpatia eram uma base frágil para uma amizade. De que nunca podia saber ao certo se gostavam dele por ser quem era ou pela sua simpatia. Se lhes mostrasse o seu lado mau, continuariam ao seu lado? Por algumas vezes, tinha-me sentido tentada a mandar Jake sentar-se e apagar da testa o letreiro que dizia: «Façam de mim gato-sapato». Afinal, bastava pensar no exemplo do que se passou comigo quando declarou que «não eram necessárias referências para ir viver para a sua linda casa». Eu podia ser uma pessoa qualquer, desde a miúda do filme Jovem Procura Companhia a Michael Keaton em O Inquilino Misterioso; podia ter fugido de um hospital psiquiátrico. Jake, porém, acreditou na minha palavra quando afirmei ser uma pessoa normal. Jake era demasiado simpático. Era por isso que era enganado na sua vida amorosa.

A história resumia-se essencialmente ao seguinte: Jake conhecia um sujeito, agora rebatizado com o nome de Idiota, há anos. Eram bons amigos, divertiam-se juntos, mas o Idiota tinha um namorado de longa data. Há cerca de um ano, embriagaram-se juntos, uma coisa levou à outra e Jake e o Idiota acabaram na cama. Jake, não tendo qualquer confiança no seu poder de atração, sabia que o Idiota não deixaria o seu companheiro, pelo que continuaram a ser apenas amigos. Estavam, porém, constantemente a namoriscar e, um dia, quando ambos estavam sóbrios, acabaram de novo na cama. Desde então, acontecia com regularidade; mais ou menos uma vez por mês, Jake e o Idiota dormiam juntos.

Naquela noite, na festa, Jake tinha ido procurar o Idiota, não para obter drogas; foram os dois para casa deste, tiveram relações sexuais e acabaram por ter uma longa conversa. Jake, basicamente, revelou os seus sentimentos ao sujeito, revelou aquilo que sentia. Não fez uma grande declaração de amor, mas disse antes algo como: «Sinto algo muito forte por ti há vários anos e gostaria de saber o que tu sentes. É que não podemos andar a dormir juntos todos os meses e deixar que isto continue assim indefinidamente. Quero apenas saber se há esperança para nós, tu sabes. Não estou à espera que deixes o teu companheiro; só quero saber o que sentes».

O Idiota mandou-o passear, mas com muito mais palavras. Parecia tão cruel, tão desnecessário que me senti como se tivesse sido esbofeteada. E nem sequer estava lá.

– Vá, diz – afirmou Jake, de modo cansado, quando terminou a sua horrível história.

Preparei chá e saímos para o pátio para assistir ao nascer do sol. Eu estava sentada, em roupa interior, escondida e aquecida pelo edredão; Jake estava enroscado na sua cadeira, com o meu casaco preto comprido a cobri-lo.

– Digo o quê? – perguntei.

– O que toda a gente diz: «Agora, devias simplesmente esquecê-lo. Tirá-lo da cabeça e seguir em frente». Vá, diz, bem podes dizê-lo, já todos o fizeram.

– Não sei se já reparaste, mas não sou igual a toda a gente – retorqui, um pouco

ofendida por Jake pensar aquilo de mim. – Seja como for, Jake, jamais diria tal coisa. Nem a ti, nem a ninguém.

– A sério? Porquê? – interrogou Jake, fitando-me de modo desconfiado.

– As pessoas só dizem «Segue em frente, esquece-o», porque é uma maneira mais simpática de dizerem «Estou farto de ouvir falar nisso, vê lá se te calas».

Jake ficou espantado. Foi claramente um momento em que disse o que me veio à cabeça. Era, porém, verdade. Só devia tê-lo dito de um modo um pouco mais simpático.

– É verdade. Lamento tê-lo dito assim, mas é verdade. As pessoas chegam a um ponto em que se sentem tão frustradas com a história que estão a ouvir que se isolam dela. E como nos impedem de continuar a falar no assunto? Aconselham-nos a seguir em frente. Jamais te diria tal coisa.

– Porquê?

– Porque, se soubesses como seguir em frente, já o terias feito. – Encolhi as pernas em cima da cadeira, para poder dobrar o edredão. Ver o sol a despontar era muito agradável, mas a manhã de finais de março estava também muito fria. – Sei que não se trata simplesmente de o esqueceres. Se fosse assim tão simples, metade dos livros, filmes e músicas que por aí circulam não teriam sido escritos. Na verdade, metade dos livros, filmes e músicas que por aí circulam não deviam mesmo ter sido escritos... mas isso não vem ao caso. Na ordem superior das coisas, esquecer alguém não é fácil. E não devias massacrar-te, nem deixar que te massacrem, a respeito disso. Se queres sofrer por causa desse sujeito, estás à vontade. Os sentimentos são teus. A vida é tua.

– O que pensas que devo fazer? – perguntou.

– A questão é mesmo essa, não é, Jake? Não interessa o que eu penso, nem o que ninguém pensa. O que interessa é que faças o que te dita o coração.

– Foi o que fiz e vê bem o que ganhei com isso. Disse-lhe o que sentia de modo ligeiro, nada pesado, sem fazer exigências, e ele mandou-me passear. Acho que não merecia ser tratado daquela forma. Isto é, se, como ele disse, soube o que eu sentia durante todos estes anos, porquê dormir comigo? Sabes que ele disse que dormiu comigo por amizade. Como se eu não aguentasse a rejeição. É mau ser rejeitado, mas isto é pior. Quero dizer, porquê esperar até agora para me mandar dar uma volta?

– Porque era mais fácil ignorar, querido. E, evidentemente, não beliscava o seu ego. – Ui. Outro momento de descontrolo em que disse o que me veio à cabeça.

Através da luz azul clara do nascer do sol, Jake fitou-me, com a surpresa estampada no rosto.

– Pois é verdade. – Olhei para o motivo bordado no meu edredão. – O nobre pretexto de que dormiu contigo por amizade é um disparate. Uma vez é pena. Duas vezes é excesso de simpatia. Uma vez por mês é gostar. Da atenção e do sexo. Meu amigo, se alguém tão bem-parecido, animado e bondoso como tu andasse atrás de mim, sentir-me-ia lisonjeada. Não quereria livrar-me de ti, enviar-te-ia mensagens contraditórias a torto e a direito. Provavelmente, acabaria por dormir contigo. É a natureza humana.

– Talvez – disse Jake, baixinho.

– Vou contar-te um pequeno segredo que descobri, depois de muitos anos a ouvir histórias e a ser rejeitada. É possível levar praticamente qualquer pessoa para a cama através da lisonja. Existe apenas um pequeníssimo – ergui o dedo indicador e o polegar e mostrei a Jake quão pequeno era –, um minúsculo número de pessoas que são imunes à lisonja e são aquelas que não gostam muito de sexo. Isto porque o meio de apelar à libido de alguém é através do seu ego. Quero dizer, pensa nas pessoas com quem dormiste apenas por terem sido extraordinariamente simpáticas contigo, por te terem feito sentir especial ou por não pararem de dizer que eras fantástico. Todos têm algo que lhes estimula o ego e podemos levar quase toda a gente para a cama, através da lisonja, depois de descobrirmos o que é. Se te mantiveres próximo desse sujeito durante tempo suficiente, de certeza que o levarás de novo para a cama. Apesar de terem tido essa conversa e de ele ter dito tudo isso.

– Achas que sim? – interrogou Jake, com um entusiasmo algo excessivo. Tendo em conta que tinha sido tão maltratado há menos de uma hora.

– Acho. Já o fez uma vez e voltará a fazê-lo. Resta apenas saber quanto tempo irás deixar a tua vida em suspenso até que volte a acontecer.

Jake olhou o horizonte; parecia estar mais feliz. E não era esse o objetivo. Não era, de todo, esse o objetivo. Não devia ter ficado fixado no facto de poder ir novamente para a cama com o Idiota, se assim quisesse.

– Jake, pergunta a ti mesmo se só mais uma queca te basta. Porque, meu amigo, se, mesmo depois de te ter tratado assim, ele descobrir que escapa impunemente, é provável que não venhas a receber mais do que uma queca e maus-tratos.

Recostei-me na minha cama, a escutar novamente o silêncio. A minha respiração. A minha força vital a entrar e a sair. Olhei para o meu peito, a subir e a descer. Prendi a respiração e, depois, soltei-a. Também podia ter ido a casa. Ter voltado a Londres por uns dias ou para lá passar as férias na íntegra. Mas Londres era, agora, a minha bête noire. Um lugar aonde preferia não ir, a não ser para visitar pessoas específicas. Porque não era a minha casa. O meu extrato bancário, com as prestações da hipoteca, do empréstimo e do seguro, podia dizer que Londres era a minha casa, mas, no fundo do meu coração, a minha casa era onde estava o meu corpo. Não o de origem da minha pronúncia.

Assustei-me quando o telefone tocou. A casa estava silenciosa a esse ponto, sossegada a esse ponto. Virei-me na cama e atendi a chamada.

– Está lá?

– Muito bem, D’Altroy, levanta-te da cama e vem já para cá.

– Como sabes que estou na cama?

– Estás sempre na cama.

– É verdade. E por que motivo exatamente haveria de sair dela, se hoje é segunda-

feira, ainda só é meio-dia e a Oprah começa daqui a uma hora e meia?

– O Fred foi para fora com os colegas da equipa de futebol e as miúdas estão em Espanha, por isso, vamos para os copos e, depois, dormes cá em casa – informou Jess.

– O que foi agora?

– Saberás assim que chegares.

– Mas...

– Mas o quê?

– Mas nada, acho eu.

– Muito bem, apanha um autocarro para cá, começamos pelo Grey Horse e vamos descendo a Town Street.

– Tens a certeza de que queres fazer isto? – perguntei.

– O que queres dizer?

– Já não tens a idade que t...

– Brrrrrrr – respondeu o sinal de marcação.

Estávamos sentadas no Hog's Head, o quarto bar da Town Street, há menos de uma hora, quando o empregado de balcão se aproximou com uma bebida transparente num copo igualmente transparente em cima de um tabuleiro prateado.

– Com licença, querida, peço desculpa por interromper, mas pediram-me que lhe trouxesse esta bebida – disse ele. Estava a corar intensamente.

– Ahhh, vem da sua parte, não vem? – riu Jess.

– Não, querida. Vem da parte daquele ali, junto à máquina de jogo. – Jess ia para olhar. – Não olhe – silvou o empregado de balcão. – Ele pediu-me que não lhe dissesse logo da parte de quem vinha.

– Mandaram-lhe mesmo uma bebida? – interrogou Jess, olhando para mim, à beira do riso. Grande atrevida. Era óbvio que não sabia que a minha beleza levava os homens a cometer tais atos.

– Não, querida, é para si.

Capítulo 16

engate

– Estamos num bar em Horsforth, não na maldita Los Angeles – disse Jess, olhando para lá do balcão. Um homem alto e bronzeado sorriu-lhe e ergueu-lhe o copo.

– Engataste – silvei eu para Jess. Ele envergava um fato brilhante, daqueles que não ficavam bem a nenhum homem; nem ao meu adorado Angel aquele fato ficaria bem.

– A bebida devia destinar-se a ti. – Jess aproximou a bebida de mim.

– Querias tu – retorqui. – Oh, céus, ele vem aí.

– Esconde-te! – gritou Jess discretamente. Para uma mulher da sua idade, era extremamente veloz, mas não foi mais rápida do que eu. Agarrei-lhe o braço e retive-a no compartimento.

– Não vais a lado nenhum, minha menina – sussurrei. Depois, acrescentei: – Sorri para o simpático senhor.

– Como têm as senhoras passado? – disse o homem com o sotaque americano mais falso que eu alguma vez tinha ouvido. Os seus olhos brilharam na direção de Jess.

Nenhuma de nós falou. Creio que por estarmos espantadas. Não é todos os dias que deparamos com um homem que oferece bebidas, usa fatos que refletem a luz e fala com um sotaque falso.

– Bem – acabei por responder. Afinal, estava mais habituada do que Jess a tais situações.

Dei um pontapé a Jess.

– Ai! – exclamou ela. – Ai, estou bem.

– Importa-se que lhe faça companhia? – perguntou ele a Jess.

Jess virou a cabeça para olhar para mim. Salva-me, estava escrito no seu olhar.

Nem pensar, respondi. Decerto havia algo de que tinha de me vingar.

– Se me dão licença, vou só ali à casa de banho – consegui dizer com uma cara séria. Saí do compartimento e dirigi-me aos lavabos.

Não tive pressa em voltar da casa de banho. Jess, que, tinha eu a certeza, não sabia o que era ser constantemente abordada por anormais, precisava de tempo. Para aprender. Quando cheguei junto deles, os seus olhos precipitaram-se na minha direção.

– Estava agora mesmo a dizer aqui ao nosso convidado que vamos encontrar-nos com os nossos maridos para jantar, não é? – suplicou. Pouco faltava para se ajoelhar aos meus pés e me implorar que a levasse dali para fora.

– É – respondi, tentando manter uma cara séria. – Acabei de reparar, na casa de banho, que, se não sairmos agora, vamos chegar atrasadas.

Jess agarrou na mala.

– Mas podemos terminar as nossas bebidas, se quiseres – disse eu.

– Não, não, sabes como fica a minha cara-metade quando nos atrasamos. – Jess saiu disparada do compartimento.

– Posso, pelo menos, ficar com o seu número de telefone? – pediu o homem.

Nesse momento, tive uma certa pena dele. Não era um anormal qualquer, embora fosse um anormal – ninguém insistia naquele falso sotaque, a não ser que fosse um pouco estranho. Gostava verdadeiramente de Jess. Eu sentia-o. Achava-a linda, gostava da forma como ela ria e tinha-a observado durante algum tempo antes de lhe mandar a bebida. Era por isso que lhe tinha mandado a bebida. Gostava da forma como ela me empurrava quando ria a bom rir. Da forma como os seus cabelos lhe caíam sobre as costas e da intensidade dos seus olhos quando estava a prestar atenção ao que lhe diziam.

– Eh – disse Jess, abanando-me –, volta ao planeta Terra, estamos de saída.

– Como? – retorqui, esforçando-me por me concentrar nela.

– Saíste do planeta Terra, ainda agora. Vamos chegar atrasadas.

– Sim, pois – disse. Por um instante, não tinha estado em mim. Ora, aquilo era estranho, era uma experiência extracorpórea. Era a sensação que eu imaginava que as drogas provocavam. Era para não sentir o que tinha sentido naquele momento que não consumia drogas; gostava de ter sempre controlo sobre a minha pessoa.

– Já nos encontrámos na Met? – O sujeito era muito bem-parecido. Cabelo rapado, pele morena, olhos muito escuros emoldurados por pestanas longas e negras. Estava, evidentemente, a falar com Jessica Breakfield. Uma mulher que tinha claramente idade para ser sua mãe. Não que eu estivesse ressentida, com inveja ou o que quer que fosse.

– Talvez – respondeu Jess, com cautela.

O sujeito entendeu a resposta como um sinal para avançar e sentou-se à frente dela, na nossa mesa.

– Pertence ao Departamento de Psicologia, não é? – disse ele, com entusiasmo.

– Tem andado a perseguir-me? – interrogou Jess.

– Não, só a vi na faculdade e sempre quis falar consigo, mas nunca tive coragem. Agora, ei-la aqui, no estabelecimento que frequento.

– Quer falar comigo sobre Psicologia? Só dou consultas de segunda a sexta-feira, das 9h00 à 18h00.

– Nem por isso. Só quero falar consigo.

Eu estava a assobiar baixinho, a examinar as unhas, a passar a língua pelos dentes, pois era indiferente estar ali ou não.

– Quer que lhe traga uma bebida? – perguntou o sujeito.

– Aah, Ceri, queres uma bebida? – inquiriu Jess.

O sujeito olhou para mim, admirado. Não tinha mesmo dado pela minha presença, só tinha olhos para Jess.

– Quero uma vodca dupla com Coca-Cola – respondi. Já que ia ignorar-me, pelo menos, ia pagar para ter esse prazer.

– Eu quero o mesmo – declarou Jess.

– Duas vodcas duplas com Coca-Cola – disse ele e afastou-se.

Virei-me para dizer algo a Jess e vi que tinha aparecido outro homem. Estava agachado junto a ela, sorridente, a falar com ela. Céus, vai ser uma daquelas noites.

Relanceei o olhar pelo bar, assimilando o ambiente. Gostava do Black Bull. Tinha uma antiga mundanidade. Era primoroso, com as suas cortinas floridas e bancos e alcatifas a condizer. Tudo gasto devido ao uso constante. O balcão, que ficava ao fundo das escadas no cimo das quais estávamos sentadas, era um grande quadrado atulhado de bebidas, copos suspensos e pacotes de amendoins. À segunda-feira à noite, àquela hora, o bar ficava bastante vazio. Algumas pessoas estavam de pé, em grupos, e outras estavam sozinhas.

Inesperadamente, deparei com um par de olhos. Uns olhos que fixavam os meus.

Desviei o olhar, mas já era tarde de mais. Tarde de mais. O mal já estava feito, o contacto visual tinha sido estabelecido. Pelo canto do olho, vi que ele estava a avançar na minha direção. Se mantivesse os olhos baixos e desse a impressão de não querer companhia, talvez ele seguisse em frente. Ou seja, talvez atravessasse a parede e a janela atrás de mim.

– Olá – disse uma voz ao meu lado.

Levantei os olhos da minha bebida e dei por mim a olhar uns olhos escuros e profundos.

– Olá – respondi.

– Importa-se que lhe faça companhia?

Saíram da enorme boca que eu tinha na minha cabeça muitas palavras para mandá-lo embora, mas nenhuma delas saiu, de facto, da minha boca. Olhei de relance para Jess, com os seus quatro homens a falarem para ela.

– Se quiser – disse eu.

– Parecia tão só, aqui sentada sozinha.

– Eu e o Mascarilha temos muito em comum. Tirando o facto de eu não saber montar a cavalo. E, evidentemente, não uso uma mascarilha.

Ele riu.

– Sei bem o que é a solidão – retorquiu.

– Porquê? É o verdadeiro Mascarilha? – perguntei de modo chistoso.

– De certo modo, suponho que sim. – O seu tom era tão sério que, por um momento, me perguntei se seria o Mascarilha reencarnado. Se é que o original tinha morrido, coisa que eu não sabia. – Estava ali parado, a observá-la, e pensei que parecia ser uma mulher que sabia uma ou outra coisa sobre a solidão.

Era verdade.

– Dói, não dói? Estarmos sozinhos e sentirmo-nos sós, sem sabermos bem quando irá

terminar.

- Suponho que sim.
- Eu acabei, porém, por encontrar uma saída.
- A sério? Como?
- Voltei-me para Deus.

Então, era assim, não era? Jess tinha três, ou melhor, quatro homens bem-parecidos a disputarem a sua atenção, enquanto eu tinha uma espécie de soldado de Deus, que frequentava bares para recrutar as suas vítimas.

– Encontrei um grupo de pessoas que me mostraram o verdadeiro caminho para a frente. Tornaram-se a minha família. A minha salvação. Foi a elas que recorri quando precisei.

E, claro, não lhe pedem imenso dinheiro, não tentam afastá-lo da sua família e não o levam a fazer o que decidem ser o que dita a Bíblia.

– Crê em Deus? – perguntou.

– Fui educada no Catolicismo. – É que, nesta altura, a maioria das pessoas mentiria ou mandá-lo-ia dar uma volta. Eu, não. Deus me livre disso.

– E ainda frequenta a igreja?

Mente. Mente e pronto.

– Não tanto como devia.

– Talvez devesse experimentar o nosso grupo. Reunimo-nos uma vez por semana, em Headingley. Talvez possa dar-lhe a morada?

– Sim, porque não? – disse eu.

Tirou um cartão do bolso do casaco e começou a escrever no verso.

– Chamo-me Brad. Posso ter esperança em encontrá-la lá?

– Talvez – respondi. – Possivelmente.

Ele sorriu. Sorriu demasiado, para alguém que só me tinha arrancado um possível «talvez». Talvez fosse por ter chegado a tal ponto do seu discurso. Eu apostava que poucas pessoas lhe dispensavam tanto tempo. Ainda para mais, num bar.

– Enfim, Brad, foi agradável conversar consigo, mas acho que tenho de ir salvar a minha amiga.

Tanto eu como Brad olhámos para Jess, que estava, agora, rodeada por quatro homens. Todos eles falavam, tentando chamar-lhe a atenção.

– Talvez ela não precise assim tanto de ser salva – retorquiu Brad, quando Jess e os seus admiradores riram, com bastante vontade. – Porque não conversamos um pouco mais sobre a solidão?

– Sim, claro, porque não?

– Foste tu – disse Jess, a gesticular na minha direção com o cigarro meio fumado preso entre o dedo indicador e o dedo médio. – Foste, pois. É a única explicação. Eu estava bem até tu chegares. Não, na verdade, não estava bem, estava completamente feliz. De

repente, vamos beber uns copos e começo a ser alvo de tentativas de sedução a torto e a direito.

– Mas... – principiei.

– Não.

– Mas...

– NÃO! – Realçou a ideia com o cigarro.

Jess tinha passado o resto da noite a esquivar-se às arremetidas dos quatro homens; eu fiquei sentada, a tomar as bebidas fornecidas pelos seus admiradores e a conversar com Brad, o Beato, sobre a solidão. Jess pôde ver enchido o seu ego por jovens bem-parecidos que queriam desesperadamente que ela os escolhesse; eu pude saber tudo sobre a salvação dele. Desde que tinha deixado de ser um rapaz solitário e se tinha tornado um homem solitário que julgava ser homossexual, mas foi salvo de tudo aquilo pelo grupo.

Depois, para cúmulo, volvidas dez horas, Jess reavaliou a situação e chegou à conclusão de que a culpa era minha. MNHA. Foi por MINHA culpa que tive de arrastá-la para fora do bar depois dos últimos pedidos e pô-la dentro de um táxi enquanto se lamentava: «Vamos à festa deles. De certeza que vai ser divertido». Foi também por MINHA culpa que tive de lhe segurar no cabelo enquanto vomitava na sarjeta em frente à sua casa. Em que medida era, ao certo, culpa minha, eu não sabia. Não tinha mandado os homens falar com ela. Não a tinha obrigado a ingerir álcool. Tinha sido eu a tentar ir para casa às nove horas, só para esbarrar na oposição de uma certa Dra. Breakfield.

– Como... – principiei.

– Não – disse Jess com firmeza, com o dedo a silenciar-me. – Foste tu. Eu estou velha e bem casada. Não preciso que me leves a sair e me deixes beber tanto, fazendo com que os homens simpatizem comigo. És uma má influência, Ceri D’Altroy.

Jess deu uma longa passa no seu cigarro e sacudiu habilmente a cinza para o cinzeiro.

– Sabes, Ceri, és a minha melhor amiga e tal, eu gosto muito de ti e tudo, mas, bolas, não volto a ir contigo para os copos.

– Por mim, tudo bem, Dra. Breakfield – retorqui, deitando-me no chão. – Só não te esqueças de que tu é que tiveste a ideia de sairmos. E ainda faltam duas semanas para o fim das férias da Páscoa.

terceiro período

Capítulo 17

colisão

Aguento sempre tempo de mais.

Sempre. Até ao ponto em que tenho de ir a correr nos derradeiros instantes, enquanto tento cruzar as pernas e pensar em desertos, terra seca e outras coisas desidratadas. Neste espírito, cheguei à porta da casa de banho dos funcionários, no último andar, com a rapidez e a força do Expresso Intercidades que faz a ligação entre Londres e Leeds na velocidade máxima, fazendo com que uma pessoa que estava a tentar sair dos lavabos se desequilibrasse. Por sorte, não caiu, mas a mala voou-lhe das mãos, espalhando o seu conteúdo pelo chão de mosaico branco. Ambas parámos por um instante, imobilizadas pelo espanto.

– Ohhhhhh, peço imeeeeeensa desculpa – disse eu, caindo em mim e indo ter com ela. Estava da cor da neve acabada de cair, com o corpo a tremer enquanto se agarrava ao lavatório mais próximo da porta. Foi este que a apoiou ao dizer, ainda abalada:

– Não faz mal.

Era evidente que fazia. Eu nunca tinha visto ninguém da cor da neve acabada de cair. Estava tão branca, tão pálida, que quase se tornava luminescente.

– Peço muitíssimas desculpas – repeti. – Sente-se bem?

– Sinto-me otimamente.

A minha necessidade de urinar não passou, foi apenas adiada. Exercia-me pressão sobre a bexiga, querendo sair.

– Espere, deixe-me ajudá-la – disse eu.

Baixei-me subitamente, apanhando os seus pertences: um diário maltratado, três canetas azuis, uma caneta vermelha, um porta-moedas de pele preto, quatro moedas de dois pence, uma bolsa de maquilhagem a abarrotar, rímel N.º 7, escova de dentes, telemóvel preto, teste de gravidez Clear Blue. Os objetos normais que havia na mala de uma mulher. Com a óbvia exceção do teste de gravidez. Ou talvez fosse impressão minha. Talvez eu fosse antiquada e todas as mulheres sexualmente ativas andassem não só com preservativos mas também com testes de gravidez.

À medida que recolhia cada objeto, colocava-o na borda do lavatório. Ela não se tinha mexido e continuava parada, com ambas as mãos atrás das costas, enquanto se agarrava ao lavatório com todas as suas forças.

– Hum, posso ajudá-la em mais alguma coisa? Quer que lhe traga um copo de água ou outra coisa qualquer? – perguntei. A palavra «água» fez com que a minha bexiga se contraísse imediatamente e ficasse com o dobro do conteúdo. Tentei não fazer a dança de quem estava aflito para ir à casa de banho enquanto me mantinha junto dela, mas

devia estar a agitar-me um pouco.

– Eu estou bem. A sério. – Virou-se para mim. – Estou bem. Pode ir.

– Tem a certeza? – retorqui, esperando não ter demonstrado demasiado interesse mal proferi tais palavras.

Ela dobrou-se rigidamente e apanhou a mala.

– Absoluta. Estou bem.

– Muito bem.

Corri para o compartimento mais próximo e quase arranquei as calças de ganga. Devo até ter soltado um suspiro ao aliviar-me.

Quando, finalmente, saí do compartimento, ela ainda ali estava. Tinha voltado a colocar na mala a maior parte dos seus pertences, mas estava a olhar fixamente para o teste de gravidez, como se este tivesse ameaçado meter-lhe a cabeça para dentro a pontapé ao menor movimento que fizesse. O que faço agora? Volto a perguntar-lhe se está bem e envolvo-me no drama de alguém? Ou volto as costas e deixo-a sozinha? Não é, obviamente, do meu feitio. Eu já estava, porém, envolvida no drama de Mel e de Claudine. Tinham passado mais de duas semanas desde que tinha ouvido a história de Mel, após a festa. Depois, havia ainda o drama de Jake. (Andava a fazer-se de forte perante tudo. Até tinha feito, à minha frente e à frente de Ed, a seguinte declaração: «Para mim, o Idiota está morto. Não falamos nem pensamos nele nesta casa. Desapareceu da minha vida». Não sei se Ed ficou convencido. É que eu fiquei. Pouco.)

Aguentaria mais? Deveria aguentar mais? Vai-te embora, dizia uma parte de mim. Outra parte de mim argumentava: Não posso simplesmente deixá-la assim. Precisa de um ombro amigo, de alguém que se preocupe. Inesperadamente, uma indisposição trespassou-me o estômago, quase me obrigando a deitar fora o almoço. Apoderaram-se de mim os vômitos de alguém que estava tão assustado, tão só e tão ferido que mal conseguia respirar. Segurei-me ao lavatório para me apoiar. Era a indisposição de alguém que estava com grande dificuldade em manter tudo sob controlo. Cada parte de si estava prestes a ir-se abaixo.

Só tinha ido ali para urinar, não devia estar a sentir-me assim.

Desta vez, o destino encarregou-se de tudo por mim, pois, de repente, a mulher misteriosa desatou a chorar. Eram soluços silenciosos, com lágrimas caudalosas que caíam sobre a caixa do teste de gravidez, tendo ela o rosto abatido pelo sofrimento e todo o corpo a tremer. Estava agarrada ao lavatório com ambas as mãos, com o cabelo a balançar para trás e para a frente enquanto chorava, chorava e chorava desalmadamente.

Sem pensar duas vezes, fui ter com ela, coloquei os braços à sua volta e, delicadamente, dei-lhe um abraço forte.

– Não sei o que vou fazer – soluçou.

Trudy parou de chorar ao fim de alguns minutos. Continuava com o nariz a pingar e

tremia de uma forma que queria dizer que mal controlava as lágrimas. Conseguiu dizer-me o seu nome quando a levei para um cubículo.

Aceitou o rolo de papel higiénico que lhe dei.

– Estou um pouco perturbada – disse, em troca do papel higiénico. Limpou os olhos húmidos. – Só um pouco perturbada.

Eu ficava «só um pouco perturbada» quando terminava um episódio de Angel. Isso não é estar «um pouco» perturbada», querida. É óbvio que não o disse. Encostei-me à parede do cubículo fora de serviço e vi-a sentar-se, toda curvada, na sanita.

– Quer falar sobre o assunto? – interroguei. – Isto é, se quiser, pode falar. Sou uma boa ouvinte. Até recebi o doutoramento honoris causa em ouvir da Universidade Internacional de Aurologia.

Ela nada disse.

A minha intenção era a de a fazer, pelo menos, sorrir.

– É claro que, se não quiser, não é obrigada. Podemos ficar aqui em silêncio o tempo que quiser. Não tenho mais aulas hoje.

Trudy passou a mão pelo cabelo curto.

– Não há nada de que falar. Estou a ter o que mereço. – Depois, passou a manga por baixo do nariz ranhoso, esquecendo-se de que tinha papel higiénico na mão.

– E o que é que merece?

Os seus olhos revelaram rancor em relação a alguma coisa.

– Conforme se semeia, assim se colhe. Não é o que nos ensinam na escola? Conforme se semeia, assim se colhe. Cada um tem o que merece.

Fiz um esforço de memória, mas não consegui lembrar-me do momento exato em que tal expressão passou a fazer parte do meu repertório ou em que comecei a utilizá-la, mas duvidava de que a tivesse aprendido na escola.

– Frequentei um colégio de freiras, mas não me lembro de ter ouvido isso lá. Conheço, porém, a expressão. – Veio-me à cabeça algumas vezes, com as coisas que ouço.

– Pois é o que estou a viver agora. – Trudy deteve-se e enrolou melhor a folha de papel que tinha na mão. Olhou-me de cima a baixo, como se eu envergasse um hábito de freira e estivesse prestes a dar-lhe um sermão sobre o Livro Sagrado. – Imagino que me condene, sendo católica e tendo isto nas minhas mãos – ergueu a embalagem do teste de gravidez –, mas sem aliança à vista.

– Não sou propriamente virgem... Hum, não sou, de modo nenhum, virgem e também não sou casada, por isso, quem nunca pecou que atire a primeira pedra e tudo isso.

Trudy virou a cara. De repente, transformou-se num demónio maléfico que destilava veneno. Os seus olhos azuis semicerraram-se até se tornarem meras ranhuras e as suas feições ficaram de tal modo desfiguradas que parecia que podiam, de facto, chegar até mim e esmurrar-me.

– Dorme com qualquer um? Acorda, por vezes, ao lado de alguém, sem saber como ele ou ela se chama? Odeia-se a si mesma sempre que isso acontece, mas, mesmo assim,

não consegue evitá-lo? Tem de usar uma coisa destas – ergueu novamente a caixa, desta vez como um troféu – sem saber quem será o pai?

A resposta era «não» – a todas as perguntas.

– Hum...

– Bem me parecia! Então, pode deixar-se dessa conversa de que «compreende a dor desta irmã», porque não faz a mínima ideia de como eu me sinto.

Não era bem verdade. Eu tinha uma ideia de como ela se sentia. E estava apenas a tentar ajudar. Não fiz por mal. Estava a disponibilizar-me para a ouvir num momento de necessidade. Evidentemente, havia também aquele ditado, algo acerca do inferno e de este estar cheio de boas intenções.

– Aliás, por que raio estou eu aqui dentro consigo? Mas quem é você? Desapareça mas é daqui, sim? DESAPAREÇA!!

Não saí donde estava. Não por saber que ela não estava a falar a sério, nem por querer chamá-la à razão. Fiquei demasiado espantada com a sua mudança de humor para fazer muito mais. Não foi tanto a mudança de humor, mas sim a sua subitaneidade, a sua severidade. Ela tinha passado da perturbação à violência em 0,21 segundos. Obviamente, já me tinham mandado «passear», mas nunca com tanta veemência – pelo menos, não da parte de alguém que não me conhecia bem.

– NÃO OUVIU O QUE EU DISSE? – berrou Trudy. – DESAPAREÇA!

Tentei sorrir, mostrar-lhe que não havia ressentimentos. Não havia mesmo ressentimentos, pelo menos da minha parte. Só estava a fazer o que, para mim, era natural e não era eu que estava a chorar na casa de banho do local de trabalho. Pronto, não é verdade. Havia alguns ressentimentos. A indignação palpitava-me no peito quando procurei desajeitadamente destrancar a porta e saí.

Do lado de fora, uma mulher com as mãos molhadas estava a olhar para a casa de banho fora de serviço. Ficou espantada quando saí apressadamente e, depois, assustou-se quando Trudy bateu com a porta e a trancou nas minhas costas.

Fiquei especada, parada no tempo, imobilizada pelo constrangimento. Ninguém devia ouvir-me a ser expulsa de um cubículo. Nunca. Na probabilidade da vida, na ordem superior das coisas, ninguém devia ouvir-nos a ser expulsos de lado nenhum, quanto mais de um cubículo na casa de banho dos funcionários. A mulher fitou-me. Eu também a fitei.

Num momento de que Dali se orgulharia, estendi a mão, arranquei algumas folhas de papel do distribuidor de parede e dei-lhas. Ainda a olhar-me diretamente nos olhos, ela aceitou o papel, agradeceu e procedeu à secagem das mãos.

Afastei-me, porque não tinha mais nada para fazer ali.

Capítulo 18

não liguem

O que se passou com Trudy incomodou-me durante dias a fio. Por mais que tentasse esquecê-lo, consumia-me. Não só nos momentos de sossego, em que não tinha mais nada que me ocupasse o pensamento, mas até nos momentos mais agitados, como quando ia a correr para apanhar o autocarro, quando tentava encontrar as azeitonas verdes certas no supermercado, quando estava a dar aulas. Até quando estava sentada na biblioteca, a ler revistas especializadas, concentrando-me profundamente, ela cercava-me.

Também já tinha passado uma semana. Uma semana em que devia ter conseguido tirá-la da minha cabeça. E não era uma semana com que pudesse brincar. Dentro de sete breves dias, tinha uma reunião com o orientador do meu trabalho de investigação, o professor catedrático que iria avaliar o meu desempenho, se o meu trabalho extracurricular era satisfatório ou se andava a perder tempo, na caça aos gambozinhos. E, em última análise, se teria de voltar para Londres para retomar a minha vida a partir do ponto em que a tinha interrompido.

Mesmo assim, Trudy invadia os meus pensamentos. Não era apenas o momento em que me tinha mandado desaparecer que se repetia continuamente na minha cabeça – evidentemente, feria o meu orgulho –, mas, dois Twix, um Crunchie e um pacote de Doritos mais tarde, fiquei suficientemente calma para ver o lado divertido da situação.

O que não me deixava esquecer Trudy, o que a tornava um fantasma permanente na minha cabeça, era a forma como tinha chorado. Como, num instante, se tinha ido abaixo nos braços de uma desconhecida. O que ela tinha dito acerca de si própria também me perturbou. O que fazia. Como devia ser difícil para ela saber que o que andava a fazer não lhe trazia felicidade, mas continuar a fazê-lo. Perseverar, embora lhe trouxesse tanta infelicidade que chegava a odiar-se a si mesma. Apesar de mo ter atirado à cara, eu compreendia, de facto, a sua dor. Também me doía. Tinha sentido o mesmo que ela quando se assoou à manga, quando se agarrou ao lavatório. Tinha ficado tão literalmente enredada na sua aura de infelicidade como se estivesse no seu lugar. Trudy estava só. E estava apavorada. Eu tinha sentido o mesmo através dela e isso quase me tinha puxado o tapete.

Não era nada de novo.

Sentir através dos outros e os outros sentirem através de mim não era nada de novo. A minha versão daquilo a que chamavam «empatia» ultrapassava a simples compreensão. Era o sentimento efetivo. A emoção efetiva. Como na ocasião em que percebi o que Ed sentia por Robyn. Como na noite em que senti que Mel era suicida. Como no momento

em que percebi o que o homem suspeito do bar sentia por Jess. Agora, aquilo com Trudy. Eu compreendia o que estas pessoas realmente sentiam, porque também o sentia. As suas emoções assaltavam-me, tal como as assaltavam a elas. As suas emoções esmagavam-me, consumiam-me ou davam-me forças tanto como a elas. Eu sentia os outros numa nuvem enjoativa que parecia abater-se sobre mim e, depois, transportar-me para o meio das suas almas, para o mais fundo dos seus corações.

Anteriormente, estas experiências eram periódicas, uma sensação esporádica. Como entrar num elevador e ser, de repente, dominado por um enjoo matinal. Alguém ali estava grávido e não havia a mínima hipótese de ser eu. Aquela pessoa estava a guardar segredo, pois ainda não sabia o que fazer e eu não sabia como sabia tudo aquilo. Apenas o sentia.

Noutra ocasião, estava sentada no metro, a ler, quando caiu na página uma lágrima bem grande. Levantei a mão, toquei o meu rosto, estava a chorar. Seguiu-se uma torrente de tristeza. Não estava triste dois segundos antes, o livro não era triste, mas fui avassalada pela infelicidade. Limpei as lágrimas antes que alguém notasse, mas a tristeza e a vontade de chorar só me deixaram quando o homem que estava ao meu lado se levantou e saiu. Assim, sem mais nem menos; num momento, as minhas emoções nadavam num mar de desespero e, no seguinte, quando o homem que estava ao meu lado saiu da carruagem do metro, fiquei bem.

Ainda noutra ocasião, estava numa fila num banco e não consegui deixar de rir. Não pararam de me inundar ondas de alegria, até dar por mim a tapar a boca para travar os risinhos. Pouco depois, estava a rir tanto que tive de sair. Quando cheguei à rua, não fazia ideia da razão de tanta piada.

Tais coisas só me aconteciam, porém, quando estava fatigada. Quando a minha mente estava débil, cansada e com dificuldade em ter noção da realidade. Era como um sétimo sentido. Sem que eu fosse propriamente uma medium, mas tendo apenas uma perceção excecionalmente aguçada. Uma Perceção Sensorial Extraordinária para os sentimentos, julgo eu.

Só que era uma tolice, não era? O que eu sentia devia ter por base a compreensão das pessoas. E, se havia alguma coisa que eu tinha em grande escala, era compreensão. Compreendia como se metiam em certas situações e como se sentiam, depois, em relação a elas. Que estavam sempre a repisar no mesmo, tentando resolver os problemas, mas não conseguiam, pois não os encaravam com objetividade.

Era o caso de Trudy. Chorava porque estava só e assustada. E tinha de fazer aquele teste sozinha.

Já deve tê-lo feito, raciocinei. Já o fez, soube o resultado, decidiu o que vai fazer. E fê-lo sem que eu lhe segurasse na mão ou partilhasse a sua dor. Tal como alguns milhões de pessoas em todo o mundo conseguem fazer, a toda a hora.

Suspirei, recostei-me na cadeira da biblioteca e esfreguei os olhos antes de pôr os óculos. Tinha passado grande parte do dia na biblioteca e os meus olhos estavam

cansados. O melhor remédio eram os óculos de armação azul cuja receita tinha originado uma birra da minha parte. (A empregada da ótica tinha-me olhado com incredulidade quando recusei todas as armações da loja por «ficar parecida com o meu pai». Depois, tentei convencê-la de que, afinal, não precisava de usar óculos. Enfim, o diagnóstico podia estar errado, não podia? Qualquer um diria que tinham de ser soldados à minha cara e não que precisava deles para conseguir ver a mais de três metros de distância. Era por isso que nunca falava neles, mesmo que estivesse a usá-los.)

Fechei os olhos. Trudy. Vi na minha cabeça o seu rosto, a sua face chorosa. Era assim que a minha mente funcionava. Não me concentrava na cara agressiva enquanto me dizia «Mas quem é você? DESAPAREÇA!», mas a sua face desolada atormentava-me.

Ela incomodava-me, perseguia-me, perturbava-me, porque eu não podia, com uma palavra ou ação, recompor as coisas. Quando muito, tinha piorado ainda mais a situação: Trudy não teria dito tudo aquilo sobre si própria se eu não a tivesse abraçado. Agora, andava por aí, sabendo que havia outra pessoa no mundo que sabia o que ela pensava de si mesma. Normalmente, dizer as coisas em voz alta tornava-as também mais reais, mais horríveis. Eu tinha-a incitado a verbalizar os seus traumas.

Senti um calafrio a percorrer-me a pele, arrepiando-me o couro cabeludo; estava alguém a observar-me. Abri os olhos de repente. Do outro lado da larga mesa de madeira clara, sobre a qual estavam espalhados os despojos das horas que eu tinha passado na biblioteca, estava um homem esgaldado. O cabelo louro rente tornava-lhe as orelhas salientes; trazia vestidas umas calças de fato largas, cinzentas escuras, e uma camisa branca com o botão de cima desapertado. Não me era estranho. Mas também quase ninguém me era estranho, sobretudo quando havia tanta gente na faculdade. Este homem, porém, sorriu-me como se me conhecesse, com os olhos verdes entusiasmados ao puxar uma cadeira e se sentar nela.

– Fi-lo, Ceri – declarou.

Saltei efetivamente da cadeira quando ouvi a sua voz.

– Credo, Ed! Não te reconheci. – Ainda não o reconhecia.

– O quê? – retorquiu Ed.

Apontei vagamente para a sua cabeça e para a camisa branca.

– Ah – Ed passou a mão pela cabeça –, isso. – Desvalorizou o meu espanto com um indiferente aceno de mão.

– Isso?! Ed, estás outro homem. Estás um homem.

– Chiiiiiu – replicaram algumas pessoas. Era uma biblioteca a preceito, embora pertencesse a uma faculdade. As pessoas frequentavam-na realmente para trabalhar e esperavam usufruir do silêncio. Nos meus tempos de estudante, a biblioteca era um prolongamento da sala de convívio. Ali, aqueles desmancha-prazeres queriam estudar.

Inclinei-me também para a frente.

– Fizeste o quê, ao certo? – sussurrei no mesmo tom.

– Segui o teu conselho.

O sangue gelou-me nas veias, as minhas entranhas liquefizeram-se e agarrei-me à mesa para me apoiar. Ed tinha acabado de proferir quatro palavras que eu NUNCA queria ouvir.

Eu podia distribuir conselhos, considerar-me uma mistura de Oprah, psicóloga e Gynan, do Caminho das Estrelas: A Nova Geração, mas, por Deus, não queria que ninguém seguisse os meus conselhos. Dar-me ouvidos, sim, mas não ao ponto de fazerem o que eu dizia. Por mais discursos sobre os «fracos», a «vida vivida pela metade» e a «longa duração da vida» que fizesse, não queria que ninguém destruísse a sua vida ao acatá-los. Comigo, só resultavam parcialmente e eu acreditava neles. Tinha compilado teorias e percepções com base numa vida passada a ver televisão e em dois meses de leitura de livros de autoajuda. Como poderia alguém fazer o que eu dizia, tendo apenas por base aquilo de que ouvia falar, não só aos outros, mas também a mim mesma? Quem era eu, na ordem superior das coisas?

– E que conselho foi esse? – interroguei com cautela, sabendo que não era o de que começasse a engomar a roupa do avesso, para esta não ficar com brilho.

– Dos fracos não reza a história. Convidei-a para sair. Eu. Eu. Ed. Eu... convidei... a Robyn... para sair. Eu. Convidei-a para sair!

– Mentira!

– A sério.

– Chiiiiiu! – ouviu-se por toda a biblioteca.

Movimentando-me como uma mulher possuída, agarrei nos papéis, nas canetas, no estojo dos óculos, nos livros que eram meus e peguei na mala.

– Vamos.

Ficámos à entrada da biblioteca, no corredor largo e comprido com parqué de madeira clara e paredes beges. Era fim de tarde e a maioria dos estudantes ou ia ter as últimas aulas do dia ou ia para casa, ou, então, para a cantina. Todos tinham um sítio para onde ir, menos eu e Ed. Ed, teoricamente, também não devia estar ali, já que a sua faculdade ficava bem longe dali.

Sem me importar com a desordem que causei, larguei o fardo que levava nos braços e encostei-me ao quadro de informações à porta da biblioteca. Ed inclinou-se, de frente para mim.

– Então... então... – incitei, fazendo um gesto frenético, como quem dizia «Vá lá».

– Fui ter com ela quando estava na associação de estudantes. É a nossa associação, a associação de estudantes da Met.

Sim, Ed, já percebi a ideia.

– Estava com os seus amigos todos. Tem imensa popularidade...

Num dia normal, ia sentar-me sozinho, pois não gosto de ir ter com ela quando está rodeada de muita gente, mas, desta vez, aproximei-me e, com muita pinta, perguntei-lhe se queria beber alguma coisa. Ela foi apanhada um pouco de surpresa, mas sorriu-me

com aqueles lábios lindos. Ainda estava com um olhar algo admirado, mas disse:

– Quero uma vodca tônica.

Quero dizer, nunca sou tão direto, não à frente dos seus amigos. Espero sempre até ficarmos sozinhos para falar com ela. É que eu sou muito tímido e ela é tão bonita.

Tinha as palmas das mãos a suar e o coração a bater muito depressa quando falei com ela, Ceri. Terias ficado muito orgulhosa de mim, não parava de pensar: «Uma vida vivida a medo...». Fui buscar a bebida, levei-lha e, depois, perguntei-lhe se podia dar-lhe uma palavrinha a sós.

– Com certeza – respondeu ela. Acho que ficou impressionada com a minha mudança de imagem. Não parava de olhar para mim como se me visse pela primeira vez e não conseguia deixar de sorrir.

Fomos para o outro lado do bar e olhei-a nos olhos. Mesmo nos olhos. Disse:

– Estava a pensar se podia levar-te a jantar na próxima semana, Robyn.

Assim, sem mais nem menos. Sem gaguejar e sem hesitações. Simplesmente, convidei-a.

Ela retorquiu:

– Claro, porque não? Quando?

Eu respondi:

– Na quarta-feira? – Porque, sabes, é à quarta-feira à noite que a maioria das pessoas está disponível, não é? Não me atreveria a presumir que ela estava disponível na sexta-feira ou no sábado.

Ela disse:

– Telefona-me no fim de semana e eu passo primeiro por tua casa. Se nos encontrarmos em minha casa, as minhas colegas de apartamento vão chatear-nos. – Depois, pediu uma caneta ao empregado de balcão e olha só...

Ed levantou a mão. Nas costas da mão direita, escrito em letra floreada de menina, estava um número de telefone.

– Diabos me levem. – Não me ocorreu mais nada para dizer. Estava espantada por ele tê-lo feito. E ainda mais espantada por ela ter aceitado.

– Pois é! – retorquiu Ed.

Fitei-o novamente: olhos brilhantes, rosto corado e entusiasmado.

– Diabos me levem! – repeti.

– POIS É! – Ed agarrou-me e deu-me um grande abraço. – E é tudo graças a ti. – Balouçou-me enquanto me apertava tanto que me privava do sopro vital. – Obrigado, obrigado, obrigado.

A felicidade de Ed era contagiosa. O Monte Fuji dos sorrisos alastrou-se pelo meu rosto enquanto ele me sufocava com a sua alegria.

Pelo canto do olho, detetei uma nuvem. Uma nuvem negra de tempestade no horizonte de felicidade sobre o qual eu e Ed nos abraçávamos. Mudei ligeiramente de

posição nos braços de Ed para a encarar de frente.

Era ele. O homem que estava no bar, há umas semanas, e na festa, na outra semana. O Homem do Olhar Fixo. Ali parado – a fulminar-me com o olhar.

– Quem é ele? – perguntei a Mel.

O dia já ia adiantado. Eu tinha entrado na rotina de me dedicar ao trabalho de investigação durante o dia e preparar as aulas (é verdade, agora era uma professora universitária a preceito e até usava a gíria) ao fim da tarde. Assim, os alunos não me apanhavam na biblioteca, pois estavam nas aulas, no bar ou na cama durante o dia, e não apareciam gratuitamente no meu gabinete ao fim do dia, pois, de um modo geral, pensavam que eu estava em casa. Pouco antes, tinha mandado Ed embora, prometendo ouvir a recapitulação integral da história «Eu... convidei... a Robyn... para sair. Eu. Ed» quando chegasse a casa.

Passei pela Sala de Professores, para estar algum tempo longe das dissertações e do meu computador, e descobri que não era original na forma como planeava o meu dia de trabalho: estavam ali bastantes professores. Éramos cerca de quinze, espalhados pela sala, a jantar, a preparar as aulas, a corrigir trabalhos ou a fazer o que eu e Mel estávamos a fazer: sentados lado a lado, a fazer uma pausa.

Quando fiz a minha pergunta a Mel, o Homem do Olhar Fixo tinha entrado na Sala de Professores. O seu corpo, que me tinha parecido um traço artístico numa página, moveu-se com grande facilidade, quase com elegância, ao atravessar o espaço. Foi preparar uma chávena de qualquer coisa na zona da kitchenette.

– É o Bosley – respondeu Mel.

– Bosley? – interroguei. – Que espécie de nome é «Bosley»?

– Bosley, como no filme Os Anjos de Charlie – disse Mel, falando devagar, como se eu fosse obtusa por não ter percebido imediatamente.

– Certo – retorqui. – Claro... Porque o chamas assim?

– Não sou só eu, toda a gente o chama assim. O problema do Bosley é ter um batalhão de amigas que não são mais do que isso: amigas. Está sempre rodeado de mulheres atraentes. Sempre que esbarramos nele, está com uma mulher deslumbrante ao lado e nunca acontece nada entre eles. Sabes, como Bosley, no filme Os Anjos de Charlie: mulheres sensuais e nada de sexo. O nosso Bosley está sempre a salvar essas mulheres deslumbrantes de um ou outro drama.

– A sério? – perguntei, tentando não parecer muito interessada.

– Sim. Há umas semanas, eu, o Bosley, o Craig e outro tipo reunimo-nos em minha casa para jogar às cartas. O Bosley foi o último a chegar. Tinha literalmente acabado de entrar e de se sentar quando o telemóvel tocou. Uma das suas amigas estava presa em Sheffield; estava a cair de bêbeda e tinha perdido o bilhete de autocarro para voltar para casa. Chorou e disse que não tinha dinheiro que chegasse para comprar outro. Então, o Bosley levantou-se, pegou no carro e foi buscá-la. Foi a Sheffield e voltou, só porque ela

era sua amiga.

– E não estava a tentar levá-la para a cama? – interroguei, com a maior naturalidade possível.

Mel saltou para a frente no seu assento e virou-se para olhar para mim. Os seus olhos estavam incendiados pela suspeita de que a minha pergunta tivesse duplo sentido. De facto, tinha, mas não como Mel pensava. Eu queria descobrir que género de homem ele era. Se percorria quilómetros por uma amizade verdadeira ou se o fazia porque, no fundo, queria ganhar uma queca. Independentemente do ponto de vista, era um gesto simpático, mas a motivação por trás dele estava relacionada com a razão pela qual me fulminava com o olhar. Seria propenso à perseguição ou apenas alguém que tinha um olhar infeliz? Obviamente, se estivesse a tentar levar alguém para a cama, a hipótese mais provável era de ser considerado um perseguidor; se não fosse esse o caso, a explicação era o olhar infeliz.

Mel, que não fazia ideia do que se passava na minha cabeça, pensou que eu estava fazer-lhe tal pergunta porque... Pelo sorriso que tinha no rosto, era óbvio o que pensava.

– Não – disse Mel –, não estava a tentar levá-la para a cama. – Os seus olhos brilharam ainda mais. – Porquê? Estás interessada?

– Não – afirmei. Não da forma que estás a pensar.

O sorriso de Mel rasgou-se, contagiando-lhe mais o rosto.

– Estás, sim! A Ceri ama o Bosley. A Ceri ama o Bosley! – começou a entoar baixinho.

– Chiiiu – sussurrei e obriguei-o a sentar-se novamente ao meu lado. – Para com isso. Não é verdade. Só o vi naquela festa, na outra semana, e estava a pensar o que estaria ele a fazer lá, se não estuda na Met.

– Dá aulas no Departamento de Comunicação Social; deve interessar-te, visto que foste jornalista. Estava naquela festa porque divide uma casa com dois estudantes da Met – disse Mel, ainda a sorrir –, tal como tu. E é de Londres, tal como tu. Vocês dois têm muito em comum. Foram feitos um para o outro.

– Não comeces, Mel – retorqui.

– Posso interceder por ti, se quiseres – declarou Mel, por trás do seu sorriso.

– Para com isso. Não estou minimamente interessada.

– Ora, tens a certeza? Ele é meu amigo. Digo só que me fizeste perguntas sobre ele. Não custa nada.

– Não te atrevas – silvei e, depois, belisquei a perna de Mel. Ele queixou-se bem alto. Algumas pessoas presentes na sala olharam para nós. – És mesmo mariquinhas – sussurrei. – Nem te belisquei assim com tanta força e praticamente desataste aos gritos. – O Homem do Olhar Fixo, que estava encostado ao balcão da kitchenette, estava a fazer o que melhor sabia: olhar fixamente. Olhou-nos com má cara por cima da sua chávena de café. Eu mexi-me com pouco à-vontade no meu assento e desviei o olhar.

Pelo canto do olho, vi Mel a acenar ao Homem do Olhar Fixo. Levantei os olhos mesmo a tempo de ver a reação dele: retribuiu-lhe o cumprimento com um ligeiro aceno de

cabeça e, depois, desviou o olhar. Fê-lo de uma forma que dava a entender que estava propositadamente a evitar olhar para nós de novo.

– Acho que o Bosley gosta de ti – sussurrou Mel, aproximando-se do meu ouvido. – Parece estar roído de ciúmes. Nunca o vi com um ar tão irritado, nunca.

– Sim, de facto, parece estar com ciúmes – concordei. – E acabaste de me dizer que está sempre rodeado de mulheres deslumbrantes, mas que nada se passa. – Virei-me para olhar para Mel. – Já pensaste que talvez goste de ti?

Capítulo 19

sexo, por favor

Sentei-me na borda da banheira, a aplicar montanhas de amaciador no cabelo.

Adorava pôr amaciador no cabelo. Sabia que, a cada passagem, estava a torná-lo suave e brilhante. Fazer com que o amaciador se entranhasse nele, massajando-o com os dedos desde as raízes até às pontas, sentindo o cabelo ficar mais suave a cada toque, provocava em mim um verdadeiro sentimento de alegria.

Agradavam-me as coisas simples da vida. Quanto mais vivia em Leeds, mais me convencia disso. Encontrava-me com Jess uma vez, talvez duas, por semana, sem o menor indício de ação masculina. Isto é, sem contar com Ed e Jake. E, para mim, nenhum deles contava. Desde o sucedido no fim de semana do meu regresso a Londres, nós três tínhamo-nos tornado muito unidos. Era como se tivesse mais dois irmãos, só que, agora, um dos meus irmãos era branco, tinha cabelo louro rapado e era oriundo da Cornualha, enquanto o outro também era branco, tinha cabelo ruivo, um piercing na sobrancelha e uma ligeira pronúncia escocesa. Seria de admirar que o amaciador representasse, para mim, a verdadeira felicidade? Além de Angel?

Penteei lentamente o cabelo, pensando no que tinha acontecido na minha vida desde a chegada a Leeds. Em dez semanas.

Ed e o seu encontro, que era..., quando? – domingo, segunda... – dentro de quatro dias.

Claudine e Mel. Mel e Claudine. Ela queria fingir que nada tinha acontecido entre eles. Mel insistia em dizer que estava apaixonado por ela, ignorando muito comodamente o casamento que tinha arruinado. Entre eles, nada se resolvia.

Gwen. Tinha-me tornado a sua melhor amiga. O convite para jantar não se tinha concretizado, mas ela tinha começado a sentar-se ao meu lado quando não era quarta-feira – até ia à minha procura no gabinete e ali ficava, sem fazer nada, até eu lhe preparar um café. Então, tinha de fazer conversa. Ela falava comigo como se tivéssemos alguma coisa em comum. Era mais nova do que Jess, mas, decididamente, mais colérica. A sua cólera era sempre dirigida à turma demoníaca. Nunca conseguia esquecê-la, nem ignorá-la. Quando eu tentava mudar de assunto, era bem-sucedida durante alguns minutos. Parecia uma criança a chorar e que tentava distrair-se com um brinquedo – resultava durante alguns momentos, mas a sua atenção voltava ao motivo pelo qual estava a chorar, no início. No caso de Gwen, voltava sempre àquela turma de primeiro ano. Eu tinha começado a contar as vezes que falava nela numa conversa neutra. O seu recorde pessoal era de vinte e cinco vezes, numa quarta-feira.

A bem da minha sanidade mental e por ver o quanto a incomodava, fui falar com a

turma demoníaca, nas aulas e nas sessões de estudo, e sugeri que experimentassem a mediação, explicar-lhe o que se passava. «Não fiquem de braços cruzados, a dizer que não percebem. Expliquem os vossos problemas de uma forma prática e que ela compreenda.» A minha ideia caiu em saco roto e, conseqüentemente, eles caíram em cima de mim por intermédio de Gwen.

Trudy. A misteriosa mulher chorosa. Perguntava-me se ela existia. Nunca mais a tinha visto. Nem na Sala de Professores, nem na cantina, nem sequer nos corredores. Era tudo tão surrealista. Seria um aviso lá de cima para não me envolver na vida alheia?

Atirei o pente para dentro da banheira, que estava orlada de ilhas de espuma de champô, e continuei a passar as mãos pelo cabelo, sentindo o amaciador a entranhar-se e a escorrer-me por entre os dedos.

Era sábado à noite e eu estava ali sentada, sozinha, a repensar a minha vida. Ed tinha ido sair com os amigos, assim como Jake. Eu desconfiava que estava a esgueirar-se para ir ver o Idiota, mas não tinha dito nada. Era um triste estado de coisas. Eu era jovem, vibrante, estava quase nos trinta e o que me dava prazer era o amaciador e a expectativa de ver David Boreanaz na pele de um vampiro de 250 anos. E não esqueçamos que o dito vampiro não podia praticar sexo, pois um momento de verdadeira felicidade levá-lo-ia a perder a alma e a tornar-se mau outra vez.

Por falar nisso, quando tinha eu praticado sexo pela última vez? Ou mesmo dado uns beijinhos? Ou algo que se parecesse vagamente com um beijo? Há dois meses? Não, estava ali há dois meses e não tinha, de todo, praticado sexo. Dois meses antes? Não, era Natal e não houve, então, qualquer tipo de acontecimento. Há seis meses. Não praticava sexo nem nada que se parecesse há seis meses. O tempo passa realmente a correr quando não vamos para a cama com ninguém.

O mais estranho era que, para alguém que gostava tanto de sexo como eu, nem tinha dado por isso. Até hoje, cerca de 95% das pessoas que conheci pareciam motivadas pelo sexo. Todas pareciam andar a praticá-lo ou a tentar fazê-lo, ou tinham andado a praticá-lo, embora, por vezes, fingissem o contrário.

Todas serviam para me lembrar que não andava a praticá-lo, nem o faria num futuro previsível. Não tinha sequer encontrado um homem a meu gosto. E isso era raro. Era capaz de gostar do menos desejável dos homens. O Não-sei-quantos Toca-gaitas, com quem vivi durante um ano, era disso o exemplo mais acabado. Não só era o indivíduo que tinha nascido para me fazer acreditar em Deus, ao provar que o diabo existia, como nem sequer era bem-parecido ao ponto de compensar esse facto. Só tinha... não, nada, não me lembrava de nada que abonasse a seu favor. Ou melhor, não, casou nove meses depois de eu ter saído de casa. Isso provava que não voltaria a incomodar-me. Afinal, toda a gente tem um lado bom.

Creio que, em parte, não encontrava mais ninguém de quem, pelo menos, gostasse, porque a minha última relação, com o Sr. Pénis Perfeito (P.P.), tinha-se aproximado de um final em aberto, antes do Natal. (Ele tinha conquistado tal alcunha por possuir o mais

perfeito exemplar do membro viril que eu alguma vez tinha visto. Não tinha visto muitos na minha vida, mas era enorme e pertencia a alguém que sabia usá-lo. Apesar do tamanho, não o usava como um aríete.)

Conheci o Sr. P.P. através de uns colegas de trabalho e senti-me imediatamente atraída por ele. Era manifestamente sexual, mas não se apercebia disso. O cabelo escuro com salpicos grisalhos, os olhos escuros, a boca, o corpo, tudo era bastante banal – noutra pessoa qualquer. Nele, tal combinação dava-me a volta à cabeça. De forma pouco habitual em mim, decidi, ali e naquele momento, que ele seria meu naquela noite. Passei toda a noite a falar com ele e, de um modo geral, a tentar impressioná-lo com a minha personalidade brilhante. Não me tinha incomodado em maquilhar-me naquele dia, não tendo sequer posto batom, pelo que tive de recorrer ao Plano B: a minha personalidade brilhante.

Rimos e gracejámos durante toda a noite e, depois, fiz-me convidada para ir a sua casa tomar um café. Nem assim ele percebeu. Não percebeu que eu gostava dele. Foi um perfeito cavalheiro e preparou-me um café, levou-me bolachas e ofereceu-se para chamar um táxi, se eu estivesse cansada.

– Então, não gostas de mim? – acabei por perguntar, quando percebi que ia ser mandada para casa sem o menor olhar lascivo.

– Bem, gosto – respondeu ele, timidamente. – Mas achei que não estivesse... – olhou para o seu café. – Bem, não quis partir do princípio...

– E eu que pensei que estava a ser muito óbvia. – O meu olhar prendeu os seus olhos escuros. – Para ser mais óbvia, teria de estar com as cuecas na cabeça.

Ambos desatámos a rir, até o riso se extinguir pouco a pouco. Os nossos olhares cruzaram-se por cima da chávena de café dele e saltámos para cima um do outro. A chávena tornou-se uma vítima da paixão.

Durante a noite, ficámos bem juntinhos e rimos na cama, como se nos tivéssemos drogado, embora não fosse esse o caso. Achávamos en-gra-ça-dí-ssi-mas as coisas mais estranhas! Como, por exemplo, a ocasião em que ele tinha ficado fechado fora de casa só em toalha e demorado imenso tempo a acordar o seu colega de apartamento. Não tinha a mínima graça, a não ser que se estivesse a assistir, mas fartámo-nos de rir da situação. Criámos diversos cenários hipotéticos, como, por exemplo, o de o seu colega de apartamento ter tomado um comprimido para dormir e acordar passado muito tempo. Ou o de ele ter de ir até à cabina telefónica ao fundo da rua e fazer uma chamada a cobrar. Como já disse, en-gra-ça-dí-ssi-mo. Estava aconchegada ao seu peito, com os seus braços à minha volta, quando, de repente, ele disse:

– Quero que saibas que não tenho por hábito fazer isto. Não tenho por hábito conhecer uma pessoa e ir logo para a cama com ela.

– Aah, eu também não – retorqui. Não tinha quaisquer problemas em ir logo para a cama com alguém. Em geral, as pessoas passavam demasiado tempo a julgar os outros

com base em trivialidades como o tempo que esperavam para dormir com alguém. A única coisa que interessava era que eu não me importava. Naquela altura da minha vida, porém, não ia para a cama com qualquer um, mais por falta de oportunidade do que por qualquer outro motivo.

No dia seguinte, fomos a pé para o trabalho, ambos aturdidos por termos tido sexo fantástico – seis vezes, seis, numa noite –, quando nos tínhamos conhecido cinco horas antes. Normalmente, não se espera quantidade e qualidade quando mal se conhece alguém, mas nós tivemos sorte.

Eu e o Sr. P.P. encontrámo-nos duas vezes por semana durante dois meses, mas ele tinha uma grande bagagem emocional e eu decidi não o ajudar a transportá-la. O Não-sei-quantos Toca-Gaitas tinha-me feito perceber a loucura que era tentar ajudar um homem com a sua bagagem. Nunca ficava grato – apenas encontrava outra pessoa com quem partilhar a sua vida isenta de bagagem. Dado o volume de trabalho do Sr. P.P., a sua ligação à ex-namorada e a minha recém-descoberta capacidade de não deixar a minha vida em suspenso enquanto esperava que ele se organizasse, acabámos os dois por deixar de nos contactar por telefone ou correio eletrónico.

Anteriormente, eu teria deixado tudo nas mãos do destino. Se estiver destinado, há de acontecer, pensava e dizia eu, enquanto verificava o telefone, o telemóvel e o correio eletrónico várias vezes por minuto. Com o Sr. P.P., cheguei à conclusão de que tinha dado o meu melhor, de que lhe tinha oferecido os melhores momentos da minha vida sexual, e, se ele estava demasiado ocupado ou envolvido com a ex-namorada para entrar em contacto comigo, eu nada podia fazer. Era a vantagem de dar o meu melhor: podia voltar as costas, de consciência e memória limpas. Era impossível mudar as coisas, alterá-las por mera força de vontade, agarrar-me a uma relação sexual que há muito tinha os dias contados. Só gostava de ter aprendido isso há mais tempo. Podia ter evitado muitos desgostos, lenços de papel desperdiçados e telefonemas humilhantes quando estava bêbeda e me sentia só.

No silêncio da casa, ouvi o meu telemóvel a tocar no quarto e fui a correr atendê-lo. Peguei nele com cuidado, com o dedo indicador e o polegar, não querendo deixar amaciador na tampa de plástico, e premi o botão para atender a chamada.

– Olá, Ceri, fala a Claudine.

Tinha-lhe dado o número do meu telemóvel para o caso de ela, um dia, querer sair comigo. E ela não queria, pois andava a evitar-me desde a última vez que tínhamos saído juntas. Muito provavelmente, tinha acordado na manhã a seguir à nossa saída e ficado horrorizada com o que me tinha contado espontaneamente.

– Olá – retorqui. Ainda estava algo sem fôlego devido à épica corrida pelas escadas acima desde a casa de banho. De pouco valia ser sócia de um ginásio.

– O que fazes esta noite? – perguntou. Tinha um certo tom na voz. Não era de transtorno, nem de fúria. Era difícil identificar o sentimento exato, mas a angústia era o

mais parecido.

– Aah, lavo o cabelo – respondi. Ela ia pensar que eu era a mulher mais apaixonante à face da terra. Pavlov, lavar o cabelo ao sábado à noite. Se ao menos soubesse que, mais tarde, eu tencionava pôr em dia o trabalho já realizado quanto ao meu estudo de investigação.

– Ah – replicou Claudine. – Então, hum, não queres companhia?

– Está tudo bem? – respondi.

– Claro que sim. Claro. Só liguei, aah, para o caso de estares... não. Não, não está tudo bem. Está tudo mal. – A voz tremeu-lhe, vacilando nas extremidades das cordas vocais antes de cair num abismo de lágrimas.

Ah. Não estava propriamente em condições de receber visitas. Muito menos de quem era tão lindo que – sendo eu tão confiante e sentindo-me tão bem com a minha aparência e o meu corpo – provocava em mim ataques de insegurança. O mero ato de andar ao lado da alta, esbelta e elegante Claudine dava-me vontade de andar em bicos de pés, para aumentar o meu 1,62 m de altura.

Ceri má, má, má, má. Não acredito que estás a hesitar em deixá-la vir cá a casa por estares com o cabelo escorrido e sem engenhocas que te arrebitem e apertem o corpo. Sobretudo se podes ficar apresentável antes de ela chegar. Além disso, ela não vem cá para olhar para ti, mas sim para conversar contigo. Deixa de ser tão vaidosa.

– Queres vir cá a casa? Não posso sair, porque estou com o cabelo molhado e isso, mas vem para cá. Tenho uns petiscos e os rapazes saíram.

– Tens a certeza? – perguntou com cautela.

– Claro.

– Está bem. Obrigada. Vou já para aí.

– Aah, demoras muito? – Estava a fazer contas de cabeça para calcular o tempo que ela levaria a chegar e que eu teria para vestir um sutiã e despir a minha t-shirt gasta do Judge Dredd e as calças de fato-de-treino salpicadas de tinta do Sr. P.P..

– Hum, cerca de dois segundos. Estou aqui fora.

Eram poucas as pessoas com quem eu não tinha tido relações sexuais que me tinham visto sem sutiã. Era o caso de Jess, pois, ao longo dos anos, já tinha passado muitas noites em sua casa. Era também o caso de Jake e Ed, mas só quando eu me dirigia aos tropeções do quarto para a casa de banho, se estivessem a pé. Claudine tinha acabado de se tornar a última pessoa a ver-me sans suporte mamário. Não que desse a entender que tinha reparado ou que se importava com isso. Na verdade, pareceu não reparar que eu estava muito diferente do que era costume. A menos, é claro, que eu estivesse sempre desgrenhada, com pouca roupa e todos estivessem à espera disso.

Tinha-me preparado para que entrasse aos tropeções, com lágrimas nos olhos, o corpo a tremer, pronta para mergulhar num pranto. Em vez disso, chegou com quatro garrafas de vinho nos braços.

– Não sabia se gostavas mais de tinto ou de branco, por isso, comprei duas de cada – explicou, inclinando-se para a frente para me dar as garrafas. Agarrei em duas e mostrei-lhe o caminho para a cozinha. Claudine parou junto ao balcão próximo da porta das traseiras e, dos volumosos bolsos do seu casaco, tirou oito latas de cerveja. – Pensei que talvez preferisses cerveja, por isso, também comprei.

Enquanto me ocupava dos copos, de um pacote de tortilhas e de molhos que estava a guardar para mais tarde, Claudine voltou para a sala para fazer o que estava agora a fazer: andar de um lado para o outro. Caminhava para trás e para a frente diante da lareira, em cujo ventre negro se aninhavam as falsas brasas a arder, surgindo o seu reflexo no quadro A Metamorfose de Narciso sempre que passava por ele. Estava decidida a criar um sulco no tapete creme de pele artificial de Ed. De vez em quando, parava, sentava-se no sofá debaixo da janela, enchia a boca com um punhado de tiras de tortilha, bebia vinho tinto e, depois, cerrava os punhos enquanto rangia os dentes.

Eu nada disse. Nem uma palavra durante todo este tempo. Queria que fosse ela a começar. Mesmo que fizesse algo tão inócuo como perguntar-lhe o que tinha andado a fazer, poderia induzi-la a encetar um diálogo sobre o seu fim de semana em vez de ir direta ao assunto.

– Eu e o Kevin tivemos uma discussão – explicou depois de eu ter bebido uma lata de cerveja, muito lentamente. Levantou as mãos, como se estivesse a mostrar-me o tamanho de um peixe que tinha pescado. Uma enorme – aumentou a distância entre as mãos –, enorme, discussão.

Pegou no copo de vinho, tragou o seu conteúdo e passou a mão pelo cabelo negro, fazendo com que ficasse em pé em cima.

– Sobre o Mel.

«Ah», disse a minha cara. A minha boca não fez nenhuma das perguntas que pediam para sair, sendo de maior destaque a seguinte: «Percebeu o que se passou entre ti e o Mel?».

Claudine suspirou. Depois, tornou a suspirar e atirou-se novamente para cima do sofá.

– É tudo uma grande confusão. – Tirou a maquilhagem dos olhos ao esfregá-los com as pontas dos dedos. – E a culpa é toda minha. Quero ter dois homens ao mesmo tempo e... O Kevin disse-me coisas horríveis. Mas tinha razão.

– O que aconteceu? – interroguei.

Ela afundou-se no seu lugar.

– Há pouco, o Mel telefonou e perguntou-me se queria ir beber um copo na cidade. Eu e o Kevin estávamos só a ver televisão e pensei: «Porque não?». Perguntei ao Kevin se também queria ir e ele perdeu a cabeça. Quero dizer, passou-se completamente. Arrancou-me o telefone das mãos, disse ao Mel que não íamos a lado nenhum, mas com muitos palavrões à mistura, e desligou.

Merda. Enchi-lhe o copo de vinho até acima. Ela estava a precisar.

– Oh, céus – recomeçou Claudine...

Começou a barafustar, dizendo que o Mel estava sempre por perto. Que não passávamos um dia sem que o nome do Mel viesse à baila ou sem que ele telefonasse.

– Os nossos fins de semana são preciosos, Claudine. Não passamos tempo nenhum um com o outro, durante a semana, e, agora, ELE intromete-se no único tempo em que estamos juntos.

– É o meu melhor amigo – retorqui.

– Eu sou o teu namorado. Estás mais vezes com ele do que comigo.

– Não estou nada – disse eu.

– Estás com ele de manhã à noite, de segunda a sexta-feira. E hoje, na única noite em que podemos estar os dois sozinhos, queres sair com ele. SEMPRE ELE!

Então, eu disse:

– É o meu melhor amigo. – Fraco, eu sei, mas não me ocorreu mais nada para dizer.

– Porque é que o teu melhor amigo é um homem? – perguntou Kevin. – Andas a dormir com ele?

Devo ter empalidecido, pois todo o meu corpo gelou. Ainda assim, gritei-lhe:

– Filho da mãe.

– Andas, não andas? É por isso que ele está sempre por perto e que tu te alegras quando assim é. Andas a dormir com ele.

– Não ando nada!

– Bem, hoje em dia, já não deixas que me aproxime de ti.

– Não é verdade.

– Quando fizemos amor pela última vez, Claudine?

– Há uns dias, não sei, não vou contando – respondi inocentemente.

– Diz antes três meses. E já nessa altura percebi que não estavas para aí virada.

Quase cá para o lado, Ceri. Quero dizer, não sabia que tinham passado três meses. Três meses? É impossível, não podíamos estar há três meses sem ter relações sexuais.

– ISSO É MENTIRA! – exclamei.

– Ai é? Só sei que não andas a satisfazer-te em casa, logo, deves andar a fazê-lo noutro sítio. Aposto tudo no teu querido Mel.

– O que queres dizer?

– Quero dizer que tu e o Mel o fazem a cada oportunidade que se vos apresenta. – Começou a apontar para mim. Nesta altura, ambos estávamos de pé. – E andam os dois a rir-se de mim, nas minhas costas.

– Filho da mãe!

– Pega!

Dei-lhe uma bofetada. Ele empurrou-me. Eu caí para cima do sofá. Ele estava tão furioso, tão enlouquecido naquele momento, mas também muito magoado. Em seguida, foi intempestivamente para o andar de cima.

Eu fiquei ali sentada, a tremer. Passados alguns minutos, agarrei no casaco, nas chaves e saí. Suponho que me ouviu a fechar a porta, pois abriu a janela do quarto,

debruçou-se e começou a gritar:

– VÁ, VAI LÁ TER COM O TEU AMIGO. DÁ-LHE UMA POR MIM!

Não se calou enquanto não cheguei ao fundo da rua e dobrei a esquina.

Vim parar aqui.

– Porque não foste a casa do Mel? – perguntei.

– O Kevin ia adorar – respondeu. – Eu, ir agora a casa do Mel?

– Não estás zangada ao ponto de ires a casa do Mel e dormires com ele, para irritar o Kevin?

– Não! – Claudine pareceu ficar horrorizada com a ideia. Examinei-lhe o rosto, os olhos arregalados, a boca virada para baixo. Ficou mesmo horrorizada com a ideia. – Claro que não.

– Nem sequer te passou pela cabeça?

A testa de Claudine enrugou-se como chapa finamente ondulada ao franzir o sobrolho e, depois, abanou a cabeça.

– Não.

– Era o que eu faria – afirmei, após alguns goles de cerveja. – Compraria um enorme pacote de preservativos, amarrá-lo-ia à cama e montá-lo-ia até perder os sentidos. Se estivesse tão zangada como tu estavas quando chegaste, o Mel estaria a ter a melhor queca da sua vida por esta altura, mas isso era eu.

– Seria incapaz de fazer isso – declarou Claudine, simplesmente.

Pois, infelizmente, serias.

– Perdido por cem, perdido por mil.

– O quê? – disse Claudine. A expressão de quem me considerava louca tinha voltado.

– O que quero dizer é que, se nos acusam de fazer uma coisa, porque não a fazemos, para que valha a pena sermos acusados?

– Foi só uma discussão com o Kevin.

Acenei com a cabeça.

– Pensei que tinhas dito que o Kevin não era nada comparado com o Mel. Era a tua oportunidade, aquilo por que esperavas. Mesmo que não fosse para deixares o Kevin, que fosse, então, para começares a ter um caso. Era aquilo de que precisavas para carregar na tecla PLAY.

Claudine estava outra vez a beber vinho.

– Só dormi com o Mel daquela vez, porque estava muito bêbeda e a nossa relação estava ao rubro.

Deveria referir que ela me tinha dito, olhando-me nos olhos, que quase tinha dormido com ele? Não. Ninguém gosta de ser recordado das suas mentiras e meias-verdades.

– Como já disse, Claudine, sei muito pouco sobre muito pouca coisa.

Não me ouviu. Continuou:

– Era Natal, estávamos todos com espírito festivo, eu e o Mel fomos juntos para casa,

de táxi, como já tínhamos feito centenas de vezes. Sentámo-nos muito perto um do outro no táxi, ele com a perna encostada à minha. Quando virámos para a sua rua, ele deu-me um beijo na face. Depois, entreolhámo-nos e praticamente nos atirámos um ao outro, começámos a beijar-nos a sério. O Kevin estava fora, eu não queria ter uma casa vazia à minha espera...

– Ele é bom na cama? – perguntei. – Fico sempre com a impressão de que o Mel deve ser bastante hábil.

Claudine sorriu como um gato que foi às filhós – várias vezes.

– Foi... – grande pausa libidinosa – qual foi a palavra que disseste? Hábil? Foi hábil.

Sorri-lhe também, enquanto o meu coração se afundava como um tanque em areias movediças. A resposta de Claudine à minha pergunta, que só serviu para desviar a conversa, levantou-me muitos problemas. Estava-me nas tintas para o desempenho de Mel na cama. Afinal, nunca saberia como era, pois não? Só que... ponhamos a coisa nestes termos: digamos que eu estava na posição dela e tinha tido a maior discussão de sempre com o meu namorado. Se este me chamasse «pega» e me acusasse de dormir com qualquer um, eu iria a correr para casa da pessoa que tinha sido o motivo da discussão, munida de álcool e preservativos, embebedar-me-ia a valer, tentaria ir para a cama com o dito homem, perceberia que não era capaz, desataria a chorar e perderia os sentidos, havendo a forte possibilidade de sufocar no meu próprio vómito. Caso contrário, iria, pelo menos, a casa de um bom amigo e faria exatamente a mesma coisa, tirando os preservativos e, com sorte, a parte da tentativa de sexo.

Não estaria, de certeza, sentada em casa de uma tipa que tinha visto algumas vezes. E, se esta pessoa, que eu não conhecia muito bem, me fizesse uma pergunta acerca da capacidade sexual do amor da minha vida, eu refletiria e responderia: «Mete-te na tua vida, sua intrometida». De certeza que não lhe diria. Pensaria automaticamente que ela gostava dele. Não a conhecia suficientemente bem para deixar de fazer tal suposição. Isto levou-me a deduzir uma coisa... Ao fundo do corredor, começou a tocar a música do genérico de I Dream Of Jeannie. Era o telemóvel de Claudine.

– Deve ser o Kevin. Está a ligar para saber se estou bem.

O Kevin? Pois sim! É o Mel. Está a ligar-te para o telemóvel, porque te ligou para casa, ouviu poucas e boas do Kev antes de este lhe desligar o telefone na cara e quer saber se estás bem. O Kevin não vai telefonar-te. Pensa que estás em pleno coito com o Mel.

Claudine andou às cegas pela minha sala de estar, procurando o casaco e o telemóvel como um míssil guiado por calor à procura de um icebergue. Acabou por encontrar o casaco, no corredor, onde eu o tinha pendurado.

– É o Mel – informou, depois de ter olhado para o visor do telemóvel.

– Ai é?

Claudine acenou com a cabeça, embriagada e infeliz.

– Achas que devo atender?

Como hei de eu saber?

– Queres falar com ele?

– Quero falar com o Kevin – lamuriou-se.

Referes-te ao Kevin que não chega aos calcanhares do Mel, não é? É a esse Kevin?

O telemóvel parou de tocar o tema I Dream Of Jeannie.

Claudine voltou ebriamente para o sofá. Havia que reconhecer que estava muito mais embriagada do que eu. E eu estava prestes a fechar os olhos e a adormecer onde estava. Porque a tinha deixado arrastar-me para esta sessão de bebida? Era muito influenciável. Se me oferecessem álcool, raramente recusava. O trauma não era meu, mas estava a beber como se fosse.

O toque de I Dream Of Jeannie recomeçou. Era Mel, de novo.

Claudine agarrou no telemóvel, olhou para o visor e ficou visivelmente desanimada.

– É o Mel. – Pronunciou o nome dele como se estivesse a expelir muco.

– Provavelmente, não irá parar de te telefonar enquanto não souber que estás bem – alvitrei, amavelmente. Era uma forma simpática de dizer: POR FAVOR, PARA ESSA MÚSICA IRRITANTE QUE NÃO ME SAI DA CABEÇA. JÁ!

Atendeu a chamada e teve uma longa conversa com Mel. Soou a algo como:

– Tud’ bem. – (Tudo bem.)

– Hum, sei. – (Eu sei, sei como te sentes.)

– Nã’ sei. – (Não sei.)

– Tud’ bem. Tud’ bem. – (Sim, estou bem, para de perguntar.)

A única palavra que realmente percebi foi «Ceri», o que devia significar que estava a dizer-lhe que estava comigo.

Pela forma como franziu os lábios como uma colegial amuada injustamente separada do seu brinquedo preferido, ficou claro que queria que fosse Kevin a estar do outro lado da linha telefónica.

Meti Claudine num táxi logo após aquele telefonema, pois estava à beira das lágrimas. Eu sabia, ainda que ela não soubesse, que chegaria muito mais longe na reconciliação com Kevin se ele a visse derramar algumas lágrimas. Ela não parecia ser muito dada a chorar e Kevin, após a discussão entre os dois, talvez desse valor a tal facto. Era escusado chorar no meu ombro, porque eu já estava do seu lado.

Recolhi copos, garrafas e latas à luz da televisão. Deitei fora o que tinha sobrado dos molhos e, depois, pus-me de gatas para remover do tapete os pedaços de tortilha e os pingos de molho. Jake era fanático em relação a certas coisas, tais como resíduos de comida no seu tapete creme, mas a casa de banho podia estar meses sem ser limpa que não se importava. (Não que o estivesse mesmo, pois eu não o suportava.)

Com a minha roupa de lavar o cabelo, deitei-me na cama, liguei a televisão, baixei o som e fiquei na luz a piscar, a pensar. Não só em Claudine e Mel, mas sobretudo nas mais vastas implicações do que se passava entre eles.

O facto de a nossa vida poder mudar num piscar de olhos; uma expressão mal interpretada; um beijo dado a quem não devíamos. O sofrimento de querermos algo que

simplesmente não podemos ter.

Querer tanto uma coisa que nos tornamos infelizes a nós próprios e aos que nos rodeiam porque não podemos tê-la. Era uma loucura, mas todos o fazíamos. Uma vez, vi um filme que condensava bastante bem essa loucura. Era um filme medíocre, mas lembro-me de uma das personagens principais dizer algo como: «Porque é que as pessoas amam quem não está apaixonado por elas? Não é uma loucura? Um homem vai ao aeroporto buscar o irmão, se não tiver nenhum irmão?». Era, de facto, uma loucura, mas, mesmo assim, todos o fazíamos. Mesmo quando eu percebia que era inútil, quando sabia que não tinha a mínima hipótese de conseguir o que queria, sentia ânsias, ficava doente. Mesmo quando sabia que, fizesse o que fizesse, não teria o que desejava (Drew Tucker era um bom exemplo disso). Mel e Claudine estavam, agora, a fazer o mesmo. No fundo, ambos sabiam o que queriam, mas era mais fácil ignorar. Fingir que não estava a acontecer, que não lhes saltava à vista. Em parte, era autoflagelação. Castigavam-se pelo que tinham feito numa única noite. Era justo, tinham feito uma grande maldade. O sentimento de culpa era parte integrante da traição. O que eu queria saber era se estava a ser arrastada para a situação para partilhar do castigo. Afinal, não tinha relações sexuais há seis meses.

Capítulo 20

a manhã seguinte (mais ou menos)

– Viste a Claudine? Ela está bem?

Mel, completamente desnortado, tinha-se atirado para a cadeira à minha frente, na cantina. Eu só tinha passado por ali para fazer um intervalo nas minhas atividades na biblioteca. Não estava a ter um dia bom. A turma demoníaca de Gwen tinha sido profundamente indisciplinada; a maioria dos alunos não tinha lido a bibliografia obrigatória e os restantes não a compreendiam, pensando, por algum motivo, que eu a compreenderia melhor. Havia que reconhecer que estava a ser paga para a compreender melhor do que eles, mas era apenas humana. Tinha vida própria – mais ou menos. Não tinha a intenção de ficar bêbeda que nem um cacho no sábado e passar o dia de domingo a refazer-me, tendo, depois, de ficar acordada até mais tarde, a ler e a planificar as aulas.

Ao ter de ler algo pela sexta vez, enquanto secava e alisava o cabelo, apercebi-me de que já não tinha a idade de outrora. Já lá ia o tempo em que fazia uma direta e, mesmo assim, no dia seguinte, comportava-me com toda a normalidade. Queria dizê-lo à turma. Em vez disso, fiquei diante deles, rebuscando na memória reminiscências do meu curso de Psicologia que me ajudassem a avançar, para poder ir para a biblioteca preparar-me melhor para a reunião com a orientadora do meu trabalho de investigação. Acabámos todos por admitir a derrota; mandei-os embora para irem ler a bibliografia e, na aula seguinte, voltarem com dúvidas válidas, em vez da lengalenga do «Não percebemos», sua predileta. Fui a correr para a biblioteca, para alguma leitura de última hora. Tentei prever as perguntas que a orientadora me faria, o que consideraria sensaborão no material que lhe tinha enviado.

Enganei a fome até às 14h30, para que qualquer pessoa que, possivelmente, quisesse comunicar comigo se dedicasse a fazer algo mais interessante. Pois sim.

– Vi-a pela última vez por volta das três da manhã de domingo e, nessa altura, estava bem. Embriagada, mas bem.

– Hoje, não veio trabalhar. Estou muito preocupado com ela.

– Falaste com ela? – retorqui.

– Não. Teve o telemóvel desligado durante todo o dia de ontem. Liguei-lhe para casa uma vez e ELE disse que me metia a cabeça para dentro a pontapé se eu aparecesse por lá. Estou muito preocupado. Acho que ele é capaz de magoá-la.

– Como assim, magoá-la?

– Tu sabes, tornar-se agressivo.

E não te ocorreu ir lá, tentar salvá-la? Que homem.

Esbofetei-me mentalmente por ter tido um pensamento tão maldoso. Estava cansada, irritada e o dia seguinte seria decisivo na minha vida. A orientadora podia pôr fim ao desejo do meu coração. Não era, porém, desculpa para ser maldosa. Mesmo que o fosse apenas mentalmente.

– Já alguma vez lhe bateu? – perguntei.

– Não.

– E ela alguma vez disse ter medo dele?

– Não, mas ele parecia estar tão zangado.

– Se eu estivesse no seu lugar, também estaria zangada. E, se a pessoa que eu considerasse estar na origem de todos os meus problemas não parasse de telefonar, talvez também fizesse ameaças violentas. Mas só ameaças, atenção.

O silêncio de Mel dizia que não estava convencido.

– Eles têm muito que resolver.

– Não é hábito dela faltar às aulas. Alguma coisa deve ter acontecido.

– Será? – disse eu, com brusquidão.

– Sim! – respondeu Mel, desesperadamente. – Não a conheces como eu. Isto nem parece dela.

Não vociferei, nem suspirei. Contei até cinco e larguei o garfo.

– Porque não pode ter acontecido algo de bom? Sabes, terem ido para um sítio onde possam estar sozinhos, sem o telefone a tocar constantemente e pessoas a aparecerem, para conversarem.

Mel abanou a cabeça.

– Não. Não, não me parece.

Suspirei. Foi mais forte do que eu. Não tinha tempo nem energia para isto.

– Aprendi duas coisas sobre este tipo de situações, Mel. Uma delas é que, se algo de mau tivesse acontecido, já saberias; as más notícias correm sempre mais depressa do que as boas. A outra – suavizei o tom de voz e tentei fazer um esforço para parecer solidária – é que, como fazes parte do problema, não deves, neste momento, poder fazer parte da solução.

Os grandes olhos cor de avelã de Mel encheram-se de lágrimas. Eu conhecia bem aquele olhar. Sensibilizava-me.

– É óbvio que tens razão.

Geralmente. Geralmente, aquele olhar sensibilizava-me como a uma manteiga derretida. Hoje, deixava em franja cada nervo do meu corpo. Fiquei impaciente.

– Não, não tenho. Tu próprio disseste que conheces a Claudine e o Kevin melhor do que eu alguma vez conhecerei, por isso, só tu sabes qual é o problema. – O rosto de Mel alegrou-se um pouco. – Ouve, Mel, lamento, mas tenho de me ir embora. Tenho uma reunião muito importante amanhã de manhã e ainda nem fiz metade do que tenho para fazer. – Levantei-me, levando comigo a comida meio devorada. – De certeza que irá correr tudo bem. Adeus.

Quase cheguei à biblioteca. Quase. Pronto, não passei da porta da cantina, tocando o meu coração uma versão instrumental de «Endless Love» tão alto que não ouvia mais nada. Nem as pessoas que abandonavam a cantina, nem os estudantes nos corredores, nada. Parei, respirei fundo, dei meia-volta e fui de novo ter com Mel. Estava com um ar tão desanimado, tão sinceramente preocupado... Pelos vistos, eu nada tinha aprendido com o caso de Trudy. Além disso, não ia ter, na reunião do dia seguinte, a minha primeira avaliação propriamente dita, nem nada que se parecesse. O meu futuro em Leeds não dependia do resultado daquela reunião, pois não?

– Muito bem – disse, sentando-me novamente na cadeira de plástico cor de laranja.

Mel ergueu os olhos, alegrando-se o seu rosto ao ver-me. Raramente havia quem ficasse tão satisfeito por me ver.

– Eis o que vamos fazer – afirmei. – Eu telefono à Claudine e, se o Kevin atender, dou a desculpa de que ela se esqueceu de uma coisa em minha casa, no sábado. Se ninguém atender, podemos, depois, ir lá ver se está tudo bem. – Embora eu não saiba o que havemos de fazer, se não estiver.

– A sério? – disse Mel. – Fazes isso?

Às vezes, odeio-me a mim mesma. Sou fraca. Deixo-me influenciar pela vontade dos outros com demasiada facilidade. A noite de sábado era um bom exemplo disso. Este momento era outro.

– A sério. Mas, antes, diz-me o que tanto te preocupa.

Ele disse.

– És boa de mais para o teu próprio bem – disse-me Jess, mais tarde.

– Então, tu não terias voltado atrás? – retorqui.

– Sim, claro que teria, mas, se te contasse essa história, dir-me-ias que sou boa de mais para o meu próprio bem, por isso, sou eu que to digo. É para isso que servem os amigos.

– Creio que tens razão.

– Mas, no fim de contas, estava tudo bem? Com a Claudine?

– Estava, pois, tudo ótimo. Foram para fora, como eu disse, para tentarem entender-se.

– Aposto que o Mel ficou satisfeito.

– Eu não diria que ficou satisfeito, mas sim aliviado e...

– E?

– E tomado por um vasto leque de emoções que eu não sabia que uma pessoa podia sentir em cerca de três segundos, mas, enfim, querida, vou tentar ler mais umas coisas antes da reunião de amanhã.

– Tentar ler mais umas coisas?

– Sim.

– Ceri, ou lês ou não lês, não há cá tentativas.

- Pois, está bem, Yoda. É melhor desligar.
- Está bem, boa sorte. Liga-me amanhã, para saber como correu. Adeus.
- Adeus.

Capítulo 21

publicidade

Já tinha praticamente arrancado a camada superior da unha do meu polegar esquerdo quando Craig chegou ao meu canto, na Sala de Professores.

Craig, que realizava investigação no âmbito do doutoramento e era professor no Departamento de Sociologia, dava-me a ideia de ter sofrido uma emboscada no caminho para algo melhor e mais importante. Também desconfiava de que andava a estudar para o doutoramento há quase uma eternidade pelo mesmo motivo. Era um homem com muito em que pensar. Era capaz de, num instante, estar a falar com uma pessoa, observando-a atentamente com os seus olhos castanhos escuros por trás dos óculos de armação fina, e, depois, «recostar-se». Não física, mas mentalmente. Mentalmente, distanciava-se da conversa, com o seu pensamento a congeminar algo de extrema importância.

– Aí estás tu, Ceri – disse, largando o maço de papel normalizado em cima da mesa à qual eu estava sentada. – Corri meia faculdade à tua procura.

– E não te ocorreu procurar-me aqui?

Refletiu um pouco e abanou a cabeça.

– Não.

– Estou aqui desde as – olhei para o grande relógio branco pendurado na parede, por cima da porta do fundo – oito e meia. A minha colega de gabinete tinha seminários a partir das oito.

– Ah – retorquiu Craig.

– Também não foste ao meu gabinete, pois não? – disse eu.

Os olhos castanhos de Craig fitaram-me ao abanar a cabeça.

Se não estivesse tão nervosa com a minha avaliação, teria rido. Dadas as circunstâncias, estava tão nervosa que tinha vindo de saia. Até tinha considerado a hipótese de usar uma blusa e chegado a tirá-la do guarda-fatos, mas não a vesti. Fiquei-me pela minha camisola vermelha preferida, de mangas compridas, que era ligeiramente larga, mas me assentava na perfeição.

Quando Craig entrou de rompante, estava a pensar em tomar mais um chá de ervas. Os últimos seis não me tinham acalmado. Talvez à sétima, que era o número da sorte, fosse de vez. Não estava habituada a este tipo de nervos. Parecia que estava a repetir-se o dia da minha entrada em funções. Só que era ainda pior. Agora, não havia conversas; ela tinha tido a oportunidade de ler o que eu tinha feito até ao momento. Tinha muita leitura armazenada nos meus neurónios. Ainda assim, sentia que devia estar a fazer algo mais. Alguma coisa. Qualquer coisa. Pertencia à geração ocupada. Era incapaz de fazer

uma coisa de cada vez. Muitas vezes, escrevia enquanto via televisão; lia enquanto ouvia rádio. Também me parecia pouco natural estar preparada a tempo; normalmente, trabalhava até ao último instante. Algum do meu melhor trabalho tinha sido feito duas horas antes do fim do prazo.

– Enfim, Craig, o que era tão importante ao ponto de não me procurares praticamente em lado nenhum? – perguntei.

– Ah, sim, a tua orientadora telefonou. Sofreu uma intoxicação alimentar e não pode comparecer à vossa reunião.

– O quê? – Senti um alívio no peito e um aperto no estômago. – O QUÊ? – Bati com as mãos nas faces. – Porque não me telefonou?

– Telefonou-te para casa e o teu colega de apartamento disse-lhe que tinhas saído; tentou ligar-te para o telemóvel, mas estava desligado; por isso, telefonou para cá e eu disse à secretária que te procuraria.

Apoiei-me pesadamente na mesa, deixando que todos os meus músculos relaxassem.

– Passei todo o fim de semana apavorada em vão. Em vão. – Podia ter aproveitado a bebedeira de sábado à noite. Podia não ter sido tão brusca com Mel no dia anterior.

– Pelo menos, concluíste o trabalho – comentou Craig.

Retribuí-lhe o dito filosófico com um olhar duro como pedra.

– Não me venhas com otimismo, Craig, não estou com disposição para isso. Tenho os nervos em franja. Ando a sonhar com esta reunião. É muito importante. – Levantei-me, dirigi-me ao jarro elétrico que estava em cima do guarda-louça da kitchenette e liguei-o. Mostrei uma chávena a Craig e ele abanou a cabeça.

– É como se me tivesse vestido a rigor, mas não tivesse para onde ir. – Cruzei os braços e encostei-me ao tampo do balcão, assentando nele o traseiro ligeiramente. Apontei para a minha saia de ganga escura. – Literalmente.

Craig olhou para o relógio e sentou-se. Era óbvio que tinha tempo para estar comigo.

– Afinal, qual é o tema da tua investigação? Sei que já me disseste que não estás a fazer o doutoramento, que estás apenas a realizar investigação, mas nunca cheguei a perguntar-te qual era o tema.

Ainda não se tinha «recostado» – era bom sinal. Ainda tinha alguém com quem conversar, em quem descarregar. Depois da agitação em que tinha ficado, havia muita coisa que pedia para ser descarregada. Os pobres Jake e Ed tinham andado a rondar-me com pezinhos de lã durante toda a noite de segunda-feira – oferecerem-me chá de ervas e cheesecake tinha sido o mesmo que me oferecerem companhia para uma «saída» (ou seja, chamarem «mariquinhas» a Angel e pedirem-me para sair para uma luta até à morte). Muito sensatamente, nenhum deles me tinha dito que não tinha nada com que me preocupar. Caso contrário, tê-los-ia espancado.

Naquele preciso momento, Craig estava empenhado em ouvir-me. Devia, porém, ter percebido que eu iria descarregar quer ele estivesse a ouvir-me quer a divagar.

Mergulhei a saqueta de chá em água quente. O cheiro a hortelã-pimenta foi

transportado pelo vapor que saía da chávena.

– Estou a elaborar uma tese sobre publicidade subliminar – expliquei. Era, evidentemente, mais do que isso. Era mais do que um mero caso de «publicidade subliminar». Tinha mais a ver com a perceção, a comunicação e a forma como o consciente e o subconsciente funcionam dependente e independentemente. Como descobrimos coisas sem que nos sejam ditas diretamente; como transmitimos ideias sem realmente as verbalizarmos. Ao nível mais básico, era sobre a forma como apreendemos as coisas sem nos apercebermos de que o fazemos.

Vejamos, por exemplo, o caso de uma pessoa que nos telefona alguns minutos depois de termos pensado nela. Dizemos para connosco mesmos: «Que estranho, devo ser adivinho». No entanto, pode não se tratar de nenhuma capacidade de adivinhação. Na verdade, pode ser que, anteriormente, tenhamos dito que raramente saímos à quarta-feira. Talvez tenhamos referido que a programação televisiva é muito melhor à quarta-feira à noite ou que preferimos sair à quinta-feira à noite. Assim, a pessoa com quem falamos fica, involuntária e subliminarmente, com a ideia de que o melhor dia para nos telefonar é à quarta-feira. Sem nos apercebermos, pensamos sempre nessa pessoa à quarta-feira, pois, de certo modo, começámos a associá-la ao facto de não sairmos nesse dia da semana. Além disso, também subliminarmente, dissemos-lhe que o melhor dia para nos telefonar é à quarta-feira. Logo, quando nos telefona, não é por sermos adivinhos ou possuirmos uma intuição feminina excecionalmente desenvolvida, mas sim por lhe termos dito subliminarmente quando devia telefonar.

Eis o meu estudo. Era sobre a perceção subliminar, sobre as formas como as pessoas publicitam subliminarmente as coisas.

Esta informação produziu um estranho efeito em Craig. Pareceu apagar-se nele uma lâmpada e chegou-se fisicamente para a frente, na cadeira.

– Sim, claro. Se pensarmos bem, é bastante óbvio.

Franzi o sobrolho, pousei o jarro e mexi o chá.

– Como assim, «é óbvio»?

– Bem, é isso que tu fazes, não é? Publicitas subliminarmente o sexo.

A colher escapou-me dos dedos. O quê? Como tinha ele chegado àquela conclusão? Não era eu que não tinha relações sexuais há mais de seis meses e que tinha aceitado que não haveria maior emoção na minha vida do que experimentar um amaciador novo para o cabelo? Teria Craig efetivamente olhado para mim? Tirando o dia de hoje, que era uma anomalia no guarda-roupa normal, vestia-me de uma maneira assexuada. Usava calças largas e de ganga. Camisolas de mangas compridas. Pronto, usava grandes argolas e, de vez em quando, punha batom, mas de modo nenhum publicitava o sexo, subliminarmente ou de outra forma qualquer. Em termos de peito, a Pamela Anderson não me ganhava, mas havia imensos homens que jurariam pela contínua longevidade dos seus pénis que a última coisa que lhes vinha à cabeça, quando olhavam para mim, era o sexo.

– Não publicito nada – afirmei com um franzir de sobrolho.

– Publicitas, sim – retorquiu Craig. – Fico com vontade de fazer sexo sempre que te vejo.

A colher, que eu tinha apanhado, escapou-me novamente dos dedos e caiu para o lado.

– O quê?

– Fico com vontade de fazer sexo sempre que te vejo.

Olhei fixamente para ele.

– É verdade – disse Craig, encolhendo os ombros.

– Craig, já olhaste para mim? Não tenho propriamente estofo para entrar nas Marés Vivas. Tirando estas meninas – declarei, apontando para o meu peito –, provavelmente, nem aceitariam publicar fotografias minhas numa revista pornográfica.

Craig encolheu novamente os ombros.

– Não sei o que tens. Não exhibes o corpo, à exceção da pequena parte de abdómen curvo onde as camisolas nunca chegam bem ao cóis das calças. O teu traseiro não é propriamente voluptuoso, mas é redondo e apetitoso. Os teus seios estão sempre cobertos por camisolas de malha, mas... Não sei, não sei mesmo. Talvez seja o tom tão negro do teu cabelo e a forma como te cai sobre a nuca, ou a maneira como sorris e mostras os dentes todos... Ceri, para ser sincero, não sei o que é, mas garanto-te que, desde que te vi, sou capaz de ter relações sexuais com a minha ex-namorada. Na maior parte das vezes, mal consigo falar com ela, mas tenho estado com ela quase todos os dias desde que vieste para cá. Até nos divertimos juntos.

– Tretas.

– É verdade. Não sei porquê, mas é verdade. Quero dizer, anteriormente, eu odiava-a. Odiava-a mesmo. Não me poupava a esforços para evitá-la a ela ou aos locais onde pudesse estar, mas juro por Deus que, desde que começaste a trabalhar aqui, não consigo ficar longe dela.

Apanhei a colher, passei-a por água da torneira e tornei a mergulhá-la no líquido castanho da chávena. Tinha-se formado uma película gordurosa e, quando a retirei, ficaram grumos da mesma na colher.

Sem pensar, deitei leite no meu chá. Mexi. Levei a chávena aos lábios e o cheiro forte a hortelã-pimenta impediu-me de beber. Olhei para dentro da chávena. Tinha um aspeto horrível e o sabor devia ser ainda pior.

– Enfim, Ceri, tenho de ir andando, mas boa sorte para a investigação.

– Hum? – retorquiu, erguendo os olhos. Craig estava de saída, com os seus papéis nos braços.

– Até à vista – exclamou.

– Ah, sim, até à vista.

– Bem, é óbvio, não é? – disse-me Drew ao telefone. – Ele gosta de ti.

– Não gosta nada – respondi. Drew já sabia da minha conversa com Craig, palavra por palavra, e eu aguardava a sua opinião com a respiração suspensa. Ele estava em segundo lugar na lista de pessoas que eu consultava quando estava perante um dilema. Jess, com os seus inúmeros diplomas, ocupava o primeiro lugar. Era a pessoa mais inteligente que eu conhecia.

Hoje em dia, Drew, que dava pelo nome de «meu segundo melhor amigo», parecia só estar contactável por telefone, embora trabalhássemos na mesma cidade – na verdade, via-o mais vezes quando vivia em Londres.

– Só um homem que goste de ti repara em todos esses pormenores – acrescentou.

Suspirei.

– És capaz de parar? Ele não gosta de mim. Só quando lhe falei na minha investigação é que ele tocou no assunto. Afinal, já lhe tinha dito que era solteira e ele nunca demonstrou interesse. Foi apenas a parte subliminar que o levou a dizer isso. É óbvio que estava a dizer o que pensava e não a namoriscar.

– Ah...

– Seja como for, seria uma péssima maneira de me namoriscar, não achas? Dizer-me que ainda dorme com a ex-namorada?

– É verdade.

– E já não é a primeira pessoa que me diz isso. Já me disseram a mesma coisa, mas de maneira diferente. E, nesse caso, não era, de certeza, por gostarem de mim. – Era isso que me tinha assustado nas palavras de Craig; fizeram-me lembrar que Jess tinha dito que eu levava os homens a gostar dela. Eu levava as pessoas a cometer certos atos. Tinha de pedir uma terceira opinião. Daí ter telefonado a Drew para a sua conferência de consultadoria administrativa, coisa que nunca faria, a não ser em caso de verdadeira emergência. E este era, de certo modo, um caso desses.

– Ficas com vontade de fazer sexo depois de me veres?

Drew refletiu.

– Não. Não posso dizer que fique. O sexo nem me passa pela cabeça.

Inundaram-me grandes e espumosas ondas de alívio. Não era uma aberração. Não levava as pessoas a irem a correr satisfazer os seus desejos noutro lado. Depois, fiquei completamente indignada. Que grande idiota. Depois de tantos anos a namoriscar-me, depois de se ter deitado bem juntinho a mim e de ter tido conversas pornográficas comigo, o sexo nem lhe passava pela cabeça. Era mesmo um provocador afetivo, não era? Ou, horror dos horrores, teria eu sido sempre tão desinteressante para ele em termos sexuais que me namoriscava maquinalmente? Esta ideia fez-me estremecer.

– Mas digo-te uma coisa: contigo por perto, consegui sempre engatar alguém – disse a voz de Drew, pensativamente.

– O quê?

– Sim, agora que penso nisso, vejo que, sempre que fazíamos a ronda das discotecas, eu engatava alguém. Sempre. Era estranho. Quando saía sem ti, isso nunca acontecia.

– O QUÊ?!

– É verdade, eras como um amuleto da sorte. Não conseguia que uma rapariga olhasse duas vezes para mim quando fazia a ronda das discotecas sem ti, mas, contigo, era como se fosse o homem de maior popularidade à face da terra.

– Então, como engataste a Tara?

– Isso foi um golpe de sorte. E ela não gostou de mim pela minha aparência; foi a minha personalidade que a atraiu.

– Não sabia que tinha tão mau gosto.

– Engraçadinha. Enfim, tens a certeza de que esse tipo não estava a atirar-se a ti? – perguntou Drew.

– Não. Quero dizer, sim, tenho a certeza de que não estava a atirar-se a mim. Pelo menos, é o que me parece.

– Então, admites essa possibilidade?

Refleti sobre a questão. Era possível que Craig estivesse a atirar-se a mim. Tratava-se de uma possibilidade tão diminuta que nem podia ser considerada como tal.

– É possível. Menos possível do que, digamos, eu casar com o Angel, mas é uma possibilidade.

– És uma aberração, sabias? – retorquiu Drew.

– E é por isso que me adoras, não é? – disse eu.

Ouvi-o sorrir para o telefone.

– Sem dúvida.

– Mas o que quer dizer? – interroguei, afundando-me novamente na cadeira de escritório.

– Não sei – respondeu Drew, ouvindo-se ruído na linha quando mudou o telemóvel de ouvido. – Talvez lhe tenhas aparecido em sonhos, num daqueles mais húmidos.

Suspirei.

– Não me pareceu ser nada disso.

– Ou talvez seja um ficheiro secreto. Sabes, um daqueles mistérios que jamais desvendaremos, como, por exemplo, o de tu, uma mulher com quase trinta anos, ainda acreditares que vais casar com o Angel.

– Sabes que mais? Vai-te lixar, Drew. O tempo encarregar-se-á de provar que tenho razão quanto a isso. Quando isso acontecer, serás minha dama de honor e usarás um vestido.

Drew riu.

– Ah, estás a rir, mas é o que irá acontecer.

Drew riu mais um pouco.

– Enfim, linda, tenho de voltar para o que estava a fazer. Falamos em breve?

– Sim, falamos em breve.

– E não te preocupes com o que esse tipo disse. Deve ter simplesmente muito pouco jeito para namoriscar. Sabes, estava a tentar levar-te para a cama através da

inteligência. Não seria o primeiro, disso não há dúvida.

– Pois, deves ter razão – retorqui. Uma voz no fundo da minha consciência disse: Ele não tem razão, tu sabes que ele não tem razão.

Capítulo 22

estar à altura

Chegou o dia do Grande Encontro de Ed e eu estava nervosa.

Na verdade, estava borradinha de medo, à falta de melhor expressão. Tratava-se de Ed. Era a sua única e grande oportunidade de impressionar a linda Robyn. E tinha sido eu a incentivá-lo a dar tal passo.

Céus, e se tudo acabasse mal? E se ela fosse um pesadelo e transformasse o encontro com ele num inferno? Quem iria ele culpar? Quem teria ele todo o direito de culpar? A mim, evidentemente. E, depois, o que faria eu? Arranjar-lhe-ia outra mulher a quem desejar? Pois sim. A maioria das pessoas precisava de amor na vida. Se não fosse amor, então, alguém a quem desejar. Robyn era a *raison d'être* de Ed. A razão pela qual ele se levantava da cama quase todas as manhãs. A razão pela qual ele tinha rapado o cabelo e dado a reforma à camisa de flanela. Eu tinha-lhe praticamente apontado uma arma à cabeça e obrigado a convidá-la para sair. Não me admiraria que ele me apontasse a mesma arma e me estourasse os miolos.

Teria todo o direito de o fazer. Era o que eu faria, se ele me tirasse a minha *raison d'être*. O meu objetivo, a única coisa que me fazia continuar a acreditar no amor e em finais felizes. Há momentos, nas semanas, meses e anos mais ingratos, em que a única coisa que nos dá alento é ver aquela pessoa, aquele computador perfeito, aqueles sapatos primorosos – aquilo que faz com que os restantes maus momentos que atormentam a nossa existência valham a pena.

A minha obsessão por Angel era um bom exemplo disso.

Era suficientemente entendida em psicologia para saber que tinha perdido o controlo, que tinha começado a acreditar que eu e ele estávamos destinados a ficar juntos para sempre, pois não tinha encontrado um homem, um computador ou um par de sapatos que me dessem o mesmo gozo. Nada captava toda a minha atenção como ele. Não havia nada que fizesse o meu coração bater mais depressa, que me causasse um formigueiro no estômago ou que me fizesse sorrir como ele fazia. Constantemente.

Saber, porém, que os sapatos perfeitos, com o tempo, nos amputariam os dedos mindinhos dos pés, que o computador nos provocaria lesões por esforços repetitivos incuráveis ou que a pessoa que amávamos, na verdade, tinha vindo ao mundo para nos sujeitar a uma vida de indignidade (ou, depois da primeira relação sexual, perderia a alma e, em seguida, perseguiria e mataria todos os nossos amigos; não, isso era Angel) era informação que dispensávamos. Além disso, normalmente, só víamos o lado negativo do nosso sonho quando conseguíamos o que queríamos. Por outras palavras: cuidado com os desejos, pois podem tornar-se realidade. No caso de Ed, era o encontro com

Robyn.

Fui trabalhar nessa manhã de quarta-feira, como de costume, mas saí depois da minha última aula. Não fiquei na biblioteca, não fui trabalhar para o meu gabinete, nem me aproximei da Sala de Professores para receber a minha dose semanal de Gwen. Fui logo para casa e passei toda a viagem de autocarro a rezar para que Robyn gostasse do restaurante chique aonde ele tencionava levá-la. Para que risse das piadas dele. Tinha dado valor ao sacrifício que ele tinha feito com o cabelo. Rezei para que não se afastasse de repente, enojada, se ele tentasse beijá-la. Para que não se deixasse enganar por tudo o que pudesse fazê-la perder o interesse e percebesse que Ed era um homem verdadeiramente decente. Ele e Jake não se tinham poupado a esforços para fazer de mim a terceira roda do seu triciclo de Stanmore Vale. Não eram obrigados a fazê-lo, mas fizeram-no, pois eram os dois boas pessoas. Por favor, meu Deus, faz com que ela perceba isso.

Ed estava no quarto quando cheguei a casa. Não o incomodei; não queria agravar a ansiedade que pudesse estar a sentir com as minhas próprias ansiedades. Andei pela cozinha, tentando cozinhar, mas distraíndo-me a pensar em Ed a chegar a casa, depois do seu encontro, como um homem destroçado, sem mais nenhuma razão para viver. Todos os livros de autoajuda que eu tinha lido e começado a ler faziam referência à visualização – visualizar o resultado pretendido para determinada situação, imaginá-lo, contribuía para que se tornasse realidade. Funcionaria com as outras pessoas? Que interessava isso? Sentei-me no sofá mais próximo da janela.

Ora bem. Ed e Robyn. Tinha de visualizar algo de fenomenal. O encontro perfeito.

Não sabia como ela era. A descrição de Ed – «um anjo na terra» – não tinha sido particularmente útil, por isso, na minha cabeça, ela tornou-se Halle Berry, uma mulher linda, sem dúvida.

Pronto, visualiza a Robyn/Halle e o Ed sentados no Teppanyaki, aquele restaurante japonês na cidade. Ele diz-lhe uma piada e ela... mostra impaciência e continua a comer. Não. Não. Ela... mostra impaciência e continua a comer. Muito bem, mudança de cenário.

O Ed oferece-se para acompanhá-la a casa. Ela sorri, aceita e diz que a maioria dos homens se limita a levá-la até ao autocarro. Chegam à porta de casa dela, que é extraordinariamente parecida com a da nossa. Ao chegarem, o Ed afirma ter-se divertido muito e pede para voltar a vê-la. Ela sorri e acede. O Ed pergunta-lhe se pode beijá-la e ela responde: «Não, que nojo!».

Nãããã, estava a correr tão bem.

Abri os olhos. Oh, que se lixe. Se ela lhe causar algum desgosto, mando-a desta para melhor e visualizo o crime perfeito.

*

Fui abrir a porta a Robyn às 19h30.

Fiquei espantada ao vê-la. Punha Halle Berry a um canto. Era deslumbrante. Até eu senti um ligeiro frémito no meu íntimo. O cabelo entrançado dava-lhe pela cintura (quando eu punha extensões entrançadas, nunca ficavam tão perfeitas) e emoldurava-lhe o rosto magro com um nariz largo. Tinha olhos castanhos escuros, lábios carnudos e sobancelhas arranjadas. A pele era impecável. Podia ser da maquilhagem, mas eu tinha a certeza de que era beleza natural. Assim como, provavelmente, abstinência de álcool e tabaco e prática do tal exercício físico. Ela e Ed faziam um belo par: ela tinha membros esguios e um porte altivo; ele era alto e, quando se endireitava, tinha um ar bastante viril. Pelo menos, ela tinha-se esforçado, pensei com alívio. Dito isto, não parecia ser o género de mulher que saía de casa sem se esforçar. De certeza que não se armaria em Ceri D'Altroy e sairia de casa para ir comprar o jornal e uma garrafa de água com o cabelo por pentear tapado com um cachecol, roupa amarrotada, rosto por lavar e dentes por escovar.

– Entra – disse eu, chegando-me para o lado para deixá-la entrar.

Ela entrou e foi diretamente para a cozinha, como se tivesse sido convidada a fazê-lo. Não havia dúvida de que sabia tomar conta de um lugar, fazendo algo tão inócuo como entrar nele. Devia ter sido algo que tinha aprendido nas aulas de representação. Era uma artista, querida.

– Queres uma bebida ou outra coisa qualquer, enquanto esperas? – perguntei, com um sorriso. – O Ed não deve demorar-se muito. – Estava a portar-me lindamente; não queria que nada deitasse por terra as hipóteses que Ed tinha.

– Não – disse ela. – Preferia que fôssemos andando.

– Ah, o Ed não se demora muito mais.

Ela fez uma careta, como quem dizia: É bom que não demore mesmo. Depois, sentou-se no sofá da esquerda, dando-lhe imediatamente outro esplendor.

– Queres ouvir música? – perguntei, dirigindo-me à aparelhagem de som.

– Tens acid jazz?

O quê, aquela música que me faz lembrar a de elevador, má e lenta?

– Aah, não. Mas de certeza que encontro uma estação de rádio que passe esse tipo de música.

– Não te incomodes.

Certo.

– E televisão? Já está a dar a Coronation Street. – Tinha uma mão pronta para carregar no botão para ligar.

– Não vejo a Coronation Street. Fui uma vez a uma audição e não consegui o papel. Ver a telenovela perturba-me.

Muito bem. Recolhi o dedo. Fiquei parada junto à televisão, com uma enorme vontade de girar os polegares e cantarolar de forma desafinada. Passaram-se minutos. E mais minutos. Eu sabia que Ed devia ter ouvido a campainha. Nem ele seria parvo ao ponto de a fazer esperar. Se quisesse que o encontro começasse bem.

Os olhos escuros de Robyn observaram-me, dando-me a clara impressão de que era por minha culpa que Ed não estava à sua frente.

– Vou só ver o que está a demorá-lo – disse-lhe.

Ela ia para esboçar um pequeno sorriso de gratidão com os lábios pintados, mas, depois, decidiu não se incomodar.

Ui, não gostava nada de mim. Não era a primeira mulher que não gostava de mim. Duvidava que fosse a última. Tal como eu não gostava muito de mulheres demasiado femininas, estas não gostavam de mulheres que o eram pouco. Por mim, estava tudo bem. Desde que ambas nos cingíssemos às respetivas áreas de competência – ela: cabelo, maquilhagem, homens; eu: ficção científica, psicologia e usar o cérebro.

Subi rapidamente as escadas, virei no corredor, fui a correr até à porta do quarto de Ed e bati.

– Ed? – sussurrei alto do lado de fora da porta. A porta da sala de estar ainda estava aberta e eu não queria que ela ouvisse.

Ninguém respondeu.

Bati de novo.

– Ed! Ed, Ed, o que estás a fazer? Ela está a ficar muito irritada, ali em baixo.

Não obtive resposta. Sabia que ele estava ali dentro, ouvia-o a mexer-se. Andava de um lado para o outro, a murmurar.

– Ed. O que estás a fazer aí dentro?

Nada. Passos, murmúrios. Bati novamente à porta, com mais força.

– Ed, abre a maldita porta – silvei. – O que estás a fazer?

A porta destrancou-se e a cabeça dele apareceu no pouco que a abriu.

– Estou lixado, Ceri.

O colarinho da sua camisa azul estava levantado de um lado e na horizontal do outro. Tinha a gravata com o nó feito por cima, o rosto corado, os olhos arregalados e desesperados.

– Como assim, «lixado»?

Estava com uma respiração ofegante, um homem possuído com o diabo ainda no seu encalço.

– Se não tiveres cuidado, ela vai-se embora – adverti.

Os seus olhos apavorados perscrutaram os meus.

– Estou lixado, Ceri. Estou lixado.

– Para de dizer isso! Não estás nada. Diz-me a que te referes.

Ed abriu a porta bruscamente.

– Refiro-me a isto. – Apontou para o meio das pernas. Segui a indicação do seu dedo.

Delineada nas calças, que eram largas, estava uma forma grossa e comprida. O tecido das calças largas estava esticado à volta, realçando-a. Não passava despercebida. Desviei o olhar, pensando: Quem diria que o magricela do Ed era tão avantajado?

Agarrou-me o pulso, puxou-me para dentro do quarto e fechou a porta nas suas costas.

– Não consigo livrar-me disto – declarou.

– O quê?

– Não consigo livrar-me – apontou novamente para baixo – DISTO!

Pôs-se a andar de um lado ao outro do quarto.

– Já experimentei todos os métodos que conheço. Tentei brincar com ele, ter orgasmos, ignorá-lo, tomar duches frios, bater na ponta... Nada resulta. Não consigo livrar-me disto.

– Nem mesmo batendo na ponta?

Abanou a cabeça.

– Bateste com força?

– Bati! Com muita força! Doeui. Ficou negro, mas não passou. Não posso ir assim a um encontro. Ela vai achar-me um ordinário. Nem sequer posso mudar de roupa, porque estas são as calças maiores que tenho, tirando as de correr.

De facto, estava lixado.

– E... e... juro que cresceu. Nunca foi... Bem, tu percebes.

– Como? – disse eu, esforçando-me por não olhar.

– Não estou a dizer que era pequeno, nem nada disso, mas nunca foi tão grande.

Do lado do quarto onde me encontrava, levantei a mão e mantive-a no ar naquela zona, para que a parte de baixo do corpo de Ed ficasse escondida e eu não me sentisse tentada a olhar para lá com um ar embasbacado.

– Há quanto tempo estás assim?

– Todo o dia. No princípio, fiquei satisfeito, por verificar que, de certo modo, estava à altura do desafio. Afinal, sou um zé-ninguém. Não sou bem-parecido, divertido ou famoso como os outros namorados dela. Não sei, simplesmente...

– Esperavas, rezavas, gostavas de ser melhor num aspeto – interrompi. – Só num aspeto, queres suplantar a concorrência. Não podes mudar a aparência, nem o saldo bancário, e ela levará algum tempo a conhecer a tua verdadeira personalidade. Mas, num aspeto, queres destacar-te. Ser superior, ser digno. Esta era... era a tua única oportunidade com alguém a quem desejas, por quem suspiras, há meses. Essa pessoa é o máximo. Nunca pensaste que este dia chegasse e, agora que chegou, estás com pavor de não estar à altura do desafio. De que, agora que o teu sonho se tornou realidade, tudo corra mal por tua causa. Não por ela ser uma vaca, mas por tua causa. Por não servires para ela.

Creio que se podia dizer que eu tinha uma vaga ideia de como Ed se sentia. O desejo profundo, a sensação de não estar à altura, a dúvida de quando chegará a vez de nos sair a sorte grande. Com ou sem livros de autoajuda, quando nunca ficávamos com o rapaz – ou a rapariga –, não nos sentíamos bem connosco próprios. O nosso otimismo era abalado e agarrávamo-nos a cada pequeno indício de romance como se fosse A PRÓXIMA GRANDE OPORTUNIDADE.

– Isso é tudo muito bonito, mas que diabo vou eu fazer? – lamentou-se Ed.

Desviei um pouco a mão e espreitei o que devia ser o seu enorme orgulho. A primeira vez – e última – que tinha visto um membro viril quase tão grande como aquele, fora no Sr. Pénis Perfeito e, inicialmente, tinha ficado perturbada com o seu tamanho. Depois de o conhecer, vi que não era nada de mais. Tinha, porém, sentido por ele um desejo avassalador desde o primeiro instante em que o vi. Restava ainda saber se Robyn sequer gostava de Ed; se ele fosse assim a um encontro, ela achá-lo-ia nojento. Ir-se-ia embora antes mesmo de ele chegar ao restaurante, quanto mais oferecer-se para pagar o jantar.

– Só podes fazer uma coisa, meu amigo – disse eu.

Capítulo 23

o currículo amoroso

– Disseste-lhe o quê? – interrogou Jess, quando lhe contei por alto os pormenores do embaraço de Ed.

Estávamos novamente no Black Bull. Lá se ia a intenção de nunca mais beber comigo. Ainda que, na prática, não estivesse outra vez a beber comigo. Íamos às compras ao Morrison's, em Horsforth, pelo que fizemos o que habitualmente fazíamos e, antes, fomos tomar uma bebida energética ao fundo da rua. Costumávamos ir às compras todas as quartas-feiras à noite, quando eu vivia em Cookridge, há vários anos. Depois do Caminho das Estrelas: A Nova Geração, ela passava por minha casa para ir buscar-me, íamos às compras e, depois, cada uma ia à sua vida. Tínhamos retomado a mesma rotina, mas, desta vez, à terça-feira, depois de Caminho das Estrelas: Voyager.

– Bem, era isso ou desmarcar o encontro. E, a não ser que se automutilasse e fosse levado de urgência para o hospital (o que, de qualquer maneira, não sei se a teria convencido), não podia desmarcá-lo. Se é que queria voltar a encontrar-se com ela. Para começar, o pobre rapaz demorou meses a arranjar coragem para convidá-la para sair. E tenho a impressão de que foi por isso que ficou naquele estado.

– Mesmo assim...

– O que lhe teria aconselhado, Dra. Breakfield?

Jess encolheu os ombros.

– Que disfarçasse.

– Não estou a brincar, era enorme. Não estou a querer ser engraçada, mas ainda só vi um pénis daquele tamanho e, para ser sincera, não era tão grande como o do Ed e infundiu-me algum medo. As calças do Ed ficavam-lhe largas em todas as outras zonas do corpo, mas aquilo parecia um enorme varão, ali a forçá-las. A imagem não me sai da cabeça. E não quero ver o Ed dessa forma. Nunca. Seja como for, se eu lhe tivesse dito para disfarçar, ele teria de se esconder atrás de um grande mapa de estradas do Automóvel Clube para o resto da vida.

– O teu plano resultou?

Encolhi os ombros.

– Não sei. – Bebi a cerveja que Jess me tinha pagado. – Mas não o vejo desde aquela noite. Nem eu, nem o Jake.

Jess parou. Tinha-se inclinado para a frente para apagar o cigarro no cinzeiro, mas deteve-se e olhou para mim.

– Estás a brincar! Diz-me que estás a brincar.

Abanei a cabeça.

– O Jake disse que recebeu no telemóvel uma mensagem do Ed e que só se ouvia um riso descontrolado.

– NÃO!

– Sim. E não é tudo. Quando o Jake lhe retribuiu a chamada, o Ed limitou-se a balbuciar a palavra «felicidade» e a desligar.

Jess apagou o cigarro e abanou a cabeça com incredulidade. Virou-se para mim e tornou a abanar a cabeça.

– Deixa-me ver se eu entendi. Aconselhaste alguém a dizer a uma mulher que estava tão desesperadamente louco por ela que sofria de uma ereção permanente e deu resultado? Ela foi nessa?

Aproximei o cinzeiro dela.

– Não foi tão simples quanto isso – respondi. – Disse-lhe que lhe contasse a verdade. Que lhe explicasse o quanto gostava dela, porque gostava dela, pois não era só pela aparência. O rapaz adora-a verdadeiramente. Então, falou com ela. Não sobre a parte da adoração, mas sim sobre as razões pelas quais gosta dela. Por exemplo, lembra-se exatamente do que ela trazia vestido quando se conheceram, presta atenção quando ela fala, fica entusiasmado sempre que ela olha para ele. É frequente querer contar-lhe algo por saber que ela o valorizará. Então, contou-lhe. Contou-lhe também que se sente inferiorizado em relação aos outros namorados dela. Que estava com pavor de deitar a perder aquele encontro e de não vir a ter uma nova oportunidade. Que o seu complexo de inferioridade tinha atuado como Viagra. Presumo que tenha dado resultado. Com um ego do tamanho do dela, ficaria mais admirada se se verificasse o contrário.

Jess acenou lentamente com a cabeça, com uma expressão profundamente pensativa. Inclinou-se para a frente e tirou um cigarro do maço que estava entre nós, com o braço sobre o estômago.

– Não me interpretes mal, Ceri, mas dá-me a ideia de que vives a vida dos outros com o volume no máximo, mas a tua própria vida é bastante estéril.

– Estéril? – disse eu.

– Não me faças beicinho, Ceresis D’Altroy. – Agora, tratava-me pelo nome completo. O que iria fazer a seguir? Cortar-me o pescoço com uma garrafa partida? – Pedi-te que não me interpretasses mal.

– Como queres que te interprete?

– O que quero dizer é que és capaz de fazer quase tudo pela vida amorosa de outrem, mas, pela tua... Bem, achas que vais acabar com o Angel.

– Não tenho culpa de que todos os homens que conheço se revelem uns anormais.

– E o Vincent? Parecia ser bastante simpático.

– Sim, e só conseguia fazer sexo com o Inspetor Morse a dar ambiente. Nem conseguia ter uma ereção se a série não estivesse a dar.

Jess fez uma cara de verdadeira repugnância.

– Sabes, não te conto tudo. Até tento proteger-te dos horrores da minha vida amorosa.

– Então, e o... aah... Como é que ele se chamava? Luke?

– Esqueceu-se de referir que a namorada estava grávida de oito meses.

– E o Adam?

– A ex-mulher enganou-o, por isso, todas as mulheres, em especial as namoradas, são filhas do diabo. Claro que, depois, houve a ocasião em que um tipo qualquer me sorriu e ele quase o espancou.

– E o Paul? Eu conheci-o, era encantador.

– Sim, quando o via, era encantador. Mas estava sempre desaparecido durante semanas, depois de termos estado juntos. Quando dei a relação por terminada, começou a enviar-me mensagens de correio eletrónico de teor pornográfico, dizendo-me o quanto me queria F, asterisco, asterisco, asterisco, R.

– Então, e o... aah... produtor de televisão?

– Ia casar e fui o seu último caso. Descobri quando abri o jornal local e lá estava ele, com a noiva.

– E o desenhador gráfico?

Jess preparou-se para saber o que se tinha passado com este.

– Hum, ora vejamos, o melhor amigo apareceu certa noite, para nos fazer companhia na cama. Ficou muito «aborrecido» quando recusei, vestiu-se e foi-se embora.

– E o sujeito que estava a escrever um romance?

– Deixou de me telefonar depois de três encontros. Podes percorrer a lista de homens do princípio ao fim e, quando a acabares, verás que todos tinham uma coisa em comum: são uns anormais. Não faço de propósito. Não vou à procura deles. Eles parecem, porém, ter a capacidade de me encontrar. De me descobrir no meio da multidão, por assim dizer, como se fosse um animal ferido.

– Isso não te preocupa?

– Preocupa! São estes pensamentos que, à noite, não me deixam dormir. Estou convencida de que vou passar o resto da vida sozinha ou a sair com anormais. Não sei porquê, mas sou capaz de escolher um louco a trinta passos. Tenho medo de continuar a fazer isto para o resto da vida. O que tive de mais parecido com uma relação foi com o N... com o Não-sei-quantos Toca-gaitas e vê bem como acabou. – Acabou comigo a andar às escondidas, durante meses, à procura de um apartamento para comprar, sem lhe contar, para que não pudesse impedir-me com o seu talento para a chantagem emocional (também conhecido por Truque Mental Jedi/Obra do Diabo). Encarou, porém, a situação como um homem: quando lhe contei que ia mudar-me e comecei a fazer as malas, não disse nada. Absolutamente nada. Nem tentou impedir-me. De certeza que não teve nada a ver com o facto de eu estar acompanhada pelos meus irmãos.

– E aquilo entre ti e o Drew? – perguntou Jessica, olhando para o interior do seu maço de tabaco e vendo que estava vazio. Atirou-o novamente para cima da mesa.

– O Drew tem namorada, lembras-te?

– Sim, lembro. Mas gostou sempre muito de ti. Porque não te interessaste?

Quase me engasguei com a cerveja.

– Eu não me interessei? Se vires bem, foi ao contrário.

– Não – disse Jess, pensativamente –, a maneira como ele te olhava... Recordo-me de que, nas aulas, apanhava-o sempre a olhar fixamente para ti. Mesmo depois de terem terminado os estudos, lembro-me de que, nas festas, ele não te largava. Ou ficava cheio de ciúmes, se te visse a falar com outro homem. Era... Acho que eras a sua opção de reserva.

– A sua quê? – disse eu, fitando a minha melhor amiga. Não me agradava o rumo que a conversa estava a tomar. Na verdade, não estava a gostar nada da conversa. Não precisava que me recordassem que a minha vida amorosa era, como ela disse, «estéril».

– Julgo que te via como a mulher com quem acabaria, se não aparecesse ninguém melhor.

Virei a cabeça de repente, para olhar Jess de frente.

– Desculpa lá! Quem és tu? É que tenho a certeza de que a minha melhor amiga não pode dizer-me essas coisas.

– Céus, Ceresis, hoje estás muito sensível.

Estava outra vez a fazer mesmo: a tratar-me pelo maldito nome completo.

– Sensível? – afirmei. – Acabaste de dizer que eu não era suficientemente importante para o Drew se apaixonar por mim, a não ser que não tivesse outra opção. E acabaste de me tratar por Ceresis duas vezes. Porque não haveria de estar sensível?

– Não, querida...

– Não me trate por «querida», Dra. Breakfield – interrompi.

– Então, preferes que te trate por Ceresis? – retorquiu.

Cerrei os dentes e mostrei-lhos.

– Muito bem, querida, o que quero dizer é que tens algo. Algo que leva os homens a pensar que podem ser... Não sei. O Não-sei-quantos Toca-gaitas fê-lo, sugou-te a vitalidade para ter personalidade. Quando a vossa relação terminou, ele era uma pessoa diferente. Não falava daquela maneira ridícula e até sabia manter uma conversa. Se o que me disseste era verdade, tinha mesmo deixado de meter as camisolas para dentro das calças de ganga. Por consequência, acabou por casar menos de um ano depois de te teres afastado dele. O Drew usou-te como uma espécie de namorada substituta, voltando para ti sempre que algo corria mal, sendo tu a sua rede de proteção para não se sentir desanimado quando mais uma das suas relações ia por água abaixo. Não deixou de voltar para ti até ter conhecido a atual namorada... Há qualquer coisa em ti.

Senti um arrepio e veio-me à memória o que Drew me tinha dito no outro dia. Eras como um amuleto da sorte. Não conseguia que uma rapariga olhasse duas vezes para mim quando fazia a ronda das discotecas sem ti, mas, contigo, era como se fosse o homem de maior popularidade à face da terra, disse a sua voz na minha cabeça.

– Há imensas mulheres que são maltratadas pelos homens – disse eu a Jess, tentando afastar aquele pensamento da cabeça. Estava tudo a preparar-se para voltarmos à

história de que eu «levava as pessoas a cometer certos atos». Uma história que eu, agora, não estava muito interessada em ouvir. Aliás, nem agora, nem nunca mais.

Jess acenou com a cabeça.

– É verdade, mas o teu caso é diferente. Alguma vez te apaixonaste, Ceri?

Não precisava de pensar para responder a esta pergunta. Nem um pouco. Se alguma vez senti desejo? Sem dúvida (o Sr. P.P. era disso o exemplo perfeito). Se alguma vez gostei profundamente de alguém? Sim (do homem ao qual normalmente chamava «Amor da Minha Vida», que me trocou por outra). Se alguma vez tinha caído num estado de estupidez? Com certeza (o Não-sei-quantos Toca-gaitas bem podia colher os louros). Mas apaixonar-me? Era estranho, quando pensava nisso. Quando pensava bem nisso. No próximo verão, ia iniciar a minha quarta década de vida e, contudo, ainda não tinha sentido o amor romântico. Ainda não tinha dito a ninguém «Amo-te e estou apaixonada por ti» e sido sincera. Isto é, a ninguém quem não fosse o Angel, o Arnold Schwarzenegger, etc. Nunca tinha olhado para alguém que estivesse à minha frente e pensado «Amo-te. Não posso viver sem ti», sabendo que ele sentia o mesmo.

Já tinha abarcado todo o leque de emoções na minha vida: fúria, desejo, ódio, raiva, alegria, felicidade, indiferença, ansiedade. Saltava, porém, constantemente o segmento no qual se encontrava o amor romântico. Jess tinha razão: o meu coração era estéril. Nunca tinha sido trabalhado, cultivado, mondado e regado por outra pessoa. Nunca tinha sido amado, como o coração dos outros. Se eu dissesse às pessoas que nunca tinha saído com ninguém, falavam-me logo no homem com quem vivi. Sem saberem, sem perceberem, que tinha dividido um apartamento com ele. Tinha um quarto só para mim. Todos os que nos rodeavam, em especial a sua família e amigos, pensavam que eu era a sua colega de apartamento – e a mulher com quem, por vezes, ia para a cama – e, por isso, nunca era convidada para casamentos, batizados ou festas de família. Quem pensava que eu tinha vivido com uma pessoa não sabia que, da única vez que ele disse que me amava, voltou imediatamente atrás, acrescentando: «Sabes que o que quero dizer é que te amo como amo todos os meus amigos, não sabes?». Se eu dissesse às pessoas que não tinha saído com ninguém, elas não percebiam que eu queria dizer que nunca tinha estado com ninguém tempo suficiente para que a palavra começada por A surgisse.

Por isso, não, não precisava de pensar sobre se já me tinha apaixonado.

– Por alguém que me correspondesse, não – respondi a Jess. – Nenhuma das minhas relações dura o suficiente para que me apaixone e se apaixonem por mim.

– Isso é uma grande porcaria, Ceri – comentou Jess. A sua voz estava como eu muitas vezes me sentia, no que se referia ao tema da minha vida amorosa: derrotada. As outras mulheres podiam queixar-se dos seus problemas com os homens, mas eu apostava que todas elas tinham conseguido ter alguns anos de boas relações. Tinham vivido no mítico estado conhecido por «Paixão». Eu tinha... o Não-sei-quantos Toca-gaitas. E, se havia alguém que não fazia falta no currículo amoroso, era ele. Para ele ser o melhor que se

arranja... Enfim, eu não me queria a mim própria como companheira, se o tivesse a ele como melhor referência.

– Eu sei – disse eu a Jess, concordando com a sua opinião de que a minha vida amorosa era, de facto, uma porcaria.

– Mas, pelo menos, temos o chocolate e a cerveja – retorquiu ela, com a sua voz a animar-se de repente, tentando tirar-nos do atoleiro que era a minha vida amorosa.

– É verdade – concordei.

– Então, vamos andando para o Morrison's e só saímos de lá quando tivermos comprado as duas coisas.

– Meu Deus, Jess, vais fazer cinquenta anos – disse eu, com assombro.

Foi um daqueles momentos em que dizia o que me ia na cabeça. Olhei Jess de cima a baixo, alta, elegante, com ondas e mais ondas de cabelo castanho arruivado e quase sem nenhuma ruga visível – apesar das teorias difundidas sobre a pele e o tabagismo. Parecia ter trinta e dois ou trinta e três anos, no máximo, e não estar perto dos cinquenta. Cinquenta. A minha melhor amiga ia fazer cinquenta anos antes mesmo de eu sair dos trinta. Foi por isso que disse o que disse.

Jess ficou paralisada quando estava a pôr cogumelos dentro de um saco de plástico.

– Obrigadinha, Ceri – retorquiu, com incredulidade.

– Não era isso que eu queria dizer – afirmei.

– Então, o que era?

– Que não pareces ser assim tão velha.

Jess arregalou os olhos.

– Não, não, não, isto também não saiu bem.

– Hummm – respondeu Jess, fazendo uma careta para mostrar que estava pouco convencida.

– Era um elogio – atrapalhei-me. – A sério.

– Hummm – respondeu Jess.

– Acho que vou buscar os pimentos – declarei, agitando o saco de plástico que tinha na mão. Dei meia-volta e dirigi-me à secção de pimentos do Morrison's.

– Um dia, também hás de chegar aos cinquenta – disse Jess, enquanto eu me afastava.

– Eu sei – retorqui. – Não estava a dizer que tu chegarias e eu não.

– Se tiveres sorte – silvou.

Jess, que, geralmente, era descontraída em relação a quase tudo, devia, agora, estar zangada comigo. Não era mesmo aquilo que eu queria dizer. Embora, há menos de uma hora, ela me tivesse dito que a minha vida era estéril, me tivesse recordado que nunca me tinha apaixonado e me tivesse tratado por Ceresis (duas vezes), não era minha intenção aborrecê-la. Para cair nas suas boas graças, passei pelos pimentos e fui para o corredor ao lado; iria comprar-lhe uma pizza congelada, depois adicionar-lhe-ia legumes

e faria pão de alho. Então, ela perdoar-me-ia. O caminho para o perdão de Jess era, como para o meu, através do estômago.

Virei para o corredor ao lado. Lá estava ele. Prestes a inclinar-se para agarrar numa pizza congelada. O meu coração parou de bater por um instante.

O Homem do Olhar Fixo.

Instintivamente, saltei para trás para me esconder. Com o coração a galopar no peito. Voltei depressa para o corredor dos produtos frescos.

– Jess, Jess – assobieei alto.

– O que é? – respondeu ela, ainda de mau humor.

Fiz-lhe rapidamente sinal.

– Depressa, depressa, chega aqui.

Olhou-me com má cara por um instante.

– DEPRESSA! – apressei-a.

Aproximou-se. Agarrei-lhe o braço e puxei-a para a esquina. Espreitei para o corredor; ela fez o mesmo.

– Ali está ele – disse eu.

– Quem? – perguntou ela, embora ele fosse a única pessoa que estava naquele corredor.

Apontei.

– Ele!

– Quem é?

Encolhi os ombros.

– Não sei, mas odeia-me.

– Porquê?

– Não sei.

– Deves ter feito alguma coisa.

– Não fiz! Nunca sequer falei com o homem, mas, sempre que o vejo, na faculdade, na rua ou no bar, olha-me fixamente.

– A sério?

– Sim.

– E nunca falaste com ele?

– Não. Viro-me e lá está ele – abri bem os olhos –, a fulminar-me com o olhar. Não sei porquê.

Como se tivesse um radar que detetava quem o olhava fixamente, o H.O.F. ergueu os olhos.

Tanto eu como Jess saltámos para trás, agarrando-nos uma à outra. Ficámos ridiculamente palermas e voltámos a correr para junto do carrinho de compras, ambas a tremer e a dar risinhos.

– Mas porque está sempre a olhar-me fixamente? – perguntei, quando tivemos a certeza de que ele não nos tinha visto e parámos de rir.

– Hummm – disse Jess, pensativamente. – Não sei. És uma mulher atraente que dá nas vistas aonde quer que vá e que tem dois dos maiores seios naturais que alguma vez existiram. Não imagino porque será que ele te olha fixamente.

– Até quando és simpática és uma parva sarcástica.

– Deve ter algo a ver com o facto de estar quase a chegar aos cinquenta, acho eu.

– Não era isso que eu queria dizer.

– Pois, pois.

– Podemos voltar ao assunto em questão? O Homem do Olhar Fixo. É verdadeiramente perturbador.

– Já te disse que acontecem coisas perturbadoras quando estás por perto.

– Mas porque me olha fixamente? Aqueles olhos grandes a fixarem-me, naquele rosto inexpressivo. Dá-me arrepios.

– Ceri, querida, de certeza que é tudo o que ele quer dar-te.

Os olhos quase me saltaram das órbitas.

– JESSICA BREAKFIELD! Não acredito que acabaste de dizer isso.

Jess encolheu os ombros.

– É verdade. Ele é homem. Tu és mulher. Quer... Como é aquela expressão que os jovens utilizam? Ah, sim, montar-te até perderes os sentidos.

Os meus olhos arregalaram-se e fiquei boquiaberta.

– Que mente obscena. – Assumi a tarefa de empurrar o carrinho de compras. – Que mente obscena.

Empurrei o carrinho pelo corredor, em direção à longa fila de caixas estreitas.

– Que mente tão obscena.

Jess acendeu um cigarro, resguardando-se da forte aragem que se fazia sentir no parque de estacionamento, e ficou a fumá-lo junto ao carro de Fred, enquanto eu fui arrumar o carrinho de compras e reaver a minha moeda de uma libra. Ainda não me tinha recomposto da sua obscenidade. A minha melhor amiga não devia dizer aquelas coisas. Era uma das vantagens de ter uma mulher mais velha como melhor amiga: não dizia aquelas coisas. Tendo pensado nisto, eu e Jess tínhamos uma mentalidade parecida e eu tinha tendência para dar asas à imaginação no que dizia respeito ao sexo.

Sobretudo no que dizia respeito a Angel... Parei pacientemente atrás de outra pessoa que tentava retirar a sua moeda de uma libra da engenhoca do carrinho de compras enquanto pensava em Angel. Perguntava-me muitas vezes como seria se ele me desse arrepios. Ou melhor, sabia como seria, graças ao pormenor e à fertilidade da minha imaginação. Seria fantástico. Uma daquelas noites inesquecíveis. Daquelas que, mesmo aos oitenta anos, desenterramos da memória e examinamos minuciosamente. E, de todas as vezes, sentimos arrepios e formigueiros nas partes baixas. Sim, uma noite com Angel seria como uma noite no paraíso. Um mau trocadilho, mas tão ver...

– Isto está estragado – disse o homem à minha frente. Os meus joelhos fraquejaram

involuntariamente ao ouvir a sua voz. Era grave e cálida, como mergulhar numa banheira de água quente depois de um dia difícil, como ficar enroscada em frente a uma lareira a sério quando está a nevar lá fora. A sua voz fez todo o meu corpo arrepiar-se de prazer. (Era mesmo sexualmente frustrada, não era? Estava a ficar empolgada com uma voz!)

Procurei a origem da voz. Ele também olhou para mim. Ambos nos espantámos com quem tínhamos diante de nós. Era o Homem do Olhar Fixo.

Desviei o olhar, com o rosto e o corpo subitamente em brasa. Nunca tínhamos estado tão próximos e, depois do que Jess tinha dito, sobre ele querer dar-me arrepios, o meu corpo começou a arder de constrangimento. Os meus joelhos tinham fraquejado ao ouvir a sua voz. A voz do homem que obviamente antipatizava comigo. Ondas de vergonha incandescente abateram-se de novo sobre mim.

– Isto está estragado – repetiu. A sua voz continuou a produzir o mesmo efeito nos meus joelhos, embora eu soubesse que era ele.

– Ah – apenas me ocorreu dizer quando tornei a olhar para ele. Creio que nunca tinha pensado que ele tinha voz. Parecia, acima de tudo, fulminar-me com o olhar, por isso, sabia que tinha olhos e rosto, mas não voz. Também já tinha percebido que tinha um fraquinho por Mel. Era bem claro. Andava a olhar-me de lado porque gostava de Mel. Tinha-me visto sair da festa com ele e ficou irritado com isso. Depois, tinha-me visto abraçar Ed e tirou a conclusão precipitada de que eu estava a fazer jogo sujo com o seu Mel. Eu também ficaria assim, se, por exemplo, pensasse que Fred estava a fazer jogo sujo com Jess. Depois, na Sala de Professores, tinha-me visto a agir normalmente na companhia de Mel e devia ter pensado que eu era uma galdéria falsa que ia dar um desgosto ao seu querido Mel.

– Acho que devíamos procurar alguém a quem fazer queixa disto – disse ele.

– Mas isso implicaria entrar numa fila de espera e falar com alguém que irá invariavelmente decidir que a minha necessidade de reaver a minha libra lhe dá o direito de me tratar com condescendência – comentei, apesar de ainda estar bastante desconcertada com este encontro extemporâneo. Só nos faltava o luar para eu ter todo o direito de começar a citar Shakespeare.

– É verdade – retorquiu.

– Tem um gancho de cabelo ou uma lima de unhas? Sei de um truque baixo para tirar moedas de uma libra destas engenhocas, sem problemas. É coisa do Sul de Londres.

– A sério? – Os seus olhos duplicaram de tamanho, com assombro. Estava impressionado.

– Não – respondi. Não o teria dito, se pensasse que ele ficaria assim tão impressionado. – Eu é que digo estas coisas – expliquei. – É mais forte do que eu.

– Ah, pois. Mais ou menos como o Tenente Barclay?

O meu coração parou.

– Faz referências ao Caminho das Estrelas – exalei. O meu coração parou novamente de bater, mas, de repente, a admiração e o assombro fizeram-me perder o fôlego. Era

uma autêntica surpresa e um momento de verdadeira afinidade quando encontrava alguém, fora eu e Jess, que era capaz de introduzir o Caminho das Estrelas numa conversa normal. Se ele não me odiasse e não gostasse de Mel, estaria a vê-lo com contornos difusos, a ouvir música de harpa romântica e a derreter-me nos seus braços, por esta altura.

– Conhece as minhas referências ao Caminho das Estrelas. – Parecia estar igualmente surpreendido e impressionado. Deixámos passar um momento de silêncio entre nós, enquanto criávamos um laço de admiração mútua. – É adepta da DS9 ou da Voyager? – perguntou.

– De A Nova Geração. Mas a Voyager vem em segundo lugar.

Quem nos ouvisse diria que estávamos a falar em código, a não ser que assistisse ao Caminho das Estrelas. Caminho das Estrelas: A Nova Geração (a minha preferida); Caminho das Estrelas: Voyager (a minha segunda preferência); Caminho das Estrelas: Deep Space Nine (tinha aprendido a gostar, com o tempo); e, depois, havia, evidentemente, a série original, que não era necessariamente a melhor.

O H.O.F. ergueu as sobrelanceiras.

– Estou um pouco dividido. A Voyager é boa, mas A Nova Geração também é. Julgo, porém, preferir a DS9.

– A maioria dos homens prefere, pois tinha muitos jogos de guerra e política. Uma vez, fiz uma maratona de DS9 e interessou-me muito. Também não consigo deixar de gostar do velho Avery Brooks.

– O quê, do Sr. Hawk em pessoa? – brincou o H.O.F. – Gosta daquilo de usar óculos de sol à noite?

– Não deve ter visto Spenser: For Hire – disse eu, aterrada. Céus, talvez tenha dispensado os harpistas e as imagens difusas depressa de mais.

– Vi, sim! – respondeu o H.O.F., sem o menor sinal de constrangimento. – Até tenho alguns episódios gravados.

– Eu também! – retorqui. – Mas, apesar de o Hawk aparecer na DS9, aah, não consigo deixar de adorar o Will Riker e o Jean-Luc. E também o Worf.

O rosto do H.O.F. abriu-se num enorme sorriso, suavizando os seus traços cinzelados. Até era bastante atraente – mas talvez isso tivesse muito a ver com o facto de termos algo tão importante em comum. A televisão.

– Também gosto do Worf, mas fiquei contente por ele e a Deanna não terem ficado juntos no fim. Não suporto a Deanna Troi.

– Eu também não! – ri.

– Já viu a Enterprise?

Abanei a cabeça.

– Não.

– Eu também não – retorqui o H.O.F.

– Não posso dizer que a ideia me agrada, mas tenho a certeza de que se insinuará nos

meus afetos como todas as outras.

– É verdade – disse ele.

Deixámos passar em silêncio outro momento de admiração causada pelo Caminho das Estrelas.

– Então, há quanto tempo conhece o Mel? – perguntei, socorrendo-me do outro assunto que tínhamos em comum, esperando que também neste criássemos laços.

O H.O.F. olhou para o carrinho de compras no qual tinha a mão assente e começou a mexer no pedaço de metal que tinha bem segura a sua moeda de uma libra. Tenho razão, ele tem um fraquinho pelo Mel. É a minha oportunidade de lhe mostrar que eu e o Mel somos apenas amigos. Que não estou a tentar invadir o seu território.

– Há pouco. Bem, desde que comecei a trabalhar na All Souls, há cerca de dois anos. É boa pessoa, o nosso Mel.

O nosso Mel.

– Pois é, gosto muito dele. Ele...

– Então, D’Altroy, o que estás a fazer? – interrompeu a voz de Jess. Assustei-me ligeiramente e, depois, virei-me para trás. Estava a debruçar-se da janela do lado do condutor do seu carro, com um ar bastante impaciente. Ao estar ali parada, a tentar cair nas boas graças daquele que era, no fundo, o Inimigo, eu estava a prolongar o seu período de abstinência tabágica.

– Olhe – disse o H.O.F. –, que tal trocarmos uma moeda de uma libra? Assim, irá parecer que recuperámos as moedas que introduzimos nos carrinhos.

– Bom plano – declarei. Procurei no bolso das minhas calças de ganga e entreguei-lhe uma moeda de uma libra.

– Tem troco de cinco? – interrogou ele, estendendo uma nota de cinco libras.

Olhei para ele, pouco impressionada.

– Estava só a brincar – afirmou, com um sorriso, tirando, depois, uma moeda de uma libra do bolso das calças de ganga e dando-mo.

– Até à vista – disse eu, dando, depois, a volta ao Ford Mondeo azul metalizado e entrando.

– Sim – retorquiu ele. O Homem do Olhar Fixo começou a atravessar o parque de estacionamento, dirigindo-se, presumi eu, ao seu automóvel.

– Com que então – disse Jess ao sair do parque de estacionamento e entrar na estrada – odiava-te, não era?

– Graças à senhora, ainda odeia. Estava prestes a dizer-lhe que eu e o Mel somos apenas amigos, para que ele soubesse que não estou a tentar ter nada com o seu homem, e tu apareceste, a tocar a buzina e aos berros.

– Não toquei a buzina. Além disso, acho que a única buzina que entrou em ação por aqui foi a dele... e não foi pelo Mel.

– JESSICA BREAKFIELD! – gritei. – QUE BICHO TE MORDEU?

– Por acaso, nenhum, há já algum tempo.

– MEU DEUS! – esganicei-me e, depois, tapei os ouvidos com as mãos. – NÃO TE ATREVAS A DIZER MAIS NADA ATÉ CHEGARMOS À MINHA CASA.

Capítulo 24

brutamontes

– Que diabo te aconteceu? – interrogou Craig, quando entrei na Sala de Professores.

Como sempre, Craig falou tão alto que a maioria das pessoas presentes na Sala de Professores olhou e se espantou ao ver-me.

Depois de respirar fundo, respondi:

– Fui contra uma porta.

Que tal a explicação? Exatamente. Se alguém me tivesse dito o mesmo, eu tê-lo-ia olhado como Craig e a maioria das pessoas presentes na sala de convívio que estavam descaradamente a prestar atenção me olharam nesse momento: Pois sim. Com quem andaste à porrada, porque andaram à porrada e a outra pessoa ficou pior ou melhor do que tu?

Algumas das pessoas espalhadas pela sala retomaram as conversas que estavam a ter, a leitura dos seus apontamentos e o beber do seu café. Outras continuaram a olhar descaradamente para mim. Não as censurava; tinha-me acontecido o mesmo no autocarro ao ir para o trabalho, na rua, ao vaguear pelos corredores, na minha aula, logo de manhãzinha. Dir-se-ia que nunca ninguém tinha visto uma mulher com um enorme hematoma no rosto.

Craig franziu acentuadamente o sobrolho a mim e à minha resposta.

– É verdade – disse eu. Levei o meu maço de papéis e o meu corpo e afundei-me na cadeira onde sempre me sentava. A cadeira em imitação de couro castanha clara não tardaria a ficar com um sulco com a forma do meu traseiro de tantas vezes que nela me sentava. Notava que, quando entrava, as pessoas que nela estavam sentadas saíam. Sem intenção, devia olhá-las com má cara por se terem aproximado do meu lugar. Gostava daquele lugar. Dali, via-se bem quase toda a sala, a zona de jantar/kitchenette e ambas as portas.

Gwen estava sentada ao lado do meu lugar preferido, mas não me importei. Se tivesse de escolher o lugar e ela ou outro lugar qualquer e a ausência dela, optava pelo meu lugar. Era uma justa recompensa.

Craig, o homem que eu, supostamente, incitava de forma subliminar a praticar sexo, seguiu-me desde a sua zona na Sala de Professores e sentou-se na mesa à minha frente.

– O que aconteceu, querida? – perguntou. Foi a primeira vez que me tratou por «querida». Reconheci o tom suavizado, a expressão fraternal. Diziam subliminarmente: «Conta-me quem foi e eu trato dele».

Eu estava, porém, com um aspeto medonho. Até eu tinha de o reconhecer. Tinha posto os óculos – os malditos óculos – para disfarçar o horrível hematoma que agora residia na

minha face esquerda. Tinha ficado admirada com a sua gravidade – e estava presente quando fui atingida na cara. Tendo a minha pele um tom castanho tão escuro, pensei que não se notasse tanto. Este hematoma era, porém, mais escuro do que a minha pele, com uma leve coloração negra, roxa e amarela. Tinha ficado horrorizada com o meu reflexo no espelho. Passei muito tempo a tentar descobrir quais as posições em que devia colocar-me para que não tivesse tão mau aspeto. Parecia, de facto, que tinha estado do lado errado da fúria de um pugilista profissional.

Gwen também estava a olhar para mim com uma preocupação maternal. Por mais agradável que fosse o interesse de todos, a sua preocupação era descabida. Jake tinha-me dado o dobro do afeto, do carinho e da atenção. Também ele estava a tentar convencer-me a contar-lhe o que tinha realmente acontecido.

– Queres mesmo saber o que aconteceu? – perguntei a Craig, cansada.

Craig acenou com a cabeça.

– E prometes acreditar em mim, por mais confusa que a história seja?

Craig acenou novamente com a cabeça. Todo o seu rosto estava franzido de preocupação.

– Fui contra uma porta. Ou melhor, uma porta embateu em mim. Estava a sair de uma loja de doces, em Headingley, e uma pessoa que ia a entrar com muita pressa bateu-me com a porta na cara. Foi bastante constrangedor, porque cambaleei para trás, tentei agarrar-me a alguma coisa para me equilibrar e levei atrás de mim um suporte móvel para cartões de felicitações. Não sei se consegues imaginar, eu, estendida no chão, debaixo de um suporte para postais, a contorcer-me de aflição, à hora de almoço de sábado, mas é verdadeiramente a minha noção de inferno. Depois, ainda por cima, acordei no domingo com uma terrível dor de cabeça e este enorme hematoma no rosto.

– A sério? – disse Craig.

– Sim, Craig.

– Tens a certeza?

– Absoluta, Craig.

Continuou a fitar-me com desconfiança.

Suspirei.

– Mas obrigada pela tua preocupação – sensibiliza-me muito.

– Está bem, mas, se precisares de falar...

– Vou à tua procura. Obrigada.

Com um último olhar desconfiado, Craig pôs-se de pé e foi à sua vida. Iria andar muito tempo a contar esta história. Perguntei-me quem seria a primeira pessoa a mencionar o facto de que, quando há culpa, há lugar a ação judicial. Eu sabia exatamente quem processaria.

Ia tirar fotocópias. Na reprografia.

Desde aquele encontro com a mulher dos óculos chamada Deirdre Barlow, fazia o

mesmo que os outros: acampava na sala das fotocópias e eu própria me encarregava da tarefa. Tudo para evitar confusões. Hoje, não tinha tempo nem energia. Ia ser preciso muito mais trabalho do que o normal e, para ser sincera, porque haveria de ficar ali, a inalar gases e a contrair lesões por esforços repetitivos devido a carregar nos botões, se ela e o resto da sua «trupe» eram pagos para o fazerem?

Desta vez, tinha pedido a Sally que me arranjasse os impressos com antecedência e tinha-os preenchido todos. Bastava levar o material para baixo, explicar o que tinha de ser feito e atribuir-lhe carácter de «Urgência», o que significava que as fotocópias estariam prontas no prazo de quarenta e oito horas. O carácter de «Emergência», que saía mais caro ao departamento, equivalia a um prazo de vinte e quatro horas. A Óculos Deirdre Barlow não me tinha explicado isso, pois não?

À entrada, li a palavra REPROGRAFIA (tinham mudado a cor do letreiro de cor de laranja para amarelo, pois eram loucos a esse ponto), respirei fundo e abri as portas de vaivém. Até consegui pôr um sorriso no rosto. Tentar não irritar quem podia prejudicar-me era um dos meus numerosos lemas. Fantástico. A mulher de serviço atrás do balcão era, evidentemente, a Óculos Deirdre Barlow.

– Olá – disse eu. – Seria possível fotocopiar-me isto com carácter de urgência? – Utilizava a minha voz mais amável ao mostrar-lhe os meus maços, cada um dos quais com instruções claramente assinaladas em pequenas folhas autocolantes.

O seu rosto permaneceu impávido e sereno. Sem mexer mais nenhuma parte do corpo, estendeu o braço, tirou uma pilha de impressos dos respetivos envelopes na parede, ao seu lado, e fê-los deslizar até mim.

– Já preenchi os impressos – declarei, ainda a sorrir. Larguei os livros em cima do balcão, peguei nos impressos e entreguei-lhos.

Olhou para eles como se eu estivesse a oferecer-lhe uma poia.

– Não são esses os impressos indicados para um pedido urgente. Terá de preencher estes. E veja lá se sabe o código orçamental correto.

Respira fundo. Mantém a calma. Ela pode prejudicar-te.

– Está bem – disse e peguei nos impressos. – Pode emprestar-me a caneta?

– Não emprestamos canetas. Temos dificuldade em reavê-las. Ou nem sequer as reavemos, que é geralmente o caso.

– Então, ainda bem que ando sempre com uma, não é? – retorqui e tirei uma do bolso.

– Não queremos que eu fique com a sua valiosa caneta. – Esta última parte, disse em pensamento.

Ouvi as portas de vaivém abrirem-se atrás de mim e cheguei-me para o lado para deixar a pessoa que estava a entrar tentar a sua sorte com a cabra infernal das fotocópias.

– Olá – disse a voz masculina. – Vim buscar o meu material.

Os meus joelhos fraquejaram ao ouvir a voz.

– Talão? – exigiu a mulher.

– Ora vamos lá ver – respondeu ele. – Trouxe-o há três dias. – Os meus joelhos voltaram a derreter-se. Olhei para ver a quem pertencia a voz.

O homem olhou-me de lado. Uma vez mais, ambos nos espantámos com quem tínhamos diante de nós. Era o Homem do Olhar Fixo. Devia ter calculado, pelo efeito que produziu nos meus joelhos.

Desviei o olhar, com o rosto e o corpo subitamente em brasa. Assentei novamente o bico da caneta na folha, mas tinha a mão a tremer. Nem conseguia escrever devidamente, pois sabia, SABIA, que ele, agora, estava a fixar-me. Sentia os seus olhos na minha face. Baixei a cabeça ainda mais e virei o pescoço ligeiramente, para que só me visse a nuca. Continuei, porém, a sentir o mesmo: sentia o seu olhar, firme e inabalável, a penetrar-me o cabelo negro da nuca.

– Ainda não terminámos as suas fotocópias – informou a Óculos Deirdre Barlow. – Terá de voltar noutra altura.

– O quê? – disse o Homem do Olhar Fixo.

– Terá de voltar mais tarde.

– Não me fale nesse tom de voz – afirmou ele. – Não sou eu que estou sem razão. Pedi umas fotocópias com urgência e não as obtive. Deseja acompanhar-me à minha aula e explicar aos meus alunos por que motivo não tenho o material preparado?

Força, Homem do Olhar Fixo. Força, Homem do Olhar Fixo.

Ela nada disse. Talvez tivesse abanado a cabeça.

– Pois, bem me parecia que não. Então, não me venha com essa arrogância, minha senhora. Só para que saiba, não vou pagar o preço integral deste trabalho e vou fazer queixa de si ao meu chefe de departamento.

– Já agora, porque não faz também queixa de mim a Deus?

Levantei a cabeça de repente. Vaca atrevida. Não só era mal-educada comigo como também tinha a audácia de roubar as minhas respostas sarcásticas. A Óculos Deirdre Barlow tinha-se ido embora, desaparecido nas profundezas do mundo das fotocópias, e o Homem do Olhar Fixo estava a fulminar-me com o olhar. Na verdade, estava a fulminar com o olhar a parte do meu rosto que, agora, albergava um enorme hematoma. Pensei que tínhamos resolvido tudo entre nós há duas semanas, mas não. Não tinha conseguido dizer-lhe que não estava interessada em Mel e, pelos vistos, dez dias era muito tempo entre mim e o Homem do Olhar Fixo.

– Aah, ouça, eu, hum, estava com esperança de encontrá-la – principiou o Homem do Olhar Fixo e, depois, estremeceu, baixou os olhos e começou a corar intensamente. – Quero dizer, estava com esperança de vê-la.

– Ah – retorqui. O meu coração estava acelerado. A nossa relação tinha ido claramente de mal a pior desde os dias tranquilos do parque de estacionamento do supermercado. Isto porque a pessoa que tinha entrado com muita pressa na tabacaria e ajudado a porta a entrar em contacto com a minha cara era, na verdade, o Homem do Olhar Fixo.

Ao abrir os olhos, aturdida e confusa como estava, tinha-os erguido e, por entre a

chuva de cartões de felicitações, lá estava ele, a fazer o que sabia fazer melhor: olhar-me fixamente. Ainda que, para ser justa, o espanto e o horror estivessem gravados no seu rosto.

Tinha deixado que ele e outras pessoas me ajudassem, mas fugido a sete pés antes que alguém pudesse dizer alguma coisa, incluindo pedir desculpas. Como tinha dito a Craig, momentos como aquele eram a minha noção de inferno. A tabacaria estava tão movimentada que não tinha aguentado ficar. Tinha simplesmente aberto caminho por entre a multidão de mirones e ido embora o mais rapidamente possível, com as mãos na cara. Ao chegar a casa, tinha tido de passar quase toda a tarde deitada, pois sentia-me muito tonta e enjoada sempre que me mexia.

– Lamento muito, hum, o que lhe aconteceu à cara – disse o Homem do Olhar Fixo. – Dói-lhe?

Abanei a cabeça.

– Nem por isso. Quero dizer, já não dói.

– Lamento muito – repetiu. – No sábado, foi-se embora tão depressa que não tive tempo de lhe pedir desculpas convenientemente.

– A culpa não foi sua, eu não estava a ver por onde andava.

– Oh, não é possível que esteja a culpar a vítima. Fiquei com medo de que tivesse feito um traumatismo ou algo do género. Há alguma coisa que eu possa fazer?

– Respirar? – disse eu e, depois, encolhi-me. Como é que aquilo me saiu da boca? Como é que, para começar, me entrou na cabeça? Compreendo a «agressão mortal com uma colher de chá» e também a «passadeira na qual não se notam as manchas de sangue», mas «respirar»?

– Como? – perguntou ele.

– Hum, perguntou-me se havia alguma coisa que pudesse fazer e, bem, é óbvio que pode respirar. – Logo, era igualmente óbvio que eu tinha de o constatar.

Surpreendentemente, o H.O.F. riu. O seu riso condizia com a sua voz. Era grave, profundo. Percorreram-me o corpo mais arrepios de prazer.

– Outro momento à Tenente Barclay – afirmou, como se tivesse percebido. – Mas devo dizer que, lá nisso, tem razão: posso respirar. O que eu queria perguntar-lhe era se havia alguma coisa que eu pudesse fazer...

A Óculos Deirdre Barlow escolheu aquele momento para voltar a aparecer.

– Se voltar dentro de meia hora, teremos o seu material para lhe entregar – disse ao H.O.F. Não pareceu incomodá-la que tivesse acabado de interromper a nossa conversa.

O H.O.F. fez incidir sobre ela o seu olhar fulminante.

– Até lhe agradecia, mas não tenho nada que lhe agradecer, pois não? – declarou ele. – Até à vista – disse-me e, depois, saiu. Era óbvio que a Óculos Deirdre Barlow o tinha feito ficar novamente de mau humor. Vi as portas de vaivém unirem-se nas suas costas.

– Olá – disse eu à mulher atrás do balcão. – Desta vez, preenchi os impressos indicados.

Se ela:

a) não tivesse roubado a minha resposta sarcástica,

b) não tivesse interrompido as minhas tentativas de criar novos laços com o H.O.F.,

c) não fosse uma pega miserável,

ter-lhe-ia dirigido um sorriso de compreensão; sabia o que era ser alvo de um dos olhares fulminantes do Homem do Olhar Fixo.

– Quarenta e oito horas – informou. – E não se esqueça do papel. Sem ele, não poderá levantar as fotocópias, mas o seu departamento terá de pagar pelo serviço na mesma.

– Obrigada – retorqui. – Agora, tenha um bom dia. – Se souber como é.

– Olá, Ceri – gritou uma voz do fundo do corredor quando me dirigia para o meu gabinete, na mesma tarde.

Parei e olhei à minha volta. Devia ter percebido pelo guincho. Era Gwen. Dirigiu-se a mim aos pulos.

– Queria falar contigo sobre o que se passou no outro dia – disse ela.

– Porquê? O que fiz eu? – perguntei, tentando não parecer falsa. A Óculos Deirdre Barlow tinha feito queixa de mim. Que vaca. Agora, devia estar na igreja, a fazer queixa de mim também a Deus.

– Nada, nada – guinchou Gwen.

– Então, porque queres falar comigo? – interroguei, fitando-a com desconfiança.

– Talvez seja melhor falarmos em particular – disse Gwen.

Que vaca. A vaca miserável tinha mesmo feito queixa de mim. Algum dia, ia pegar fogo àquele lugar. Todo aquele papel e produtos químicos incendiar-se-iam num instante.

– Tens a certeza de que não fiz nada de mal?

Gwen pousou a mão no meu antebraço de forma tranquilizadora.

– Claro que não fizeste.

Agora, estava simplesmente a assustar-me.

– Que tal irmos para o meu gabinete? Acho que está desocupado – disse a Gwen.

– Perfeito.

Gwen sentou-se no objeto de tweed verde que era uma espécie de poltrona e que estava junto à porta do meu gabinete, batendo, depois, ao de leve no lugar ao seu lado. Hoje, tinha prendido o cabelo numa banana, trazia o seu habitual uniforme a flores, mas o seu rosto denotava novamente pura preocupação maternal e solidariedade.

Algo de mau aconteceu, percebi ao afundar-me no lugar ao seu lado. Nem sequer puxou de um cigarro.

– Ceri, sei que sou a tua superior hierárquica, mas julgo que estabelecemos uma ligação. Tornámo-nos amigas, não tornámos?

Ai tornámos?, pensei. Ela não era como a minha outra patroa, que achava que éramos amigas por me contar demasiadas coisas a seu respeito. Ainda assim, não éramos amigas. Só forçando muito a imaginação. Contudo, acenei com a cabeça.

– Ótimo – sorriu –, fico contente por nos considerares próximas. Era por isso que queria falar contigo sobre o teu rosto.

– O meu quê? – interroguei.

– O hematoma que tens no rosto.

Levei a mão à face. Tinha melhorado bastante nos últimos três dias e deixado de doer, pelo que me tinha esquecido dele. Não gostava lá muito de me olhar ao espelho.

– O que tem?

Gwen olhou para as mãos.

– Sei que é muito difícil admitir o que realmente aconteceu, sobretudo perante pessoas que não conheces muito bem, mas quero que sintas que podes falar comigo. Sobre seja o que for.

Não estou a perceber, pensei.

– Quero dizer, quando uma das minhas amigas estava a ser vítima de maus-tratos físicos por parte do marido, era praticamente impossível falar sobre o assunto. Tinha hematomas por todo o corpo e uma desculpa para cada um deles. Não quero que sintas que tens de sofrer assim, em silêncio. Eu compreendo. Quero dizer, no ano passado, fui atacada.

Os meus olhos arregalaram-se com horror.

– Na rua. Foi horrível e muitíssimo assustador. Só me levaram o telemóvel, mas fiquei com hematomas e arranhões em todo o rosto. Tinha uma enorme dificuldade em falar sobre o assunto. Por isso, como vês, compreendo aquilo por que estás a passar. Podes falar comigo. Sempre que quiseres.

– Obrigada, Gwen, mas fui mesmo atingida na cara por uma porta.

Cerrou os lábios, como quem perguntava: «Tens a certeza?». Jake também continuava na mesma onda (tal como Ed continuaria, se não passasse 90% do seu tempo Desaparecido em Combate, com Robyn). A única pessoa que acreditava em mim era Jess, que sabia que eu era propensa a sonhar acordada e que isso, geralmente, originava acidentes. Era por sonhar acordada que nunca tinha aprendido a conduzir.

– Mas obrigada pela preocupação. É bom saber que posso contar contigo, se precisar. Neste caso, porém, não preciso. Devia ter prestado atenção ao caminho. Mas obrigada. Fico sensibilizada com o teu interesse.

Gwen saiu, tendo-me feito prometer que, se precisasse, falaria com ela. Por um momento fugaz, tinha ponderado dizer-lhe o que me ia no pensamento. Foi um momento tão fugaz que terminou antes de tal coisa me passar pela cabeça. Depois de ela se ter ido embora, fui para o meu lado da secretária e deixei-me cair sobre ela, apoiando a testa na fria superfície de trabalho.

Céus, esta obsessão por Angel tinha de acabar. Tinha-se agravado tanto que, agora, até o via em toda a parte. E era mesmo em toda a parte. Para começar, foi ele o causador do maldito hematoma. Não podia propriamente dizer isto a Jake, Ed, Craig ou Gwen, pois não?

Pensei tê-lo visto, a David Boreanaz/Angel, na capa de uma revista e hesitei ao alcançar a porta da tabacaria. Quando dei por mim, estava a sentir uma dor atroz no rosto e a tentar apoiar-me, enquanto caía para trás. Depois, fiquei estendida no chão e choviam cartões de felicitações.

Pouco antes, quando estava com o Homem do Olhar Fixo, cheguei a achar que se parecia com Angel. Só que o Homem do Olhar Fixo tinha uns olhos magníficos e eu nunca tinha visto os de David Boreanaz, na vida real. Os do H.O.F. eram cor de bronze. Era uma pena que me fulminasse com eles. Era, aliás, uma pena que gostasse de Mel. Contudo, agora, pelo menos, tínhamos estabelecido um certo contacto (o trocadilho não era intencional, mas era muito dolorosamente verdadeiro). Com sorte, agora que se sentia culpado em relação à questão da porta na cara, aqueles olhares fulminantes acabariam.

Se o H.O.F. não gostasse, porém, de Mel, poderia ser o meu substituto de Angel. O homem a quem eu desejaria até Angel/David Boreanaz me abordar na rua, pedir indicações, olhar bem no fundo dos meus olhos escuros e perceber que não havia outra mulher no mundo para ele...

Meu Deus, preciso de tratamento psiquiátrico. Bati com a cabeça na mesa. Tinha de me controlar e, depois, não perder a noção da realidade. Se continuasse assim, nunca mais praticaria sexo. Isso é que daria cabo de mim.

Capítulo 25

confissões

– Vou contar tudo ao Kevin.

Claudine estava parada à porta do gabinete que eu dividia e disse isto como se estivesse a perguntar-me se queria esgueirar-me até ao seu gabinete para fumar um charro. Havia na afirmação uma ponta da mesma maldosa mas absoluta naturalidade. A minha caneta pairou sobre a classificação de uma dissertação abaixo da média enquanto olhava para ela.

– Vou contar-lhe o que se passou entre mim e o Mel. Que dormi com ele e que, desde então, nos beijámos duas vezes. Mas acabou tudo.

Estás louca?! Ele mata-te, enterra-te e constrói um pátio sobre o local, antes de teres dito a parte do «beijar duas vezes».

– Isso é, aah... – arrisquei, mas não sabia o que dizer, a não ser «uma parvoíce», pelo que me detive. – Queres entrar? – perguntei antes.

Claudine entrou no meu gabinete, fechando a porta nas suas costas. Sentou-se num dos objetos que eram uma espécie de poltronas, junto à porta, e colocou a mala e o maço de papéis no assento do mesmo género, ao lado das estantes que chegavam ao teto.

– Vou decididamente contar-lhe – declarou Claudine, de uma forma que me pedia para não tentar dissuadi-la. Uniu as mãos no colo e inclinou-se para frente, sobre os joelhos. Fiquei de novo surpreendida por Claudine não fumar; era o tipo de mulher que eu esperava sempre que fumasse. Observei-a da minha posição, do outro lado da secretária; o seu comportamento agitado deu-me vontade de fumar. – Decidi-o ontem à noite – parou – e hoje de manhã, mas isso não é importante. O importante é que vou contar-lhe.

O tom de Claudine tinha a convicção de alguém que, se falasse o suficiente, convenceria os outros de que estava a fazer o mais correto. Sabia que nunca se convenceria a si própria, por isso, nem sequer tentava.

– Não sabia que estava tudo acabado entre ti e o Kevin – disse eu, de modo neutro. Os seus olhos duplicaram de tamanho.

– E não está. O que te levou a pensar o contrário?

– O facto de ires confessar-te perante ele. Supus... Acho que não devia fazer suposições.

– Supuseste o quê? – disse Claudine rapidamente.

– Bem, se estás disposta a fazer algo que porá termo à vossa relação, supus que tinhas chegado ao fim da linha.

Claudine fitou-me com um ar enlouquecido, arregalando ainda mais os olhos.

– Cheguei foi ao meu limite. Não aguento mais. Não posso ir para casa, olhar para o Kevin, falar com ele, dormir ao seu lado... sempre a guardar este segredo. Está a dar comigo em doida. Sempre que temos relações sexuais, tenho tanto medo de dizer o nome do Mel que não consigo descontraí-lo. Está a dar-me cabo da cabeça. Não suporto mais.

Acenei com a cabeça, como se compreendesse, mas a última coisa que estava a sentir era compreensão.

– O que vais fazer quando o Kevin se for abaixo e começar a chorar desalmadamente? – perguntei.

– Ele não vai chorar – afirmou Claudine, horrorizada.

– O que vai ele fazer?

Claudine encolheu os ombros.

– Não sei. Imagino que fique zangado.

– Imaginas? Queres dizer que vais causar-lhe todo esse sofrimento e não pensaste na reação que ele vai ter? – És o quê, alguma sádica?

– É claro que vai ficar zangado, mas, quando se acalmar...

– Acalmar? Claudine, ele não vai acalmar-se. Provavelmente, não irá perdoar-te. Nunca. JAMAIS. Acalmar e conversar é para os filmes e para os livros de histórias; a fúria, os gritos, partir coisas e nunca mais querer ver-te é a realidade. Tens de aceitar que é isso que, provavelmente, irá acontecer, se confessares tudo.

Claudine fixou-me com a boca e os olhos ansiosos. Nunca tinha sido severa com ela. Também não estava a sê-lo agora. Nem por isso. Só não estava a pactuar com a sua decisão, como ela esperava que eu fizesse. Os olhos de Claudine encheram-se de lágrimas.

O meu tom tinha sido, porém, um pouco incisivo. Não devia ter passado diretamente da simpatia à irritação. Era quase certo que iria abalá-la. No entanto, ela estava a dizer disparates. Suspirei para dentro e olhei para o tampo da minha secretária para me acalmar e tornar a minha voz mais gentil, menos ríspida.

– Claudine, se quiseres, conta tudo ao Kevin, mas não te esqueças de que ele também tem coração. Não lho despedaces só para aliviá-lo.

– Mas a nossa relação baseia-se numa mentira – lamentou-se. Depois, viria o torcer das mãos, ao que rapidamente se seguiria o ranger dos dentes e o rasgar da roupa.

– Não baseia nada – argumentei. – A vossa relação baseia-se em tudo o que vos uniu, há tantos anos. A vossa relação baseia-se em tudo o que fizeram e se esforçaram por alcançar juntos, no passado, independentemente do número de anos. A vossa relação não se baseia numa queca dada sob o efeito do álcool, há seis meses. Isso pode muito bem influenciar e afetar a vossa relação, mas não é a sua base. Se ela se baseasse nessa queca... bem, não sei.

– E o Mel?

Truz, truz, truz. A porta do gabinete abriu-se antes que eu pudesse mandar entrar. Mel

espreitou pela porta.

– Olá, Ceri, estava...

O seu rosto iluminou-se e ensombrou-se ao mesmo tempo quando viu quem estava comigo no gabinete. Com o de Claudine, aconteceu exatamente o mesmo.

A Terceira Guerra Mundial estava prestes a rebentar no meu gabinete.

– Volto mais tarde, quando não estiveres tão ocupada – disse Mel, concentrado em Claudine.

– Andas a seguir-me? – vociferou Claudine à minha visita. – Já não basta tudo o resto, ainda andas a seguir-me?

– Não estás boa da cabeça – respondeu Mel.

– Olha quem fala – retorquiu Claudine.

– Mas qual é o teu problema?

– Tudo o que tem a ver contigo.

O tom de voz de ambos estava a subir. Levantei-me e fui até à porta para a fechar.

– Ouve lá, querida, foste tu que enfiaste a língua pela minha garganta abaixo, da última vez.

– Pois, e foste tu que enfiaste a pila na minha...

Alto! Aquilo não era para ser ouvido por pessoas sensíveis. Fechei a porta ao sair. Andei um pouco pelo corredor. Depois, olhei para o relógio ao fundo do corredor largo. Eram oito horas. A cantina estava fechada. Não tinha para onde ir, a não ser, talvez, o bar. Por mais que gostasse de um ou onze copos, não era capaz de lá entrar sozinha, de lá estar sozinha. Se fosse um bar propriamente dito, não ficaria tão preocupada. Teria também algo para ler. Na faculdade, porém, os estudantes ver-me-iam completamente só – estaria a um passo de ser a professora de casaco de tweed e cachimbo que emanava uma lastimável solidão.

Dei meia-volta e encetei a minha lenta caminhada pelo corredor. Talvez devesse ir ao bar. Comprar um maço de cigarros. Com Mel e Claudine, sentia-me tentada a adquirir um vício potencialmente fatal.

Na verdade, com aqueles dois, as palavras de Craig e Jess, o desaparecimento de Ed para estar com Robyn, Gwen, Jake e a sua aura de homem injustiçado e o Homem do Olhar Fixo, sentia-me bastante tentada a começar a consumir heroína. A ter uma experiência extracorpórea que me afastasse do mundo para o qual me tinha mudado. Londres era uma cidade louca, mas Leeds era doida varrida.

O tempo foi passando; criei um sulco na alcatifa do corredor; vozes vindas do meu gabinete subiam e baixavam de tom. Não se ouviam, porém, quaisquer estrondos, nem gritos de angústia e de morte de gelar o sangue. Nem sequer podia ir para casa, pois a minha mala, casaco, iBook e as dissertações que tinha de acabar de classificar à noite ainda estavam no meu gabinete.

Uma hora depois, dei um salto para trás quando a porta se abriu violentamente e Claudine saiu, proferindo por cima do ombro:

– Se voltas a aproximar-te de mim, mato-te.

Ignorou-me por completo ao percorrer o corredor, dirigindo-se às escadas para o piso seguinte e para o seu gabinete.

A cabeça de Mel apareceu à porta.

– VADIA! – gritou-lhe.

Felizmente, não havia mais ninguém por perto àquela hora, pelo que apenas eu me sobressaltei com a subitaneidade e violência.

Claudine deu a mais graciosa volta de 180 graus que eu alguma vez tinha visto e tornou a percorrer o corredor, crescendo cerca de trinta centímetros a cada passo. Quando chegou junto de nós, tinha seis metros de altura.

O seu rosto tinha-se contraído num nó de raiva. Estava tão assustadora e medonha naquele momento que eu saí do seu caminho e me encostei bem à parede quando passou por mim como um furacão. Não sei se Mel estava à espera, mas eu senti, ouvi, estremeci quando o seu punho entrou em contacto com a cara dele.

Nem sequer parou; girou noutra graciosa volta de 180 graus e afastou-se novamente.

– Vais ficar com um belo olho negro – disse eu a Mel, que estava a encostar a sua garrafa de cerveja fresca à face.

Afastou a garrafa e quase esboçou um sorriso sarcástico, impedido pela dor que sentia na cara.

– Obrigado, Ceri, és uma grande ajuda. Gosto sempre que as pessoas constatem o óbvio.

Tentei não rir.

– Diz-me lá outra vez há quanto tempo conheces a Claudine.

– Há quase onze anos.

– E, apesar de a conheceres tão bem, não pensaste que, se lhe chamasses «vadia», ela acabaria por te dar um soco?

– Falei sem pensar, a questão é essa. Queria magoá-la, ter a última palavra.

– Bem, lá isso tiveste. Foi «Ai!», não foi?

Mel olhou-me com má cara. Não devia estar a gozar. Tinha, sem dúvida, agravado o mau humor de Claudine ao vetar os seus planos para aliviar a consciência.

– Afinal, porque estavam os dois a discutir? Eram e ainda são amigos – disse eu, sentindo-me um pouco responsável. Tinha-me pronunciado para o bem de Kevin e de Claudine. Assim como de Mel. Se Claudine tivesse aberto a boca, ele estaria sujeito a levar uma boa sova. (Nunca percebi o que tinha uma sova de bom. Decerto, devia ser má. Era esse o objetivo.)

Mel tornou a pôr a garrafa junto ao rosto, logo após ter revirado os olhos.

– Quem sabe? Eu não sei.

– Então, passaste uma hora no meu gabinete a ouvir a Claudine gritar e nada disseste?

– Sim.

Espetei a língua na bochecha e fitei-o com a sobrelha levantada.

– Bem, um pouco. Não. Ela gritou, eu também gritei, ambos gritámos.

– Porquê?

– Desde aquele fim de semana, sabes, o fim de semana perdido, ela tem estado distante em relação a mim e suponho que eu tenho estado distante em relação a ela.

Não perguntes porquê, não perguntes porquê. Não te envolvas mais. Não é problema teu. NÃO É PROBLEMA TEU.

– Porquê?

– Sabes, Ceri, estou fudo da vida. Quero dizer, para ela, está tudo bem, tem alguém, pode simplesmente ir passar o fim de semana fora e ser feliz com ele, enquanto eu fico sozinho. – Mel bateu com a garrafa na mesa. – Não é justo. Gosto muito dela e sei que ela me ama. Ninguém faz amor com outra pessoa como ela fez se não houver amor. – (Nesse momento, não acreditei que Mel tinha trinta anos. «Ninguém faz amor com outra pessoa como ela fez se não houver amor.» Pois sim. Aonde foi buscar tal ideia? Apostava que era às histórias de amor que lia e aos filmes de Hollywood que via em excesso. Eu própria tinha uma grande queda por eles, mas nem eu acreditava no que ele tinha acabado de dizer.) – Então, porque continua com ele? Porquê?

– Não sei – suspirei. O pior é que sei e tu, meu amigo, não queres ouvir.

Mel suspirou ligeiramente e olhou para o outro lado do bar. Examinei-o novamente. O homem ao qual Jake e Ed tinham tentado juntar-me. Era bem-parecido. Tinha uma aparência jovem, mas experiente. Longas pestanas em torno dos olhos cor de avelã, cabelo sensualmente encaracolado, traços distintos, mas afáveis.

Mel apanhou-me a mirá-lo e o seu olhar prendeu o meu. O desejo perpassou-me num arrepio. O caso era grave – começava a ter pensamentos impuros em relação a Mel.

– Até és vagamente atraente, não és? – disse Mel.

Isto é que era uma crítica disfarçada de elogio.

– Obrigadinha, Mel. Deve ter sido um dos maiores insultos que alguma vez me dirigiram.

– Não tinha segundas intenções, apenas reparei. Tens boa aparência. E senti o súbito impulso de te beijar. Estava a pensar na Claudine e sinto esse impulso sempre que penso nela.

Aproveitei a oportunidade como uma mulher que não comia há dias ao oferecerem-lhe uma torrada quente com manteiga. Fez-me lembrar o que Craig tinha dito sobre o facto de eu publicitar subliminarmente o sexo e incitá-lo a ter relações sexuais com a ex-namorada.

– A sério? Pensas na Claudine e apetece-te beijar qualquer mulher que esteja por perto? Não é só a mim?

Mel refletiu sobre a minha pergunta, embora eu não soubesse se a tinha percebido.

– Ultimamente, acontece muitas vezes. Penso na Claudine e sinto o impulso de beijar alguém. Mas não posso dizer que acontecesse antes de entrares em cena. – Mel bebeu a

sua cerveja e tornou a encostá-la ao rosto. – Na verdade, posso afirmar categoricamente que muitas coisas mudaram desde a tua chegada. A minha relação com a Clau estava ótima até ao dia em que nos perguntaste se andávamos a sair juntos. A nossa amizade deteriorou-se a partir daí.

Ah.

Mel viu a minha cara desanimada.

– Não faz mal. Para ser sincero, sinto-me melhor, agora que a situação chegou a um ponto decisivo, não obstante o soco na cara. Talvez agora ela perceba o que isto está a fazer-nos e deixe aquele idiota. – Mel continuou a falar, explicando as razões da sua satisfação por eu lhe ter destruído a vida.

Capítulo 26

fora de combate

– Ceri, temos estado à tua espera – disse Jake, recebendo-me praticamente na soleira da porta.

– Temos? Quem? Porquê? – De repente, tive visões de uma intervenção em que todos os amigos e familiares esperam por nós, geralmente na sala de estar, para nos dizerem, de forma bem clara, que a nossa dependência está a destruir-nos e que nos amam demasiado para ficarem a assistir de braços cruzados.

Obviamente, Jess tinha contado que eu via televisão em excesso. Ou melhor, via Angel em excesso. Tinha passado de consumidora recreativa a completa dependente que tinha de sustentar o vício todos os dias, duas vezes por dia.

– O Ed e a Robyn estão aqui. – Jake parecia desconcertado. Tinha o rosto pálido, as feições fixas num franzir de sobrolho permanente e até o cabelo parecia abalado. Porquê? Tê-los-ia surpreendido em plena ação e ficado marcado para a vida pela natureza verdadeiramente repugnante que o sexo podia ter?

Eu não aguentava, porém, mais dramas. Fosse o que fosse, não podia lidar com aquilo. Tinham passado menos de duas horas desde a discussão entre Mel e Claudine; ainda estava fragilizada. Tinha-me abalado profundamente, sobretudo saber que Mel – e, provavelmente, Claudine – pensava que era tudo por minha causa. Eu incitava Craig ao sexo, levava Claudine à violência e suscitava o interesse dos homens em Jess. Não queria mais dramas, a menos que fosse na televisão.

– O que se passa? – perguntei com ansiedade.

Jake apenas me olhou fixamente e, depois, entrou na sala de estar à minha frente.

Ed sorriu-me quando me aproximei, embora a forma como conseguia sorrir ainda mais por trás do sorriso fosse um mistério. Robyn, a do semblante feminino e altivo que não tinha conseguido um papel em Coronation Street, mas não estava ressentida, também estava a sorrir. Eu tinha dúvidas quanto a ela saber fazê-lo.

– Olá – disse eu, reparando na proximidade entre os dois e nos dedos entrelaçados.

– Olá, Ceri – responderam ambos. Tinham-se tornado um casal-modelo. No espaço de três semanas e pouco. Não era o que eu esperava ao ver a cara de Jake. Esperava que Robyn estivesse a apontar uma arma à cabeça de Ed ou algo do género.

– Temos estado à tua espera – afirmou Ed.

– Foi o que o Jake me disse – retorqui.

– Antes que digas mais alguma coisa, querido, quero apenas agradecer à Ceri. – Assustadoramente, tais palavras vieram de Robyn.

– Porquê? – repliquei.

Dirigiu a Ed um olhar carinhoso, um daqueles olhares doces que faziam com que os diabéticos precisassem de uma sobredosagem de insulina para controlar a doença.

– Por teres levado o Ed a convidar-me para sair.

– Não o levei a fazer nada – proferi com brusquidão. Dispensava este disparate, além de tudo o resto.

– Levaste, sim – disse Ed. – Foste a única pessoa que me deu conselhos que valia a pena ouvir. Duas vezes.

– Ele é perfeito. Obrigada. – Mais uma vez, Robyn.

– Hummm – balbuciei. Será que alguém perceberia se eu comesse a derrubar os móveis e a gritar: «NÃO TENHO NADA A VER COM ISSO! TODOS VOCÊS DÃO CABO DA PRÓPRIA VIDA SOZINHOS! PAREM DE ME CULPAR POR TUDO!»? Olhei de relance para os seus rostos; não, provavelmente, não perceberiam nada.

– Enfim, o que queríamos comunicar-vos aos dois é que vamos viver juntos – declarou Ed.

O meu coração pulou. Meu... Deus. Tinham passado menos de quatro semanas. Tentei manter o rosto impassível, mas, agora, percebia porque Jake estava tão abalado.

– Quando? – consegui articular com a minha boca de espanto. Pensava mesmo que nada me espantava.

– O mais depressa possível. O ideal seria a Robyn mudar-se para cá, pois a casa é maior do que a que ela divide, mas, se o Jake se opuser, vamos viver para casa dela.

– Ah.

– Esta parte não contámos a ninguém, nem mesmo ao Jake, mas vou desistir da faculdade, arranjar emprego e, no próximo ano, vamos casar.

– Desistir da faculdade? – conseguiu Jake dizer.

Eu não falei. Estava deitada no tapete, de braços e pernas afastados, deixada fora de combate pela notícia.

– A culpa é toda tua – disse-me Jake, na cozinha.

Ed e Robyn tinham subido para o seu pequeno ninho de amor e Jake tinha-me pedido para ir até à cozinha para uma pequena conversa. Com a simpatia que tinha infundido no pedido de uma conversa na cozinha, mais valia ter despido a camisa e ter-me desafiado para uma luta lá fora.

Tinha-me praticamente arrastado até à porta das traseiras, empurrado com rudeza contra o balcão do lava-louça e, depois, ficado em cima de mim como se fosse reavivar com o punho o hematoma que começava a desaparecer do meu rosto. No fundo, Jake até era bastante grande e assustador.

– Como? Como é que isto é culpa minha?

– Levaste-o a convidar aquela caça-fortunas desavergonhada para sair. Eis o resultado.

– Caça-fortunas?

– O Ed é podre de rico.

– O quê?

– É filho de um milionário. Não há dúvida de que ela descobriu e, agora, ele vai desistir da faculdade.

– Filho de um milionário? Não digas disparates. Se é podre de rico, porque vive aqui?

– Não precisa de viver. O Ed podia comprar todas as casas da rua, se quisesse. Mas não quer. Quer apenas uma vida normal, mas não vai conseguir tê-la se desistir da faculdade.

Passei a mão pelo cabelo. Mas que diabo se passava? Ed era filho de um milionário. Ed e Robyn iam viver juntos. Claudine tinha esmurrado Mel. Teria toda a gente enlouquecido?

– A vida corria bem ao Ed, até o incentivares a convidá-la para sair – disse Jake.

– Era o que ele queria fazer – retorqui, de modo pouco satisfatório. – Não o teria levado a fazê-lo se não fosse da sua vontade. Afinal, não lhe apontei uma arma à cabeça.

– O Ed admira-te. Tens uma... presença. Foi ele que o disse, no dia em que te mudaste para cá. Quando fala contigo, sente que tudo é possível, nem que seja a maior parvoíce à face da terra. Eu tinha-lhe dito que convidasse aquela... aquela – Jake baixou o tom de voz – mulher – (não sabia que era possível infundir tanto veneno numa palavra de duas sílabas) – para sair ou que a esquecesse. Todos os amigos lhe diziam o mesmo há séculos. A uma palavra tua, ele corta o cabelo, veste roupa elegante e convida-a para sair.

– Não o mandei cortar o cabelo – afirmei, de modo pouco satisfatório.

– Não interessa. Resolve o problema.

– O quê?

– Resolve o problema. Impede-o de fazer isto.

– Como?

– Não sei, mas resolve o problema. Detém-no. A culpa de ele estar prestes a estragar a sua vida é tua, logo, cabe-te a ti resolver o problema.

Limitei-me a olhar para Jake.

Apontou-me o dedo raivosamente.

– Estou a falar a sério. Resolve o problema, Ceri. Se o Ed destruir a própria vida por causa disto, jamais te perdorei. E também duvido de que o Ed o faça.

Jake saiu de casa, batendo com a porta, e dei por mim a pensar que ficaria destroçado se eu me fosse embora. «Fui a única pessoa que não te disse para esqueceres o Idiota», quase lhe gritei. «Escutei-te, deixei-te exprimir os teus sentimentos.»

O seu rasto de más vibrações ainda não se tinha dissipado quando Ed desceu as escadas, passados minutos. Eu continuava na mesma posição, meio encolhida, junto à porta das traseiras. Três abalos em menos de três horas era mais do que eu podia suportar.

– O Jake saiu? – perguntou Ed, dirigindo-se ao jarro elétrico.

Acenei com a cabeça. Ed saltitava ao caminhar, tendo uma pequena e alegre mola no

andar. Estava feliz. Qualquer idiota que olhasse para ele e o ouvisse percebia isso. Ed encontrava-se num estado de felicidade. Talvez não durasse, mas isso era motivo para eu fazer o que me tinham mandado, ou melhor, ordenado, e dizer-lhe que estava a ir depressa de mais?

– Vamos encomendar comida. Também queres? – perguntou Ed ao ligar o jarro elétrico. – Vai ser piza. Sei que a Robyn prefere comida chinesa, mas disse-me que encomendasse piza, porque tu e o Jake podiam também querer. Se pedirmos pão de alho e isso, dará um belo banquete.

O que estás a fazer, Ed? Terá alguma coisa a ver comigo? Ter-te-ás também tornado uma vítima daquilo que eu, supostamente, faço às pessoas? Ou será coincidência?

– Então, queres?

– Hum, hum, não. Não tenho muita fome.

– Oh, vá lá, sabes que queres – aliciou-me Ed. – Como é aquela expressão que utilizas? De certeza que «já marchava».

– Então, está bem, convenceste-me. Nunca fui capaz de recusar uma boa refeição.

Ed sorriu. Ia para sair, parou e voltou atrás. Beijou-me a face. Levei a mão à cara; o seu beijo tinha sido leve como uma pena.

– Se não fosses tu, não estaria a sentir-me assim. Obrigado.

Depois, saiu da divisão aos pulos.

Capítulo 27

a pergunta

Não tenho vida própria.

É oficial. Não tenho vida própria, apenas vivo indiretamente através dos outros.

Vejamos, por exemplo, o drama de Mel e Claudine. Andavam empenhados em evitar-se. Até na Sala de Professores, quando um entrava, o outro saía. Tinham, evidentemente, dado uma aparência oficial à situação. A aparência de cortesia que dava a entender que estavam ambos tão ocupados que não tinham tempo um para o outro. Embora todos aqueles com quem trabalhávamos acreditassem, eu conhecia a verdadeira história.

Sabia, por exemplo, que já tinham sido mais do que amigos. Também sabia que o poste de iluminação pública no qual Mel tinha esbarrado, provocando um hematoma, media, por acaso, 1,72 m, tinha cabelos negros e um gancho direito surpreendentemente forte, apesar da fraca figura. Na altura, também estava muito zangado. (Reparei que ninguém o mandou sentar e lhe perguntou se estava a ser vítima de maus-tratos. Todos acreditaram na sua abominável mentira sem pensar duas vezes.)

O mais perturbador na história de Mel e Claudine era, porém, o facto de eu não a conhecer apenas. Eu era a sua história. Fazia parte do seu drama e sentia as suas emoções. Sentia tudo o que eles sentiam. Era o meu sétimo sentido amplificado.

Eu era Mel, apaixonado por uma pessoa que não deixava o companheiro para ficar comigo. Acalentando a esperança de que, um dia, ela acordaria e cairia em si. Mas também era Claudine, convencida de que podia estar apaixonada por dois homens ao mesmo tempo e quase ficando com o coração destroçado para tentar conciliar isso. Eu era as duas pessoas, sabendo o que cada uma sentia, tendo uma ideia do que o outro sentia, sem saber bem o que havia de fazer.

O sétimo sentido, porém, não se ficava por aí. Nem por sombras.

Também era Ed. Tomando uma decisão precipitada, porque ela era mesmo a Tal. Não sentia medo, dúvida ou indecisão. Sabia apenas que, quando saía de sua casa para regressar à minha, sentia-me como se me tivesse esquecido do braço e precisasse de voltar atrás para ir buscá-lo. Escassos instantes depois de ter entrado em casa, ela telefonava-me, implorando-me que voltasse, pois tinha um vazio com a forma de Ed na sua vida. Nunca tinha conhecido nada tão fácil, apaixonado, reconfortante, tão certo.

Eu era Gwen. Subitamente insatisfeita com tudo. Já não era só a turma demoníaca. Todas as turmas me irritavam. Todas as aulas me exasperavam. Fumava cada vez mais, tentando reprimir este sentimento de impotência, esta consciência de que tinha escolhido este caminho e exerceria esta horrível profissão chamada «docência» até ao fim dos

meus dias.

Era Jake, franzindo agora o sobrolho em relação ao que Ed estava a fazer da sua vida. Receando que ele estivesse a proceder mal. Preocupando-me que o meu melhor amigo estivesse prestes a cometer uma enorme asneira e não pudesse voltar atrás. No fundo, estava mesmo a franzir o sobrolho em relação ao imbecil que, supostamente, era meu amigo, mas me usou para obter sexo e, depois, me tratou como lixo quando lhe revelei os meus sentimentos. Também sentia inveja. Como é que Ed tinha acertado e eu me tinha enganado tanto? Robyn era uma pega emproada, o Idiota era, supostamente, meu amigo, mas Ed estava feliz e eu tinha sido usada.

Era Craig, precisando desesperadamente de conhecer os verdadeiros sentimentos que nutria pela ex-namorada com a qual não conseguia deixar de dormir. Ela irritava-me, era um tanto louca, mas, hoje em dia, era a única pessoa com a qual queria passar todo o tempo que tinha. Não era possível que a amasse, pois não?

Depois, havia, evidentemente, os alunos. Afluíam constantemente à porta do gabinete que eu dividia e abriam o coração. Não por eu ser sua professora, mas, ao que parecia, apenas por estar disponível. Será que tenho uma vida tão monótona como a de um estudante?, perguntava-me frequentemente, quando mais um aluno me contava uma história mais complexa do que o que eu via na telenovela Sunset Beach. Havia algo de muito desconcertante e perturbador em estar diante de um grupo de pessoas e saber quem tinha ido para a cama com quem, quem tinha prejudicado quem, quem realmente odiava quem. Os alunos passavam tanto tempo a abrir o coração no meu gabinete que, hoje em dia, sempre que alguém batia à porta, Sally pegava nos seus papéis e na sua chávena e saía, pois sabia que não era para ela.

A minha cabeça, o meu coração e o meu tempo estavam a abarrotar de paixões, amores, esperanças, ódios, tristezas, emoções dos outros. Tinha de me manter a par, de me lembrar do que cada um tinha ou não dito. Do que me tinha sido dito só depois de ter jurado guardar segredo e do que devia divulgar, mas discretamente.

Não me limitava a ouvir problemas, histórias e vidas; eu vivia-os. Pelo menos, era o que parecia. Sentia tudo. E não era empatia. Eram sentimentos verdadeiros. As verdadeiras emoções. Sofria quando eles sofriam; vacilava quando vacilavam; amava quando amavam. Já me tinha acontecido, mas não com tanta persistência como agora.

Anteriormente, como, por exemplo, com Ed, Trudy, Mel e o homem que se tinha interessado por Jess, era esporádico, uma ou outra sensação pontual. Agora, tinha piorado. Era mais intenso, mais concentrado. Interminável. Quando alguém chorava, sentia verdadeiramente aquelas ondas de angústia e ficava também à beira das lágrimas. Se alguém me falasse da sua alegria, sentia o meu coração pular e dançar de entusiasmo. Tal como, imaginava eu, alguns homens eram sensíveis às dores do parto, eu era sensível às experiências de vida.

Sentia todas as alegrias, medos, aborrecimentos, como se eu própria estivesse a vivê-los.

Isso estava a afastar-me da vida real. Nem as plenas euforias e alegrias da felicidade dos outros serviam de compensação. Não era a minha felicidade. Era como se tivesse descrito o meu presente de aniversário ideal, até ao papel de embrulho da personagem animada Bagpuss, e visse, depois, outra pessoa desembrulhá-lo sem sequer olhar para o papel, sorrir, dizer que é lindo, pô-lo de lado e nunca mais pegar nele. Ficava contente por ela o ter, mas, tão certo como os ovos são ovos e o chocolate é chocolate, queria-o para mim. Era-me destinado. Tinha sido feito para mim. Merecia-o tanto como a pessoa que o tinha. Dar-lhe-ia também mais valor.

Toda esta emoção por procuração implicava já mal saber o que sentia. Se é que ainda sentia alguma coisa. O que havia para sentir? Os outros tinham a vida, mas eu não. Eu sentia a emoção, mas não via o assunto encerrado. Não obtinha o resultado final, quando os outros resolviam os seus problemas ou voltavam para a razão do seu êxtase. Participava na corrida, mas nunca chegava à meta e recebia a minha medalha. Saltava constantemente de corrida em corrida, participando sempre com o mesmo afinco, mas sem nunca chegar à meta. Seriam caminhos para o inferno?

Não dava sinais de acalmar. Eu não tinha, literalmente, vida própria. Só estava sozinha nos momentos em que adormecia e acordava. No tempo intermédio, a minha cabeça estava sempre a trabalhar. Provava da vida de todos, roubando pitéus onde calhava, até isso se tornar a banda sonora constante das minhas horas de vigília. Trechos e excertos das experiências dos outros a tocarem incessantemente na minha cabeça.

Certa noite, em finais de maio, dei por mim à porta da casa de Jess. Estava a corrigir uns relatórios experimentais de fim de curso muito importantes, mas, mesmo assim, mandou-me entrar.

Deitei a cabeça na mesa da cozinha, cravando-se migalhas da sande que ela tinha comido pouco antes na minha face direita.

– Jess, tens de me ajudar – disse eu, olhando com um ar desamparado para o lado da chávena de chá que ela tinha colocado à minha frente. – Não sei porque toda a gente me conta tudo, quer seja bom, mau ou indiferente, nem porque não consigo recusar, mas acho mesmo que estou a enlouquecer. O que tenho eu? Porquê a mim?

Três dias depois, ela sabia a resposta.

Capítulo 28

a resposta

– Acho que já percebi – disse Jessica, estendendo-se no seu sofá. – Finalmente. Sentei-me no chão, com as plantas dos pés a tocarem-se e os joelhos afastados.

– Sou toda ouvidos – retorqui.

– Na verdade – contrapôs Jessica –, és toda coração.

– Então! Pronto, talvez não seja sempre a pessoa mais bondosa à face da terra, mas esforço-me. Por isso, menos sarcasmo.

Jess deu uma passa no seu cigarro, expirou e afastou o fumo do cigarro da minha direção.

– Não, não, estou mesmo a falar a sério. És, literalmente, toda coração. No fundo, podemos falar em termos filosóficos, biológicos ou de física, mas o resultado final é o mesmo.

– Que raio estás para aí a dizer? – retorqui.

Jessica sorriu.

– Lembras-te de o Craig ter dito que publicitavas o sexo? Tinha razão. Lembras-te de eu ter dito que levavas os homens a interessar-se por mim? Tinha razão. E lembras-te do estado em que o pobre Ed ficou antes do seu encontro e de ter dito que achava que estava mais «avantajado»? Pois bem, não devia saber que também tiveste algo a ver com isso. Estás a ver a forma como todos te têm culpado das mudanças que têm ocorrido nas suas vidas? Também têm razão. No fundo, és o Cupido, Ceri.

Capítulo 29

cupido, estúpido

– Presta atenção, isto é complicado. Na química e na biologia, existe a lei da osmose. Não sei se te lembras de tê-la aprendido na escola, mas, no fundo, imaginemos que há duas substâncias separadas por uma membrana semipermeável, sabes, uma espécie de barreira com minúsculos orifícios. Se as moléculas das duas substâncias forem suficientemente pequenas e houver uma quantidade muito concentrada de substância de um lado e uma quantidade ligeiramente menos concentrada de substância do outro, o lado menos concentrado tenta passar para a zona mais concentrada, através dos orifícios da barreira. Percebes? Menos passa para mais.

Acenei com a cabeça, sem saber aonde ela queria chegar.

– Contigo, passa-se o mesmo, mas ao contrário, Ceri. Tens tanto amor, afeto e sexualidade dentro de ti que estes começaram a transbordar. Sob a forma de feromonas. Como ambas sabemos, graças ao trabalho que fizeste sobre percepção subliminar, há indícios que apontam para o facto de o amor e a atração sexual serem regidos pelas minúsculas hormonas designadas por feromonas. No teu caso e da abundância de amor e sexualidade que desconfio que existe dentro de ti, esta está a deixar a zona concentrada, que és tu, e a dispersar-se pelo mundo exterior, onde é menor. É osmose invertida. Mais passa para menos. Sabes, nunca aproveitaste realmente esse amor, sexualidade e afeto que tens dentro de ti e o teu corpo está a segregá-los como feromonas. Para irem para onde são precisos. Pensa bem, as pessoas acham que os sentimentos negativos, se forem interiorizados durante muito tempo, podem causar doença. Pois bem, no teu caso, trata-se de amor, um sentimento positivo. Já que o amor não causa doença, está a ir para fora, onde é preciso. Como nunca aproveitaste realmente todo esse amor, afeto e sexualidade, eles têm-se acumulado no teu corpo, que, por sua vez, precisa de os libertar. A única forma que conhece de aliviar essa pressão é fazendo-a sair pelos teus poros. Como sabes, a pele é uma barreira semipermeável.

Todos sabem que os períodos menstruais das mulheres se sincronizam quando vivem juntas durante algum tempo, o que se deve às feromonas. O que eu não sabia, até ler a tua tese de licenciatura sobre percepção subliminar, era que se descobriu que, quando as mulheres vivem durante muito tempo com homens, os seus períodos menstruais se tornam mais regulares, de novo em consequência das feromonas. Ora, a principal razão que me leva a crer que o que se passa contigo se resume essencialmente às feromonas é o Ed. Lembras-te do seu embaraço com o pénis? Aposto que estavas extremamente nervosa por sua causa, com muito medo de que ele não estivesse à altura daquele encontro. Devias estar a libertar tantas feromonas e vibrações contraditórias que o seu

corpo as captou e acabou naquele estado. Fisicamente, o seu corpo queria estar à altura e era a única forma que conhecia de o fazer. – Jess parou. – Estás a entender-me até agora?

– Sim, claro, porque não? – respondi num tom monocórdico.

Ela acendeu outro cigarro e insuflou-lhe vida lentamente.

– Muito bem, agora, relacionemos tudo isto com o que sabemos acerca do Cupido, em termos filosóficos. Os Romanos, que tinham Cupido como o seu deus do amor, precisavam de uma explicação para os comportamentos muitas vezes irracionais das pessoas quando se apaixonavam, para o facto de viverem o amor como um estado aparentemente inesperado e inebriado. Daí terem desenhado Cupido com um arco e uma flecha. Para transmitir a ideia de subitaneidade. O teu amor, afeto e sexualidade, libertados como feromonas, estão a atingir as pessoas como um raio em céu azul. Era isso que o Craig queria dizer ao afirmar que publicitavas subliminarmente o sexo. As tuas feromonas são como se fossem, subliminarmente, o teu arco e a tua flecha, incentivam as pessoas a praticar sexo.

Jess parou. Fumou em silêncio.

– Ficando-me pela filosofia, devo dizer que o teu comportamento se assemelha à personificação filosófica original do Cupido. A questão é que o Cupido, o Cupido original, era um destruidor de vidas. Pode muito bem ter sido o deus do amor, mas só é tido como inteiramente virtuoso desde a cristianização das religiões grega e romana. Os Cristãos não podiam deixar que o deus do amor continuasse a ser uma entidade travessa que levava as pessoas a fazer coisas que normalmente não fariam e alteraram as histórias e os mitos, para que as paixões pelas pessoas erradas não passassem de pequenos e adoráveis enganos. A personificação original do Cupido era, porém, bastante perturbadora. É essa a grande verdade da tua afirmação de que estás sempre a destruir a vida das pessoas...

– Não, não fui eu que disse isso, mas sim os outros – interrompi.

– Está bem – admitiu Jess –, são os outros que dizem que lhes destróis a vida, que, desde a tua chegada, tudo começou a correr mal ou, pelo menos, sofreu uma perturbação. Perturbadora, é isso que és. É mais forte do que tu. Apareces num sítio e as vidas transformam-se. Aonde quer que vás, as pessoas sentem o tal raio em céu azul, enfrentam a realidade, assumem os seus sentimentos, seguem o desejo do seu coração. Há que dizer que tens o dom de levar as pessoas a abrir o coração. Sempre foste assim. Vejamos o meu exemplo. Mantenho-me em contacto com os meus antigos alunos, mas és a única que mudou a minha vida e fez de mim uma amiga, que me influenciou. Que levou os homens a interessarem-se por mim. Penso que é por isso que tens muito poucas amizades duradouras. É como se, depois de teres perturbado a vida de uma pessoa durante tempo suficiente para ela fazer as modificações necessárias, seguisse em frente. Nem te apercebes de que o fazes. És como o Cão Vagabundo, mas com o coração e a cabeça das pessoas. Penso que só agora atingiu o ponto culminante por estares a

seguir o desejo do teu coração. Suponho que andas a libertar muitas hormonas de felicidade por aí. A mostrar a todos o que é possível, quando fazemos o que o nosso coração realmente quer que façamos. Mas seguir o desejo do coração não é fácil. Na verdade, é o diabo, a coisa mais perturbadora que podemos fazer à nossa vida. As pessoas estão sempre a ir ter contigo, a culpar-te, porque és o Cupido dos tempos modernos. E deixas o Efeito Cupido aonde quer que vás.

Deixei as palavras de Jess assentarem como poeira. Deixei-as entranharem-se no ambiente até o ar ficar saturado com os disparates que ela tinha acabado de dizer.

– És louca – disse eu. – Eu pensava que era maluca, mas tu precisas de ser internada.

Jess apenas sorriu e acendeu mais um cigarro.

– Querida, o teu historial, só por si, prova que és o Cupido. Pensa nos homens da tua vida; custou-me a acreditar em metade das coisas que me contaste na outra semana. E tenho a certeza de que foram ainda mais. Homens de quem não me falaste. Apesar de tudo isso, porém, sem uma única relação aceitável, sem nunca teres sequer sentido o amor verdadeiro, ainda acreditas no amor. Ainda és capaz de sentir amor. Deves ser o Cupido. É que só o Cupido aguentaria tantos disparates e continuaria a ser a pessoa terna e carinhosa que tu és. A maioria das pessoas desiste por menos, mas tu não. E ainda tens espaço na tua vida para os dilemas e problemas dos outros. Fora aquilo que acabo de te dizer, o mais incriminatório de tudo deve ser o teu nome.

Eu nada disse; esperei que ela explicasse.

– Ao abreviares o teu nome para Ceri, estás, na verdade, a abreviá-lo para um nome que deriva da palavra galesa que significa «amor». Não sei aonde os teus pais foram buscá-lo, mas o teu nome completo, Ceresis, deriva de uma expressão latina muito antiga e pouco clara que, traduzida à letra, quer dizer «Desejo do Coração». Na verdade, chamas-te Desejo do Coração. Será possível encontrar um Cupido mais moderno?

Voltei-lhe as costas para olhar para o exterior, para as árvores, o céu, o mundo. Para lá da janela, estava tudo normal, igual, bem. Ali dentro, estava tudo diferente, abalado e virado de pernas para o ar. Voltei-me de novo para Jess.

– Acreditas mesmo nisso? – perguntei.

– Sem dúvida – afirmou.

Acenei com a cabeça em resposta. Acenei com a cabeça, porque não conseguia falar.

Depois, desatei a chorar.

Capítulo 30

relutância

– Não quero ser o Cupido – disse entre soluços. – Quero apenas ser eu própria. A Ceres. Quando muito, a Ceresis. Não quero ser perturbadora, nem o «desejo do coração». Quero apenas ter uma vida normal.

Jess passou-me a mão pelas costas, abraçou-me e deixou-me soluçar, enquanto saíam da minha boca variantes do tema «Não quero ser o Cupido». Acabou por me deixar a chorar desalmadamente, ir à cozinha e voltar com canecas de chá na mão. Tinha-a ouvido a remexer nas gavetas da cozinha, procurando, provavelmente, chocolate ou algo que contivesse chocolate. Como se adiantasse de alguma coisa. A minha realidade tinha sido desfeita em pedaços e ela estava a dar-me chá e a procurar algo que contivesse 40% de cacau.

Jess deu-me uma caneca azul com um grande sol sorridente de lado. Chá. Chá a sério, bem forte e com muito leite. Quando eu bebia chá a sério, bebia-o tão forte que podia servir para alcatroar estradas. Creio que era um caso de verdadeira emergência. Ainda estava a tremer devido ao meu choro épico e Jess segurou a caneca um pouco mais, para que eu não a deixasse cair.

– É só uma teoria, amor – disse ela, libertando outro palito branco do seu maço. – Não é o evangelho. O que entendo eu de biologia, química, física e filosofia? – Levou lume ao cigarro e insuflou-lhe vida. – Pronto, entendo de filosofia, pois ensino a filosofia da psicologia, e um pouco de biologia e de feromonas, mas o que entendo do resto? Quero dizer, por favor, o que sei eu?

Era apenas a pessoa mais inteligente que eu conhecia. Era por isso que, para começar, tinha recorrido a ela.

– Mas acreditas nisso, não acreditas? – perguntei-lhe, contendo os soluços.

Jess deu duas longas passas no seu cigarro e expeliu o fumo com igual demora. Em seguida, suspirou ainda mais demoradamente.

– Já estou arrependida de ter aberto a boca – disse.

– Diz-me apenas a verdade. Nunca me mentiste, por isso, diz-me a verdade agora. Acreditas que sou uma espécie de Cupido dos tempos modernos, não acreditas? E que deixo... – como lhe chamaste? – o Efeito Cupido, aonde quer que vá. Acreditas nisso, não acreditas? – Já tinha feito desaparecer o som choroso e lamuriento da minha voz, o que era bom, pois até a mim já começava a irritar. – Não acreditas?

Jess fitou-me com relutância, perscrutando o meu rosto com os olhos, à procura de um pingo de lucidez ou de capacidade de lidar com as suas revelações. Suspirou novamente, sendo óbvio que não tinha encontrado tal sinal de lucidez. Não era de admirar, visto que

me sentia tão à beira do precipício que era capaz de perder o controlo e cair no fundo do fosso da loucura.

– Acredito, querida.

Afundei-me no meu lugar e bebi um gole de chá. Jess tinha posto açúcar no chá. Era bom para o choque, imagino. Apeteceu-me chorar de novo. Isto não podia estar a acontecer. E, se pudesse, porque tinha de estar a acontecer-me a mim?

– Não quero ser o Cupido – repeti.

– Não é assim tão mau, pois não? – disse Jess, estendendo-se no sofá. – Ser responsável por as pessoas encontrarem o desejo do seu coração, se apaixonarem e fazerem sexo. É agradável. É bom. A maioria das pessoas deixa este mundo sem nunca ter prestado um único serviço de utilidade pública; tu podes prestá-los aos montes.

Era verdade. Mas...

– E eu? – Bati no peito. – Também quero o desejo do meu coração, amor e... e sexo! E eu? Quando poderei ter tudo isso?

Parecia egoísta. Talvez, possivelmente, por estar a sentir-me muito egoísta. A caridade bem entendida começa por nós mesmos, assim como as esperanças de amor e afeto. Jess fez uma ligeira careta, como quem dizia: «Que falta de sorte». Não foi uma careta completa, nem mesmo um quarto, mas apenas um bocadinho, uma ponta de um sorriso soturno, olhos ligeiramente tristes.

Quando poderia ter tudo aquilo? Pelos vistos, nunca.

– E, afinal, porque tenho de ser o Cupido? Porque não posso ser Vénus ou Afrodite?

Jess olhou com um ar culpado para o seu chá, fumando como se a sua vida dependesse disso.

– A sério, quero saber.

– Porque... – principiou Jess – porque... as pessoas se apaixonavam por Vénus e a veneravam...

– Mas ninguém prestava atenção ao idiotazinho gordo e alado. Limitava-se a causar perturbações e a passar despercebido.

– Poooooooooderíamos dizer que sim.

Senti o meu lábio inferior voltar à carga.

– Vê as coisas por este prisma: pelo menos, nunca te faltará um ou outro convite de casamento.

– Isto quer dizer que vou passar o resto dos meus dias a perturbar a vida alheia, sem ter amor condigno?

– Para ser sincera, não sei, Ceri. Não possuo todas as respostas. Passei muito tempo a navegar na Internet e a ler livros para chegar às conclusões que acabei de te apresentar. O Cupido original descobriu o amor, mas amou-a à distância e acabou por perdê-la. O teu caso pode ser diferente. Como já disse, não sei. É, porém, assim há, pelo menos, dez anos e tenho a impressão de que assim será durante muito tempo. Penso que te meteste

numa situação de profecia que se cumpre por si, querida; por mais que te esforces, fá-lo na mesma.

– Não é por querer.

– Eu sei, aí é que está a ironia. Não queres, mas não consegues evitar. É a tua natureza. Afinal, não te tratavam por Tia Ceri quando andavas na faculdade? Parece que me lembro de estares sempre rodeada de pessoas com problemas. Podes entrar em qualquer sala, seja onde for, que, passados cinco minutos, estás a falar com a pessoa que, das que estão presentes, tem o maior problema ou está perante o maior dilema. Não é intencional – limita-te a fazê-lo. Há algo em ti que atrai esse tipo de sinceridade. Que incentiva as pessoas a seguir o coração, aconteça o que acontecer. É quem tu és, é isso que é ser o Cupido dos tempos modernos.

– Pois, pois, estou a perceber a ideia.

– Ouve, alguém tem de o fazer. De certeza que existe alguém como tu há séculos. Olha, podes ser como a Buffy, sabes: a cada nova geração, nasce um Cupido. Será o elemento perturbador.

Lancei um olhar furioso a Jess.

– Sim, ah, ah, vamos todos fazer troça da esquisita da Ceri, que vai ficar sozinha para o resto da vida. Ah, ah. Dá-me licença que segure bem o coco para não o partir a rir com a graça que isto tem.

A sua cabeça pendeu.

– Pronto, o que eu queria dizer era que alguém tem de o fazer. O único conselho que te dou é que te deixes levar.

– Pois, é claro que achas que devo «deixar-me levar». Para si, está tudo bem, Sra. Casada com Filhos Lindos. Sou eu que não vou ter, enfim, a mesma oportunidade. Sou eu que vou enfrentar os próximos quarenta ou cinquenta anos de vida sozinha. É claro que vais ficar aí sentada e sugerir-me que «me deixe levar». – Pousei a caneca de chá no chão, junto à poltrona. Tinha de sair dali, antes que começasse a atacar Jess por só me dizer o que eu não queria ouvir. Levantei-me, agarrei na mala e no casaco.

– Preciso de ir dar uma volta, de refletir um pouco.

– Tudo bem, amor.

Virei-me de repente, com todo o meu corpo a arder de raiva.

– Não... me chames... isso.

Capítulo 31

amaldiçoada

Então, é isto, não é?

É este o meu talento. O meu objetivo na vida. Estou aqui para levar os outros a apaixonarem-se, a praticarem sexo, a encontrarem o desejo do seu coração. Mas eu, não. Não tenho direito a nada disso.

Sentei-me no Burley Park, num banco no meio do parque. O caminho de cimento cinzento serpenteava à minha volta. O manto de relva verde-esmeralda subia e descia em pequenas colinas e montículos de estranhas formas.

Estava curvada, com os ombros tensos e as mãos bem enfiadas nos bolsos do casaco de camurça. Mais uns minutos e o casaco ficaria irremediavelmente estragado. Não estava a choviscar, mas sim a chover torrencialmente. O principal motivo da minha postura curvada. Como se servisse de proteção contra o clima. Era, porém, apenas um reflexo físico; o resto de mim não se importava que eu me afogasse à chuva.

Estava ali sentada há quase uma eternidade, desde que tinha saído de casa de Jess. A água escorria-me pelo rosto, pelo pescoço e por dentro da roupa, enquanto me frisava o cabelo.

É esta a minha vida, não é? O meu talento, o meu dom, a minha demanda do cálice sagrado. A minha enorme maldição, palpitante e cheia de pus.

Não era nada justo. Sabia que já o tinha dito a Jess, mas, agora, gritava-me na cabeça: E EU?! Quando teria aquele amor, sexo e estabilidade?

Não era que a minha vida estivesse unicamente direcionada para encontrar um homem. Não estava. Uma parte de mim esperava amor. Não um homem, mas sim amor, companheirismo, alguém que me envolvesse como um edredão com forma humana, à noite. Alguém com quem repartir em partes iguais. Amor no sentido mais puro.

Não estava a pedir para ganhar alguns triliões de libras na lotaria, pois não? Nem para pisar o fundo do Oceano Pacífico. Nem mesmo para ganhar uma medalha de ouro. Queria apenas amor. Tinha esperado pacientemente por isso durante anos. O que recebi, a recompensa que obtive, foi a vida dos outros.

Era o Cupido dos tempos modernos.

Evidentemente, Jess tinha razão. Era por isso que era tão horrível. Assim que ela o disse, os meus olhos abriram-se, as cortinas de arame farpado no meu cérebro foram levantadas.

De repente, o mundo deixou de ser como aquelas fotografias antigas que eu tinha visto do mesmo: a preto e branco, monocromático. Ao compreender todas as palavras de Jess, deixei de ver o mundo a três dimensões. Tudo se tornou cor. O mundo passou a ter mais

substância, a ser multidimensional. Já não via apenas as coisas; vivenciava-as através de todos os meus sentidos. Tudo tinha a sua própria frequência, na qual reverberava, e, agora que eu conhecia a minha *raison d'être*, estava em sintonia com estas mesmas frequências. Com todas as frequências. A vida tornou-se mais do que uma experiência tridimensional; tornou-se uma experiência multidimensional. Era muito difícil de explicar, quando o único meio de o fazer era através das palavras e estas e o seu significado estavam fortemente enraizados na realidade das três dimensões.

Estava ligada ao mundo, de verdade. E não me agradava. Nem um bocadinho. Um pouco de conhecimento é algo perigoso. Quem inventou o termo não se enganava. Agora que sabia isto, não podia deixar de o saber. Não podia negá-lo.

Agora, estava muito pouco confusa. Foi assim que me senti da primeira vez que coloquei os meus malditos óculos. Virei-me para a oculista e disse, bem alto: «Meu Deus, não acredito na falta de vista que tinha». Causaram-me dor de cabeça durante um longo período, depois de ter começado a usá-los, pois imagino que o meu cérebro estava a ver mais do que via desde há algum tempo; estava a entrar demasiada informação na minha cabeça. Via com demasiada clareza. E, agora, também podia viver com demasiada clareza. Tinha-se acabado a confusão. Tinham-se acabado os véus e a falta de nitidez. Tinha-se acabado o andar à deriva, indo para onde quer que a vida me levasse. Era por isso que sentia as emoções dos outros. Começava a chorar sem motivo; tinha enjoos matinais quando nunca tinha estado grávida; sentia a confusão, a mágoa, o ódio, a humilhação, a alegria, o amor, o desejo, o êxtase dos outros. Porque era a minha maldição. Era o Cupido dos tempos modernos.

Sempre me tinha sentido um pouco diferente dos outros. Não era o sentimento de que era uma pessoa singular, atormentada, incompreendida; não era que ninguém me compreendesse, eu é que compreendia os outros. Sabia bem como poderiam encontrar aquilo por que o seu coração ansiava, recuperar a relação, dizer o que pensavam, seguir o seu sonho, arranjar vida própria, etc., etc., etc., embora não tivesse relativamente experiência nenhuma na maior parte dos campos. Podia falar e aconselhá-los como se já tivesse passado pelo mesmo, várias vezes.

Lembro-me de quando tudo começou. A primeira ocasião em que dei o devido uso à minha incapacidade de estar calada e à minha necessidade de interferir e de ajudar.

Tinha ido passar umas férias de caminhada na Região dos Lagos, com duas amigas. Provas globais terminadas, pré-resultados divulgados, aniversário a aproximar-se. Tinha dezasseis anos e nós três tínhamos as nossas razões para irmos: a minha era afastar-me dos meus pais; a de Kathleen era fazer o que lhe apetecia; a de Marian era caminhar.

Passávamos quase todos os serões e horas de almoço no albergue central e eu não bebia, só comia. Tinham-me arrastado para uma caminhada algumas vezes e isso tinha-me triplicado o apetite. Mas, onde quer que estivéssemos, a caminhar, a comer, sentadas, parecia estar também por perto um casal desesperadamente infeliz. Digo

desesperadamente infeliz, mas era a mulher que estava desolada, por estar sob ataque constante por parte do marido. Chamava-lhe constantemente estúpida, feia, gorda, ridícula, etc., etc., com uma voz que se repercutia pelo albergue ou ressoava pelas colinas. Parecia que nunca parava de lhe criticar a roupa, as capacidades para andar a pé, a forma como comia e, a dada altura, a forma como respirava.

Todos se concentravam na comida quando ele começava a atacá-la gratuitamente, no albergue central. Todos ouviam as suas ofensas, sentindo-se constrangidos por ela e por si próprios, mas sem que ninguém quisesse interferir. Eu não ficava constrangida, nunca sentia constrangimento, mas apenas raiva. Uma profunda raiva e vergonha. Cada palavra, cada insulto trespassavam-me como se me fossem dirigidos. Como se me fossem destinados. A minha raiva, indignação e humilhação foram aumentando, dia após dia, até ao quarto dia.

Nessa altura, já me tinha esquecido de que a raiva que sentia era irracional, tendo em conta que nunca tinha tido um namorado na vida nem sofrido aquele tipo de ofensas constantes, e, tanto quanto eu sabia, ele podia ter razão. Talvez olhasse para ela e se sentisse efetivamente maldisposto por causa do corpo dela. Ou do rosto. Ou da forma como respirava.

Nesse dia, senti o que ela sentia. Não por ela, mas através dela. Era como se projetasse as suas emoções para o meu cérebro e para o meu coração e eu sentisse a sua mágoa, a sua humilhação. Ela também amava aquele homem, era visível, tinha uma ligação com ele. Tudo isto me era diretamente transmitido. Tinha cada vez mais dificuldade em pôr comida na boca, devido ao que ele estava a dizer e ao efeito que isso estava a ter em mim. O sofrimento, a fúria, a resignação.

– Olha bem para ti. Como hei de sequer querer tocar-te, se ficas aí, com essa cara, toda essa banha a derreter para a cadeira e a maneira como comes, como bebes. Tens...
– a sua voz entrecortada atravessou a sala, ricocheteando no silêncio constrangido.

Antes de me dar conta do que estava a acontecer, pus-me de pé, o que deixou as minhas amigas com uma cara de horror. Marian ia para me agarrar, mas era tarde de mais. Já me tinha virado para o casal.

– Quem diabo julga que é? – gritei-lhe.

Os dois pararam e fitaram-me com absoluto espanto.

– Fiz-lhe uma pergunta – gritei. – Quem julga que é para falar assim com quem quer que seja, quanto mais com a sua mulher?

Como rufia que era, em vez de dizer fosse o que fosse a alguém que o enfrentava, limitou-se a ficar sentado, a olhar para mim.

– Quero dizer, temos de estar aqui, noite após noite, a ouvi-lo ofender uma pessoa constantemente. E porquê? Por ter matado alguém? Por ter mutilado alguém? Não, por causa da sua compleição física. Da maneira como come. Da expressão do seu rosto. Como se atreve? Como se atreve? Quero dizer, sabe criticar, mas será que aguenta ser criticado?

Fitou-me. Não havia o menor indício de que pretendesse calar-me com um soco na cara.

– Fiz-lhe uma pergunta. Sabe criticar, mas será que aguenta ser criticado? Então?

Por milagre, apenas me abanou a cabeça.

– Pois, bem me parecia que não. Pois deixe-me que lhe diga uma coisa. Sr. Barulhento e Mal-educado: também não é nenhum Mel Gibson. Na verdade, faz com que o David Hasselhoff pareça bastante atraente. E, embora a sua aparência não seja grande coisa, não tem sequer uma boa personalidade para compensar esse facto. Por isso, faça-nos um favor a nós e ao mundo e CALE-SE!

Virei-me para a mulher.

– E você, será que não tem um pingão de amor-próprio? Quero dizer, entendo que tolere isto em sua casa, pois, pelo menos, pode ignorá-lo, deitar-lhe veneno para os ratos na comida ou entornar-lhe uma ou outra chávena de chá no colo, mas em público? Como é capaz de ficar aí sentada e deixá-lo maltratá-la à frente de toda a gente? Eu sei, eu sei, ama-o, mas há outra pessoa que devia amar, pessoa essa que é você, e... e o facto de conseguir ficar aí sentada e deixá-lo maltratá-la noite após noite significa que precisa... precisa... Não sei, precisa de pensar na importância que tem para si mesma.

O silêncio que se seguiu à minha explosão assustou-me. Era um silêncio absoluto. Todas as pessoas presentes na sala deviam estar a sustentar a respiração, pois nem esse som se ouvia.

Depois, de repente, a sala rebentou em aplausos. Todos à minha volta estavam a bater palmas e a felicitar-me por ter feito o que mais ninguém tivera coragem para fazer. Refiz-me do ímpeto que me tinha levado a agir, tonta, com as pernas pouco firmes. E morta de vergonha. Quem julgava eu que era? Era pior do que ele; pelo menos, ele conhecia a pessoa que estava a insultar; eu nunca os tinha visto.

Dei meia-volta e saí dali, com a vergonha a queimar-me os ouvidos e o rosto. Ironicamente, fui dar um longo passeio pelo lago, não muito longe da pousada.

Estive a tremer durante quase todo o passeio; ainda não percebia o que tinha feito e porquê. Sentei-me à beira do lago, a olhar para ele.

– Olá – disse uma voz, passado algum tempo.

Virei-me para trás. Era a mulher. Ao perto, parecia mais velha, com o cabelo louro raiado de branco, o rosto enrugado e os olhos inchados e vermelhos, talvez por ter estado a chorar. Fitou-me e eu fitei-a a ela. Sentou-se e ficámos em silêncio durante algum tempo.

– Ele nem sempre foi assim – acabou por dizer. A tristeza e a frustração pareciam um manto a envolvê-la. Um manto que me abarcava.

– Ora, nesse caso, está tudo bem – proferi bruscamente. – Nem sempre foi assim e isso dá-lhe uma boa desculpa para ter, agora, tal comportamento. – Não estava mesmo em mim.

– Não é nada disso – retorquiu.

Olhei-a com atenção. Encolhi os ombros.

– Afinal, o que lhe interessa o que eu penso? Sou apenas uma miúda de dezasseis anos. O que sei eu da vida, não é?

– Eu... – principiou. – Defendeste-me e sinto que te devo uma explicação.

– Também a insultei ou será que, muito comodamente, se esqueceu disso? Porque não fiquei calada? Já me aconteceu ficar dias sem falar e, agora, tive uma mistura de diarreia verbal e Síndrome de Tourette ofensiva.

– Sim, mas estavas a tentar ajudar-me.

– Um erro não justifica outro. Nem faz com que fique tudo bem.

Isto pareceu ultrapassar a sua compreensão.

– Foi como se estivesse a ler os meus pensamentos, ali, no albergue. Como se tudo o que eu estava a pensar estivesse a sair da tua boca. Até aquilo do David Hasselhoff.

Eu sabia que não estava em mim. Naquela altura, até gostava de David Hasselhoff em O Justiceiro, embora jamais o confessasse a quem quer que fosse.

– Mas vai ficar com ele e continuar a deixar que a trate assim, não vai?

O seu rosto contraiu-se de dor.

Suspirei.

– Acabei de dizer isto em voz alta, não foi? – perguntei.

Ela acenou com a cabeça.

– Desculpe – balbuciei e, depois, olhei para o outro lado do lago. Ali, tudo parecia ser verde. Verde e húmido. Pairava uma névoa sobre o lago e emanava humidade do ar. Sentíamos a humidade do ambiente quando inspirávamos e expirávamos. Só que eu não a sentia, pois as emoções dela estavam a sufocar-me, a dificultar-me até a respiração. Não queria ficar muito mais tempo perto dela, mas não podia levantar-me e ir-me embora. Tinha sido eu a provocar a situação.

– Há quanto tempo são casados? – perguntei.

– Há quinze anos – respondeu ela, com uma voz muito débil. Ela tinha casado com ele quando eu tinha um ano de vida. Ainda mal andava quando ela lhe deu o «sim».

Estava com uma expressão tensa no rosto, contraindo cada músculo facial enquanto tentava controlar-se. Depois, foi-se abaixo, rendendo-se às lágrimas.

Vê bem o que fizeste.

– Lamento imenso – disse eu. – Não queria aborrecê-la.

– Não é por tua causa – retorquiu por entre as lágrimas. Limpou os olhos com a manga; ter-lhe-ia oferecido um lenço de papel, mas cheguei à conclusão de que não devia querer o lenço ressequido que andava no bolso do meu casaco desde o inverno passado. – Nós só... Quando eu pensava em casamento, não era para ser assim. Ninguém pensa que acabará assim. E não sei como fugir. Simplesmente não sei.

Coloquei o braço à volta do seu ombro. Era o que se esperava. Afinal, quem a tinha levado às lágrimas? Moi. Encostou-se a mim e começou a soluçar a sério. Eu pensava já ter visto chorar, mas não tinha. Lamentou-se, falou e explicou o seu problema. Sempre a

falar como se esperasse que eu detivesse algumas respostas. Não detinha respostas nenhuma; por amor de Deus, tinha apenas dezasseis anos. Nunca tinha beijado um rapaz, quanto mais saído com um, casado e descoberto como havia de deixá-lo, caso começasse a destruir-me a alma.

Ficámos muito tempo sentadas na margem do lago. Depois, ela levantou-se, limpou os olhos, assoou o nariz e partiu em direção à neblina que se tinha instalado no caminho que ia dar ao albergue. Fiquei à espera, contando os segundos, esperando até ela se afastar o suficiente para eu me levantar e voltar para o albergue. Aquilo ali era sinistro e eu já tinha visto um ou outro filme de terror na minha vida. Na verdade, quando voltei para o dormitório onde estávamos hospedadas em passo acelerado, já me tinha convencido de que vivia um monstro no fundo do lago e Jason, do filme Sexta-feira, 13 ou Halloween – O Regresso do Mal ou fosse o que fosse, estava escondido nos arbustos, com a sua faca de trincar e a sua máscara de hóquei.

Nunca mais a vi. À mulher. Nunca soube o seu nome, mas apenas o que a afligia. Embora me lembrasse dela constantemente, embora esperasse que tudo tivesse acabado bem e que ela tivesse descoberto como fazer uma mala e partir para sempre, nunca cheguei a saber o que aconteceu.

A partir de então, a situação manteve-se. Desde aquelas férias, a minha vida nunca mais foi simples ou independente da vida íntima dos outros.

Fechei a porta com um pouco de força a mais ao entrar em casa, a pingar e a patinhar. A raiva do estrondo levou Jake a aparecer à porta da sala de estar.

Os seus olhos duplicaram de tamanho quando me viu.

– Cezza! Olha bem para o teu estado! Estás bem? – Foi ter comigo, obviamente disposto a dar-me algum consolo.

– Estou ótima – proferi com brusquidão. – Absolutamente ótima, muito obrigada.

Não me tinha esquecido do seu papel no problema com que agora deparava. Não queria ajuda, afeto ou um abraço da sua parte. Sobretudo quando sabia que estava muito zangado comigo por causa de Ed. Deixei um rasto de humidade até ao meu quarto.

Chorei ao despir a minha roupa encharcada. Não tanto como em casa de Jess. Foi mais um choro constante. Estava, sem dúvida, a compensar o facto de raramente chorar. Tremi e chorei durante todo o processo de me despir, tomar um duche e vestir o pijama.

Era como se acabasse de ser abandonada pelo meu primeiro amor, o meu grande amor e amor de sonho ao mesmo tempo. Só que era ainda pior. Mais doloroso. Não se tratava apenas da perda do amor, do grand amour, mas sim da perda da ideia do amor. Tratava-se de aceitar que jamais me aconteceria, que deixaria este tumulto de morte sem nunca saber como era estar apaixonada. Sem saber que podia ser eu própria, desagradável, simpática, maníaca, depressiva, esperançosa, doida varrida ao ponto de precisar de ser internada com alguém e, ainda assim, ver que era amada. Ver que, no dia seguinte, essa

pessoa continuava ao meu lado.

Chegar ao fim da vida e descobrir que nunca tinha acontecido era uma coisa; saber, nesta altura do campeonato, que jamais aconteceria só me dava vontade de levar a bola para casa e nunca mais jogar.

De que adiantava? Jamais ganharia, pois aquilo do Cupido emanava da minha pele... para os outros.

Lembro-me de uma vez ter lido uma citação que era mais ou menos assim: «Um pobre infeliz está em melhor situação do que um rico infeliz, pois o pobre tem esperança. Pensa que o dinheiro serviria de alguma coisa». Era mais ou menos o meu caso. Pensava que o amor serviria de alguma coisa.

Ao fim de dois dias na cama, a sentir tanta pena de mim própria que já nem aguentava pôr as cassetes de Angel, tão grande era a dor de saber que ele nunca me amaria, percebi uma coisa. Bastava quebrar a maldição. Se não fosse tão dedicada, tão carinhosa e não estivesse sempre disponível para toda a gente, como poderia ser o Cupido?

Bastava não ser o Cupido.

Era tão simples que chegava a ser assustador.

Bastava, na verdade, ser fria. Ser uma vaca. Começar a segregar hormonas negativas como as outras pessoas.

Seria assim tão difícil?

Capítulo 32

sem contacto

Claudine bateu à porta do meu gabinete logo no dia a seguir. Sabia que era ela, pois, pouco antes, tinha-me ligado para o telemóvel e deixado uma mensagem em que me perguntava se eu ia à faculdade. Não lhe tinha retribuído o telefonema. Quando bateu à porta e rodou a maçaneta, fiquei paralisada. Mantive-me bem quieta e sustive a respiração, não fosse ela encostar o ouvido à porta, procurando escutar sinais de vida.

A porta estava trancada. Eu tinha estado a navegar na Internet no meu tempo livre e usando o dinheiro da faculdade, antes de me preparar para a aula e para os seminários do dia seguinte. Tinha tempo para falar com Claudine, mas faltava-me vontade.

Agora, o meu tempo a mim pertencia. De nada serviria começar mal, falando com Claudine. Embora quisesse contar a outra pessoa toda aquela história do Efeito Cupido, não queria ficar numa situação em que pudesse ter de ouvir mais traumas seus. Era parte do problema, não era? Se era eu que sentia, era eu que decidia.

Bateu de novo, para o caso de eu ter adormecido e não a ter ouvido da primeira vez. Era pouco natural não me levantar com um salto e ir a correr para a porta para abri-la, não estar disposta a ouvir e a dar conselhos, mas havia de me habituar. Teria de me habituar. Estava a fazê-lo para bem da minha saúde e da minha vida amorosa. Era também para o bem deles. Não estaria sempre por perto, pois não? Podia voltar para Londres em fevereiro, quando o meu contrato terminasse – a quem iriam, então, lamentar-se? Quem culpariam pelas embrulhadas em que se metiam? Tinham de ser independentes. Tinham de aceitar que aquilo que os afligia era obra sua. Eu não lhes pedia que fossem para a cama com os amigos, que odiassem os alunos ou que desistissem da faculdade.

Sim, Ceri, se o disseses mais algumas vezes, passarás a acreditar nisso.

Claudine foi-se embora e eu ignorei o impulso de me levantar com um salto e ir a correr atrás dela, para ver se estava bem. Voltei-me para o monitor do meu computador e continuei a ler argumentos de filmes.

– Olá, Ceri – gritou Claudine do fundo do corredor, nessa mesma semana, quando eu estava a sair do gabinete.

Continuava a trancar a porta sempre que estava sozinha no gabinete e não ia à sala de convívio, nem à biblioteca. Pelo menos, à biblioteca da faculdade. Escondia-me em vários bares perto da faculdade. Por vezes, ia à biblioteca principal da universidade, tendo cuidado para não me encontrar com Jake ou Ed. Se fosse a um bar em Horsforth,

certificava-me de que não era o mesmo aonde tinha ido no dia anterior – queria assegurar-me de que, se, algum dia, alguém me visse algures, não pudesse encontrar-me lá «por acaso» no dia seguinte.

Era como andar fugida; sentia-me como o David Banner dos tempos modernos, no final de cada episódio de O Incrível Hulk, pondo a mala ao ombro e partindo para outra cidade, onde ninguém tinha ouvido falar de Hulk. Sentia-me também como O Fugitivo original, com um olho na polícia atrás de si e outro à sua frente, procurando o maneta que lhe tinha matado a mulher. Nunca parava no mesmo sítio, sempre consciente de que podia ser vista por alguém que me conhecesse e quisesse falar comigo.

Em casa, para evitar Jake e Ed, escondia-me no quarto até terem ido dormir e só então preparava o jantar. Telefonava à minha família para que não me telefonassem e, se um dos rapazes me batesse à porta, fingia que estava a dormir ou nua.

Era uma experiência solitária. Passava muito tempo a divagar, com o nariz enfiado num livro ou ansiosa por fazer algo que envolvesse outras pessoas, mas haveria de ultrapassar isso. Tinha de ser. Suponho que era um prolongamento da estratégia de ausência de contacto visual. Era ausência de contacto com a alma.

Não sabia, porém, o quanto vivia para o contacto humano. Ele alimentava-me. Não era a parte do «por favor, resolva a minha vida» que parecia atormentar a minha existência. A minha nova vida em nada contribuía para evitar a solidão pela qual me sentia perseguida. Como era evidente. Apenas a acentuava. O que era irónico era que eu estava a evitar o contacto visual no sentido da vida; estava sozinha agora para não ficar sozinha para sempre. Os fins desejados teriam simplesmente de justificar os meios.

– Tenho-te visto pouco por aqui – continuou Claudine, embora eu estivesse claramente, claramente, a preparar-me para arrancar metade do meu corpo à dentada para fugir dela. – Telefonei-te imensas vezes. Mande-te também mensagens de correio eletrónico.

Apoiei-me no outro pé.

– Eu sei – disse, reprimindo o impulso de lhe explicar e/ou pedir desculpa por não ser a sua psicoterapeuta pessoal e não remunerada, enquanto lhe perguntava rapidamente qual era o seu problema. E, se precisasse de algo que me reavivasse a memória, ela, como a maioria das pessoas, estar-se-ia nas tintas para o que me afligia.

– Estás bem? – interrogou.

– Sim, estou ótima – respondi.

Ela olhou-me e eu olhei-a a ela. O silêncio abateu-se sobre nós como uma suave queda de neve. Claudine estava a perguntar-se como se tinha a desbocada da Ceri transformado numa mulher dissilábica; eu estava a perguntar-me como iria conseguir continuar assim.

– Tens andado a evitar-me? – inquiriu.

– Claro que não. – Tenho andado a evitar toda a gente. Quanto a isso, não tens nada

de especial. Não é nada pessoal.

O cabelo rente de Claudine tinha crescido. Parecia mais velha, mais alta. Isto porque estava mais magra. Não devia andar a alimentar-se bem, por causa da ménage à trois em que estava envolvida. Uma ou duas palavras verdadeiras da minha parte podiam pôr fim àquilo. Eu podia dizer o que ela precisava de ouvir. Não me competia fazê-lo, não agora – nunca me tinha competido. Senti, porém, pena dela. Estava solidária com ela. Queria pô-la a salvo. Queria que se alimentasse bem, dormisse bem, vivesse bem e, se podia ajudá-la nisso, então... Mas e se ela voltasse a estar na mesma situação e eu não estivesse por perto? Ficaria completamente destroçada, não ficaria?

– Claudine, não posso falar agora, tenho de me ir embora – obriguei-me a mim mesma a dizer. – Adeus.

– É por eu ter esmurrado o Mel? – disse, atravessando-se no meu caminho.

– Como?

– Estás chateada comigo por ter esmurrado o Mel?

– Claro que não – respondi.

Não pareceu ficar convencida.

– Claudine, podes esmurrar quem bem entenderes. Menos a mim. Se me esmurrares, aplico-te uns golpes de kung fu. Mas não me interessa quem esmurras.

– Senti falta das nossas conversas. Tens a certeza de que não fiz nada que te aborrecesse?

Acenei com a cabeça.

– Tenho andado muitíssimo ocupada. Tenho imensa investigação para fazer.

– Se tens a certeza...

Acenei com a cabeça.

– Até à vista, adeus. – A culpa martelou-me na cabeça ao afastar-me.

De Mel, ouvi:

– É por eu ter dito que eras vagamente atraente?

– Não, ando ocupada.

De Ed:

– É por a Robyn poder vir viver cá para casa?

– Não, ando ocupada.

De Jake:

– É por te ter atacado por causa do Ed?

– Não, ando ocupada.

De Gwen:

– Oh, Ceri, ainda bem que te apanhei. Desta vez, a turma demoníaca foi longe de mais e eu vou...

– Precisas é de falar com um exorcista, minha amiga. – É claro que não disse isto. Lembrei-me apenas de que tinha de retribuir um telefonema aos meus pais, disse-lhe que não me demorava nada e fui para casa.

Isto fez-me, porém, parar para pensar que todos – tirando Gwen – achavam que me tinham ofendido com os seus pequenos atos. Suponho que, se estivesse no lugar deles, daria voltas à cabeça para tentar encontrar uma explicação para o facto de uma pessoa que estava sempre disponível se ter, de repente, fechado em copas. Contudo, já tinha começado e iria até ao fim. Era muito mais difícil do que esperava. Tão difícil como respirar sem dois pulmões que funcionem e pensar sem ter cérebro. Muito pouco natural.

Capítulo 33

deslize

– Olá. Chamas-te Ceri, não é?

Mantive a cabeça baixa ao acenar com a mesma. Não queria falar com aquela pessoa. De todas as pessoas que existiam à face da terra, era com ele que menos queria falar. Tinha-o visto do outro lado do bar no centro da cidade de Leeds onde eu estava a corrigir trabalhos e não tinha arrumado as minhas coisas suficientemente depressa para desatar a fugir.

Era para aprender a não espalhar tudo em cima da mesa. Havia que tirar para fora apenas o necessário e as restantes coisas deviam ficar juntas, prontas para eu as recolher, de modo a poder fugir a sete pés no mesmo instante. (Grande pessoa do género do Fugitivo/Incrível Hulk que eu era. Nem conseguia sair de um bar em menos de trinta segundos. Imagine-se que tinha mesmo a polícia e um jornalista no meu encalço. Estava tramada.)

– Importas-te que te faça companhia? – perguntou ele, sentando-se na mesma.

Ele, quem? Aquele cujo nome não devia ser pronunciado em nossa casa. Aquele que dormia com os peixes (e, tanto quanto eu sabia, com todas as outras formas de vida aquática). Aquele que tinha sido batizado com o nome de Terry à nascença, mas rebatizado com o nome de Idiota por mim. Ele, o homem de Jake. Ou não, como era o caso. Tinha visto fotografias suas. Até lhe tinha sido apresentada uma vez, há muito tempo, numa festa a que eu, Jake e Ed fomos. Agora, estava sentado à minha frente, enquanto eu dizia:

– Neste momento, estou um pouco ocupada. – Embora a minha ausência de contacto com a alma já durasse há uma semana e pouco, ainda não dominava a arte de ser francamente indelicada, mas não olhei para ele ao dizer-lhe que não estava disponível para conversar.

– Claro – retorquiu ele e ficou ali sentado na mesma. – És a colega de apartamento do Jake, não és?

– Vivemos numa moradia – repliquei. Talvez pudesse infundir um pouco mais de frieza na voz, mas não muita.

O Idiota riu.

– O Jake fala muito de ti. De ti e do Ed, como se fossem a sua família. Acho que é por ser filho único. Tu e o Ed são como se fossem seus irmãos.

– A sério? – disse eu. Sim, podia forçar mais frieza na voz e lá estava ela: pingentes de gelo pendiam daquelas duas únicas palavras.

O Idiota inclinou-se para a frente, sobre a mesa, tapando os meus papéis com o

cotovelo. O mundo girava, claramente, à sua volta. Recostei-me, concentrada nos seus cotovelos descobertos. Não conseguia olhá-lo na cara sem carregar o sobrolho.

– Ainda bem que nos encontrámos – declarou.

– Não, nós não nos encontrámos. Tu é que vieste ter comigo e incomodar-me – afirmei. – Estou em plena correção de trabalhos.

– Está bem, nesse caso, ainda bem que te vi. Estou muito preocupado com o Jake.

Então, olhei para ele. Oh, não! Jake. O meu coração disparou e a minha respiração tornou-se entrecortada. Andava a afastá-lo a ele e a toda a gente. Teria acontecido algo horrível enquanto o fazia?

– Porquê, o que aconteceu?

– Liguei-lhe no outro dia e parecia estar muito em baixo. Perguntei-lhe se estava bem e ele disse que estava na faculdade e que me telefonava depois. Não telefonou. Nem parece dele. Telefona-me sempre quando diz que o fará.

– E tu, telefonas-lhe sempre quando dizes que o farás? – perguntei.

Ele franziu o sobrolho e pensou um pouco.

– Não.

Ora aí tens, disse a minha cara. Olhei novamente para os trabalhos que estava a corrigir e ergui a caneta.

– Não – colocou a mão entre a minha caneta e o papel –, mas sou uma pessoa ocupada e, depois, esqueço-me. Não o faço de propósito. Sou apenas uma pessoa ocupada.

– E o Jake não é? – perguntei.

– Mas o Jake sempre esteve presente. Para não me telefonar, algo deve ter acontecido. Estou mesmo preocupado.

Bati com a caneta e olhei novamente para ele.

– Sabes, Terry, eu tento não julgar as pessoas. Principalmente, por causa da máxima «quem nunca pecou que atire a primeira pedra» e também por detestar que me julguem, mas, MAS, acho mesmo que és o tipo de pessoa mais odioso. És um pedantezinho arrogante e egoísta e nem consigo pensar que és uma boa pessoa que faz maldades, porque não és, pois não? – Parei. – Tratas o Jake como lixo e, depois, admiras-te que te exclua da sua vida. Aliás, tens a audácia de ficar magoado.

– Não percebes nada do assunto – retorquiu.

– Pois não, não percebo. Então, porque vieste sentar-te aqui? Porquê? Porque queres que faça o trabalho sujo por ti e apenas vieste até aqui e decidiste cativar-me para que eu convença o Jake a falar contigo. Meu amigo, e emprego esta palavra porque é assim que falo, não por seres, de modo nenhum, meu amigo, só ouvi a versão do Jake da história, mas o facto de estares a rondar-me só prova que és um idiota. O Jake abriu-te o coração. Pediu-te que lhe dissesses o que sentias, não estava a pedir-te que deixasses o teu namorado ou que declarasses o teu amor por ele. Só queria que lhe dissesses se sentias alguma coisa por ele, pois passaste sete anos a enviar-lhe mensagens

contraditórias, já para não falar em teres feito sexo com ele. Só queria que disseses algo como «Não te vejo dessa forma» ou «Gosto de ti como amigo», para poder esquecer o assunto e seguir em frente. Não esperava que ficasses ali sentado e disseses: «Não te amo. Sempre soube o que sentias e, de certo modo, esperava que, se o ignorasse, tu desaparecesses. A propósito, toda a gente que conheces sabe o que sentes e, enquanto troçam de ti, têm tentado convencer-me a sair contigo, mas, sabes, não fui capaz. É que, sabes que mais? És divertido, lindo e inteligente, mas falta-te aquilo que torna uma pessoa digna de ser amada. E lembras-te de todas as vezes que fui para a cama contigo? Pois bem, foi por amizade e não por sentir fosse o que fosse, apesar de todas as mensagens contraditórias que te tenho enviado e da forma como reagi no passado, quando saíste com outras pessoas. Ah, é verdade, houve também aquela noite em que te disse que, quando amamos alguém, devemos dizer-lhe o que sentimos, mas, quando o fizeste, limitei-me a desprezar as tuas emoções». Por isso, companheiro, não venhas dizer-me que não percebo nada do assunto. Conheces o Jake há tanto tempo que sabes o quanto é sensível, o quanto lhe custa abrir-se e confessar os seus sentimentos, e, mesmo assim, mesmo assim, nem te deste ao luxo de ser condescendentemente simpático com ele. Qualquer pessoa que seja capaz de fazer isso a um amigo é um anormal. Agora, por favor, vai-te embora e, se conseguires, nesse teu mundo egocêntrico, afasta-te do Jake enquanto não souberes tratá-lo com respeito.

O Idiota olhou fixamente para mim e para o meu mau humor acabado de descarregar. Nunca lhe deviam ter falado assim. Todos o tratavam com luvas de pelica por ser tão bonito e saber fingir bem que era boa pessoa. Todos os que o rodeavam o achavam boa pessoa, um rapaz simpático, deveras fantástico. As únicas pessoas que conheciam a sua verdadeira personalidade eram aquelas que, tal como Jake, o amavam e queriam ficar com ele. Eram aquelas que eram enganadas, pois eram parvas ao ponto de se deixarem levar completamente pelo número do bom rapaz. E, bem, pessoas como eu tinham de apanhar os cacos. Os outros só se fartavam de ouvir falar no assunto e começavam a dizer aos que eram como Jake que simplesmente o esquecessem. Que «ultrapassassem aquilo». Enquanto eu o sentia. Tinha de sentir pena de Jake, de apanhar os cacos, de ter vontade de chorar, de sentir o seu sofrimento, de o compreender e de me preocupar com ele. Era eu que conseguia perceber que, mesmo quando Jake dizia que estava tudo bem, estava apenas a fazer-se de forte, pois sentia-se muito humilhado por todos os seus amigos saberem e terem tentado convencer o Idiota a ir em frente. E todos os seus amigos deviam ficar a falar do assunto, a sentir pena dele e a desejar que se controlasse. Era eu que sabia que ele se sentia tão humilhado, porque, se o Idiota nada tivesse dito, ele nunca teria sabido de nada e, em certos casos, a ignorância era uma bênção; aquilo que não sabíamos não podia mesmo perturbar-nos.

Ergui os olhos. O Idiota continuava ali.

– Não, a sério, não estou a brincar. PÕE-TE A ANDAR!

Algumas pessoas que estavam no bar olharam quando ele, ainda com a mesma

expressão magoada, se levantou e se foi embora. Até deixou a bebida em cima da mesa; deixou um copo pequeno com sumo de laranja e cubos de gelo a derreter-se e a pingar condensação para cima da mesa, quando saiu do bar.

Vi as suas costas abandonarem o bar. Depois, fui acometida de uma súbita perceção. Violentamente. Tão violentamente que tive de deixar cair a cabeça nas mãos.

Voltei a fazer o mesmo. Simplesmente voltei a fazer o mesmo. Interferi. Quebrei o meu silêncio. Voltei a portar-me como o MALDITO e ESTUPORADO Cupido.

Enfim, esta coisinha de nada não faria mal. Ou faria?

Capítulo 34

cada vez mais em baixo

– Olá, Ceri, fala a Viv. Lembras-te de mim? Já fui tua patroa. Na verdade, era tua patroa e tua amiga. Sei que não fui à tua festa de despedida e que não te falei no último mês em que trabalhaste para mim, mas éramos amigas, não éramos? Seja como for, estou a telefonar-te para saber como estás. E também para te pedir um conselho. A irmã do meu marido vai trabalhar para o estrangeiro e convidou-me para ir com ela. Gostava de saber o que achas que devo fazer. Quero dizer, desististe de tudo para ires para Leeds atrás de um sonho e gostava de saber se deverei fazer o mesmo. Seja como for, liga-me ou contacta-me por correio eletrónico. Preciso de saber a tua opinião. Adeus.

Após o incidente com o homem de Jake, tornei-me muito requisitada. A minha vida tornou-se o epítome do «trata-os mal e mantém-nos interessados». O meu telemóvel não parava de tocar, com pessoas a ligarem-me «para uma conversa», ou seja, para me contarem os seus últimos problemas. Estava literalmente a receber telefonemas uns atrás dos outros.

As pessoas de Leeds aperceberam-se de que eu tinha levado a bola para casa e já não me incomodavam tanto. Era toda a gente que eu tinha conhecido em Londres, todas as pessoas do meu passado, que estavam a colmatar a lacuna. «Só liguei para te cumprimentar e saber como estás»; «Não falamos há séculos e queria apenas pôr a conversa em dia». Ou seja, «Quero contar-te os meus problemas», «Preciso de um conselho», «Quero partilhar contigo a minha última novidade amorosa».

A mulher que estava a viver no meu apartamento e cujo namorado se tinha mudado para o mesmo ligou-me para me comunicar que iam casar. Tendo vivido juntos durante uns quatro meses, não imaginavam estar separados. Iam casar em dezembro – dentro de seis meses – e pediu-me que pensasse em:

- a) ser dama de honor;
- b) deixá-los ficar no apartamento, quando regressasse a Londres.

Alguns dias depois, voltou a ligar-me para me perguntar se podia considerar a hipótese de lhes vender o meu apartamento. Pagariam quase o dobro do seu valor, pois tinham-se mesmo apaixonado lá e queriam ficar. Ainda estava a recompor-me quando Viv, a paranoica da minha antiga patroa, me telefonou para me consultar acerca da sua vida amorosa.

Um dia depois, o Não-sei-quantos Toca-gaitas ligou-me, sem mais nem menos. Não falava com ele há quase três anos e convinha não esquecer que não dizia o seu nome em voz alta para que nunca me telefonasse. Tinha, porém, atendido o telemóvel sem reconhecer o número e era ele. Queria apenas conselhos quanto aos motivos pelos quais

o seu casamento estava a correr mal. Seria porque só conhecia a mulher há nove meses quanto tinham dado o «sim» ou porque eu lhe tinha amaldiçoado o casamento? O que haveria de fazer?

O meu primeiro namorado de sempre telefonou-me para me dizer que, finalmente, ia casar com a mulher pela qual me tinha trocado há ONZE anos. Ah, a propósito, o seu melhor amigo ia casar em Skipton, no final do mês, e tinha-lhe pedido que me convidasse. Ininterruptamente, pessoas que eu nem sequer sabia que tinham o meu número de telefone ligavam-me ou contactavam-me por correio eletrónico. Ou, então, encontravam-me através do sítio da faculdade na Internet e escreviam-me. Comecei a ter o telemóvel desligado durante horas a fio – só para descobrir que as mensagens tinham excedido a capacidade do gravador de chamadas; só falava com a minha família através do telefone fixo e comecei a ganhar fobia ao correio eletrónico.

Era como se algo estivesse a tentar dizer-me: «Achavas que, antes era mau? Pois bem, é assim que realmente pode ser. Dá-te por satisfeita por não estar toda a gente a afluir à porta de tua casa, está bem?». Ao fim de dez dias nisto, cedi. Dei-me por vencida.

Numa terça-feira à noite, deitei-me na cama e aceitei o meu destino. Dizer que aceitei o meu destino talvez fosse um exagero. Era mais o caso de me resignar provisoriamente com a situação, até descobrir uma escapatória.

– Muito bem, Deus, Universo, Karma ou quem quer que seja que fez isto recair sobre mim, ganhaste – disse bem alto. – Voltarei a ser quem era. Não estou necessariamente a dizer que acredito que sou o Cupido, dos tempos modernos ou não, mas apenas que, se o meu objetivo na vida é destruir amizades, incitar as pessoas a ter relações sexuais com antigos namorados, levar rapazes a casar demasiado cedo e fazer com que mulheres mais velhas não se contentem com nada, fá-lo-ei. Aprendi a lição. Nada de fugir às responsabilidades.

Fechei os olhos e tentei dormir.

– Ah, P.S.: não estou, porém, a dizer que vou cumprir as minhas funções de bom grado, está bem? Só quero que isso fique bem claro.

Capítulo 35

«estou de volta, amor»

Fiz a minha reaparição na cantina, no dia seguinte. Não tinha arranjado energia para enfrentar uma sessão com Gwen, pelo que me escondi no meu gabinete até à hora de almoço. Dar-lhe cabo da vida e deixá-la infeliz teria de esperar. Eram 13h15 quando cheguei à cantina. Fui buscar comida, uma salada César de aspeto delicioso com batatas fritas à parte. (As batatas fritas serviram para me lembrar que não andava a frequentar o ginásio. De todo.)

Afastei-me alguns passos da caixa e dei logo por mim em grandes apuros. De um lado da cantina, no canto azul, estava Mel, curvado sobre uma revista que não estava, decididamente, a ler; no canto vermelho, estava sentada Claudine, a fazer o mesmo com um livro. A situação tinha-se agravado tanto que nem conseguiam sentar-se à mesma mesa. Ambos olharam quando abandonei a segurança da companhia da empregada da caixa e, mesmo sem os óculos, vi o rosto de cada um deles iluminar-se.

Mel acenou-me e fez-me sinal para ir ter com ele; Claudine sorriu e puxou para trás a cadeira ao seu lado. Uma onda de raiva apoderou-se de mim. Não tinha preferência por nenhum deles; nesta altura, nem sabia se gostava de pessoas.

Como ousam? Como ousam fazer de mim um brinquedo na sua estúpida desavença? E, que Deus me perdoe, foi mesmo estúpida.

Caminhei entre as duas fações inimigas, encontrei um terreno neutro (uma mesa equidistante de ambas as mesas) e pousei o tabuleiro, mas não me sentei. Fui ter com Mel, pois tinha-o conhecido primeiro.

– Vem fazer-me companhia – ordenei. Foi uma ordem amável, mas, ainda assim, uma ordem.

Mel ficou radiante por ter sido convidado para me fazer companhia na mesa grande. Quem diria que comer comigo era tão emocionante? Muitos homens antes dele pagariam bem para não comerem comigo. Levantou-se, pegou no tabuleiro e na revista e meneou-se até onde estava o meu tabuleiro. A afetação derivava da tentativa de, através do andar, mostrar a língua a Claudine. Toma, toma, a Ceri gosta mais de mim.

Enquanto Mel se meneava, aproximei-me vagarosamente de Claudine.

– Vem fazer-me companhia. – No mesmo tom, a mesma ordem.

– Não, obrigada – respondeu ela, lançando um olhar feroz a Mel.

– Não é um convite – expliquei –, é uma ordem.

As sobrancelhas de Claudine ergueram-se de repente. Estás a dar-me ordens a MIM?, diziam as sobrancelhas.

– Claudine, sobrecarregaste-me com os mais ínfimos pormenores da tua vida amorosa.

O mínimo que me deves é fazer-me companhia quando és «convidada» – desenhei as temíveis aspas no ar – a fazê-lo. E tu, Melvin Rivers, podes voltar a sentar o traseiro – disse, bem alto, para que o som se propagasse e todas as pessoas espalhadas pelo terreno neutro e pelo canto de Claudine ouvissem. A humilhação não estava fora de questão. Aquela história do Cupido tinha algumas vantagens e ser escandalosa e dizer tudo, era uma delas. O Universo, o Destino, Deus, o Karma ou o que quer que fosse esperava isso de mim. – Então? – disse a Claudine.

Ela suspirou, contraiu o rosto, depois levantou-se com relutância e agarrou no tabuleiro e no livro.

– Não esperes que fale com ele – avisou em voz baixa.

Sentaram-se o mais longe possível um do outro, mas, mesmo assim, ficaram teoricamente à minha frente. Tinha mesmo feito aquilo? A minha maldição do Cupido tinha mesmo afastado aquelas duas pessoas tão próximas?

Nesse momento, senti um rasgo de poder. Passou tão rapidamente como surgiu, superado pela irritação em relação àquelas duas pessoas que, literalmente, deviam ter sido mais sensatas. Porque nem eu e a minha incapacidade para estar calada, as minhas feromonas e outras «qualidades» poderíamos ter destruído a amizade que existia entre eles, se não fossem tão ridículos. Deviam ser mais sensatos, sabiam que deviam ser mais sensatos, mas insistiam em fazer jogos. E nem eram jogos muito bons. A minha sobrinha de seis anos fazia jogos psicológicos melhor do que aqueles dois. Se eu pensasse por um instante que qualquer um deles estava verdadeiramente a tentar magoar o outro, não estaria tão irritada. Irritada e frustrada. Pensando bem, era claro. E, ó Mel, ó Claudine, de certeza que não têm feito senão pensar. Ambos sabem o que se está a passar no vosso coração e na vossa cabeça, mas nenhum de vós quer encará-lo. Preferem muito mais viver com mal-estar a encarar a verdade.

– Muito bem – sorri. – Queridos amigos, reuni-vos aqui hoje, porque penso que ambos precisam de saber o que se passa na vossa cabeça.

Parei, esforçando-me por devolver o calor à minha voz.

– Claudine, para tua informação, não é preciso estarmos «apaixonados» para «fazermos amor». Não faz mal termos relações sexuais com um homem e descobrirmos que, depois, não queremos fugir com ele. Há que reconhecer que talvez o teu namorado tenha uma opinião diferente, mas o que fizeste está feito. Não podes voltar atrás e não dormir com o Mel. Fazer de conta que não aconteceu também não mudará nada. Estou a dizer-te, categoricamente, que não estás apaixonada pelo Mel. Talvez o ames, mas não estás apaixonada por ele. Sei que não é o que queres ouvir, mas é a verdade. E sem dúvida que ele não se compara ao Kevin. Caso contrário, terias deixado o Kevin, com ou sem vida em conjunto. Bem, pelo menos, tê-lo-ias feito mais do que uma vez. Por isso, para de tentar convencer-te de que sexo é igual a amor. Talvez sejas uma velha romântica, talvez queiras estar apaixonada pelo Mel, porque, enfim, conhece-lo há anos e ele é encantador, um bom amigo e ótimo na cama, mas não estás. Lá por estarem

reunidos todos os elementos, isso não quer dizer que resulte. Sabes que tenho razão, isto já está no teu pensamento. Foi por isso que, quando, naquela noite, em minha casa, te perguntei porque não tinhas ido a casa do Mel e tido relações com ele até perder os sentidos, ficaste horrorizada. Não farias isso ao Kevin, não duas vezes.

Claudine abriu a boca para falar.

– Cala-te. Estou a falar. Antes de eu perceber que o que queria fazer da minha vida era arruiná-la vindo para aqui, li uma citação: «Vivemos num mundo em que as pessoas não sabem o que querem e estão dispostas a passar por um calvário para o obterem». Tu és assim, só que sabes o que queres e não o aceitas, pelo que estás disposta a passar por todo o tipo de calvários para obteres o que pensas que devias querer. O meu conselho, o último conselho que te dou de graça, é o seguinte: diz ao Mel que não estás apaixonada por ele. Quando o disseres em voz alta e o céu não desabar, até és capaz de acreditar. Depois, vai para casa e conversa com o Kevin. Manda-o sentar numa sala, olha-o nos olhos e conversa com ele. Na origem de tudo isto está o facto de, apesar de seres tão bonita e uma pessoa tão encantadora, teres pouca autoestima. O Mel fez-te sentir bem, deu-te a atenção que ansiavas por receber do Kevin. Precisavas que o Mel te dissesse que és linda e digna. Deves ter-te sentido em dívida com ele por te ter aumentado o ego quando mais precisavas. Isso não quer dizer que tenhas de te convencer de que estás apaixonada por ele. Diz ao Kevin que precisas da sua atenção e do seu tempo, monta-o até perder os sentidos e, depois, comecem a construir a próxima fase da vossa vida em comum.

Virei-me um pouco no meu lugar.

– Mel. Tu tens fobia a compromissos. Não tem mal nenhum, alguns dos meus melhores amigos têm fobia a compromissos; só não devias ter casado quando casaste. Sentiste medo, casaste na mesma e, nesse processo, enganaste três pessoas absolutamente fantásticas. – Pus os dedos no ar. – Primeiro: a tua mulher. Nunca teve a mínima hipótese, pois pensavas que querias uma pessoa mítica que era linda, generosa, engraçada, divertida, etc., etc., quando, na verdade, querias apenas uma amiga. E ela não era isso. Foi esse o seu único e fatal erro. Segundo: a Claudine. Era a tua escapatória – e não só da tua mulher. Aposto que comparaste com ela todas as mulheres que conheceste. E aposto o meu apartamento, as minhas poupanças e o meu almoço em como nenhuma delas estava à sua altura. Estavam todas noutro patamar e nenhuma delas servia. Quando procuraste uma forma de pôr fim ao teu casamento, a Claudine tornou-se a razão. Não o facto de, para começar, a Fran não ser o género de mulher que querias. Se amasses assim tanto a Claudine, terias feito algo quanto a isso. Não me faças essa cara de que «não faço ideia de como é amar alguém à distância». Sei, sim, pois fi-lo durante muito mais tempo e com muito mais intensidade do que alguma vez serias capaz de fazer. E sabes que mais? Isso são tretas. Quem ama verdadeiramente alguém faz algo quanto a isso. Faz tudo para levar essa pessoa a amá-lo também. Aprendi isso à força. Não espera até querer ter um motivo para pôr fim ao casamento, engendrando uma

aventura de uma noite. Para, no fundo, fazer algo que considera tão imperdoável que será obrigado a acabar com o casamento. Quem ama alguém, quem realmente ama alguém, manda-o, pelo menos, sentar-se na véspera do casamento e diz-lhe o que sente. Por muito que ames a Claudine, ela sempre foi a Menina Comodidade. Agora que estás livre e desimpedido, é a Menina Devia Desejá-la. Mel, se realmente a amas, se realmente a desejas, põe-te de joelhos e pede-a em casamento agora mesmo. Fica a saber o que ela acha. Mas não o farás, pois não estás apaixonado pela Claudine, por mais que a ames. A terceira pessoa que enganaste foi a ti próprio. Passaste tanto tempo a evitar-te a ti mesmo e ao teu medo de ficar preso que destruístes o teu casamento, quase destruístes a amizade que te une à Claudine e levaste um soco na cara. Podes ser amigo de uma mulher sem querer levá-la para a cama. Precisas de ser amigo de mulheres sem as levares para a cama. É uma ideia radical e assustadora, mas, como disse Mark Twain, «A coragem é o domínio do medo e não a ausência do mesmo». Sê valente. Aceita o que aconteceu antes do Natal como aquilo que foi: uma forma de pões fim ao teu casamento, uma trapalhice causada pela bebida; depois, reata a amizade com a Claudine, em vez de lhe lembrares que tiveram relações sexuais. Apesar do que te levaram a crer, o sexo não é o mais importante, é apenas sexo. Se, com a Claudine, fosse mais do que isso, tê-lo-ias feito mais do que uma vez. Depois de reatares a amizade com a Claudine, tenta pegar no telefone e pedir desculpas à tua mulher. O facto de mal teres falado com ela nos últimos meses do vosso casamento, independentemente de quantos foram, devia dizer-te alguma coisa, nomeadamente, que ambos se esqueceram do que era estarem juntos como duas pessoas e não como «um casal». É isso que está na origem no teu pesadelo de fobia a compromissos, é por isso que queres uma amiga e não uma esposa. Sempre pensaste que, quando assentamos, deixa de haver diversão, mas isso não acontece com os amigos. Também não tem de acontecer com os casais, mas ainda não sabes isso. Com o tempo, acho que porás as ideias em ordem, verás tudo com mais clareza e serás capaz de ter uma relação estável e de não fugir dela, mas, por agora, pede desculpas à Fran. Ela não tem culpa de que quisesses viver numa casa divertida permanentemente.

Parei e afundei-me no meu lugar, esgotada. Nunca pensei ficar cansada de me ouvir falar; nunca tinha pensado que ficaria cansada de falar.

– Agora, uma última coisa. Algo que vos é dirigido aos dois. No meio de tudo isto, parecem ter esquecido algo muito importante: vocês são amigos. Além do sexo, das ruturas matrimoniais e dos socos na cara, vocês dois são amigos verdadeiros. Nada devia atrapalhar isso. Há muita gente que clama por alguém em quem possa confiar, por esse tipo de amizade. Vocês têm-na; parem de brincar com ela.

Larguei a folha de alface que tinha usado como ponteiro e levantei-me, agarrando no meu tabuleiro ao pôr-me de pé. Não esperei para ver o que faziam a seguir. Não era preciso. Aqueles dois só precisavam realmente de alguém que lhes dissesse o que não queriam ouvir. Que desse voz ao seu tumulto interior.

Levei o tabuleiro para o meu gabinete. Sally, a minha companheira de gabinete, não ia trabalhar à quarta-feira e sentei-me à sua secretária para poder olhar pela janela enquanto comia.

Truz, truz!, ouviu-se, dois minutos depois. Nunca mais almoçava, pois não?

– Sim? – gritei, virando-me na cadeira para olhar para a porta. Tinha um pedaço estaladiço de alface repolhuda prestes a entrar na boca. Baixei-o quando Gwen espreitou pela porta. – Olá, Gwen – disse, preparando-me para ouvi-la barafustar. Tinha mais de um mês sobre que falar. – Entra.

– É só uma conversa rápida – declarou, fixando-me com os seus olhos azuis. – Hás de receber um memorando depois, mas queria que soubesses por mim.

– Ai sim? – retorqui. Tinham cortado o financiamento do departamento; ia ser posta na rua. – Qual é o problema?

– Não há problema nenhum – respondeu. – Demiti-me.

Nem estava com uma cara séria, quanto mais a falar a sério.

– Tenho de me ir embora. Adeus.

Oh, valham-me Deus, Nossa Senhora e todos os anjos do céu!

Capítulo 36

a verdadeira Gwen

Eis uma coisa que nunca pensei que acontecesse. Eu e Gwen sentadas no Fox & Hound, a beber um copo juntas. Tinha saído disparada atrás dela para ver se estava a falar a sério. Confirmou que estava. Antes de me dar conta do que estava a fazer, estava a dizer que devíamos ir beber um copo ao virar da esquina, ao fundo da rua.

Ela tinha agarrado a proposta como uma mulher sequiosa num deserto. Tinha-me esquecido de que eu era o que ela tinha de mais parecido com uma melhor amiga, na faculdade. Ou com uma amiga, simplesmente.

– O que se passa? – perguntei-lhe.

Tinha ido buscar uma cerveja para mim e um brandy para ela. Lembrava-me de ela ter dito que gostava de brandy.

Ela acendeu um cigarro e eu sustive a respiração.

– Demiti-me – guinchou. Depois, tapou o plexo solar com a mão. – É, ao mesmo tempo, bom e assustador de dizer.

– Porquê?

Encolheu os ombros.

– Apeteceu-me.

– Arranjaste outro emprego? – Parecia que estava a arrancar dentes.

– Não.

– E vais-te embora daqui a um mês?

– Vou. Querem que deixe o verão organizado, que supervise os exames e assim, mas vou-me embora daqui um mês.

– Já tens entrevistas na forja?

– Não.

Está tudo bem. Não entres em pânico. Ela tem marido, ele cuida dela se passar por dificuldades. E não deves ter nada a ver com o facto de ela estar a dar cabo da vida ao abandonar o único cargo remunerado para o qual está habilitada.

– Quando me escreveste a respeito de um cargo no departamento de Psicologia, tinhas outras coisas na forja?

QUE DIABO TENHO EU A VER COM O ASSUNTO?

– Não.

– Mas, mesmo assim, correste o risco de abdicar da tua vida. E se te tivéssemos respondido, dizendo: «Não há vagas»? O que terias feito?

– Não, sabes, ainda não me tinha demitido do emprego em Londres quando te escrevi.

– Emocionalmente, tinhas.

– O quê?

– Ceri, não achas mesmo que te teríamos concedido uma entrevista, com base nas tuas habilitações e experiência, se pensássemos que estavas empenhada no teu trabalho em Londres, pois não?

A culpa não é minha, a culpa não é minha, lá, lá, lá, a culpa não é minha.

– Concedi-te aquela primeira entrevista por causa da paixão na tua carta. Todos os que a leram disseram que deixava transparecer o teu entusiasmo, paixão e joie de vivre. Isso é muitíssimo raro. Está em vias de extinção, nos dias de hoje. Transpuseste tudo para aquela carta e não o terias feito se estivesse satisfeita com o teu trabalho.

– Mas continuava a desempenhá-lo. A ser paga. A pagar a hipoteca, etc..

– Emocionalmente, tinhas partido. Eu abandonei emocionalmente o cargo que aqui ocupo há muito tempo. Agora, vou também partir fisicamente.

– Qual é a opinião do teu marido acerca de tudo isso?

Gwen afastou o olhar de mim, dirigindo-o para o outro lado do bar.

– Pergunto-me como será acordar no dia depois de, finalmente, ter partido e saber que é o primeiro dia do resto da minha vida.

Era nítido, evidente, gritante, óbvio que não queria falar da opinião do marido acerca da sua decisão. Quando é que isso alguma vez me tinha impedido de mergulhar de cabeça?

– O que pensa o teu marido da tua decisão de te despedires?

Ela começou por responder com o olhar mais fulminante que alguma mulher já tinha visto. Uma parte de mim ficou à espera de que ela saltasse para cima da mesa frágil e cantasse: «Tu aí! Não sejas desmancha-prazeres!».

Depois de o meu rosto ter sido fulminado pelo seu olhar, ela disse:

– Acha bem. Fica feliz com a minha felicidade.

Quando vi o filme Gata em Telhado de Zinco Quente pela primeira vez, nunca tinha ouvido a palavra «mendicidade». Logo após tê-lo visto, ouvia-a em todo o lado. Agora, estava sentada ao lado de uma mulher cujo próprio nome podia ser «mendicidade», de tanto que a ela tresandava. No mínimo, o marido não aprovava; no máximo, não sabia. Aliás, no máximo, não existia.

– Ainda não fui jantar a tua casa – declarei. – Nas próximas semanas, estou disponível quase todas as noites. Que tal marcarmos uma data?

– O Vernon foi para fora – afirmou Gwen, mais rápida do que uma bala. – Em trabalho.

– Por duas semanas?

Gwen exalou um suspiro de criatura irritada.

– Porque estamos a falar do Vernon? Eu é que me demiti.

– Não te demitiste num vazio. Há mais quem seja afetado, nomeadamente, os que te são mais próximos e mais queridos.

– Continua a falar, Ceri. Já praticamente te desconvidaste para a minha festa de despedida.

Ora, esbofeteiem-me e chamem-me Cupido. Gwen tinha uma faceta desagradável. Não era apenas demente e incapaz de ser feliz; tinha maldade por trás daquelas cordas vocais esganiçadas.

– Acho que estou só a ser egoísta. Se te fores embora, quem irá – [sufocar-me com fumo/aborrecer-me só com lamúrias/fazer-me ficar grata pela minha voz grave] – incentivar-me? Quem irá – [lembrar-me de evitar flores em tons pastel/mostrar-me como não se deve ensinar/fazer-me evitar a sala de convívio] – ser a minha defensora no departamento de Psicologia?

Gwen desviou o olhar e acendeu um cigarro. Perguntei-me se estaria a tentar pôr novamente de lado aquela maldade ou a formular uma maneira inteligente de me mandar bugiar.

– Hás de sobreviver – disse. Ah, então, continuávamos a ser desagradáveis.

– Parece que vai ter de ser.

– Não te saíste assim tão mal, até agora. Terei de proceder à tua avaliação antes de me ir embora e não te saíste muito mal.

Ei-lo outra vez – um elogio tão ligeiro que chegava a ser condenatório. Primeiro, Mel; agora, Gwen.

– Tens muita popularidade entre os estudantes – prosseguiu. – Embora isso nem sempre seja algo positivo. A tua função é auxiliá-los na aprendizagem e não tornares-te amiga deles ou diverti-los. Os estudantes precisam de alguém a quem admirar, a quem respeitar, e isso não é possível se não te virem como nada mais do que uma compincha.

– Sim, talvez tenhas razão.

Gwen olhou para mim.

– Não, a sério, tens razão. Sou uma grande lorpa intrometida, mas não consigo evitá-lo. Tenho o dom de ser demasiado simpática. Sabes, quando as pessoas desabafam comigo, não tenho o bom senso de as ignorar ou de lhes dizer que não me interessa. Limito-me a ficar sentada a ouvir. Se um aluno parece estar aborrecido, tento tornar as coisas mais interessantes. – Escorreguei na minha cadeira. – Acordo todas as manhãs a dizer a mim mesma: «Se, hoje, alguém tentar arrastar-me para a sua vida, não vou envolver-me. Não posso. Simplesmente não ouço, nem me preocupo. Deixa-o cuidar da confusão da sua vida sem ti». Depois, alguém se senta ao meu lado e, em vez de ficar sem expressão e deixar de prestar atenção para que não volte a fazer o mesmo, em vez de me levantar e ir embora, ouço. Preocupo-me. Mas tens razão. Para a próxima, esforçar-me-ei muito mais por ser lacónica, desinteressada e a professora antipática que todos respeitam. Obrigada por mo lembrares.

Sim, disse mesmo aquilo. Em voz alta. Podia fazê-lo, já que ela se ia embora. Além disso, estava a pensar: Qual era a pior coisa que podia acontecer, se eu dissesse o que pensava? A pior coisa era ela cortar-me com um vidro. Visto que eu não conseguia imaginá-lo com realismo suficiente, fui em frente e disse o que pensava. Jess ficaria orgulhosa de mim. Jess cortar-me-ia. Mas isso era a minha melhor amiga.

Além disso, não estava sentada no Fox & Hound, a fumar passivamente e a beber de estômago vazio, em proveito próprio.

– Eu... eu não queria aborrecer-te – disse Gwen, parecendo, de repente, muito mais esganiçada de novo.

– Não aborreceste. Não valho nada. Precisava de ser repreendida, não era? Deitar pérolas a porcos e tal. Podia ter passado o resto da vida a ser simpática para as pessoas só por ser.

Agora, Gwen parecia estar adequadamente envergonhada. Não me senti culpada. Por que diabo haveria de sentir?

– Vou buscar a próxima rodada – guinchou Gwen e, depois, dirigiu-se apressadamente para o balcão. Há pessoas que simplesmente não percebem quando alguém está a tentar ajudá-las.

Capítulo 37

o resgate de Ed

O caso de Claudine e de Mel tinha sido relativamente fácil de resolver. Só precisavam de ser verbalmente obrigados a chegar a um entendimento. Se não tivesse resultado, estava disposta a recorrer à força física.

Gwen, por outro lado, era um trabalho em curso. Mais tarde, obviamente, eu tinha sido visitada pelos demónios da culpa, por ter sido tão sarcástica quando era evidente que ela não estava feliz. Era verdade: ninguém se demitia num vazio. Nem chegava e se demitia por ter partido emocionalmente. Podíamos querer fazê-lo, sonhar com isso, mas, de qualquer modo, blá, blá, blá, era um trabalho em curso. Outro capítulo, outra altura. Trataria dela mais tarde.

Era Ed que eu não queria enfrentar.

Robyn estava prestes a ir viver lá para casa. Jake tinha dado o seu consentimento, sempre a fulminar-me com o olhar. Depois, quando Ed tinha ido para o quarto para começar a arranjar espaço para o seu novo amor, Jake tinha-me fulminado com o olhar enquanto me oferecia uma chávena de chá.

Depois disso, eu tinha esperado uns dias para abordar o assunto. Na verdade, foram quatro dias. Aliás, quatro dias que mais pareceram uma semana. Era cobarde a esse ponto. Não queria acabar com a ilusão dele. Para Jake, era fácil; não era a ele que estavam a pedir para destruir a vida alheia.

O cabelo de Ed tinha crescido um pouco, retirando-lhe a dureza do semblante. Tinha o rosto bem corado de alegria e o corpo envergava outra vez o tipo de vestuário que ele habitualmente usava: as calças de ganga, a t-shirt de heavy metal e a camisa de flanela, mas, desta vez, estava tudo lavado e engomado. Pensávamos que conhecíamos uma pessoa, mas aquele miúdo flexível de olhar inexpressivo era mais rico do que eu imaginava que alguém podia ser. Era, pois, filho de um fabricante de conservas alimentares. O mais irónico era que Ed estava sempre com ar de quem precisava de uma boa refeição. Afinal, como haveria eu de abordar o assunto? «Ed, a bela mulher por quem estás tão apaixonado... Ora, o Jake pensa que ela só quer o teu dinheiro e, bom, talvez tenha uma certa razão...» Quero dizer...

De qualquer maneira, uma semana depois, subi as escadas como uma mulher que se aproximava do cadafalso. Queria que ele fosse feliz. Mesmo que fosse por pouco tempo. Era às lembranças daquelas pequenas pérolas de felicidade que precisávamos de nos agarrar nos momentos em que estávamos tão sós e a sofrer tanto que pensávamos que nunca mais passava. Ed podia nunca mais viver tamanha felicidade.

Bati à porta e rodei a maçaneta.

– Ed, tens um minuto? – perguntei.

– Claro – sorriu Ed, parando de dobrar a sua roupa. – Entra.

Apontou para um pequeno espaço livre na sua cama.

– Senta-te.

Sentei-me em cima da sua almofada, levantei os pés descalços e mexi-me um pouco para ficar com o traseiro numa posição confortável. O seu quarto era quase tão grande como o meu. Até tinha conseguido colocar um sofá no canto; parecia um estúdio. Uma bela alcatifa, paredes azuis claras, teto alto. Oh, por amor de Deus, Ceri, até parece que nunca aqui estiveste.

– Olá – disse eu. Era sempre a melhor forma de começar uma conversa difícil.

– O que se passa, Cezza? – retorquiu Ed, sentado em cima de um monte de roupa. Para quem parecia andar sempre com a mesma muda até há bem pouco tempo, ele até tinha muita roupa.

– Ed – principiei. – Sei que estás completamente... – Qual é a palavra certa? Apaixonado, enamorado, enfeitiçado? – ... pela Robyn, mas pergunto-me se não estará tudo a ser um pouco rápido de mais. – Não soou muito mal, pois não?

– Sim, está. Mas estou feliz, Ceri.

É justo. Nesse caso, vou andando.

– Eu sei que o Jake pensa isso – disse Ed. – Não fez questão de o esconder, mas pensei que tu compreendesses.

– Ed, vais casar no próximo ano. Não a terás conhecido senão há um ano, quando assumires um compromisso para a vida. Eu compreendo, mas isso não faz com que deixe de me preocupar.

– Eu amo-a.

– Mas porque tens de ser tu a desistir da faculdade? Porque não ela?

Ed levantou-se, foi até à janela e empoleirou-se no largo parapeito da mesma.

– O Jake contou-te, não foi?

– Contou-me o quê?

– Pedi-lhe que não contasse a ninguém, mas contou-te que a minha família tem muito dinheiro. Ele julga ser impossível que a Robyn me ame por eu ser quem sou, tem de ser pelo meu dinheiro. Ou melhor, pelo dinheiro da minha família. Não sou merecedor, bem-parecido que chegue, divertido, espirituoso ou inteligente que chegue; tem de ser pelo dinheiro da minha família. Também pensas o mesmo?

– Passou-me pela cabeça, mas não, não penso isso. Mesmo que a tua família fosse desesperadamente pobre, eu queria saber porque tens de desistir da faculdade e ela não. Vocês estão nisto a meias. Porque tens tu de fazer o maior sacrifício?

– A sério?

– Sim, a sério. Não penso, nem por um instante, que sejas o tipo de pessoa que era capaz de viver do dinheiro da família. Aborreças-te. Precisas de trabalhar, Edwardo, és esse tipo de rapaz, por isso, porquê desistir do caminho que escolheste?

Ed fixou o chão e, depois, olhou para mim.

– Ceri, eu detesto a faculdade. Além de ti, a única pessoa a quem contei isto foi à Robyn. Quero dizer, detesto mesmo a faculdade. Só estava a fazer o doutoramento porque não me lembrava de mais nada para fazer. Terminei a faculdade e tinha sentido continuar. Agora, tenho um motivo para desistir.

– Mas esse motivo não devia ser a Robyn.

– E não é. Eu disse que tinha um motivo e não que esse motivo era a Robyn. Ela adora a faculdade e vai ficar até ao fim do ano.

– E qual é o teu motivo?

– Só a Robyn sabe. E eu, é claro.

– É claro.

– Eu e a Robyn temos um plano. Era uma ideia minha, uma ideia vaga, e, depois, contei-lhe e ela ajudou a aperfeiçoá-la.

Ed saiu do peitoril da janela, foi à gaveta da sua secretária, abriu-a e tirou uma pasta a abarrotar de documentos. Deu-me a pasta. Na capa, estava rabiscado: Projeto Ultrassegredo de Ed e Robyn.

Abri a pasta cor de laranja e folhee-a. Continha páginas e mais páginas do que parecia ser um plano de negócios. Cartas de bancos, informação sobre empréstimos a empresas, especificações sobre espaços comerciais.

– O que é isto além de ser o teu Projeto Secreto? – Estava demasiado espantada com o quanto estava feito para assimilar qualquer informação.

– Vamos criar um negócio. Mas não é nada disso. A única parte da minha vida académica de que gosto é a do ensino. Adoro literatura, peças teatrais, e a Robyn é atriz. Conhece imensos atores que estarão dispostos a ceder a sua disponibilidade por algum tempo. Por isso, bem, vamos fundar uma companhia itinerante. Vamos até às escolas, ensinamos-lhes como se levam peças à cena e que os textos aborrecidos que leem se destinavam a ser representados. Ajudará a despertar o interesse das crianças pela literatura.

Uma ideia vaga, pois sim.

– Não teremos grandes lucros. Cobraremos apenas uma pequena tarifa para cobrir as despesas e permitir-nos sobreviver. No princípio, todos os lucros reverterão para o negócio. Quero dizer, agora é ultrassegredo, mas, quando a Robyn terminar a faculdade, poremos mãos à obra. Já temos a questão do financiamento quase resolvida...

Podia aquecer-me na fogueira que ardia nos olhos de Ed; podia elevar o coração com a paixão que alimentava as suas palavras. Para Ed, aquilo era a valer.

– E vais fazer tudo isso com a Robyn?

– Disse-te, em tempos, que o meu interesse pela Robyn não era puramente sexual. Agora que a tenho, a minha relação com ela não é apenas física. É um todo. Cezza, não sei se todos devemos passar a vida inteira com uma pessoa; não sei se temos almas gémeas, mas sei que a Robyn é a única pessoa com quem quero esforçar-me por

alcançar algo. Estou neste caminho e ela acompanha-me. «Uma vida vivida a medo é uma vida vivida pela metade». Foi o que tu disseste. – (Eu sabia que, um dia, aquilo voltaria para me assombrar.) – Agora, é isso que estou a levar a cabo. Posso muito bem odiar a Robyn ao fim de uns anos; o nosso negócio pode ser um fracasso, mas também pode não ser. Pelo menos, saberei. Sou suficientemente jovem para começar de novo, se tudo correr muito mal.

O que se diz àquilo? Volta-se atrás com tudo o que sempre se fez?

– Nesse caso, vou deixar-te sozinho. – Levantei-me.

– Obrigado, Ceri – disse Ed.

– Porquê?

– Por dizeres o que pensas, em vez de seres desagradável com a Robyn. Eu amo-a mesmo.

– Ainda bem para ti, querido.

– Ah, também não contei à Robyn que a minha família tem dinheiro. A única pessoa a quem contei foi ao Jake e, agora, a ti.

– Não te preocupes, não contarei a ninguém. Nem mesmo à Jess.

– Obrigado.

Não, querido, eu é que agradeço. Por me lembrares o motivo pelo qual, para começar, renunciei à minha vida no sul. Não foi por a vida ser demasiado longa para não a aproveitarmos?

*

– Missão cumprida – disse a Jake, quando chegou da faculdade, mais tarde.

– Falaste com o Ed? – interrogou, aliviado e apavorado ao mesmo tempo.

– Falei.

– E ele vai ter mais calma? Não vai desistir da faculdade?

– Jake, ele está feliz. Está mesmo feliz. Deixa-o em paz. Se tudo correr muito mal, serás a primeira pessoa com quem ele irá ter. A menos, claro, que lhe vires as costas.

– É claro que seria incapaz de o fazer. Mas, Ceri, tens noção de que, agora, não poderás abandonar-nos? É que, se, de facto, tudo correr muito mal, também tens de estar aqui para apanhar os cacos.

– Sim, talvez tenhas razão.

Jake ficou com uma cara muito misteriosa ao dizer:

– Ah, hoje, recebi uma carta do Terry. Adivinhou, de certo modo, que eu não falava com ele, nem lia as suas mensagens de correio eletrónico, e escreveu-me.

– O que dizia?

– Muita coisa. Pediu desculpas pelo que disse daquela vez. Afirmou que estava muito envergonhado por me ter magoado tanto. Que não se apercebeu do quanto me custou dizer tudo aquilo e de que o pavor de eu estar a fazer-lhe exigências o levou a dizer

todas aquelas coisas horríveis. Explicou também que me namoriscou por gostar de mim, mas pensa que daríamos um casal medonho, o que, na verdade, é aceitável. Eu só queria ser tratado com um pouco de respeito. Para que ele soubesse que, só porque não me amava, não tinha o direito de me maltratar ou de ser indelicado comigo, percebes?

Acenei com a cabeça.

– Seja como for, a carta era muito extensa, com a ele a pedir perdão, sem tentar arranjar desculpas para o seu comportamento, e a dizer, no fim, que eu podia ligar-lhe e encontrar-me com ele para bebermos um copo, de modo a que ele pudesse dizer-me tudo aquilo cara a cara.

– E tu vais?

– Já fui.

– E então?

– Foi ao fundo da rua comprar leite.

– Isso quer dizer que vai ter outra oportunidade?

– Sim. E sabes que mais? Não interessa o que tu pensas, nem o que mais ninguém pensa. É a minha vida. São os meus sentimentos. Se quiser, posso dar uma segunda oportunidade ao filho da mãe.

– O meu trabalho aqui está feito – retorqui e, depois, inclinei-me sobre o sofá para agarrar no comando.

Ouviu-se uma breve pancada na porta.

– Só gostava de saber quem era a mulher do bar que lhe chamou «pedantezinho arrogante e egoísta» – disse Jake ao ir abrir a porta. – Não sabes nada a esse respeito, pois não, Cezza?

– Porque haveria de saber? – respondi, de modo inocente.

– Tens toda a razão.

Capítulo 38

o amor está no ar

– Champanhe, champanhe. – Claudine brandiu duas garrafas ao encaminhar-se para o meio da Sala de Professores a cantar. – Trouxe champanhe. Até está fresco – disse. – Vão buscar os copos de plástico.

A Sala de Professores estava invulgarmente cheia. O período estava quase a chegar ao fim e quase todos iam à faculdade todos os dias, pois tinham coisas para acabar antes do verão. Todos, menos Gwen; tinha começado a ir à faculdade cada vez menos vezes. Tinha a postura «O que vão fazer? Despedir-me?». Se tinha ou não outro emprego parecia ser uma questão controversa. Sempre que eu lhe perguntava, ela dirigia-me um sorriso enigmático que faria inveja à Mona Lisa e dizia que tinha algo resolvido.

Craig forneceu à portadora do champanhe pequenos copos de plástico. Mel apareceu para ajudar Claudine a abrir as garrafas.

– Qual é o motivo da comemoração? – perguntou Craig.

– Oh, apenas o mais recente acréscimo à minha coleção de joias. – Claudine estendeu a mão esquerda, exibindo o seu anel de noivado. – Na verdade, não tinha coleção de joias nenhuma, até ontem – confessou.

Todos se juntaram à sua volta e até os homens soltaram exclamações de surpresa perante o anel de ouro com três safiras que lhe reluzia na mão.

– Vamos casar pouco antes do Natal. Será uma pequena cerimónia, mas vamos dar uma grande festa, na qual espero que todos vocês compareçam.

A multidão murmurou a aceitação do convite, enquanto eram distribuídos copos de plástico com champanhe.

Claudine, com um ar radiante, tinha um sorriso de orelha a orelha. A sua pele estava outra vez vibrante, o seu cabelo negro rente estava brilhante de novo.

Tinha também engordado o suficiente para ficar com um ar saudável.

– Há três semanas, andava a fazer tudo para ficar solteira, ainda que sem intenção, e, ontem à noite, fiquei noiva. Quem diria que as coisas podiam mudar tão de repente? A vida não é engraçada? – disse Claudine. – Saúde.

– Saúde – respondeu a sala. As pessoas formaram pequenos grupos e começaram a conversar entre si. A maioria das mulheres ficou onde estava, para admirar o anel de Claudine. Eu continuei sentada; veria o anel depois. Estava feliz por ela. Merecia aquela felicidade com Kevin, mas eu também merecia. Não com Kevin, obviamente, mas com alguém. E era pouco provável que viesse a tê-la, não era?

Momentos como este faziam-me sentir pena de mim própria, mais uma vez; arrastavam-me de volta para os lamentos «Então, e eu?». Mas a sério: então, e eu?

Quando iria ter um anel no dedo ou mesmo ouvir uma declaração de amor? Ou ver diminuídos aqueles ataques de solidão?

Olhei com desolação para o líquido claro e gaseificado no meu copo de plástico.

A resposta mais breve era «nunca».

– A vida é, de facto, engraçada – disse Mel, sentando-se pesadamente ao meu lado. – Telefonei à minha mulher.

Olhei para Mel. Era por causa destas coisas e destas pessoas que ficaria para sempre sozinha. Ora, tu preocupas-te, disse uma voz dentro de mim. Finge à vontade que não queres saber, mas queres. És uma intrometida e vais passar o resto da vida a agir assim. Mais vale aproveitares.

– Ai sim? – retorqui.

– Conte-lhe tudo. Tudo. Não ficou contente. Na verdade, insultou-me bastante. Usou uma linguagem que faria corar um marinheiro. E desligou o telefone algumas vezes. Mas pedi-lhe desculpa por tudo e... vamos almoçar no sábado. Com o pretexto de falarmos sobre o divórcio. Depois dos insultos, porém, rimos pela primeira vez. Rimos, como eu faço com a Clau. Afinal, talvez possamos tornar-nos amigos.

Dei-lhe um toque com o cotovelo.

– Eu sabia que eras capaz.

– Sim, só precisava daquele pontapé no rabo. A Clau disse-me que teve uma ótima conversa com o Kevin. Disse-lhe que pensava que estava a chegar a algum lado comigo e que queria que ambos resolvessem a sua situação antes que tal acontecesse. Pelos vistos, ele aceitou muito bem. Por isso, conseguiram seguir em frente e, voilà, um noivado depois.

– E tu não te importas com isso?

– Não. Por acaso, não me importo. Pensei que me deixaria de rastos, mas, quando ela me contou, fiquei tão feliz por ela que percebi que tinhas razão. Não estava apaixonado por ela. Estava apaixonado pela ideia dela. Como tu dissesse, ela precisava de atenção. Eu precisava de conversar com a Fran.

Apoiei a cabeça no ombro de Mel e vi Claudine a ser o centro das atenções.

– Nós dois não somos muito diferentes, amigo. Devíamos manter-nos unidos – disse-lhe eu. Mel prendeu-me uma madeixa de cabelo atrás da orelha. Jake e Ed, se nos vissem, teriam um ataque. Tal como o Homem do Olhar Fixo.

– Podes dar-me champanhe, por favor? – pediu Trudy a Craig. Já estava a começar a pensar que ela não existia. Nunca mais a tinha visto, desde o incidente da casa de banho.

– Nos últimos tempos, andas invulgarmente alegre, Trudy – disse Craig enquanto lhe enchia o copo de plástico. – Há alguma coisa que devamos saber?

Uma plateia de rostos expectantes susteve a respiração e aguardou a resposta. Olhei para o interior do meu copo de plástico e comecei a contar as bolhinhas. Perguntei-me se algum deles já tinha sido vítima de uma das explosões dela.

– Ando tão «alegre» nos últimos tempos, seu idiota atrevido, porque houve alguém que, inadvertidamente, me fez encarar a realidade. Fez-me enfrentar muitas coisas que eu andava a evitar.

Que franqueza.

– Outra coisa – continuou Trudy. – Mais vale informar-vos já a todos que estou à espera de bebé.

Outro suspiro coletivo percorreu a sala. Hoje, eram só comemorações. Quando todos se juntaram à sua volta com perguntas sobre nomes e datas previstas para o nascimento, arrisquei olhar para ela. Só para ver como era quando não estava abalada, a chorar ou a gritar insultos. Os nossos olhares cruzaram-se e, antes que eu desviasse o meu, o seu rosto descontraiu-se, esboçando um lindíssimo sorriso, e, com os lábios, ela disse:

– Obrigada.

Quando o tempo passou e as pessoas abandonaram a Sala de Professores para ultimarem pormenores para o final do período, surpreendi Craig a observar-me ainda com a cabeça no ombro de Mel, sem que estivéssemos a falar sobre nada de mais. O seu rosto revelou que estava a refletir profundamente, como fazia quando se «recostava» numa conversa. Depois, disse bem alto:

– Alguém reparou na vibração que aqui existe desde que a Ceri chegou?

Apontei-lhe dois dedos. Foi, porém, um gesto instintivo. Na verdade, não me interessava o que ele dizia. Ficaria mais admirada se tivesse dito: «Já repararam que nada mudou desde que a Ceri chegou?».

– Antes, estávamos todos presos a uma rotina de normalidade. Depois, a Ceri aparece e a Claudine fica noiva, a Gwen demite-se e a Trudy fica de esperanças. Quanto a mim, bom, voltei para a minha ex-namorada. Pronto, a maioria de vocês ouviu-me dizer que ela era uma louca, mas, quando a conheci melhor, vi que, realmente, não era assim tão má. Nem tão doida.

– Pensei que tinhas saído com ela durante dois anos – declarou uma das mulheres que estavam a admirar o anel de Claudine.

– Precisamente. Só comecei a incomodar-me com ela quando a Ceri chegou. Quando me incomodei, descobri que existia bondade dentro dela. É extremamente amorosa. Gosto, porém, desta vibração que por aqui há – afirmou Craig. – Parece que, agora, tudo é possível.

– Percebo o que queres dizer – retorquiu Claudine. – Parece que o céu é o limite.

– Sim – acrescentou Mel. – Parece que, no fundo, tudo é bom, ainda que, aparentemente, seja mau. Há imensas boas vibrações. – Cantou: – Estamos cercados de boas vibrações.

– Diz-se «estamos cercados de amor», palerma – corrigiu Claudine.

Craig ficou de boca aberta quando se virou bruscamente para olhar para mim com um

ar embasbacado...

férias de verão

Capítulo 39

o efeito cupido

Porque tinha de ir ali encontrar-me com Gwen, não sabia. Nem nas melhores circunstâncias era grande apreciadora de aeroportos. Principalmente porque, para lá chegarmos, tínhamos de atravessar meia cidade. Tinha demorado imenso tempo a chegar ao aeroporto de Leeds Bradford em transportes públicos. Tinha tentado convencer Jess a levar-me de carro e ela tinha-me dito para onde devia ir.

Vagueei por entre a multidão, sentindo-me perdida e zangada. Vai ter comigo à zona principal, tinha Gwen dito. Não me tinha apercebido que a zona principal era tão vasta. E corria grandes riscos de estabelecer contacto visual com alguém, visto que andava à sua procura. Estava com calor e incomodada. Devia estar em casa, na cama. Partia para Londres dentro de dois dias e precisava de todas as horas de sono possíveis, para aguentar dormir no sofá dos meus pais por uns tempos. A oferta que me tinham feito pelo meu apartamento tinha sido tentadora, mas eu não a tinha aceiteado. Não sabia o que ia fazer em fevereiro próximo, quando o meu contrato terminava, pelo que não ia vender nada enquanto não tomasse uma decisão.

Gwen tinha feito com que eu atravessasse praticamente meio mundo para a ver ao dizer que tinha a cópia que me cabia da minha avaliação e que ma entregaria se eu fosse ao seu encontro. Velha ardilosa.

– Ceri! – guinchou uma voz do outro lado da multidão. Olhei à minha volta. Não estava ninguém que se parecesse com Gwen, por mais vagamente que fosse, no meio da multidão. Ela acenou. Fui apanhada de surpresa. Estava uma mulher com longos cabelos negros no lugar de Gwen. Trazia vestido um colete preto, uma camisa de ganga para usar por cima e... Alto lá! Calções! Gwen estava de calções. Olhei para trás de mim, para me assegurar de que aquela mulher não estava a acenar a outra pessoa. Não estava ninguém atrás de mim. Isso queria dizer que a mulher dos calções era Gwen.

Sentámo-nos num banco, com a sua mochila no lugar no meio de nós; Gwen estava encostada à mochila enquanto falava. Tinha-me entregado um envelope com o meu nome escrito na frente assim que nos sentámos.

– É a tua avaliação – declarou. – Não abras ainda. Espera até me ir embora. Nessa altura, não poderás repreender-me.

– Então, é este o teu novo emprego? – perguntei, apontando para a mochila.

– O Viajante Antigo? É.

– Ouve lá, vai com calma com a parte do viajante. Vais apenas de férias – graciei.

Gwen riu.

– Não, vou para fora por, pelo menos, um ano. E, se voltar, mudar-me-ei para Londres

ou Dublin. Talvez até para Paris. Mas, para Leeds, não. Decididamente, para Leeds, não.

– Não me digas, deixaste Leeds emocionalmente.

– Caramba, acho que, finalmente, percebeste.

Gwen não era má pessoa, quando deixava de ser igual a si própria. E não estava nada igual a si própria. Calções. Olhei de relance para os seus calções e, depois, para as suas pernas. Fui apanhada de surpresa. As suas pernas rechonchudas eram uma manta de retalhos de cicatrizes. Umas circulares, outras profundas e compridas. A pele das suas pernas, que, obviamente, não via a luz do dia há anos, era branca azulada, tornando as desfigurações mais evidentes. Era por isso que ela usava collants grossos, fizesse o tempo que fizesse.

O meu coração acelerou de repente e as náuseas inundaram-me o estômago. Queria afastar os olhos das suas pernas, feridas como estavam.

Ai, ei-la outra vez. A dor por alguém. Por Gwen. Mas custava mesmo. As minhas pernas começaram a latejar devido ao tormento por que ela tinha passado. Devido ao que lhe tinha causado as cicatrizes. De repente, percebi o que era não poder usar saias ou calções. A aversão que sentíamos em relação a nós próprias ao tomarmos banho todos os dias e vermos a nossa pele assim marcada. A dor, que não era física, de sabermos que, se saíssemos sem collants, todos olhariam para nós com horror e fascínio. Ninguém saltaria por cima das nossas pernas, veria aquilo e o aceitaria. Haveria pena ou aversão, mas nunca indiferença. Inspirei profundamente. Aquilo era parte do problema de Gwen. Nunca se sentia normal. Não podia sê-lo. Agora, eu sentia isso. Compreendia-o. Devia ser por isso que ela se colava a mim. Eu nada sabia a seu respeito e isso fazia de mim a amiga ideal.

– Vou ter de me habituar – afirmou Gwen, levantando e esticando as pernas – a mostrar as pernas. Não usava calções há... anos. Desde que casei. Aliás, desde cerca de um ano depois de ter casado.

Senti novamente uma dor lancinante nas pernas, mas, desta vez, ela alastrou-se ao meu coração, quando tudo finalmente, finalmente, se encaixou.

Veio-me de repente à memória aquele dia no meu escritório, em que Gwen pensou que eu tinha sido vítima de maus-tratos. Quando uma das minhas amigas estava a ser vítima de maus-tratos físicos por parte do marido, era praticamente impossível falar sobre o assunto. Tinha hematomas por todo o corpo e uma desculpa para cada um deles. Não quero que sintas que tens de sofrer assim, em silêncio. Eu compreendo. Naquela altura, ela reviu-se em mim. Pensava que eu estava a sofrer como ela e tinha tentado estender-me a mão. Salvar-me. Eu podia ter calculado, se não estivesse tão embrenhada na questão de Angel e do enorme hematoma que tinha na cara. Não que pudesse fazer alguma coisa. A não ser, talvez, ser menos crítica com ela quando se demitiu. Não me deixar levar pela irritação quando se «lamuriava». De certo modo, tinha imaginado que havia algo por trás do seu comportamento estranho, da sua incapacidade de ser feliz ou de se descontraír. Não me tinha, porém, preocupado o suficiente para aprofundar a

questão. Os seus problemas não eram «sexuais», como os de Mel e de Claudine, literalmente. Como tinha sido capaz? Pensava que estava sempre disponível para toda a gente, mas não estava.

Gwen deixou de olhar para as suas pernas para fitar o meu rosto.

– Mas, agora, está tudo bem – acrescentou, notando claramente a minha preocupação.

– Finalmente, fi-lo. Foi por isso que me despedi e é por isso que estou aqui.

– Finalmente, fizeste o quê? – perguntei.

– Esta é a minha fuga de tudo o que me prendia, Ceri.

– O teu marido não vai contigo? – perguntei com cautela. Queria apenas confirmar que tinha entendido bem a sua conversa sobre as pernas.

– O Vernon foi em viagem de negócios por alguns dias. Acho que vai ficar surpreendido quando regressar e vir que eu parti e que a nossa conta de poupança conjunta, a nossa conta de investimentos e as contas que ele tinha em meu nome têm alguns milhares de libras a menos. Aliás, restar-lhe-ão apenas dez libras em cada uma delas.

– Para onde vais? – interroguei.

– Para fora daqui, no terceiro voo. O três é o meu número da sorte, por isso, vou embarcar no terceiro avião. Isso significa que tenho de ir andando.

Levantou-se e pôs a mochila às costas. Estava verdadeiramente diferente. Os cabelos negros fluíam-lhe pelas costas abaixo, em vez de estarem presos numa banana ou alisados para lhe caírem em torno do rosto como fatias de carne morta. O seu corpo estava confortável. Não era magro, nem alto, mas estava confortável. À vontade. Descontraído. Movia-se com elegância e desenvoltura. Como se, finalmente, alguém lhe tivesse dado autorização para desfrutar os movimentos do seu corpo. PIMBA! Percebi. Nada de cigarro. Era por isso que ela estava diferente. Nada de cigarro. Nada de cara de quem ansiava por um cigarro. Parecia dez anos mais nova com aquela personalidade confortável.

– Pedi aos responsáveis da faculdade que te oferecessem um lugar efetivo. Talvez não o façam, mas pedi-lhes. A orientadora do teu trabalho de investigação está muito impressionada com o que fizeste até agora. Pensa que tem todos os requisitos necessários para um doutoramento, por isso, podias ficar e fazer o doutoramento. Terias de tratar de arranjar financiamento e de acertar no título, mas podias fazê-lo. Embora talvez não queiras ficar, mas penso que era o que devias fazer.

– Talvez fique, ainda não decidi o que quero fazer. Ainda falta muito para fevereiro.

– Eu sei, mas, com todas as mudanças no departamento, talvez seja este o momento de decidires se queres ficar ou não.

– Obrigada, vou pensar no assunto.

– Faz isso.

– Está bem, adeus.

– Adeus. – Gwen deu meia-volta e ia para se afastar, mas, de repente, girou sobre as sapatilhas que trazia calçadas. – Tudo isto é graças a ti, Ceri. Foi por isso que quis ver-te

antes de me ir embora.

– Não – pus as mãos no ar –, não me culpes de nada disto. Quer seja bom ou mau, não me culpes.

– Como queiras. Mas, quando entras num lugar como um furacão, seguindo tão abertamente o teu coração ao deixares a tua vida confortável, voltares a viver como uma estudante e sentires-te feliz com o que estás a fazer e com quem és, por favor, não te admires que as pessoas te imitem. Sobretudo pessoas como eu, que pensavam que jamais sairiam donde estavam. Quando mostras às pessoas que é possível viverem os seus sonhos, não te admires – segurou-me nas mãos e apertou-as – que te agradeçam.

Não lhe disse que não me culpasse?

– Escrevo-te uma mensagem de correio eletrónico do lugar aonde for parar – gritou Gwen por cima do ombro ao dirigir-se para a série de balcões de check-in.

– Está bem – respondi e, em seguida, volvei as costas, antes de ver a que balcão se dirigia. Era a grande aventura de Gwen. Eu não queria intrometer-me nela, conhecendo o destino do terceiro voo para fora dali.

Para ser sincera, sempre tinha considerado Gwen uma vaca. Uma vaca perturbada que não sabia o que mexia com os alunos. Pensava que era uma daquelas pessoas que adoraria ensinar, se não houvesse alunos.

Na verdade, não tinha o direito de a julgar. Não fazia ideia do que se passava na sua vida, fora da faculdade. A forma como se vestia não devia ter tido importância. Pensava que tinha deixado todas essas tolices ocas em Londres. Não que achasse que isso me interessasse. Costumava criticar quem dava importância à maneira de vestir, às marcas e à aparência, mas reparei que Gwen não se «enquadrava». Reparei nos grossos collants pretos, desprezei-a por causa dos seus grossos collants pretos. Sem nunca saber que escondiam os horrores da sua vida.

Caminhei por entre as pessoas, saindo do aeroporto. As dores nas minhas pernas tinham passado, agora que não estava perto de Gwen. Enquanto andava, senti algo estranho no meu rosto. Levantei a mão para ver o que se passava e dei com os meus dedos assentes nos dentes.

Pronto, apesar de tudo, aquelas coisas faziam-me feliz. Dava por mim a sentir prazer nelas. A alegria dos outros era animadora. O Efeito Cupido implicava ficar sozinha, sem sexo e amor duradouros para o resto da minha vida, mas, por vezes, os outros precisavam disso mais do que eu.

Epílogo

em caso de interesse...

– Pronto, já chega – balbucio e bato com as mãos na mesa. – Vou resolver isto de uma vez por todas.

Jess tenta agarrar-me, mas não, nada irá impedir-me. Eu e Jess tínhamos passado pela faculdade para eu fazer umas coisas; podíamos almoçar por pouco dinheiro e, depois, iríamos passar o resto do dia a Otley. Contudo, enquanto estava a comer na companhia da minha melhor amiga, tinha erguido o olhar para o ver de novo. A fixar-me.

– Deixa lá, Ceri – diz Jess.

– Não, ele não pode andar a fulminar as pessoas com o olhar e esperar que elas o tolerem.

Jess faz mais uma vã tentativa de me agarrar quando passo por ela. Contorno intempestivamente mesas, cadeiras e um ou outro comensal e dirijo-me à sua mesa.

– Desculpe lá – digo, parada à frente do Homem do Olhar Fixo, junto à sua mesa.

Ele fita-me furiosamente, com os olhos cor de bronze fixos no meu rosto.

– Porque não para de me fulminar com o olhar? – interrogo. – O que lhe fiz eu?

Ele franze ligeiramente o sobrolho, mas consegue manter o olhar fulminante.

Cruzo os braços, apoio-me numa perna e continuo com a minha voz mais severa e controlada.

– Mal falei consigo, mas, nos últimos seis meses, não tem feito senão olhar-me de lado. Porquê?

– Não é verdade – responde, e a sua voz profunda enfraquece-me os joelhos, como de costume.

Puxo uma cadeira e sento-me.

– É, sim.

– Eu, aah...

– É, sim.

– Confesso que a tenho fixado. Mas não a tenho olhado de lado.

– Muito bem, resta saber se me olhava de lado ou se apenas me fixava, mas porquê? Tenho algo a nascer-me na cara que só você consegue ver? Faço-o lembrar alguém? Odeia os negros? O que é?

O Homem do Olhar Fixo cora, perscruta o meu rosto por um momento e cora um pouco mais.

– Bem, gosto de si, não é?

– Como?

– Acho-a linda e sou demasiado tímido para me aproximar e começar a falar consigo,

por isso, em vez disso, olho-a fixamente.

– Ah.

– Além disso, pensei que tinha algo com o Mel. Saíram daquela festa juntos e encontravam-se com bastante frequência. Até no parque de estacionamento do supermercado, quando pensei que tínhamos estabelecido uma ligação a propósito do Caminho das Estrelas, falou no Mel. Não perdi, porém, a esperança, pois sei que ele detesta o Caminho das Estrelas. Depois, como num momento do meu pior pesadelo, atingi-a na cara com aquela porta e, a partir daí, bem... deixou de interessar se estava com o Mel ou não; por mais encantador e divertido que um homem tente ser, por mais forte que seja o laço criado a propósito do Caminho das Estrelas, nenhuma mulher vai sair com ele depois de a ter feito estatelar-se no chão de uma loja. Então, desisti e continuei a olhá-la fixamente. Não foi por mal. Apenas gosto de si. Muito.

– Ah.

Ele sorri e, uma vez mais, o sorriso suaviza-lhe os traços cinzelados. Passa a mão pelo cabelo negro, curto e espetado. É sensivelmente da minha idade, talvez um pouco mais velho, mas tem uma cara vivida, como se tivesse uma ou outra história para contar. Gosta de mim.

Descontraio-me na cadeira; não posso deixar de lhe retribuir o sorriso. É muito atraente. Quando o vi pela primeira vez, no bar, fez-me lembrar uma pincelada artística numa página, não foi?

– Não era mesmo minha intenção fulminá-la com o olhar – diz.

– Hummm – respondo, com uma sobancelha erguida.

– E se eu lhe pedir desculpas, oferecendo-lhe uma bebida num local público, com imensa gente à volta, para que saiba que não sou um perseguidor louco que só sabe olhar? Ah, e sem portas com as quais possa atingi-la.

– Foram seis meses de olhares fulminantes. Olhares mesmo duros.

Ele ri.

– Nesse caso, que tal um jantar? Jantar num local público. Receio, porém, que haja portas no restaurante.

– Estou disposta a arriscar, se você também estiver – rio e roubo-lhe uma batata frita do prato. – Estarei na faculdade amanhã à tarde; pode telefonar-me para combinarmos. Podíamos ir à Town Street ou à New Roadside.

– Amanhã? – pergunta.

– A menos que esteja ocupado.

– Não, não, não estou. Amanhã está ótimo. Fantástico, até.

– Então, amanhã será.

O Homem do Olhar Fixo sorri, um sorriso bem largo. Tão largo que tenho de desviar o olhar. Já não me acontecia há algum tempo: alguém achar-me linda e ficar tão satisfeito com a ideia de jantar comigo. Já me tinha esquecido da sensação de ter alguém interessado em mim, sem querer apenas descarregar em cima de mim. Não pressinto

nele nada de problemático: nenhuma necessidade de partilhar, nenhuma segundas intenções. Está apenas ansioso por jantar comigo. Ena.

– A sua amiga está a tentar chamar-lhe a atenção – diz, apontando para trás de mim.

– Amiga? – Olho por cima do ombro. Jess está a olhar fixamente para nós, boquiaberta. Pensava que eu ia ali provocar uma discussão, e ia mesmo, e, agora, estávamos a sorrir um para o outro e eu estava a roubar-lhe as batatas fritas. Ela vai desmaiar quando eu lhe falar no jantar. Ah, Jess, Otley.

Levanto-me.

– Tenho um compromisso marcado, é melhor ir andando – digo. Depois, lembro-me. – Ah, chamo-me Ceri. Ceri D’Altroy. Finalmente, apareço na lista telefónica da faculdade. Como se chama? Não posso continuar a tratá-lo como o «Homem do Olhar Fixo». E só o tratava assim em pensamento e quando falava com a minha amiga, além. Mas não com ninguém... – Ceri, cala-te. Já. JÁ! – Enfim, como se chama?

Revira os olhos e suspira silenciosamente.

– Tenho um nome idiota. A culpa é dos meus pais. Queriam uma menina e, quando eu nasci, mantiveram o nome, mas nem sequer pensaram que seria para mim uma humilhação para toda a vida.

Ora aí está! Outra pessoa que compreende o tormento que é ser insensivelmente batizado. Ceresis, pois sim.

– Diga lá...

– Na verdade, é bastante constrangedor. É por isso que todos me tratam por Bosley.

– Não pode ser assim tão mau – afirmo.

– Nem imagina.

Franzo o sobrolho.

– Ora, diga-me lá o seu nome.

Os seus olhos cor de bronze vão ao encontro dos meus ao dizer:

– Angel.